

Elisabete Martins de Oliveira

ONDE AS GARÇAS VOAM

Romance


cultural

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Elisabete Martins de Oliveira

ONDE AS GARÇAS VOAM

Romance


cultura

“

Imagino-o aqui, ao pé de mim, a ensinar-me
a esculpir os animais. Encolho os pés e enrolo-me na
cadeira de verga. Fecho os olhos.

Imagino que esta cadeira são os braços do Elias.
E, quando as estrelas começam a brilhar no céu,
ele abraça-me.

**ONDE
AS GARÇAS
VOAM**

ELISABETE MARTINS DE OLIVEIRA

**ONDE
AS GARÇAS
VOAM**

© Elisabete Martins de Oliveira e Cultura Editora

A presente edição segue a grafia do Acordo Ortográfico de 1990 da Língua Portuguesa.

Título: *Onde as Garças Voam*

Autoria: Elisabete Martins de Oliveira

Revisão: Miguel Cardoso Pereira

Paginação: Maria João Gomes

CAPA:

FOTOGRAFIA DE CAPA: Daniel Gaspar

ISBN: 978-989-577-111-0

1.ª edição em papel: de 2024

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, fotográfico, gravação ou outros, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, sem prévia autorização por escrito do Editor.

Cultura Editora é uma chancela


infinito particular

Criatividade à medida

info@particular.pt | www.particular.pt

«Gosto de acreditar que qualquer família na minha situação faria o mesmo: que questionaria a moral e transgrediria os limites para salvar aqueles que mais ama. É uma equação complexa, mas, quando se trata da nossa sobrevivência e da dos nossos filhos — e, sobretudo, da nossa segurança —, fazemos coisas que jurámos nunca fazer.»

«Há tantas histórias para serem contadas nos pontos de escuridão como nos pontos de luz.»

Para a minha irmã, de Jodi Picoult

Capítulo 1

Por muito que queiramos silenciar a voz do passado, ela está sempre lá. Essa voz, que queremos sufocar nas profundezas da nossa mente, volta para nos atormentar. Gélida, propaga-se sem que a consigamos controlar, como grãos de areia que se escapam pelas fissuras das mãos.

A família deveria ser o primeiro lugar onde aprendemos a confiar. Dependemos dela para sobreviver. Sem questões. Sem condições.

Mas da minha família — dessa voz do passado — só guardo desconfiança.

Não quero que esse passado dite quem sou. Quero formar novas memórias com a família que criei.

Futuras memórias.

É o que tenho feito. E é isso que vou fazer hoje.

Inspiro devagar e concentro-me no som das ondas, que entra para dentro do meu carro.

Estaciono junto à carrinha, no parque de onde conseguimos avistar a praia do Dragão Vermelho. Ao meu lado, o Duarte sorri. É nele que vejo esta esperança para construir um futuro que possamos recordar. É com ele que vou concretizar um sonho antigo.

O meu rosto ilumina-se assim que saio do carro e fecho a porta. É ainda mais bonita ao vivo. Admiro-a, os meus olhos não conseguem desviar-se da sua composição perfeita — da forma arredondada, dos seus *olhos* abertos e redondos, do azul contrastante com os detalhes em branco, que desperta em mim tantas boas experiências. Boas memórias.

Memórias que ainda vou construir.

Os meus pais nunca tiveram uma carrinha clássica. Não uma como esta, nem nenhuma outra. Não esta *Volkswagen T2 pão de forma* lindíssima que estou

prestes a comprar. O meu coração enche-se de uma alegria infantil, pulsante; a adrenalina de fazer uma compra avultada corre-me nas veias e faz-me oscilar.

Mas quem resiste a esta obra de arte?

Inspiro o aroma salgado, fresco, do mar do Atlântico que nos ladeia. Esta praia da Costa da Caparica presenteia-nos com o seu vento típico e as vozes que voam com ele, teias de conversas entrelaçadas algures no ar. Março não podia introduzir-nos à primavera de melhor maneira.

O Duarte olha-me com ternura. Sei que ele também sente o fervilhar do entusiasmo de umas férias longe da rotina com os miúdos. Vamos poder criar recordações que nunca tivemos nas nossas infâncias. Já nos imagino a percorrer a costa Vicentina nela. E também o Norte, o Sul e o além-fronteira. E, claro, nas minhas deslocações de trabalho.

— Esta menina ainda faz uns bons milhares de quilómetros. — O vendedor, o senhor Aristides, na casa dos sessenta, baixa-se e sai da carrinha. Pousa as mãos nas ancas e olha para ela, ao nosso lado. — Portou-se sempre muito bem. Claro que precisa de manutenção, mas disso todas as carrinhas antigas precisam. Verifiquem o óleo com regularidade, façam-lhe revisões, e não puxem muito por ela. — Olha para nós. — *A pão de forma* não é como um carro. Anda-se devagar.

Assinto e sorrio.

— Fez um excelente trabalho, senhor Aristides.

— Oh. — Ele encolhe os ombros, sorrindo. — Fiz muitas viagens com ela. Foi uma boa companheira durante uns bons anos, mas acho que está na altura de mudar para uma coisa mais confortável. As costas não perdoam!

As ondas vergastam as rochas, numa dança pendular sinfónica. Os nossos cabelos esvoaçam com o vento caloroso e, nessa dança, eu e o meu marido trocamos um olhar cúmplice.

— Nós gostamos dela, senhor Aristides — diz ele. — O preço é final?

— É. Vinte e cinco mil, como combinámos.

Respiro fundo e, como uma criança, estendo a mão empertigada na direção do vendedor.

— Temos negócio!

O senhor Aristides aperta-me a mão com vigor. Esboçando um sorriso debaixo do bigode branco, olha para mim e para o meu marido e diz-nos:

— Preparem-se para a maior aventura da vossa vida.

Inspiro aquela frase com todo o simbolismo que tem.

Depois de efetuarmos o pagamento e de preenchermos os documentos necessários, pego na chave da carrinha e fecho-a nas minhas mãos em concha. O Duarte olha-me:

— Como te sentes, agora que tens um clássico nas mãos?

Não consigo deixar de sorrir, e a nostalgia na minha voz liberta-se:

— Como se tivesse comprado o meu brinquedo de sonho.

Rimo-nos.

Todos temos sonhos que queremos realizar, mas que se encontram num plano longínquo, quase platónico. Este é um deles. Nunca pensei concretizá-lo.

Ter uma *Volkswagen T2* está nos meus planos desde a minha adolescência, quando comecei a idolatrar o então extinto movimento *hippie*. Tê-la nas mãos aos 35 anos é uma verdadeira conquista.

O Duarte e eu entramos na carrinha e ambientamo-nos ao interior. Contemplamos o mar por instantes, o vento a entrar pelas frechas das janelas entreabertas. Vejo uma família a construir um castelo de areia — os pais e os filhos pequenos andam à volta a acertar os últimos detalhes de uma construção impressionante, erguida por mãos delicadas, baldes de areia, decorada com conchas e búzios.

A sua concentração quebra quando, ao longe, o pai avista uma onda. Ao fundo, essa onda cresce, escura, e alimenta-se da corrente. Aproxima-se demasiado depressa deles. Desfaz-se, engole e despedaça o castelo de areia que com tanto carinho aquela família ergueu.

Regressamos a casa pelo IC20, em direção a Lisboa. Seguro o volante da *Volkswagen* como se a minha vida dependesse disso. Ambiente-me, aos poucos, aos pedais, à aceleração mais lenta, ao ruído constante típico de veículo clássico. Tomo consciência de que tenho um sorriso parvo estampado. O meu coração palpita, irrequieto. Ainda sinto um pulsar inquieto no sangue por ter feito um dos maiores investimentos da minha vida a pronto. Tudo fruto do meu trabalho.

— Que tal? É como imaginavas? — pergunta o Duarte, olhando-me por entre os seus caracóis escuros. Adoro os caracóis dele. Sempre os teve assim, atraentes e volumosos. — Pela forma como sorris, acho que ficaste rendida.

Por segundos, não consigo dizer nada. Sinto o entusiasmo tomar conta de cada músculo. Tenho a cabeça às voltas com tantos pensamentos que não consigo formar um fio condutor. Mas todas estas sensações são boas. Excelentes.

— Ainda não acredito que a comprámos. — A voz sai-me num sussurro guinchado. — Imagina, Duarte, todas as férias que vamos poder fazer! Não vamos ter horas marcadas. Finalmente, vamos poder viver a aventura de uma vida!

— E os miúdos vão adorar. Vão delirar com a carrinha!

Rimo-nos, e o som ecoa pelo habitáculo. Um pensamento escapa-se para o centro, como que puxado por um íman, mas não o quero verbalizar já.

— E vamos poder fazer mais férias — continua o Duarte.

Olho para ele, com os olhos arregalados.

— A sério?

— Acho que o Fernando se está a preparar para me dar uma promoção.

O meu sorriso abre-se mais.

— Parece que se está tudo a alinhar. Que bom, meu amor!

— Ainda não tenho a garantia de que vai acontecer, mas tem havido reuniões lá na empresa. O Rui saiu, e eles estão à procura de uma pessoa para o substituir. Estão a pensar em mim...

Este dia não podia ser melhor.

— Estou tão feliz por ti! — Olho para ele por um segundo. — Tu mereces esta promoção. Tens trabalhado tanto!

Ele encolhe os ombros. Nunca reconhece o quão esforçado é. Essa humildade faz-me admirá-lo mais, a cada ano de casamento que vivemos.

— Tu também estás cheia de trabalho, senhora formadora!

Sorrio. Nunca tive tantas salas de formação cheias como agora. Há muitas pessoas interessadas em aprender mais sobre *design* e decoração de interiores. Ver tantas alunas dá-me a esperança de um futuro melhor.

— É desta que fazemos a proposta ao senhorio para comprar a casa — digo, convicta.

— Já está na altura, não?

Olhar com esperança para o mundo é dourá-lo. Quando sentimos que as coisas se estão a alinhar, as possibilidades expandem-se. Vejo essas possibilidades e quero agarrá-las.

— Tenho estado a pensar... — começo, com o pensamento a regressar da periferia para o centro da minha atenção.

— Sim?

A minha boca mexe-se, querendo soltar a ideia, mas essa sucumbe à timidez.

— O que achavas de...

— De...?

Respiro fundo.

— Termos outro filho?

Olho para ele e vejo-o arquear as sobrancelhas. Mil e um pensamentos atravessam-me a mente: terei sido demasiado impulsiva? Talvez devesse refrear o entusiasmo. Não quero que o Duarte se sinta pressionado.

Mas, por outro lado...

— Demasiado cedo? — arrisco perguntar.

À nossa volta, os carros abrandam para olhar para esta obra de arte azul. Buzinam, e os condutores sorriem para nós e cumprimentam-nos.

— Não, nada disso. Apenas... fiquei surpreendido. Acho que andamos a pensar no mesmo e nunca dissemos nada um ao outro.

Um riso de alívio, entrecortado pela surpresa, faz-se ouvir na *pão de forma*.

— A sério?

— Acho que é a altura perfeita.

As palavras dele ecoam na minha mente: talvez seja mesmo a *altura perfeita*.

Chegamos a casa. Estacionamos a carrinha no caminho de acesso à nossa vivenda, e fico a admirá-la durante um pouco antes de rodar a chave na fechadura de casa.

— Mãe! — O meu filho vem abraçar-me. Os abraços dele, meigos, são um verdadeiro antídoto ao final do dia.

— Olá, meu amor! Divertiste-te hoje?

— Sim! — exclama, divertido. — Estivemos a fazer desenhos com a Olívia.

A Olívia é um doce de pessoa. Não podíamos ter encontrado melhor ama para os miúdos. Nos seus cinquenta anos, tem uma jovialidade que me inspira. Trabalhou numa escola em Moçambique, adora crianças e tem uma paciência que invejo.

— Obrigada, Olívia. — Abraço-a. — Você é um anjo na Terra.

Ela sacode a mão e solta um riso rouco.

— A menina Matilde é sempre simpática — diz, pausadamente, no seu sotaque de Maputo.

— E a Constança, como é que ela se portou?

— Hoje, estive sossegada. Desenhou aí com o irmão e brincou com os legos, comeu pouquinho, mas não dormiu.

Assinto. Parte de mim fica preocupada por a menina não ter dormido, mas procuro focar-me nas coisas boas.

— Obrigada pela sua ajuda. Vemo-la amanhã?

— Cá estarei.

Despedimo-nos. A casa enche-se com as gargalhadas do Vicente. O pai pega-o ao colo e fá-lo rodar no ar. Sorrio. O Vicente, com sete anos, já não pesa como quando era bebé, mas o pai é incapaz de deixar de fazer estas brincadeiras com ele. É por isso que ele é um miúdo feliz.

Subo as escadas e espreito pela porta entreaberta do quarto da minha filha. Os seus caracóis castanho-alourados brilham sob os feixes de luz da tarde. Abro a porta e encontro-a de cócoras a alinhar brinquedos pelo quarto. Filas verticais estendem-se por toda a parte — o chão assemelha-se a um campo de arroz, com fileiras perfeitamente paralelas. Com cinco anos, tem uma perseverança admirável.

A Constança vocaliza sons impercetíveis, como canções trauteadas, enquanto alinha as peças de lego pelo quarto. Ajoelho-me a seu lado, seguro-lhe a cabeça e dou-lhe um beijo.

— Olá, minha princesa.

Ela não olha para mim. Mantém-se concentrada na tarefa incansável. Admiro-a enquanto alinha os legos coloridos. Reina um silêncio neste quarto preenchido apenas pelos sons que a Constança produz. Gosto de pensar que esta é a sua forma de comunicar.

— Temos uma surpresa para ti, filhota — sorrio, desviando uma madeixa de caracóis do seu rosto carinhoso. — Anda ver!

Levanto-me com cuidado, mas, ao fazê-lo, desequilibro-me. A sensação é vertiginosa, e por pouco não tropeço nos brinquedos. Alguns legos são projetados para longe, desfazendo uma pequena fileira.

A Constança volta-se para a confusão enquanto me encosto à parede para não cair, e solta um grito. Um grito agudo, perturbado. De um salto, levanta-se e tenta, com as mãos trémulas e os olhos velados pelo pânico, reparar a sequência desfeita. Olho para os seus bracinhos tensos, as vocalizações mais graves e ansiosas. Repreendo-me por ter sido tão desastrada. Aproximo-me da minha filha, na tentativa de a consolar, mas ela exalta-se ainda mais.

Ajudo-a a compor as peças que desalinhei, e ela empurra-me o braço. Não quer que a ajude. Toda esta ansiedade não é boa para ela. Pego-a ao colo e ela começa a gritar. Volto-a para mim e vejo-lhe a tensão no rosto, agora vermelho do choro, e encosto-a a mim.

— Já passou, meu amor... — embalo-a, inspirando o odor a morango do champô do seu cabelo. — Já passou.

Nos momentos mais difíceis, como este, em que gostava de sofrer em vez da minha filha, em que gostava de ser eu a ter estes espasmos de dor incontrollável, gosto de imaginar o nosso futuro. Porque, muito em breve, vamos criar futuras memórias.

E essas memórias serão felizes.

Capítulo 2

Se há momentos que me fazem sofrer, são aqueles em que a Constança cobre os ouvidos com as mãozinhas e, no seu rosto, vejo o terror que os ruídos elevados lhe provocam. Em pleno sábado de manhã, o pior começa.

— Já passou, minha princesa — sussurro ao ouvido da minha filha, suplicando na minha mente para que a ambulância passe o mais depressa possível.

Mas não passa. Parece andar às voltas nesta capital caótica que é Lisboa. Vejo o lábio inferior da Constança tremer, o preâmbulo do choro.

Abraço-a. Sinto os seus soluços rebentarem contra o meu peito, uma aflição que ribomba dentro de mim, que extravasa até mim. Devagar, embalo-a no meu colo, no sofá da sala.

A Constança é sensível a mudanças. Não gosta de ruídos estridentes nem de comer coisas diferentes às terças-feiras. Adora o seu pijama do Bambi quentinho e os seus legos. Faço de tudo para que ela seja feliz. Porque, quando a minha filha se sente feliz, mostra um sorriso que lhe desenha covinhas nas bochechas, e os olhos azuis iluminam-se-lhe. É o meu amor mais profundo, o que sinto por ela.

O Duarte e eu trocamos um olhar de compaixão. Ver a nossa filha sofrer desta maneira é mais doloroso do que julgávamos algum dia ser. Por isso, quando a ambulância desaparece, decido mudar o rumo dos humores — mesmo com a família toda em pijama.

— Querem ver o nosso novo presente? — Olho para a Constança e para o Vicente, ainda com os cabelos encaracolados despenteados.

Ele arregala os olhos em espanto e abre um sorriso contagiante:

— Siiim!

Os quatro saímos para o exterior, a menina no meu colo. O choro da

Constança cessa mal ela vê a *pão de forma* estacionada na entrada.

— Uau, mãe! — O Vicente arregala os olhos no seu entusiasmo inocente de criança. — É nossa?

— É! Comprámo-la ontem.

A Constança indica com a mão que quer descer do colo, e eu pouso-a no chão. No pijama branco, parece um anjinho. Aproxima-se da carrinha e começa a emitir vocalizações alegres. Encanta-se com o azul. É a sua cor favorita.

Também é a minha.

— Posso entrar lá dentro? — pergunta o Vicente.

— Podes! — O Duarte abre a porta de correr, e os miúdos aventuram-se pelo interior.

Junto-me aos miúdos e entro também, sentando-me no banco.

— Constança, olha aqui — chamo, e mostro-lhe um cartão PECS com o desenho de uma carrinha. Ela senta-se a meu lado e observa o desenho com a palavra escrita. — Esta é uma carrinha. Car-ri-nha.

A Constança imita o som da divisão silábica e aponta para o desenho e, depois, para a janela da *Volkswagen*.

— Isso mesmo! É a *nossa* carrinha. — Aponto para mim, para ela, para o Vicente e para o Duarte.

Esta é a forma como comunicamos: ela mostra-nos um cartão PECS, e nós damos-lhe o que ela pretende. Ou, como agora, mostramos-lhe um cartão para introduzir novo vocabulário.

Este momento conduz-me a uma memória não muito longínqua. Sentados no gabinete da Dr.^a Lara, psicóloga da Constança, eu e o Duarte tínhamos o futuro. A nossa filha ainda não falava, e era-nos muito difícil saber o que ela pensava, sentia e queria.

— Existem outras formas de comunicarem com a vossa filha — tranquilizou-nos a Dr.^a Lara. — Na nossa prática profissional, recorremos muito ao sistema PECS.

— PECS? — perguntei. — O que significa isso?

— PECS significa *Picture Exchange Communication System*. É um sistema desenhado para ajudar pessoas com dificuldades na comunicação verbal a comunicarem com as pessoas à sua volta. No fundo, aprendem o vocabulário através de cartões, que contêm imagens e palavras, como veem aqui — demonstrou, apontando para os cartões ilustrados em cima da secretária —, e mostram-nos às pessoas para dizerem o que pretendem.

— Então, a Constança vai falar através dos cartões? — perguntou o Duarte.

— Sim. É um sistema que requer aprendizagem por parte da Constança e da família, e que proporcionará muito mais autonomia à menina. Ela vai ser capaz de mostrar o que quer a cada momento, sem terem de adivinhar o que está a pensar ou a sentir.

Há dois anos, éramos pais assustados. Mas lembro-me de sorrir, de lágrimas

nos olhos, e de a Dr.^a Lara me retribuir o sorriso.

Agradeço todos os dias termos conhecido o sistema PECS.

A Constança reconhece o cartão, levanta-se do banco e vai explorar a *pão de forma* com o irmão. Sentam-se nos bancos da frente e acenam-nos. Saio para o exterior e pouso o braço sobre os ombros do meu marido, aninhando a cabeça no pescoço dele. Sinto a barba aparada fazer-me cócegas no cocuruto.

— Achas que valeu a pena? — segreda-me ele.

— Só por este momento, valeu cada cêntimo.

Na Ponte 25 de abril, várias pessoas passam por mim e buzina, acenando-me com sorrisos. Aceno de volta, apercebendo-me de que, pelo menos, já seis pessoas admiraram a *pão de forma*. Sinto-me uma criança com um brinquedo que todos querem ter, e rio-me. O meu coração enche-se de luz ao recordar o fascínio do Vicente e da Constança pela carrinha. Já imagino os lugares onde vou levá-los a passear.

Ao olhar para o trânsito no sentido contrário, para Lisboa, arrepio-me. Pelo menos, não há trânsito para onde eu vou.

Ao som do rugir deste motor clássico, chego à casa da minha cliente. Costumo dar formações, mas adoro trabalhar com empresas e clientes particulares. A Helena é uma delas, que me contactou para renovar a sua casa. Estaciono a carrinha no parque de estacionamento e toco à campainha. A Helena vem receber-me. Mal entro em casa, o seu filho desce as escadas a correr.

— Matilde!

— Olá, Santiago! — digo, ao envolvê-lo num abraço caloroso. — Cresceste tanto desde a última vez que te vi.

— E amanhã vou estar ainda maior! — E dá um salto no ar.

Soltamos uma gargalhada. Com apenas dez anos, este miúdo é um refúgio de amor. Faz-me lembrar o meu Vicente. Depois, ele volta-se para a mãe, cujo perfume inunda a sala.

— Mãe, posso ir ter com o Elias? Ele vai pintar as esculturas dos animais, e eu quero ajudá-lo.

A Helena suspira.

— Tu não paras um segundo em casa. Mas vai lá. E vem almoçar a casa!

— *Okay!* — diz ele, a correr para o portão.

A Helena abana a cabeça com um sorriso.

— São muito amigos, ele e o vizinho — observo.

— Ele idolatra o Elias. Desde que nos mudámos para aqui, ainda eu e o Afonso... — interrompe, pigarreando. Depois, junta as mãos: — Mas, bom, vamos então ver as peças?

— Vamos a isso!

Dirijo-me ao porta-bagagens e retiro as caixas com as peças decorativas que a Helena pediu — desde jarras de vidro a gaiolas douradas, desenhei-as todas para ela. A Helena procurava mudar o aspeto da casa, torná-la mais sua.

Percorremos as várias divisões e seguimos os planos que traçámos no início, nas nossas reuniões. A mobília em madeira clara, os cortinados novos e até as estátuas de metal dourado conferem à casa um tom mais elegante. Plantas brotam dos seus vasos, preenchendo as paredes e dando mais vida à casa, que deixa entrar a luz do sol. Falta apenas adicionar as peças decorativas finais.

O quarto do filho, que mantivemos intacto à exceção do acrescento de uma nova estante — o Santiago lê muitos livros —, é um cantinho do paraíso. Quero que os meus filhos leiam tanto quanto ele.

Saímos para a varanda — a última divisão —, onde mudamos as almofadas das cadeiras para tons pastel, a combinar com os tons delicados da casa. A Helena e eu ouvimos gargalhadas da casa ao lado e olhamos para o jardim da casa do vizinho. Sorrio ao ver o Santiago a semicerrar os olhos ao pintar animais esculpidos com tanta minúcia. O vizinho, Elias, de gorro na cabeça, fá-lo também, e dou por mim a admirar as peças que já pintou. Um artista autêntico.

Apercebendo-se da nossa presença na varanda, olham para cima. Aceno-lhes, a sorrir. Os meus olhos comovidos não resistem a esta amizade bonita.

— É incapaz de estar longe dele. — Sussurra a Helena, enquanto os admiro. — Para o Santiago, o Elias é como um avô. E, depois de tudo o que aconteceu... — a Helena suspira —, tenho de reconhecer que ele nos salvou.

Arrepio-me. Não conheço a história deles, mas as palavras da Helena — o tom com que as diz — fazem-me refletir sobre o que terá acontecido.

Por outro lado, sinto-me uma sortuda por poder conhecer os meus clientes tão de perto. Foi nos moldes do afeto que construí o meu negócio, e dar um pouco mais de luz e de cor à sua vida deixa-me mais feliz.

Olho de novo para os amigos, e recordo-me de algo que o Duarte me diz sempre: se estás feliz, porque não partilhas essa felicidade com os outros?

Capítulo 3

Aragem fresca de março da Serra da Arrábida, sob um céu azul resplandecente, é um remédio para todos os males. Fecho os olhos por breves instantes e inspiro-a. O Sol acalenta-nos, trazendo a primavera consigo.

Sento-me de lado no muro de pedra de um dos miradouros, contemplando os tons de azul do Sado. O Vicente aproxima-se de mim e, com os seus cabelos claros e ondulados, espreita para o portinho da Arrábida:

— Espera lá! Aquilo ali em baixo são barcos?

— São, pois!

— São tão pequeninos!

O Duarte caminha pelo miradouro de mão dada com a Constança. Ela solta espasmos do choro que há pouco cessou. Não queria sair de junto dos seus legos, mas estávamos todos a precisar de um passeio de fim de semana. E nada como atravessar a ponte e visitar o lugar mais bonito do distrito de Setúbal.

Trazer a *Volkswagen T2* para um passeio em família foi uma ótima ideia. Já dei uns retoques no interior — limpei-a toda por dentro, comprei almofadas e estou a pensar pôr cortinas amarelas com padrões.

Como qualquer carrinha com várias décadas, esta precisava de ajustes. E, como *designer* de interiores, não podia deixar passar uma oportunidade para abraçar este nosso novo projeto.

Seguimos caminho. Desta vez, é o Duarte que conduz. *Rocket Man*, de Elton John, ecoa da coluna portátil. A música não está muito alta, para não incomodar a Constança. Não queremos perturbar-lhe o humor com ruídos elevados: a carrinha já os produz amiúde.

As estradas estreitas da Arrábida serpenteiam serra acima. Com os óculos de sol postos, estendo o braço para fora da janela. Pelo espelho de pontas

arredondadas, vejo os meus filhos. O Vicente mostra à Constança um brinquedo. Embora não olhe o irmão nos olhos, admira o brinquedo, um carro dos bombeiros. Sorrio. A cumplicidade deles é bonita de ver. Sinto que nada se iguala à amizade entre irmãos — não o sei bem explicar, porque sou filha única, e sempre tive inveja das minhas amigas que tinham irmãos.

— Em que estás a pensar? — O Duarte desvia o olhar para mim. Os óculos de sol assentam-lhe bem.

Indico-lhe, com um inclinar de cabeça, os miúdos lá atrás. Ele ergue o queixo e olha para a cena bonita através do espelho retrovisor. Sorri.

— São tão amiguinhos — diz.

Logo a seguir ao Duarte dizer estas palavras, um grito ressoa, alto, pelo habitáculo. Volto-me para trás, retirando os óculos de sol.

— Mãe! — grita o Vicente.

— O que foi?

— A Constança não me dá o meu carro dos bombeiros!

Vocalizações ansiosas brotam da garganta da minha filha quando o irmão lhe tenta retirar o brinquedo.

— Vicente... deixa a mana brincar com o carrinho.

— Não! — E tenta arrancar o carro dos bombeiros à irmã. — É meu!

— Vicente, tens de partilhar. — Tento explicar-lhe, num tom calmo, com as sobrancelhas arqueadas.

— Mas, mãe, o carro é meu!

— Constança — chamo-a —, brincas só um bocadinho com o carro, e, depois, dás ao mano, está bem?

Ela não responde. Pelo canto do olho, vejo o menino cruzar os braços com força. Tem os lábios torcidos.

— Vicente, é só por um bocadinho...

— Mas o carro é meu... — A voz sai-lhe trémula. Volta ao ataque e, desta vez, consegue retirar o carro das mãos da irmã.

A Constança solta um grito tão alto que sinto os meus ouvidos zunir.

— Vicente, partilha — pede o pai, olhando para ele pelo espelho retrovisor.

Vejo o meu filho atirar o carro dos bombeiros à cara da Constança, que começa a chorar.

— Vicente! — Olho para ele em choque.

Em andamento, desaperto o cinto e passo para o banco de trás.

— Se não vão partilhar, não há brinquedo para ninguém. — Arrumo o carro debaixo do banco da frente.

Sento-me no meio deles. A Constança chora, e eu sento-a ao meu colo, confortando-a. O Vicente desliza no banco corrido até à janela oposta, encosta a cabeça e põe o braço por cima para que não possamos ver a sua expressão desiludida. O meu coração parte-se um bocadinho.

Eu e o Duarte trocamos um olhar triste pelo espelho retrovisor. Sabemos

como o Vicente se ressentia por darmos mais atenção à Constança. Ele não compreende que a menina precisa de um cuidado e atenção diferentes. Só espero que, um dia, ele não nos culpe por isso.

Dou um beijo de boa noite ao meu filho e cubro-o com os cobertores. Arrumo *O Livro da Selva*, que ele adora que lhe leia antes de dormir, e encosto a porta. Entreabro a porta do lado, do quarto da Constança, e ouço a sua respiração profunda. Encosto-a e desço as escadas. Sento-me no sofá, ao lado do Duarte, e encosto a cabeça à dele. O odor quase extinto do seu perfume consola-me. Cheira a casa, a conforto.

— Como é que vai ser o futuro da Constança? — A pergunta salta-me da boca sem que eu a consiga travar.

O Duarte suspira, exausto depois de um dia de trabalho e do peso que esta pergunta nos traz.

— Não sei... Ainda tenho a esperança de que ela comece a falar, mas, como disse a psicóloga, ela já ultrapassou os três anos e ainda não falou...

A televisão passa imagens de uma série que conheço, mas cujo nome não recordo. Mal se ouve. Por contraste, os meus pensamentos gritam.

Não consigo deixar de pensar nas palavras do Duarte. Eu também estava presente nessa sessão com a psicóloga.

A Constança foi diagnosticada com perturbação do espectro do autismo aos três anos. A notícia devastou-nos.

— A perturbação do espectro do autismo reflete-se nas dificuldades na interação e comunicação com os outros — explicou-nos a Dr.^a Lara, numa sala pequena cheia de desenhos feitos por crianças com o mesmo diagnóstico que a nossa filha acabara de receber. Na altura, lembro-me de pensar que, pelo menos, a Constança aprenderia a desenhar. — A Constança sente dificuldades na comunicação. O atraso na linguagem e a falta de contacto ocular são manifestações da PEA, e os comportamentos repetitivos também. — desviou o olhar para a menina, que, sentada ao meu colo, retirava e alinhava os lápis e canetas que a psicóloga tinha num estojo.

Nessa sessão, o Duarte manteve-se silencioso, a processar o que acabara de nos ser dito, mas eu não contive as perguntas que logo surgiram. E a Dr.^a Lara respondeu a todas — continua a responder, de cada vez que a Constança tem uma sessão.

Durante meses, questionámo-nos sobre o futuro da nossa filha. Dois anos depois, continuamos a fazê-lo.

Continuaremos a questionar-nos daqui em diante? A resposta parece-me óbvia.

— Só de pensar que, daqui a um ano, ela vai começar a escola... —

Estremeço perante esse cenário. — Com tantos meninos maldosos, tenho tanto medo de que ela sofra. A Constancinha numa escola cheia de miúdos a gritar, a fazer eco nos corredores... Não vai aguentar.

— Mas temos aqueles fones de ouvido com cancelamento de ruído — lembra o meu marido. — Podem ajudar.

Um pensamento ataca-me de imediato:

— E se os miúdos lhos tirarem?

Esse cenário dá-me a volta ao estômago. Imagino a minha filha aflita, a tapar os ouvidos, o rosto contorcido de dor. As lágrimas inundam-me os olhos. O Duarte repara e abraça-me.

— Não vamos pensar nisso — sussurra-me ele. — Pelo menos, para já.

Consigo controlar os espasmos do choro. Que mãe é que não fica angustiada perante o sofrimento de um filho? Já quando o Vicente nos contou que um menino o empurrou numa aula de ginástica e ele se magoou, tive de ir à escola conversar com a professora. Mas a Constança é diferente, mais frágil, mais indefesa... e não fala.

— Ainda temos um ano, Matilde. — Ele ergue o meu rosto na direção dele. Contemplo os seus olhos verde-turquesa emoldurados pelos óculos com armação redonda e grossa. — Até lá, temos tempo para considerar várias opções. E estamos a pensar no pior cenário. Quem sabe se a Constança não vai adorar ir para a escola?

Duvido que seja esse o caso. Mas, neste momento, não quero pensar nisto. Quero agarrar-me à esperança de que as coisas vão correr bem. Talvez o Duarte tenha razão: talvez estejamos a pensar no pior cenário.

Mas, em momentos como este, o futuro é uma incógnita assustadora.

Capítulo 4

— Bom dia, senhor Eurico. Como está?

«Viva, Matilde!»

Pouso o telemóvel sobre a mesa da cozinha em altifalante e olho para o Duarte, enchendo o peito de coragem. Há muito que andamos a pensar neste dia. E esse dia chegou.

— Senhor Eurico, sabemos que é sábado e não queremos roubar muito do seu tempo. Lembra-se de conversarmos sobre a possibilidade de comprarmos esta casa?

Depois de muita ponderação, eu e o Duarte chegámos à conclusão de que este é o passo certo: vivemos na capital, a curtas distâncias dos nossos trabalhos e da escola do Vicente. É também perfeito para a Constança, porque se manterá na casa que sempre conheceu.

O senhorio pigarreia.

«Lembro, sim. Ainda estão interessados?»

O Duarte avança:

— Temos ponderado esta opção, e, como já arrendamos esta casa há sete anos, achamos que está na altura de avançar com uma proposta.

«Certíssimo. Enviem-ma, então, por *e-mail*. Eu vou pensar no assunto».

— Obrigada, senhor Eurico. Você tem uma casa maravilhosa.

«Tive sorte com os inquilinos.»

Rimo-nos. Despedimo-nos do senhorio e eu respiro, por fim, a sorrir.

— Ufa! — expiro, abanando a cabeça, a processar o que acabou de acontecer.

— Esta foi mais difícil que a compra da carrinha.

— Que oferta lhe devemos fazer?

— Não sei. Ando com uns valores em mente, mas acho que devíamos ver o

que está no mercado.

Procuramos casas nos *sites* das imobiliárias no computador portátil, e a pesquisa leva-nos por valores que não imaginávamos possíveis. Uma realidade diferente salta-nos à vista sem aviso. Ainda há pouco tempo, os valores eram mais acessíveis. No entanto, animamo-nos: afinal, o senhor Eurico conhece-nos, e será mais fácil para ele vender-nos a casa do que continuar a arrendá-la. Desde que a vimos que sonhámos um dia fazê-lo. E vamos avançar com esse sonho.

Afinal, estamos a construir as nossas futuras memórias felizes.

Respiro fundo com um sorriso no rosto. Ao fim de quatro horas de formação, sento-me na minha cadeira e recordo as dez pessoas que ainda há pouco estavam aqui sentadas.

Mais um *workshop* que adorei dar.

Arrumo o computador e contemplo as folhas com imagens de espaços bem decorados. As plantas dão um ar tão fresco a uma casa! E, meu Deus, estou apaixonada por esta parede azul-petróleo com sofás amarelos na fotografia. Acho que vou replicá-la lá em casa.

As folhas voltam para as respetivas pastas, e deixo-me estar por instantes a admirar o espaço em meu redor, pintado de branco, mas com objetos dourados e azuis — desde a primeira formação que aqui dei que esta sala me faz lembrar uma casa de madeira de praia, branca, com elementos coloridos que se destacam. A luz natural dá-lhe vida.

Adoro dar formação, e é fácil perceber porquê: é nesta cumplicidade que um grupo pequeno proporciona que surgem as ideias mais incríveis. Algumas das minhas formandas têm curiosidade em aprender sobre *design* de interiores, mas não pretendem seguir carreira na área. Acho fascinante a forma como elas interpretam cada espaço e lhes dão retoques que são, no fundo, os reflexos das suas experiências de vida.

— Posso? — A Teresa, dona do espaço, abre um sorriso que lhe deixa os olhos encolhidos.

— Claro que sim!

Ela aproxima-se. Aos setenta anos, apresenta uma genica admirável até na forma de andar. É um pouco mais baixa do que eu, e o seu cabelo ruivo e curto emoldura um rosto redondo.

— Está tão bonita, Matilde. Adoro esse vestido.

— Obrigada. — Olho para o meu vestido cinzento de cintura alta, pelo joelho, justo na parte de cima e largo depois da cintura.

— Correu bem? — pergunta, referindo-se ao *workshop*.

— Correu maravilhosamente bem. Eu sei que digo sempre isto, mas o seu espaço é tão agradável! — Olho em redor, admirando o gosto na decoração. —

Dos melhores onde já dei formação.

— Folgo em saber. — Sorri e, depois, suspira. O seu rosto muda de feição.

— Não sei até que ponto vou continuar a arrendá-lo.

A informação apanha-me de surpresa. Pestanejo.

— Se me permite perguntar, porque é que diz isso?

— Sabe como é... Lisboa atrai muitas pessoas. Os empresários vêm para aqui e precisam de espaços para as empresas.

O meu lábio inferior descai.

— Vai vender o seu espaço?

A Teresa encolhe os ombros e suspira.

— Já devia estar reformada, Matilde... — Ela esboça um sorriso genuíno. —

Quero ainda aproveitar uns anitos antes de me ir.

Sinto os pensamentos lançarem-se num redemoinho incómodo.

— Compreendo, Teresa... — hesito. Não quero intrometer-me na vida desta mulher tão bondosa, mas adivinho tempos difíceis. — Já teve alguma oferta?

— Várias. Eu é que ainda não me decidi. — Levanta uma das cadeiras e senta-se a uma de distância da minha. — Só ainda não o fiz porque arrendo estas salas há décadas a profissionais dedicadas como a Matilde. Estas salas já formaram escritores, revisores, oleiros e *designers* de interiores. — Solta um riso abafado, fitando um ponto na janela atrás de mim. — Acredite que isto me custa, mas a pressão é muita. E eu já não tenho a mesma energia de antes. De dia para dia, vamos ficando mais velhos. — Volta a olhar para mim. — E devemos pensar no que é realmente importante para nós.

Uma semente de medo começa a germinar dentro de mim, traiçoeira. Assinto para lhe mostrar que compreendo, mas, por dentro, procuro alternativas.

— Eu percebo, Teresa. Hum... tente, por favor, manter este espaço mais um tempo. Só até eu conseguir arranjar outro.

Ela inspira, e tamborila com as unhas pintadas de vermelho na mesa.

— A pressão é muita, Matilde. Não prometo que consiga manter as salas por muito mais tempo. — Depois, sorri. — Mas, vá, não pense nisso agora! O seu *workshop* correu muito bem, é o que importa!

Entreabro os lábios, fitando um ponto no vazio. Podia estar feliz. Podia sentir-me agradecida por a minha formação ter corrido bem.

Mas algo me diz que se adivinham tempos difíceis. Quando desvio o olhar para a sala, esta adquire tons mais escuros, cinzentos, perdendo o encanto que antes me trazia.

Sento-me numa mesa dentro de uma pastelaria na baixa lisboeta, barulhenta, os carros e as motas a subirem e descerem as ruas de pedra. Não vou já para casa. Preciso de tempo para pensar nos próximos passos.

Peço um café e abro o computador, à procura de novos espaços para arrendar. A Teresa pareceu-me séria em relação à venda, pelo que não me resta alternativa senão encontrar uma solução.

— Obrigada — digo, quando um senhor de avental preto me serve um café.

Provo-o, quente, e, ao ver os valores dos espaços para arrendamento, queimo a língua. O que se passa com estes valores? Cerro os olhos e franzo o rosto. Da última vez que pesquisei, não eram esta fortuna. Mas há quanto tempo foi isso?

O café desce-me pela garganta, e a sensação agradável transforma-se num sabor amargo. Desvio o olhar do ecrã por segundos, para respirar. Pelo canto do olho, vislumbro um rosto familiar de uma mulher, e um arrepio percorre-me a espinha. Respiro fundo quando ela se vira e reparo que não é ela. Ainda bem. Uma memória sai da gaveta para o centro da minha mente, e viajo, por instantes, até ao meu primeiro emprego numa empresa de *design* de interiores. A minha chefe — que parecia ter reconhecido ali — não era exemplo para ninguém. Fazia-me trabalhar horas extras e nunca permitia que saísse antes dela. E ela saía por volta das nove da noite. Ainda assim, estive naquela empresa seis anos. Seis anos de desgaste emocional, mas tudo para não ter de voltar para casa dos meus pais.

Voltar a trabalhar para ela seria tortura.

A vida era mais simples nessa altura, de uma maneira ou outra. Quando chegava a casa, ao apartamento que tinha arrendado em Lisboa com o meu ordenado, fazia o que me apetecesse. Quantas vezes fui sair com as minhas amigas da faculdade? E com o Duarte, que conheci logo a seguir a ter terminado a licenciatura, e fizemos viagens espontâneas para Milão ou Paris, só porque nos apetecia?

Na altura, podíamos. E hoje ainda podemos, mas as responsabilidades são diferentes. Sou muito mais feliz agora, desde que criei o meu próprio negócio. Criei-o um ano antes de o Vicente nascer. Nunca pensei que teria a coragem para montar um — sobretudo depois do trauma que foi ver a minha antiga chefe dizer tão mal de ter um negócio próprio —, mas o Duarte ajudou-me muito com o *marketing* e até me ajudou a montar um *site* profissional. Se há pessoa que acredita em mim, é ele. Em nenhum momento duvidou de mim — nem mesmo quando eu não ganhava um cêntimo com o meu trabalho.

Mas, agora que esse cenário se torna numa possibilidade outra vez, sinto os músculos endurecerem. A dor nos ombros ataca, esmiuçando a alegria que nem há uma hora senti, quando estava a dar o *workshop*.

Inspiro e expiro. Volto ao computador e às buscas por espaços alternativos. Quero manter a esperança de que vai correr tudo bem.

Capítulo 5

A Constança mostra-me um cartão PECS com o desenho de uma criança com um livro na mão.

— Hora da história? — pergunto-lhe, e ela assente. — Muito bem. E que história vamos ler hoje?

Ela mostra o cartão com um cervo, e eu sorrio. Quando estamos num ambiente que ela conhece e no qual se sente confortável, é tão mais fácil comunicar com ela!

Aconchego a minha filha na cama. Os caracóis dela espalhados pela almofada fazem-me lembrar búzios.

Conto-lhe a história do Bambi. Ela comunica com os seus sons habituais — baixinho, porque gosta de ouvir a história — enquanto brinca com um cervo bebé de borracha que lhe oferecemos quando tinha três anos. Observa-o com atenção e gira-o na mão, escutando também as aventuras do seu cervo favorito.

Não deixo de pensar como esta história é tão triste, mas a Constança adora-a. Leio-lha todas as noites porque, se não o fizer, ela não consegue adormecer e chora. Ela aprecia o conforto da repetição. Sente-se segura assim. E, embora tenhamos de a expor a mudanças graduais na rotina, como nos foi aconselhado pela psicóloga, prefiro manter a rotina do sono sempre estável. Quando ela era mais pequena, dormir era uma luta constante, e chorava muito. Hoje, com as histórias, dorme melhor.

— Vitória, vitória, acabou-se a história — anuncio, para pontuar o final. Os olhos dela fecham-se devagar, as pálpebras já lhe pesam com o sono. — Dorme bem, minha pequenina — sussurro, dando-lhe um beijo suave na testa.

Deixo uma luz de presença, amarela, ligada, e encosto a porta sem fazer barulho. Assim que me dirijo para as escadas, ouço a voz do Vicente:

— Mamã?

Volto-me para trás, de sobrelance erguida. O meu filho tem o pijama vestido e, pendurado na mão, o seu ursinho preferido.

— Estás pronto para ir dormir, pequenino?

— Ainda não. Posso ir contigo lá para baixo?

— Amanhã é dia de escola, Vicente.

— Por favor, mamã...

Sorriso, e solto um riso abafado.

— Está bem, ficas um bocadinho no sofá com a mamã. — Estendo--lhe a mão. — Parece-te bem?

Ele assente com veemência e dá-me a mão. Descemos as escadas juntos e sentamo-nos no sofá. Encolho as pernas e ele faz o mesmo. Estendo uma mantinha sobre nós, e o meu filho aninha-se a mim. Com a televisão desligada, a casa mergulha no silêncio.

— Onde está o papá?

— O papá teve de trabalhar até mais tarde.

Ficamos em silêncio. Massajo-lhe a cabeça, esperando que ele adormeça em breve. E quase parece adormecer até que diz:

— Gosto de estar aqui contigo, mamã. Só nós os dois.

Sorriso, porque valorizo estes momentos dos quais vou sentir falta, um dia. Contudo, sei que, por detrás daquelas palavras, se esconde outra emoção.

— Eu também gosto de estar aqui contigo, meu amor. E gosto quando estamos aqui todos, com o papá e a mana também.

— Com a mana, é mais difícil.

— Mais difícil?

Ele levanta a cabeça e olha para o vazio.

— Sim, porque ela grita muito. Lembras-te do outro dia, quando ela me tirou o carro? Ela gritou e chorou, e faz muito barulho. E depois tu e o papá têm de a acalmar. Nunca conseguimos brincar, assim.

Inspiro devagar, considerando o que o Vicente sente.

— Meu amor, a Constança precisa de mais atenção, por vezes. Ela é... diferente dos outros meninos.

— Mas ela porta-se sempre mal!

Procuro formas na minha mente de explicar a complexidade das perturbações do espectro do autismo ao meu filho:

— Imagina o que é ouvires todos os barulhos dez vezes mais alto. E imagina que queres fazer amigos, mas os meninos não querem brincar nem falar contigo.

Ele faz um trejeito com a boca.

— Isso é muito triste.

— É assim que a mana se sente. — Faço uma breve pausa. — Vicente, eu e o papá adoramos-te tanto quanto à mana. Sabes disso, não sabes?

Ele olha-me com aqueles olhinhos inocentes, circundados por pestanas

delicadas, iguais às do pai.

— Sim.

Sorrio e abraço-o. Existe algo mágico no abraço de uma criança, um amor que não se compara.

— Gosto de ti, miúdo.

Ele dá-me um beijinho prolongado na face. Aprendeu-o com o pai.

— E eu gosto de ti, mamã.

Olá, Matilde, boa tarde,

desculpe, mas vou ter de cancelar a minha inscrição no workshop. As coisas estão a ficar difíceis por aqui e não poderei participar, com muita pena minha. Espero poder participar numa próxima edição! Quando puder, peço-lhe que me reembolse o valor para os dados que forneci na ficha de inscrição.

Atenciosamente,

Rita Mafra

Releio o *e-mail*. Espero não ter lido bem. Endireito-me na cadeira do escritório cá de casa. O coração pula no meu peito, deixando rastros de dor. Já é a quarta pessoa que cancela a inscrição na minha formação. O que se está a passar? Neste momento, estou reduzida a seis inscritos. E, como a data se aproxima, não sei como vou arranjar mais formandos. Pior, e se mais alguém cancelar?

Abro o ficheiro da lista de espera. Vazio. Levo as mãos ao rosto e respiro fundo. As notícias dos últimos dias assustaram-me. Fala-se na redução do poder financeiro das famílias e em tempos complicados. A capital nunca esteve tão cara como agora. De um momento para o outro, Lisboa começou a assemelhar-se a capitais escandinavas, com preços elevadíssimos.

A diferença é que, em Lisboa, os salários não se comparam aos dos escandinavos.

Suspiro. Agora que fizemos a proposta ao senhor Eurico para comprarmos a casa é que as coisas se complicam?

Preciso de certezas. Por isso, ligo à pessoa que, mesmo que me traga más notícias, tem sempre um sorriso e um tom gentil para emprestar:

— Teresa? — Tento disfarçar o meu tom pesaroso. — Bom dia! Como está?

«Olá, Matilde. Estou bem, e a menina?»

Como eu esperava, o seu tom alegre tranquiliza-me. Assemelha-se ao que deve soar o cântico dos anjos.

— Gostava de estar melhor.

«Então? O que se passou?»

— Há muitas pessoas a cancelarem as inscrições nas formações — suspiro. — Apareceu alguém que queira fazer um *workshop* de *design* de interiores?

«Oh, querida, infelizmente, não. E sabe que eu farto-me de falar dos seus cursos.»

Fecho os olhos, anuindo.

— Obrigada na mesma, Teresa.

«Olhe, querida, ainda bem que me liga, porque tenho novidades.»

— Conte!

«Lembra-se da nossa conversa há umas semanas?»

— Sim...

«Já não pude recusar.»

Ouço uma palma da mão a bater na coxa, como se a Teresa a tivesse deixado descair em rendição.

— Vendeu mesmo? — pergunto, a sentir uma chicotada de desilusão no peito.

«Querida... nas últimas semanas, têm vindo empresas atrás de empresas sondar este sítio. Está bem localizado... Mas anime-se! Vai aparecer um espaço bem melhor do que o meu, vai ver!»

Levo a mão à cabeça e puxo uma madeixa de cabelo para evitar ceder ao choro. Isto significa que terei de cancelar o *workshop* e reembolsar todas as pessoas que se inscreveram.

— Teresa... — suspiro antes de continuar — os espaços estão caríssimos em Lisboa.

«Eu sei, Matilde. Eu sei. Não me estou a recordar de nenhum espaço que arrende ao mesmo preço que eu. Talvez se for um bocadinho para fora do centro consiga encontrar espaços mais acessíveis.»

Assinto, mais para mim própria do que para a Teresa. Como vê que eu não digo nada, ela continua:

«Eu compreendo a sua frustração, querida, mas as coisas são mesmo assim. Foi um gosto recebê-la nestas salas que foram, de certa maneira, a minha casa. Agora, vou dedicar-me ao meu descanso, que bem preciso, e aos meus netos, que não são pequeninos para sempre!»

Um sorriso breve brota no meu rosto. É impossível não sentir empatia pela Teresa. A um nível muito profundo, muito além da minha preocupação, compreendo-a.

— Claro. Obrigada por tudo, Teresa. Aproveite bem estes momentos com os pequeninos.

«E você também, Matilde. Os seus também vão crescer depressa.»

Capítulo 6

A cascata de pensamentos não me larga; só me traz mais ansiedade. Não consigo ficar em casa. Não quando, hoje, sábado, poderia estar a dar um *workshop*.

O *workshop* que tive de cancelar por não ter conseguido um espaço na última semana a um preço que conseguisse pagar.

— Quem quer ir ao parque? — pergunto aos meus filhos, e mostro o cartão PECS com o desenho do parque à Constança.

— Eu! — O Vicente pula. — Eu!

A Constança não resmunga. Embora goste mais de ficar em casa a brincar no quarto, não diz que não a uma ida ao parque. Gosta de mexer na areia, de sentir texturas diferentes.

Entramos na carrinha. Aperto os cintos dos meus filhos, nas cadeirinhas, e sento-me no lugar do condutor. Rodo a chave na ignição e inspiro fundo. Em momentos de incerteza, é muito difícil procurarmos conforto nos nossos sonhos. De repente, tudo se resume à sobrevivência, à garantia de que temos um teto, comida e à certeza de que tudo vai ficar bem.

Conduzo para o parque da Serafina, no Monsanto. Situado no pulmão de Lisboa, sempre me trouxe boas memórias. Foi dos primeiros sítios que descobri quando me mudei para a capital. E, hoje, quero partilhá-lo com os meus filhos.

Estaciono a carrinha, que logo atrai os olhares curiosos de muitos visitantes. Sorrio, alimentando-me deste breve raio de luz. Ajudo os meus filhos a saírem e caminhamos pelo parque. Pelo canto do olho, à medida que nos afastamos, vejo pessoas a fotografarem a nossa *Volkswagen* icónica.

O Vicente saltita, de mão dada à minha, e a Constança olha para o chão enquanto tenta acompanhar o nosso passo. Fascina-se pela fonte logo à entrada, e toca com o dedinho na água.

— Olha, Constança! — diz o Vicente, de joelhos ao lado da irmã, inclinado sobre a água. — Será que há peixinhos?

As vocalizações da minha filha são alegres e imitam o tom de entusiasmo do irmão. Quando procurámos perceber por que motivo a Constança fazia isto, a Dr.^a Lara explicou-nos que algumas crianças com PEA imitam palavras, frases ou sons que ouvem. É assim que sabemos que ela nos entende.

Os meninos observam os movimentos na água, mas nem sinal dos peixes. No entanto, isto não os desanima, e contemplam a ondulação da água. Para a Constança, esta fonte é mágica.

Depois deste momento, que registo com a câmara do telemóvel, dirigimo-nos para um dos parques infantis. Enquanto o Vicente corre para o escorrega, a Constança fica mais apreensiva ao ver que outros meninos correm pelo parque e soltam gritinhos. Cobre os ouvidos com as mãos e cerra os olhos.

— Está tudo bem, pequenina — digo, ajoelhando-me à altura dos seus olhos. — Podes ir brincar. — E mostro-lhe o cartão PECS correspondente ao brincar nos baloiços.

Mas ela continua hesitante. Ajudo-a a subir para um baloiço e ela foca-se nas cordas que o seguram. Contempla-as, de lábios entreabertos, tão encantada com o material de que são feitas.

Empurro-a devagar e, a princípio, ela solta uma vocalização trémula, ansiosa. Porém, depressa se entrega à sensação confortante da brisa morna da primavera no rosto, e solta risinhos.

Quando o baloiço ganha velocidade suficiente, paro de empurrar e vou para a parte da frente. Tiro-lhe fotografias com o telemóvel, para mostrar ao Duarte mais tarde. Que linda é a nossa filha a sorrir! E, ainda para mais, numa das fotografias ela olha para a câmara! Um momento inédito.

— Mãe! — Ouço o Vicente chamar-me. — Mãe, olha aqui!

Volto-me para vê-lo descer o escorrega, com as mãos no ar. Um sorriso genuíno ilumina-lhe o rosto e brilha ao sol. Sorrio-lhe e tiro-lhe uma fotografia.

O segundo a seguir lança-me uma enchente de pânico. O meu coração gela.

Três meninos que jogam à bola noutra parte do parque chutam a bola com tanta força que fazem a Constança desequilibrar-se do baloiço e cair.

— Constança!

Aproximo-me da minha filha, que chora, os espasmos de pânico entrecortando-lhe a voz. Verifico se está a sangrar. Não está, e respiro de novo.

Vejo o Vicente correr em direção aos rapazes que atiraram a bola e a gritar:

— Ei! Desapareçam!

Os miúdos fogem. Sorrio por instantes ao ver que, apesar das dificuldades entre irmãos, o meu filho defende a irmã.

No meu colo, a Constança chora, com o rosto afogueado, o vestidinho amarfalhado. Encosto-a a mim e conforto-a.

— Já passou, princesa. Já passou...

O Vicente aproxima-se de nós, e eu indico a saída com a cabeça. Ele não riposta.

Com a Constança a expelir a dor contra a minha camisa, dou a mão ao meu filho e encaminhamo-nos de volta à carrinha. O Vicente quase tropeça nos seus próprios pés.

Uma onda de calafrios percorre-me a espinha. É destes comportamentos que tenho mais medo quando a Constança for para a escola.

— Estás bem, mana? — pergunta o Vicente, tocando na perna da irmã, ao colo. Ela não responde, mas também não o repele.

— A Constança vai ficar bem. — tranquilizo-o, e depois olho para ele. — Foste muito corajoso, meu amor.

— Sou o mano mais velho, tenho de a proteger.

É um peso muito grande sobre o Vicente, proteger a irmã. Mas sinto-me grata por saber que ele se preocupa tanto com ela — ao ponto de afugentar três miúdos mais velhos.

Respiro fundo. Talvez não devesse ter saído de casa hoje.

O supermercado enche-se de pessoas. As rodas dos carrinhos de compras rolam sobre o chão de ladrilho e criam uma sinfonia caótica. Pelo ar, ecos de vozes espalham-se.

Antes de começar a fazer compras, abro a aplicação do meu banco pessoal. O saldo que aparece no ecrã faz-me soltar um gemido ansioso, que espero que ninguém tenha ouvido. Olho em redor, para me certificar de que ninguém presta atenção ao que faço.

Há um mês que não dou formação, que ninguém me contrata para projetos de renovação e decoração de espaços. Pensei que ia recuperar parte do investimento depois de comprar e renovar a *pão de forma*.

Nunca adivinhei que viessem tempos tão difíceis.

Inspiro devagar, com a lista de compras na mão. Com o carrinho, atravesso os corredores. Miro o preço das carnes de sobrolho franzido. Quando é que ficaram tão caras? A carne biológica, a única que a Constança come, vai pesar-me nesta fatura. Pela mente, passam-me imagens da minha filha a rejeitar comida, a não comer durante horas seguidas, como quando era mais pequena, deixando-me o coração nas mãos.

Retiro duas embalagens e pouso-as no carrinho. Prossigo para ir buscar os essenciais: massa, arroz, batatas. Os preços saltam-me à vista, como há muito não saltavam.

Mas, antes, o trabalho corria-me bem.

Vou buscar os iogurtes para os miúdos. O Vicente adora iogurtes com sementes. Ponho-os no carrinho e, num dos corredores, passo pelas bolachas *Milka* de que tanto gosto. Olho para o pacote lilás e logo o meu olhar desce para

o preço. Uma pontada de desilusão cobre-me os olhos. Vou ter de abdicar deste pequeno prazer.

Também não me fazia mal emagrecer.

Uma senhora, dos seus oitenta anos, passa por mim e embate-me no ombro.

— Desculpe — pede ela, com um sorriso no rosto redondo e meigo, os cabelos brancos encaracolados. — Estava tão distraída que pensei que estava sozinha no corredor!

As suas palavras despertam-me do marasmo.

— Não se preocupe. — Tento sorrir e gesticulo com a mão para a senhora não pensar que levei a mal. — Hum... diga-me uma coisa: as coisas aumentaram de preço?

— Não tem visto as notícias? Sabe como é: com a inflação, os preços sobem.

Estarei eu a ver coisas? Será que imaginei preços antes?

Anuo, com um meio sorriso.

— Obrigada.

A senhora olha para o meu carrinho por breves instantes.

— A menina é mãe?

Sorrio. Porque, quando penso nos meus filhos, sorrio de verdade.

— Sou, sim. De um menino e uma menina.

A senhora assente, com um sorriso bondoso. Depois, segue o seu caminho.

E eu regresso ao contar de cêntimos.

Termino de fazer as compras para a casa e dirijo-me à caixa para pagar. Ao pousar os artigos sobre o tapete rolante, sinto a tensão crescer. Parecem muitos mais do que previ.

O assistente de loja passa os artigos pelo *scanner*. Vejo o valor aumentar no ecrã, o ar que respiro rareia enquanto tento manter a postura.

Há pessoas atrás de mim, na fila, que vão pousando os artigos no tapete rolante. Mas não me consigo concentrar nelas quando vejo o valor final a subir.

Quando o assistente dita esse valor em voz alta, engulo em seco.

Não tenho como pagar isto.

— Hum... — murmuro, hesitante. Olho para os artigos que ainda nem coloquei em sacos. — Posso... Posso deixar esta garrafa de azeite?

O caixeiro olha para mim, sem emoção — com certeza habituado a ver situações como a minha, embora, para mim, seja a primeira vez que me acontece —, e acede ao meu pedido. As pessoas atrás na fila olham, desconfiadas, para mim. Além de estar a fazê-las esperar, estão incomodadas com a minha falta de noção.

Mas eu tinha feito as contas!

Tenho de deixar, além da garrafa de azeite, mais um conjunto de iogurtes e uma embalagem de salmão. As mãos tremem-me enquanto estendo os artigos ao vendedor.

Quando ele dita o novo valor, insiro, com a mão trémula, o cartão no

terminal, com a consciência de ficar com a conta perto de zero.

— Obrigada e desculpe — peço, antes de fazer deslizar o carrinho rumo à saída, com os olhos a arder.

Já no exterior, as lágrimas escapam-se-me e misturam-se com a chuva miudinha de abril. Empurro o carrinho na direção do carro, com ondas de pânico a inundarem-me o peito.

— Menina?

Ouçõ alguém falar, mas ignoro a voz e sigo em frente.

— Menina? — Desta vez, alguém me pouisa a mão no braço.

Com uma dor de cabeça a eclodir e o rosto manchado de lágrimas, volto-me para quem me tocou. A senhora com quem antes falei no corredor do supermercado sorri para mim. No parque de estacionamento aberto, pessoas circulam, distantes de nós, ocupadas com as suas vidas.

— Eu não quis dizer nada há pouco, mas vi que estava preocupada. — Estende uma embalagem de bolachas *Milka* na minha direção.

Arregalo os olhos.

— Não, minha senhora. — Sorrio. — Não posso aceitar.

— Uma mãe também tem direito a uma guloseima de vez em quando. — Ela sorri e pisca o olho.

Não acredito neste gesto carinhoso. Sorrindo com os olhos, a senhora estende-me a embalagem de bolachas.

— Você é muito bondosa, mas... — fungo — não posso aceitar...

— Essas lágrimas não vieram do nada — diz, num tom sábio. — Eu sei, porque também sou mãe. E avó.

Largo a barra do carrinho e abraço a senhora. Faz-me lembrar a minha falecida avó, que tinha um coração tão bondoso quanto o dela.

— Obrigada. De coração.

Quando nos soltamos do abraço, ela cobre o meu rosto com as suas mãos quentes.

Protetoras.

— Mime-se. E não se esqueça de que, mesmo em tempos de grande dificuldade, as mães seguram famílias inteiras.

Capítulo 7

Consulto as nossas contas bancárias, e procuro perceber o que correu mal. Percorro todas as entradas de dinheiro que, neste momento, são apenas do ordenado do Duarte. Depois, as despesas. Todos os meses, mais de três milhares de euros fogem-nos das contas. Entre a renda elevada da casa, a prestação do carro, a dívida de um cartão de crédito e algumas dívidas que temos estado a pagar por sermos fiadores — que resultaram da nossa bondade e, agora sabemos, ingenuidade —, não sei como nos temos aguentado.

As poupanças, claro. Mas essas vão escasseando dia após dia.

Não posso ficar parada perante a possibilidade de ver as nossas poupanças serem queimadas a este ritmo. Tenho de fazer alguma coisa.

Mas a realidade não me presenteia com boas notícias. O documento do Excel incendeia-me os olhos. A faturação do meu negócio tem descido a pique. E, sem fundos para investir, não consigo arrendar salas para dar formação.

Se eu pudesse, apagaria as últimas semanas. Não aguento olhar para trás e sentir a mesma pressão no peito de quando estava a começar o meu negócio.

Respiro fundo e procuro concentrar-me numa solução. Mas o medo ataca-me sem piedade. Com cada vez menos dinheiro na conta, pergunto-me como será o nosso futuro.

Talvez seja uma fase. Talvez as coisas melhorem em breve e eu esteja a preocupar-me em vão.

Mas eu sinto o rumor de uma crise terrível a aproximar-se.

Lá em baixo, ouço a Olívia a brincar com a Constança. A minha filha adora-a e diverte-se com ela. A Olívia é uma mulher extraordinária. Se não fosse ela, não conseguiria gerir a minha vida.

Ocorre-me apoiar clientes particulares na decoração dos seus espaços. Talvez

seja essa a decisão mais acertada neste momento.

Reúno os contactos de clientes antigos e envio-lhes propostas por *e-mail*. Por dentro, espero que pelo menos um aceite. Depois, começo a procurar empresas com quem poderia trabalhar.

Horas depois, o Duarte chega a casa com o Vicente. Ouço-os a conversarem lá em baixo. Ouvir as vozes deles é reconfortante no meio do caos que é a gritaria na minha mente.

Antes de ir ter com eles, dedico algum tempo a fazer pesquisa de possíveis empresas a quem posso fazer propostas, e mantenho os separadores abertos com os *sites* das mesmas.

O som de passos nas escadas alerta-me de que alguém se aproxima.

— Chegámos! — diz o Duarte, a sorrir, quando entra no escritório.

— Olá — digo, sem olhar para ele. Analiso uma empresa que poderia beneficiar do meu serviço de *design* de interiores, e procuro o contacto.

— Como estás? — Ele abraça-me por trás e beija-me o topo da cabeça.

Volto-me para ele.

— Gostava de me sentir melhor.

— Ainda sem propostas?

Abano a cabeça e mostro-lhe o documento do Excel.

— Ui... — Ele faz um trejeito com a boca. — Estou a ver.

Inspiro devagar. Depois, as palavras saltam-me da boca, tão depressa que não respiro entre elas:

— As salas de formação estão caríssimas, só são acessíveis aos ricos. Não tenho como pagá-las. Com os formandos a cancelarem as inscrições nas formações, nem sei para onde me virar. Já enviei propostas para clientes particulares e empresas, mas sei que isso também envolve mais gastos de deslocação...

Ele escuta-me sem interromper. Fecho os olhos, a sentir pressão nas têmporas.

— Eu só queria recuperar o investimento da carrinha, Duarte... Nem sei se foi boa ideia comprá-la — suspiro, e este gesto liberta parte da tensão acumulada. — Já nem consigo ir às compras sem contar os tostões... Como é que, há tão pouco tempo, cumpria o sonho de ter a *pão de forma* e, agora, nem consigo olhar para ela sem me sentir culpada? Não era suposto ser assim. — Abano a cabeça. — Sinto-me uma irresponsável.

Ele ajoelha-se perante mim e segura-me nas mãos.

— Ainda temos as nossas poupanças.

Reúno ar nos pulmões:

— As poupanças vão ao ar se não tivermos cuidado, Duarte. Ainda estamos a pagar aquelas estúpidas dívidas do teu amigo. O que é que nos deu na cabeça para sermos fiadores?

Ele suspira.

— Eu sei. Foi um erro.

— O que mais me choca é que, mesmo depois de ele nos ter dito que não podia pagar aquelas dívidas sob pena de perder a casa, ainda te meteste naquela coisa dos investimentos com ele.

Ele olha para baixo e franze os lábios. O rubor da vergonha mancha-lhe as faces.

— Fui parvo, não fui?

— Não, Duarte. Aqui, não podemos jogar o jogo da culpa. Somos uma família, ou não?

— Somos.

Suspiro.

— Mas temos de encontrar uma solução depressa. O dinheiro está a esvair-se das nossas contas. A cascata não vai durar para sempre. Se antes eu trazia um ordenado para casa, agora és só tu. São tantas despesas que não sei para onde me virar. — Primo os lábios um contra o outro. — Estou tão habituada a usar apenas o dinheiro da minha conta que hoje passei uma vergonha no supermercado. Nunca me tinha acontecido uma coisa assim...

O Duarte escuta-me, apercebendo-se da realidade que vivemos. Sendo uma pessoa prática, apressa-se a apresentar uma solução:

— É mau agora, mas vai melhorar. A partir de agora, vou transferir-te metade do que recebo. Vamos dar a volta — garante-me, olhos nos olhos.

Mordo o lábio, porque quero acreditar que sim. Caramba, sempre demos a volta a tudo no passado. Então, porque sentirei que, desta vez, podemos mesmo cair?

Quando ele sai e me deixa no silêncio, alcanço o pacote de bolachas *Milka* que tenho na gaveta. Ao trincar uma bolacha, procuro conforto nas palavras da senhora sábia que mas ofereceu: *E não se esqueça de que, mesmo em tempos de grande dificuldade, as mães seguram famílias inteiras.*

— Vamos ao Jardim? — pergunto à Constança, quando lhe dou a mão.

Jardim é o nome que damos à instituição onde a Constança é seguida. Moramos tão perto que nos deslocamos a pé. A zona onde vivemos alastra-se em estradas a subir e a descer, mas a minha filha parece gostar do desafio. Salta de pedra em pedra, na calçada, por vezes para e observa os insetos que nela se deslocam, sob os contrastes de luz e de sombra do Sol que se ergue aos poucos, lançando ondas de calor.

Qualquer pessoa que olhe para ela vê uma criança doce, linda, de olhos meigos e inocentes.

É assim que eu a vejo.

E também quero que as outras pessoas a vejam como eu. Mas, logo que se

apercebem de que não fala, que *é diferente*, mostram-me o seu olhar pesaroso. Desiludido.

Mas a minha Constança não me desilude — orgulho-me muito de cada pequeno progresso seu. E vou orgulhar-me sempre.

Entramos no edifício e somos recebidas pela psicóloga, a Dr.^a Lara.

— Bom dia, Constança — diz ela, sorrindo para a minha filha, que não retribui o olhar. — Bom dia, mãe.

— Bom dia, doutora. Sabe? Hoje, a Constança comeu uma coisa diferente ao pequeno-almoço e... — vejo a psicóloga arquear as sobrancelhas — não chorou!

— Uau! Isso é fantástico! — Depois, desce ao nível dos olhos da menina. — Comeste um pequeno-almoço diferente? Muito bem!

Apesar de todos os momentos difíceis que vivemos nas últimas semanas, não contendo um sorriso.

— É uma pequena mudança, mas é uma grande vitória.

A minha filha passeia pela sala e observa os desenhos de outras crianças que, como ela, receberam o diagnóstico de perturbação do espectro do autismo.

Como ruído de fundo, as crianças a balbuciarem palavras, a trautearem canções, os técnicos a conversarem com elas.

— A Constança tem feito muitos progressos nos últimos dois anos — tranquiliza-me ela. — Lembra-se de quando ela nem queria aqui entrar? — pergunta, e eu assinto, com essa memória gravada. Depois, continua: — Queremos que este seja um espaço seguro para eles. Acreditamos que a Constança se sente bem aqui.

Mordo o lábio inferior, segurando uma súbita vontade de chorar. Olho para a minha filha, a abanar a cabeça de um lado para o outro, em movimentos pendulares energéticos. Desejo que nunca ninguém lhe tire isto.

A terapeuta da fala chega à sala, pronta para receber a Constança no seu gabinete. Depois de uma breve conversa, volto-me para a Dr.^a Lara:

— Doutora... acha que podemos conversar um pouco?

— Claro. — Faz sinal à psicomotricista, sentada no tapete com as crianças, e conduz-me até uma sala.

Assim que a Dr.^a Lara fecha a porta, o ruído diminui, e os meus ouvidos levam um pouco a adaptar-se.

Senta-se numa cadeira e convida-me a sentar-me noutra.

— Hum... — engulo em seco — eu e o meu marido temos conversado sobre... o futuro da Constança.

A psicóloga assente.

— Temos receio de que... quando ela entrar para a escola, os miúdos lhe façam mal. Sabe, por ela ser diferente.

— O que a faz pensar que as outras crianças lhe fariam mal?

— Sabe como os miúdos são... A Constança não se consegue defender. Não fala, não sabe comunicar senão por gestos simples e pelos cartões, chora quando

alguma coisa sai fora da rotina dela e... — paro para respirar. Sinto as sacudidelas do choro iminente na minha garganta.

A Dr.^a Lara aguarda que eu acabe de falar. Dá-me espaço para sentir, para as lágrimas descenderem, sem vergonha, pelo meu rosto. A sala reserva-se ao silêncio enquanto a gritaria na minha mente explode, como uma má orquestra.

— E... — continuo, com a garganta a arder — eu tenho medo de que alguma coisa de mal lhe aconteça.

— A Constança tem o ritmo dela — diz a Dr.^a Lara, num tom suave e pausado. De imediato, os decibéis dos meus pensamentos descem até se reduzirem a nada. Absorvo a tranquilidade da sua voz. — Como as outras crianças têm. Ela vai integrar o ensino regular, e vai ter um plano individual de aprendizagem. E nós estaremos cá para apoiar a Constança, como temos feito até agora.

Ouvir estas palavras ajuda a organizar o caos na minha mente.

— Sim.

— Como já falámos antes, acreditamos que seria benéfico para a Constança integrar o ensino pré-escolar, para se ir ambientando a novos espaços e novas pessoas.

— Certo. Mas diga-me, doutora, existe alguma... abordagem diferente ao ensino regular?

— Abordagem diferente?

— Sim. Por exemplo, os estabelecimentos de ensino especial.

A psicóloga reflete por breves instantes:

— Os estabelecimentos de ensino especial, como o que temos aqui, são para alunos que, por uma variedade de fatores, não se conseguem integrar nos estabelecimentos de ensino regular. A Constança pode ambientar-se à escola. Pode ainda pensar em escolas com uma maior conexão à natureza.

A informação é nova e leva tempo a assentar, pairando em rodópios na minha mente. Visualizo vários cenários, e todos trazem a mesma questão:

— E os outros meninos? — pergunto.

A psicóloga sorri.

— Quando entramos para a escola, preocupamo-nos com o que os nossos pares possam pensar de nós. A necessidade de pertença é humana. Somos seres sociais, afinal. Mesmo que lhe pareça que a Constança evita o contacto social, ela vai sempre procurar referências. Como as que tem em casa. Como as que tem aqui.

Assimilo a informação, pestanejando devagar.

— Está a dizer, então, que a Constança vai procurar amigos na escola?

— Não podemos adivinhar o futuro, mas podemos reconhecer padrões. A Constança já fez amizades aqui, com outras crianças. Comunicam de forma diferente da nossa, apenas isso.

— E se os outros meninos na escola não a compreenderem?

— A sua preocupação é válida, Matilde. — A psicóloga assente. — A Constança é uma criança resiliente. Além disso, ela vai fazer muitas aprendizagens ao longo da sua vida. Ao seu ritmo.

Deixo os ombros descair. As lágrimas secam-me no rosto, deixando-o áspero. Mas saber esta informação reconforta-me.

— Obrigada, doutora. — Sorrio, limpando os olhos. — Tenho só mais uma questão.

— Qual é a sua questão?

— Acha provável que a Constança ainda venha a falar?

A Dr.^a Lara baixa os olhos para a mesa, e depois encara-me:

— Em crianças com perturbação do espectro do autismo, o desenvolvimento da linguagem verbal pode ser complexo. Por norma, começam a falar por volta dos dois ou três anos. Isso não significa que a Constança não venha a falar. Já acompanhámos crianças não verbais que começaram a falar mais tarde. A Constança pode vir a desenvolver linguagem verbal ou... não. — Faz uma pausa, deixando esta informação assentar. — Mas lembre-se, Matilde: está a fazer tudo ao seu alcance para que a Constança comunique, cresça saudável e seja feliz.

E será isso suficiente?

Capítulo 8

As palavras da Dr.^a Lara ressoam na minha mente, e dou por mim, demasiado tarde, a arrumar os copos no armário dos pratos, e os talheres onde os copos deveriam estar. Aquelas palavras revolvem-se em romãs de lã, um emaranhado que não se quer desfazer. Após o jantar, estão já os miúdos a dormir, decido partilhar a conversa com o Duarte:

— Então, a psicóloga disse que havia o ensino regular, e que seria importante a Constança ir para o pré-escolar, para se ambientar a novos espaços e a outros miúdos. Mas também explicou que havia alternativas, como escolas com abordagens ligadas à natureza.

— E não achas isso um bocado estranho?

— Estranho como?

— A Constança ir para uma escola diferente, sem poder interagir com outras crianças do ensino regular?

Pestanejo.

— Eu *sinto-me* mais segura assim, Duarte. Não quero imaginar a nossa menina a sofrer nas mãos de *bullies*.

Ele torce a boca.

— Eu também tenho medo disso, mas acho que não lhe faria mal ser exposta a outras realidades.

— Que outras realidades?

Encolhe os ombros.

— Aqui, parece que ela está numa bolha. Tem-nos a nós, ao irmão e à Olívia. No Jardim, tem as psicólogas, as psicomotricistas e as terapeutas da fala. Se continuar a vida inteira neste ciclo, o que é que ela vai aprender?

Arqueio as sobrancelhas.

— Não estás a perceber. Esta é uma oportunidade de a Constança aprender como as outras crianças, mas num ambiente seguro. Podemos protegê-la, Duarte.

O que ele diz a seguir rouba-me as forças que tinha reunido:

— Não achas que já a protegemos muito?

Quando primo o botão para ligar o *Volkswagen Passat*, este não pega. Franzo o sobrolho. Nunca se tinha comportado assim antes. Caramba, nem tem muitos anos...

A chuva insistente de abril cai sobre o para-brisas. Soa como mil ferroadas sobre nós.

— Vá lá! — murmuro, e tento mais uma vez.

O som engasgado do motor, agudo, lança-me calafrios pela espinha. As tentativas não resultam. E logo hoje que o Duarte me tinha deixado o carro, mais prático para estacionar, para ir levar o Vicente à escola!

— O que se passa, mãe? — pergunta o meu filho.

— A mãe está só a tentar pôr o carro a trabalhar — murmuro.

Ao lado do Vicente, a Constança, sentada na sua cadeirinha, brinca com legos. O barulho do carro parece incomodá-la, porque muda o tom das vocalizações.

Aguardo um minuto. O interior do carro fecha-se num silêncio conduzido pela orquestração do meu *stress* em crescendo. Não quero ter de levar os miúdos nos transportes públicos. A Constança não vai aguentar as enchentes de pessoas e de barulho.

Se fôssemos apenas eu e o Vicente, a situação seria bem diferente. Dirigir-nos-íamos para o metro e eu levá-lo-ia à escola.

Mas a Constança vai entrar em pânico ao ver-se rodeada de tanta gente, enlatada dentro das carruagens.

Vários cenários dolorosos correm a minha mente quando o Vicente pergunta:

— O carro está avariado?

— Não sei! — digo, num tom um pouco mais ríspido do que gostaria.

Ele arqueja, talvez com medo de que eu grite com ele.

O peso do arrependimento sai em forma de suspiro.

— Desculpa, filho... — Volto-me para trás, para ver os miúdos tristonhos.

— Acho que hoje não vamos poder ir de carro à escola.

O Vicente brinca com a manga da camisola.

— Vou chamar um táxi — digo, mas ele não responde. — Constança? Vamos de táxi à escola do mano. — Mostro-lhe um cartão PECS com o desenho de um táxi amarelo, para que ela não estranhe a mudança repentina. — Tá-xi.

A Constança abana a cabeça, e algo me diz que ela vai começar a chorar. Sorrio-lhe, para disfarçar a minha preocupação, e ela acalma-se. Aproveito para

chamar o táxi.

Tento abstrair-me de quanto custará este arranjo. Hoje, o Duarte levou a *pão de forma* para o trabalho, porque tinham tido uma ideia para um projeto fotográfico que a incluía.

Se soubesse que isto aconteceria, teria pedido para ficar com a carrinha.

Mas de que vale queixar-me agora?

O táxi chega e ponho a Constança e o Vicente nas cadeirinhas. Vou no meio entre eles, a caminho da escola. Durante a viagem, vejo o taxímetro a marcar o valor crescente do que terei de pagar no final da viagem.

Não é muito alto, e sinto-me ridícula por sequer considerar este valor. Mas, se antes não era um problema, agora não tenho escolha senão vê-lo como um.

Quando chegamos, abro a carteira e pago o valor devido ao taxista, que ainda tentou animar os miúdos nesta curta viagem.

A chuva continua a não dar tréguas. Corremos até à entrada da escola, com o Vicente a sentir que escapou de uma chuva de meteoritos, a rir-se, e a Constança a gemer por ter apanhado chuva no cabelo.

Antes de o entregar à funcionária na portaria, encosto o meu filho a mim e sussurro:

— Desculpa por ter subido o tom, docinho. — Beijo-lhe o topo da cabeça.

— A culpa não é tua.

— O carro vai ser arranjado?

Depende do preço, é o que me ocorre. Mas não é isso que digo:

— Sim. Vou levá-lo à oficina mais logo. — Sorrio, procurando manter uma compostura que não existe.

Mais uma despesa.

Quando é que isto vai terminar?

— Tem a certeza de que é esse o valor? — pergunto, de olhos arregalados. Ando de um lado para o outro na cozinha.

O Sol põe-se lá fora, e eu suplico por luz natural para não ter de ouvir más notícias na escuridão.

«Sim.»

Ao telefone, o mecânico lança-se a listar as reparações. Ouço *correia de distribuição, válvulas empenadas e cabeça do motor partida*.

Algo sobre já dever ter mudado a correia de distribuição.

Mas quem é que se lembra destas coisas?

A confusão de informação inflama a minha pele, como se um balde de água a ferver tivesse caído sobre ela.

— Quanto é que pedem? — sussurra o Duarte.

Tenho de me obrigar a concentrar-me em tudo ao mesmo tempo.

— Dois mil e quinhentos euros — respondo, também em sussurro.

Vejo o meu marido baixar a cabeça e arquear as sobrancelhas. Coça a cabeça. Ao telefone, ouço ecos de vozes no fundo e de berbequins. O meu peito sobe e desce, numa respiração controlada à força.

Não posso pagar este valor pelo arranjo do nosso carro.

No entanto, precisamos dele.

— Diz-lhe que pode avançar — afirma o Duarte, num tom baixo, de sobrolho tenso. Abro a boca para dizer alguma coisa, mas ele encolhe os ombros: — É caro, mas o que é que vamos fazer? Precisamos dele.

Liberto um suspiro.

— Pode... — engulo os ferros na garganta — pode avançar com o arranjo, senhor Mendes.

«Muito bem. Podem vir buscá-lo na próxima quinta-feira. Obrigado.»

Antes que eu possa protestar que o arranjo vai levar uma semana quando precisamos do carro para hoje, o senhor Mendes desliga a chamada.

Pouso o telemóvel na bancada, derrotada, e apoio os meus cotovelos nela.

— Que azar...

— Não te preocupes. — O Duarte aproxima-se e abraça-me. — Acontece! Quem é que não tem problemas com carros?

— É só que... parece que está tudo a acontecer de uma vez.

Volto-me para ele, e segura-me pelos ombros, com um olhar terno. Massaja-me os braços.

— Vamos dar a volta — repete, e beija-me a testa.

Solto um riso abafado.

— Gostava de ter o teu espírito animador...

Desta vez, é ele quem sorri.

— Vai correr tudo bem. Somos uma equipa, lembras-te?

Quando ele diz isto, lembro-me do que a senhora gentil do supermercado me disse: que as mães seguram famílias em tempos de grande dificuldade.

Gostava tanto de me sentir uma super-heroína agora...

Mas nunca me sinto uma.

Capítulo 9

As respostas às propostas que enviei por *e-mail* são cruéis. Sinto o meu coração afundar-se no peito, frágil, indefeso. Deito-me na cama. Pelo menos, ampara-me a queda. Mas as palavras de um homem de meia-idade com pouco tento na língua não me saem da cabeça:

Cara Matilde,

Agradeço que não me contacte de novo. Acho uma profunda falta de respeito fazer-me uma proposta quando não lha pedi. Veja se ganha tino e arranja um trabalho a sério. Ninguém no seu perfeito juízo vai recorrer a uma designer de interiores.

Sinto que estou a atirar barro à parede. Sinto-me incompetente. Nunca, em todos os anos de profissão, me senti tão desrespeitada. Claro que a minha antiga chefe era uma exceção — ela fazia-me esquecer tudo o que aprendera na faculdade com os nervos que me causava. Mas, ultimamente, sinto que me rejeitam, que rejeitam o que faço. Nem formações consigo dar. É demasiado caro para mim neste momento arrendar um espaço.

E já me custa o Duarte ter pagado o arranjo do carro. Sozinho. Há muito tempo que não acontecia ele encarregar-se de uma despesa tamanha. O meu estômago revolve-se perante a possibilidade de esta situação continuar igual.

Ou piorar.

Levanto-me, porque não consigo ficar deitada nem mais um segundo. Desço as escadas e vejo a Olívia a brincar com a Constança. Esta mulher tem um dom. A minha filha sente-se tão confortável junto da ama que não a rejeita. Empilha

legos numa torre gigante, e a Olívia ajuda-a a separar as peças amarelas das azuis, e as verdes das vermelhas. Sorrio-lhes, e sento-me no chão a massajar a cabeça da pequenina, os seus caracóis castanhos lindos e macios como cetim.

— Minha pequenina linda. — Beijo-a. — Gosto tanto de te ver a brincar com a Olívia!

— Está tudo bem? — pergunta-me a ama, olhando-me com curiosidade.

— Está. — Esboço o melhor sorriso que consigo.

— Como tem estado a correr o trabalho?

Encolho os ombros. Sinto a garganta inchada, como se tivesse engolido uma maçã sem a mastigar. Não consigo dizer nada.

— A vida não está fácil, menina. Mas já a conheço há tempo suficiente para saber que é uma guerreira.

Olho para ela, com o prenúncio das lágrimas nos olhos. No seu rosto oval, emoldurado por cabelos negros e encaracolados, até aos ombros, presos por um lenço de capulana colorido, os seus olhos fitam-me, sábios.

Engulo em seco, e o gesto inflama-me a garganta.

— Gostava de ter a confiança que a Olívia deposita em mim. — solto um riso abafado.

— Ouça — ela olha-me com o queixo quase encostado ao peito, desviando um pouco o rosto para o lado —, você já passou por tanto... Vai desistir agora?

De repente, sinto-me ridícula. Como se não me devesse ter deixado ir abaixo.

— Não... — murmuro.

— Faça o que sempre fez bem, e agarre-se a isso com tudo o que tem. — Ela faz o gesto do punho, a simbolizar força, determinação.

Uma lágrima traiçoeira escapa-me do olho.

— Sabe que tenho uma sorte do caraças em tê-la connosco?

Ela solta uma gargalhada aguda, que lhe deixa covinhas nas bochechas negras. Os risinhos dela são amorosos. Até a Constança sorri. Porque, no fundo, sabemos que a Olívia é a mulher mais sábia que conhecemos.

Enquanto a Olívia prepara as refeições para os miúdos — ela quis começar a fazê-lo —, e antes de o Duarte e o Vicente chegarem, decido terminar o projeto dos cortinados para a *pão de forma*. É a única forma que encontro para me distrair do *stress* de já não ter trabalho há cerca de dois meses e de tentar dissolver a culpa de a ter comprado. Pelo menos, não será mais um projeto incompleto. Levo a Constança comigo, e ela diverte-se a explorar o interior do veículo clássico.

Depois, sem que eu o espere, pega na minha mão e mostra-me o cartão PECS com o desenho de uma carrinha. Aponta para ele.

Inclino a cabeça para o lado, comovida:

— Muito bem, meu amor! Car-ri-nha! A *nossa* carrinha.

Ela compreende. Aprendeu a palavra nova. Para ela, é um vocábulo novo; para nós, enquanto família, é a oportunidade de criarmos memórias felizes.

A menina sobe para cima do banco para olhar pela janela, sempre com um brinquedo na mão. Acredito que a faz sentir-se segura.

Coso à mão as pregas das pequenas cortinas com o padrão axadrezado branco e amarelo, porque o som da máquina de costura incomodaria a minha filha. O sol acalenta-nos a face, e é como se me acariciasse o rosto. As palavras da Olívia navegam na pela minha mente e fazem-me sorrir.

Ela tem razão. Sou uma guerreira.

Por outro lado, tenho tanto medo do futuro...

Monto as cortinas nos varões da *Volkswagen*. A Constança olha para eles, fascinada. Toca-lhes com o dedinho indicador.

— Gostas das cortinas que a mamã pôs?

Ela emite uma vocalização alegre. Sorrio.

Estes são dos pequenos momentos que mais me dão alegria quando sinto que tudo o resto vai afundar. É a Constança que me mantém à superfície, que me faz levantar todos os dias para tornar o dia dela melhor.

Que mãe não quer ver os filhos bem?

Quando ela emite vocalizações felizes, sei que ela está feliz. Pode não o comunicar verbalmente, mas sei que ela está bem. É uma conexão profunda e inexplicável, a que tenho com a minha filha. Mais ninguém nos compreende, mas eu sei quando ela tem fome ou sede, ou quando se sente feliz ou *stressada*.

Quando ela era pequena, eu não conseguia dormir só de pensar que ela poderia não estar bem. Com uma criança não verbal, com PEA, o cuidado deve ser redobrado. Li tantos livros sobre o assunto, vi vídeos de pais que também têm filhos com a mesma perturbação da Constança, falei tantas vezes com a Dr.^a Lara... Ninguém acalmava a mãe ansiosa que em mim morava.

Aprendemos estratégias para comunicar melhor com a nossa filha e compreender as suas necessidades. Os cartões têm sido uma ajuda preciosa. E, no entanto, a minha maior professora foi a Constança, que, com o seu jeito característico e único de ser, me ensinou como me deveria comportar com ela. Juntas, entrámos num ciclo de simbiose que mais ninguém compreende. É nosso. É mágico.

A menina faz o seu brinquedo — o cervo — caminhar sobre as cortinas, evitando os quadrados brancos. É como se apenas as riscas amarelas fossem estradas.

— O teu amiguinho gosta das cortinas? — pergunto-lhe.

Ela imita o tom melódico que uso na pergunta. Não as palavras, apenas o som. Quando ela recorre à ecolalia, significa que presta atenção às pessoas à sua volta. Uma forma de sair do seu próprio mundo.

Ouçó o som do portão a abrir e vejo o Duarte e o Vicente a entrarem. O meu

marido tem o cenho franzido. O meu filho, por outro lado, entra a saltitar pela via de acesso.

— Estamos aqui! — aceno-lhes da janela.

— Olá, mamã! — Ele abraça-me. Tem transitado entre chamar-me «mamã» e «mãe», dependendo de quanta atenção a irmã pede.

— Correu bem, o teu dia?

— Sim!

O Duarte fica do lado de fora da carrinha. Lança-me um olhar preocupado.

— Precisamos de falar.

Prendo o ar dentro de mim por instantes. O meu rosto, antes acalentado pelo sol, fecha-se numa expressão vazia. Vários cenários atravessam-me a mente. Cenários devastadores.

Inspiro devagar. Expiro ao mesmo ritmo.

Não sei se estou preparada para mais más notícias.

Capítulo 10

— O quê?! — A notícia apanha-me de surpresa. — Mas... como?

Tenho as mãos pousadas na mesa da cozinha, e fito o Duarte, encostado à bancada, de braços cruzados.

Da sala, ecoam as gargalhadas do Vicente e as vocalizações felizes da Constança. A Olívia brinca com eles. Pelo canto do olho, vejo que estão a brincar com legos de novo. Estranho sempre o facto de a Constança partilhar os seus brinquedos, mas a Olívia consegue fazer magia com as crianças.

— Nem eu sei... — Ele pressiona a cana do nariz com o polegar e o indicador. Tem os olhos fechados, e tenho a sensação de que ele também não está preparado para esta realidade.

Mas quem está?

Solta um suspiro prolongado. Arrasto a cadeira para me sentar, porque as pernas me fraquejam. É como se me tivessem tirado o chão.

— Mas o que é que te disseram?

— Tivemos uma reunião. — O Duarte afasta as mãos do rosto e pousa-as na bancada atrás de si, as palmas sobre o granito. — Temos perdido alguns clientes, e falaram num possível *lay-off*. Dívidas da empresa.

— E vais ser despedido? — atiro. Ele abre a boca para falar, mas não continua. — Mas há dois meses, em março, disseste que ias ser promovido. Como é possível?

Ele encolhe os ombros devagar. Sei que fica devastado só com a ideia de não poder continuar a trabalhar.

Se antes me tinham tirado o chão, agora tudo em nosso redor se desmorona.

— Oh, não... — Levanto-me e vou abraçá-lo. — Duarte, tu não merecias isto.

As lágrimas descem-me pelo rosto, e sinto-o fraco, derrotado. Este é o abraço mais frágil que demos. Tantos anos que trabalhou para aquela empresa para agora o descartarem...

— Eles vão dar-me uma indemnização. — murmura, desfazendo o abraço. Encara-me com os olhos cansados debaixo dos óculos, e segura-me os ombros com ternura. — Vai chegar durante um tempo, mas, depois...

O que fica por dizer diz tudo. Estremeço.

— O que vai acontecer depois?

O Duarte espreita para a sala.

— É melhor irmos lá para fora.

Respiro fundo. Como se reúne coragem no vazio?

Sáímos pela porta das traseiras. A folhagem verde do limoeiro e da relva contrastam com o cinzento da luz do dia. As nuvens cobrem o Sol que ainda há pouco nos presenteava o seu calor. Sinto os músculos tensos em antecipação pelo que o Duarte tem para me dizer.

— Vamos ter de cortar em alguns gastos — diz, sem rodeios.

Inspiro devagar. Claro que já andava a ponderá-lo. Não tenho tido trabalho. Mas dizê-lo em voz alta torna tudo mais real. Aterrador. Assinto, mais para me mentalizar da nova realidade do que para lhe responder.

— Por onde começamos?

Ele faz um esgar. Sei que também lhe custa tomar estas medidas.

— Vamos ter de começar pela *pão de forma*.

Inspiro e expiro devagar. Embora esta opção me tenha passado pela mente, custa muito mais admitir que o nosso projeto — as memórias que íamos criar —, afinal, terá de ser sacrificado. Ter de me despedir da carrinha parece-me insuportável, mesmo com a culpa que senti depois de a ter comprado. Porque, mesmo sendo um objeto aos olhos de outras pessoas, para mim ela é muito mais do que isso — representa um futuro melhor, distante daquele passado que me persegue e me assalta nos sonhos à noite. Vendê-la é adiar esse sonho de criar memórias felizes com o Duarte, o Vicente e a Constança. Não é apenas uma derrota minha — é uma derrota da minha família.

As lágrimas sobem-me aos olhos, e sinto a pressão nas têmporas adensar-se.

É o melhor a fazer, procuro convencer-me.

Mas a queda é muito maior quando criamos expectativas altas e, sobretudo, sonhadoras.

— *Okay*. — Recomponho-me. — Vendemos a *pão de forma*, e depois?

Ele olha para os pés.

— Matilde, tudo o que fizermos é pelo bem da nossa família. — Ele olha-me nos olhos.

— O que é que isso quer dizer?

Ele abre a boca e depois fecha-a. Já sei que não vem aí coisa boa.

— Vamos ter de deixar a Olívia ir.

Desta vez, o choque é maior.

— A Olívia?! Mas ela é excelente com os miúdos. É graças a ela que a Constança tem estado mais calma.

— Eu sei, amor, eu sei. — Ele olha-me, a transbordar de compaixão. — É difícil para ti e para mim. E eu sei que a Constança se vai ressentir com esta alteração na rotina, mas não podemos continuar a pagar uma ama, sobretudo quando...

Franzo o sobrolho.

— Quando o quê?

— Quando tu estás em casa.

Pestanejo.

— Duarte, eu estou à procura de trabalho! Continuo a trabalhar *online*!

— E tens tido clientes?

Não respondo. A insinuação é acutilante, e faz-me sentir como no início do meu negócio: vulnerável. Insegura.

Impotente.

— Eu estou a tentar. — Sem que me aperceba, o meu tom de voz sai mais ríspido. — Têm sido tempos muito difíceis.

— E pensas que eu não sei?

Cerro o maxilar. Não estou a gostar nem um pouco desta conversa. Cruzo os braços e fecho os olhos, respirando fundo.

O Duarte aproxima-se de mim e encosta-me a si.

— Não me digas o que vem depois — suplico-lhe, com a voz entrecortada pelos nós na garganta. — Por favor.

— Eu sei que é difícil — suspira, e eu sinto o seu peito subir e descer. — Eu não queria que nada disto acontecesse. Não pedi para ser despedido. Caramba, vão manter o Mateus e o Ricardo por uma questão de senioridade, mas a mim... — Solta um riso abafado, ofendido. — Aparentemente, eu não sirvo para ficar.

Respiro fundo, conseguindo controlar os espasmos pouco a pouco. Limpo as lágrimas e tomo uma decisão, libertando-me do abraço.

— Volto já. — Começo a andar pelo jardim.

— Aonde vais? — pergunta-me ele.

Pondero se respondo ou não. Neste momento, tenho medo do que lhe possa dizer. A culpa não é dele. Posso vir a arrepender-me.

— Não demoro, vou só dar uma volta.

— Agora? Mas...

— Eu disse que volto já! — rosno, sem olhar para trás.

Do bolso das calças, retiro as chaves da carrinha. Tenho-as sempre comigo para que nunca me esqueça de que nunca é tarde para criar boas memórias.

Nunca é tarde para mudar um passado infeliz.

Abro a porta da *Volkswagen* e, assim que me sento, refugio-me num mundo só meu.

Sinto-me sacudida pela realidade. Na estrada, os buracos por toda a parte desconcertam-me; os solavancos sacodem-me. Vou devagar, para evitar furar um pneu. Neste momento, não quero conversar com ninguém, muito menos ligar ao Duarte a pedir-lhe ajuda.

O dia mantém-se cinzento, ora escuro, ora claro, desvendando tons de azul por entre as nuvens passageiras. Concentro-me na estrada e em afastar-me o mais possível de casa.

Podia ter ido à praia de Algés, que ficava mais perto, mas prefiro atravessar a ponte e vaguear por esta Margem Sul afora, no veículo icónico que comprei com o dinheiro que fiz no meu negócio, e refletir sobre o futuro.

O futuro que tanto temo.

Como chegámos a este ponto? Porque veio esta crise atormentar-nos desta maneira? Porquê? Porquê?!

As lágrimas assomam aos meus olhos, e limpo-os com as costas da mão ao descer para a praia da Fonte da Telha. A *Volkswagen* anuncia a sua presença, o motor ruidoso ecoa nas paredes das pequenas casas.

Estranho o vazio do estacionamento, como um deserto em meados de maio — os carros aqui presentes devem pertencer aos pescadores e aos donos das casas e dos restaurantes.

O vazio assusta-me. Quando vamos à praia, no verão, rumamos pela estrada de terra batida no nosso carro até aos confins deste parque de estacionamento para encontrarmos um lugar, e estacionamo-lo em posições estranhas só para encaixá-lo. Mas, agora, mesmo em plena primavera, não vejo os vestígios da vida que este lugar tem.

Estaciono a *pão de forma* num lugar com vista privilegiada sobre o mar e saio. Por instantes, contemplo-a, e sinto um aperto no coração. Não me quero despedir dela, da mesma maneira que não me quero despedir da Olívia. Acaricio o espelho da carrinha, preparando-me para um luto que não quero viver. Quero abraçar a *Volkswagen* como se abraçasse a Olívia. Mas, se abraçar a Olívia — das pessoas que mais admiro —, tenho medo de não a conseguir deixar ir. Acho que era capaz de passar fome só para poder continuar a pagar-lhe.

O vento sopra, os cabelos cobrem-me o rosto. Afasto-os com a mão direita e caminho em direção à praia. O canto das gaivotas preenche o silêncio sufocante da ausência de pessoas.

Diante de mim, a praia estende-se, deserta. Ainda esperava ver um ou outro pescador, e talvez algumas pessoas a passearem os seus cães, mas nada vejo senão a imensidão do mar e os grãos de areia a levantar voo pela força do vento.

Descalço os ténis e as meias e caminho sobre a areia, sentindo os grãos massajarem-me os calcanhares e os dedos dos pés. Preciso de conforto. O mar soa

majestoso, as ondas enrolam-se e desmancham-se sobre a areia. Nenhum *design* se compara ao da Natureza.

Inspiro o ar, o odor a sal, deixando-o purificar-me os pulmões. Expiro toda a dor que carrego no peito, um peso que se torna, minuto após minuto, incomportável.

Nunca gostei de lidar com a dor. A sensação de peso sobre os meus ombros, as faíscas da desilusão, as lágrimas incessantes quando não julgava haver saída, tudo isso faz parte de um mapa de emoções que me consomem.

E, no entanto, quando as sentia, havia sempre uma alternativa. Sempre houve.

Mas não parece haver uma agora.

Sento-me na areia e encolho as pernas. Pouso o queixo sobre os joelhos.

O que vai acontecer? Quando é que isto vai acabar? Eu conheço-me: sei que não vou lidar bem com estas mudanças bruscas. Parte de mim sabe que não devia estar aqui; que deveria estar em casa, com a minha família, mas não consigo. Não consigo processar o impacto que a crise tem nas nossas vidas.

Já não tenho trabalho há dois meses. Dois meses!

Mudei para o *online*, como vi tanta gente fazer. Paguei uma subscrição de uma plataforma para poder dar as minhas formações, mas *online*. Zero inscritos.

Nenhum interesse mostrado pelos meus *workshops* de *design* de interiores. Nenhum interesse pelos meus serviços enquanto *designer* de interiores. Parece que cuidar dos nossos espaços não é uma prioridade em tempos de contenção.

Encosto a testa aos meus joelhos, abrigo-me do vento. De repente, tudo o que atingi me parece ridículo: a minha ambição em ter um negócio próprio; querer uma vivenda de dois andares em Lisboa, com um jardim e uma piscina; comprar a carrinha com o dinheiro que fiz no meu negócio; usá-la para trabalho e como um projeto pessoal de *design* de interiores, e criar futuras memórias com a família que construí. Será que alguma destas coisas valeu a pena?

Talvez eu devesse cair em mim e ser uma mãe como as outras — com um trabalho das nove às seis, um salário fixo e horas perdidas no trânsito. Talvez eu devesse ser essa pessoa.

Mas quem estou a enganar? Esse tipo de vida não é para mim. Quero dar o melhor ao Vicente e à Constança, e quero também dar-lhes o exemplo de que é possível concretizarmos os nossos sonhos. Não temos de viver a vida inteira a trabalhar para chefes desagradáveis e sem perspetivas de futuro. É por isso que não quero desistir do meu negócio.

Se as coisas piorarem? Não sei. As perspetivas de despedir a Olívia e vender a carrinha já são demasiado assustadoras.

Respiro fundo e trago para dentro de mim o sabor do mar.

Temo o que virá a seguir. Supliquei ao Duarte para não me contar o que poderia vir a seguir, mas eu sei. Se as coisas piorarem, podemos ficar sem a casa que estamos a arrendar. Estremeço. Já nem a comprar conseguimos.

Levanto a cabeça e contemplo as ondas, respirando a energia tão inspiradora que emana delas. Mas, por muito que respire fundo, o peso continua cá dentro.

A dor mora cá.

Não sei o que o futuro nos espera — para mim, para o Duarte, para a Constança e para o Vicente. Temo o que esta situação, a longo prazo, possa fazer à saúde mental dos meus filhos. Como é que o Vicente se vai sentir com estas alterações todas? E como será que a Constança vai reagir quando a Olívia não aparecer?

Afundo o rosto nos joelhos. Soluço. Ninguém me pode ouvir. Ninguém pode ouvir o choro de uma mãe que teme o futuro. Não porque, neste momento, todos estão a fazer contas à vida, a pensar no que o futuro lhes reserva.

Capítulo 11

O Duarte mostra a *pão de forma* ao seu potencial novo dono. O meu coração rebenta em agitação. Não quero, por nada, fazer isto.

O vento sopra, os nossos cabelos esvoaçam. Neste final de tarde de maio, o sol reflete nas cores vivas da *Volkswagen T2*. Os miúdos estão no carro — vieram com o pai, enquanto eu conduzi a carrinha até um estacionamento junto do parque florestal do Monsanto. A última viagem. Não muito longe, avisto os pinheiros-bravos, e concentro-me na Natureza, que me pode tranquilizar.

Mas nada neste momento me pode acalmar. Nem mesmo os feixes de luz por entre as folhas-agulha.

Como é que, em tempos de incerteza como este, pode haver alguém interessado numa *pão de forma*? O que vão fazer com ela?

— Quinze mil? — pergunta o potencial comprador, jovem, moreno e de ar aventureiro.

— Quinze mil — diz o Duarte, descontraído. — Ela está em muito bom estado, e foi renovada por dentro.

Sinto-me a ferver, a ansiedade explode através dos meus poros.

Desvio o olhar da minha própria obra. Nada me custa mais do que deixá-la ir sabendo que não a aproveitámos como devíamos. Foi um projeto inacabado — em todos os sentidos. E vamos deixá-la ir por menos dez mil euros do que quando a comprámos, tudo porque se adivinha uma crise e porque... estamos numa situação-limite.

Como se isto já não fosse difícil o suficiente.

— Parece-me bem — diz o rapaz, um pouco mais novo do que nós, talvez na casa dos vinte. Mostra um sorriso contido, não quer parecer desesperado para a comprar. Para onde será que a leva? Será que tem namorada? Terá um animal de

estimação? Para onde vão passear? Quero respostas para todas estas perguntas, mas sei que não devo perguntá-las.

Por outro lado...

— Para onde vai passear com ela? — intervenho na conversa com um sorriso forçado, tentando parecer amigável. Pelo canto do olho, vejo que o Duarte olha para mim, de sobrolho franzido. Ele é discreto nas suas expressões, mas eu topo-as logo.

O rapaz encolhe os ombros e mete as mãos nas ancas, com um sorriso.

— Ainda não pensámos bem nisso... Estávamos a pensar em ir até à Nazaré com ela, talvez subir até ao Gerês. Depois, uma volta pela Europa.

É como se ele estivesse a roubar-me as palavras. Os sonhos. As memórias que nunca tive e que, agora, não poderei construir. Sinto um nó na garganta.

— O Gerês é espetacular — recomenda o Duarte, num tom sonhador, vendo que me reservo ao silêncio.

Olho para eles e, de soslaio, para o veículo icónico que vou deixar ir. Tenho de respirar fundo várias vezes, discretamente, para não desabar. Quando ouço o esmorecer da conversa, a aproximação da decisão final, sustenho a respiração. O Duarte e o rapaz apertam a mão, e desvio o olhar para não ver as chaves passarem de mão. Ouço-lhes o tilintar, e o meu lábio inferior treme.

— Obrigado. — Ouço esta voz dirigir-se a mim, e volto-me na sua direção. É o rapaz, que sorri para nós. Com a mão esquerda, acena; com a direita, segura nas chaves onde um dia criei a esperança de criar um futuro memorável para nós.

Assinto, sem conseguir sorrir. O rapaz põe a carrinha a trabalhar, e eu sinto o coração afundar-se-me no peito. Ao avançar com ela, ao ver a matrícula na traseira a desvanecer, bem como o rasto de ruído, inspiro fundo.

Inspiro o ar em meu redor, até os meus pulmões doerem.

Não me posso ir abaixo agora. Não diante dos miúdos. Por outro lado, tudo o que quero fazer é ir atrás daquele rapaz e recuperar a minha *pão de forma*.

E todas as memórias que ficaram por criar.

— Olívia, desculpe... — Não consigo conter as lágrimas. Na despedida da carrinha consegui, mas agora não. Estendo os braços na sua direção para abraçá-la, mas as minhas mãos hesitam e não chego a fazê-lo. Tenho medo de me afeiçoar ainda mais a ela.

A ama dos meus filhos desvia o olhar. Não me consegue encarar. Algo me diz que, se o fizer, me vai despedaçar com palavras agrestes.

Não sei como reuni coragem para fazer uma coisa destas. Sempre pensei que a Olívia é que se decidiria reformar, um dia, quando os miúdos já tivessem idade para tomar conta de si mesmos. Jamais imaginei uma despedida tão cruel como esta.

Ela desloca-se, pé ante pé, com as ancas a balançarem, doridas, até à entrada. Aperta a mala contra o flanco. Procuvo, em desespero, soluções na minha mente inquieta para travar esta situação. Penso na Constança, em como vai reagir ao saber que a ama já não virá durante a semana, para lhe fazer companhia e brincar com ela.

E certificar-se de que come.

Não fui capaz de lhe comunicar esta mudança.

Inspiro para ganhar coragem para o que vou perguntar:

— Se as coisas mudarem, podemos voltar a contactá-la?

Ela encolhe os ombros, resignada com a situação.

— E se isto não melhorar, menina? Hum?

Entreabro a boca, mas nada me sai. Não sei o que o futuro nos trará. Neste momento, o coração pesa-me como se me estivesse a despedir de uma velha amiga.

— Obrigada por tudo. — É tudo o que consigo dizer, antes de sustar a respiração para conter o choro.

Ela abre a porta e dirige-se ao portão. Caminho atrás dela, a uma distância segura para as minhas emoções. Antes de o abrir, a Olívia volta-se e encara-me.

— Sempre gostei da sua família. Sentia-me em casa com vocês. A Constança e o Vicente são muito bons meninos, e eu tenho pena de os deixar, mas a vida é... é assim! — Ergue as mãos no ar, num gesto conformado. — Um dia, a gente se volta a ver, menina.

A Olívia acena-me num último adeus. De repente, a casa fica vazia sem ela.

Num silêncio pesaroso.

Que eu quebro com os espasmos do choro.

É injusto. É isso que digo a mim mesma quando a Constança grita contra o meu peito. Na terça-feira, a Olívia não apareceu, nem na quarta, nem na quinta, nem na última semana. E ela não compreende porquê, apesar de lhe ter explicado que, daqui em diante, a Olívia terá de trabalhar com outros meninos.

Por vezes, quando me vou deitar e não consigo adormecer, engano a minha mente e digo a mim mesma que este é um pesadelo do qual vou acordar. É a única coisa que me ajuda a abandonar-me ao sono e partir para o dia seguinte.

O Vicente aproxima-se e afaga as costas da irmã.

— Não te preocupes, mana, a Olívia vai voltar. — Depois, levanta a cabeça na minha direção. — Não vai, mamã?

Fecho os olhos e embalo a Constança no meu colo, sentada no chão sobre o nosso tapete.

— Não vai? — repete.

Inspiro fundo.

— Podemos falar sobre isto depois, Vicente?

Ele olha-me, o seu rosto de criança inclinado para o lado, questionador.

— A Olívia vai voltar, ou não?

— Vicente...

— Diz logo!

Volto a inspirar fundo. Para as crianças, tudo é para ontem. Tudo é preto e branco. Tudo tem de acontecer *agora*.

Mas, neste momento, nem sabemos o que vai acontecer daqui a uma hora, quanto mais se um dia traremos a Olívia de volta!

— Mãe?

— Não sei, Vicente — digo, em derrota. Não quero gritar com o meu filho. Não tenho forças para tal.

— Oh... — diz ele, desconsolado, por entre o choro agudo da Constança. — Não é justo, mamã! Faz a Olívia voltar! Faz!

— Não posso.

— Porquê?

— Vicente, para de fazer perguntas! Não vês que a mana está a chorar?

Talvez tenha exagerado no tom. Ele franze o sobrolho e dobra os lábios num sorriso invertido. Dá um pontapé na pequena torre de legos que a irmã tinha construído e esta desmorona-se, como um castelo de cartas.

Olho-o, de sobrolho franzido, e ele cruza os braços. Os seus lábios começam a tremer e senta-se no chão, de bracinhos cruzados, a chorar.

— Vicente... — digo, suspirando. Trago-o para junto de mim, para um abraço que espero que os reconforte.

E quedo-me aqui, no caos das emoções dos meus filhos. E das minhas.

— *Okay*, com a venda da *pão de forma* e já não tendo de pagar à Olívia, temos algumas poupanças — declara o Duarte.

Sentados à mesa da cozinha, rodeados de papéis, faturas, cartas do banco e relatórios com prestações e dívidas, procuramos perceber até onde isto nos trouxe.

— Sim, mas não é suficiente — suspiro. — E o teu subsídio de desemprego ainda não chegou.

— É capaz de demorar. Os processos estavam demorados, da última vez que falei com eles, por isso não podemos contar com o que não temos.

Não é a resposta que queria ouvir, mas é a verdadeira. De alguma forma, temos de sobreviver com o meu subsídio de desemprego, demasiado pequeno para a nossa família, e com estas poupanças que, a qualquer momento, podem desaparecer.

— Já não vamos conseguir avançar com a proposta ao senhor Eurico. — Abano a cabeça. — Nunca nos vão dar um empréstimo nestas condições.

— Esse barco já foi.

— Devíamos falar com o senhorio.

— Acho que é melhor não levantarmos ondas.

— E deixamos o senhor à espera? Não acho isso bem, Duarte.

— Neste momento, já temos demasiadas coisas em mãos.

Não concordo. Agarro no telemóvel e ligo para o senhorio, com a chamada em altifalante.

— O que estás a fazer? — pergunta o meu marido, com uma nota de pânico na voz.

— A coisa certa. — Depois, ouço som do outro lado. — Senhor Eurico? Boa tarde!

«Viva, Matilde! Como vai?»

— Gostávamos de estar melhor, senhor Eurico. Ouça, você sabe o quanto nós queremos esta casa, mas... — suspiro — aconteceram uns imprevistos.

«Imprevistos?»

— Despesas com que não contávamos. — Decido não contar tudo para não assustá-lo. — Vamos ter de esperar mais um bocadinho para avançarmos.

Ouvimos um suspiro rápido do outro lado.

«Isso é complicado. É chato quando essas despesas aparecem. Mas vão-me mantendo a par. Espero mesmo que avancem com a compra, Matilde. Já estava a contar com isso.»

Engulo em seco.

— Sim, senhor Eurico. Nós mantemo-lo informado.

Desligamos a chamada. O meu coração fecha-se mais um pouco.

— Isto pode correr muito mal, Matilde.

Levo as mãos ao rosto e esfrego-o.

— Por agora, vamos concentrar-nos nas despesas atuais. Já percebi que temos mais do que devíamos. Demasiados empréstimos. E aquelas dívidas tolas.

Andamos às voltas a tentar perceber como vamos pagar todas estas contas. Nem sei se o dinheiro que agora amealhámos vai cobrir tudo isto.

Capítulo 12

Nunca uma mãe deveria fazer isto.

Ou, pelo menos, é o que dizem.

Mas eu preciso do meu tempo.

De processar o que raio está a acontecer.

No telemóvel, tenho várias chamadas não atendidas do Duarte. Ignoro-as e ponho o telemóvel em modo de avião.

Não quero falar com ele sobre isto. Conheço-me: sei que posso não me conseguir controlar se lhe disser o que penso.

Posso magoá-lo.

Os últimos meses não foram fáceis. A *pão de forma* deixou um vazio no caminho de acesso à casa e na minha vida; a ausência da Olívia tem criado crises de choro na Constança e no Vicente que, vendo que a irmã pede atenção, também a pede. As notícias azucrinam-nos com os aumentos dos preços dos bens básicos, das taxas de juro, dos preços dos arrendamentos, com a inflação e a perda do poder de compra das pessoas.

Eu e o Duarte estamos sem trabalho.

O ciclo não acaba.

— O seu chá. — O empregado do café, com um bigode branco estimado, pousa uma caneca fumegante sobre a mesa da esplanada. Junho começou da melhor maneira.

Menos para nós.

— Obrigada.

O Sol brilha em todo o seu esplendor num céu cião hipnotizante, por entre os chapéus de sol brancos da esplanada.

Bebo um gole do chá, que me queima a língua e desperta destes

pensamentos.

Contemplo o mar ao fundo, o som propagado das ondas que chega até mim muito tempo após rebentarem. Vejo retalhos da nossa vida no passado, de como éramos felizes. De como não tínhamos preocupações financeiras. Quando descobri que estava grávida do Vicente, a questão do dinheiro não entrou na equação. O mesmo aconteceu quando engravidei da Constança.

Mas, agora que um novo bebé cresce no meu ventre, já não posso ter tantas certezas.

Ainda não contei ao Duarte. Não tenho coragem. Não depois de tudo o que tem acontecido.

O que vai ser do nosso futuro? Conseguiremos, sequer, sustentar a nossa família? Conseguiremos recuperar desta crise?

E se tivermos de recorrer ao Banco Alimentar?

E se eu não puder ter esta criança?

Miro as ondas, o meu eterno conforto. Apesar de não ter crescido junto do mar, percebo o porquê de as pessoas o adorarem. Não há como não amar a Natureza.

É nele que me inspiro neste momento em que me apetece adormecer durante toda a extensão desta crise e acordar quando as coisas voltarem a melhorar.

Quero tanto manter este bebé...

Mas será essa, sequer, uma possibilidade neste momento?

Respiro fundo. As vozes de pessoas que passeiam pelas ruas elevam-se, e o ruído dos meus pensamentos consegue ser ainda mais alto do que as suas palavras.

As imagens da Constança e do Vicente surgem-me, ternas, enquanto bebo mais um gole do chá, acalentando-me a garganta e o peito. Decido tirar o telemóvel do modo de avião e, no momento que o faço, o nome do Duarte, com uma fotografia nossa no ecrã, aparece.

Atendo. A voz dele, calma, preenche o meu ouvido:

«Matilde, precisamos de conversar.»

— Eu sei.

«Por favor, vem para casa.»

Fecho os olhos.

— Preciso de tempo para pensar, Duarte.

Silêncio do outro lado.

«Nada do que eu faço é para te magoar. Eu amo-te, e faço tudo. Tudo. Pela nossa família.»

— Eu sei — exalo, e abro os olhos.

«Vem para casa. Por favor.»

Profere estas palavras em súplica.

— Eu vou.

E desligamos a chamada.

A Constança ainda não parou de chorar. Foi assim que a recebi mal cheguei a casa, depois do chá na esplanada. Ainda não tive tempo de falar com o Duarte. Encosto-a a mim, e massajo-lhe a cabeça, por baixo dos caracóis castanho-alarados. Sento-me na cama dela e apoio-me no encosto, com ela ao colo. Já há várias noites que é assim. A Olívia deixou de aparecer há duas semanas, e a Constança ressent-se. Esta situação traz-lhe *stress*, incerteza. Gostava tanto que ela percebesse que eu a compreendo...

— Já passou, meu amor. Já passou.

Canto-lhe, baixinho, a canção *Sempre Aqui*, de *A Dama & o Vagabundo II: As aventuras de Banzé*, da qual ela gosta muito:

*Sabes o que é um lar?
É a ternura no olhar,
Um grande amor sem fim
Que vai para sempre viver em ti.*

Ao cantar estes versos, lembro-me do filme, que já devemos ter visto cerca de quinze vezes cá em casa. O Vicente e a Constança adoram os cães falantes, e a Constança trauteia as músicas, à sua maneira. É um filme bonito.

Fecho os olhos, os gritos da minha filha ecoam nos meus ouvidos como panelas a cair no chão de mosaico. Está neste estado há, pelo menos, uma hora — vi no relógio da parede.

Reabro os olhos. O Duarte entra no quarto e caminha devagar na nossa direção.

— Então, princesa? — agacha-se junto à cama e passa a mão pelas costas da Constança. Depois, levanta o olhar para mim. — Queres trocar?

Fecho os olhos enquanto embalo a nossa filha. Abano a cabeça devagar.

— Deixa estar. Podes ir dormir.

Mas ele não se vai embora. Continua a afagar as costas da menina enquanto ela berra em sofrimento.

Pergunto-me se o Vicente consegue adormecer. É possível que, a esta hora, esteja às voltas na cama. Mas tenho de ser paciente. Volto a cantar *Sempre aqui*, baixinho, enquanto a embalo. Beijo-lhe a testa, e aguardo que ela adormeça. O relógio na parede marca as dez da noite, já se passou outra meia-hora. O Duarte permanece aqui, por vezes troca um olhar comigo.

Pouco a pouco, o choro vai cessando, e o quarto vai ficando mais silencioso. Os meus ouvidos não se habituam de imediato, pelo que aguardo mais um pouco, com uma Constança sonolenta ao colo.

Consigo escutar os sons dos carros na estrada, lá fora, e respiro fundo. Deito a

menina, o Duarte tapa-a com os cobertores. Sinto um peso enorme nas minhas pálpebras e arrasto-me para fora do quarto em silêncio, em direção ao nosso.

— Podemos falar? — pergunta-me o Duarte, quando encostamos a porta atrás de nós.

— Podemos falar amanhã? Não estou com cabeça agora.

— Por favor.

Suspiro. Ele não me vai deixar em paz enquanto não conversarmos. Já o conheço.

Sento-me na nossa cama, no quarto, enquanto ele fecha a porta atrás de si. Foi espreitar ao quarto do Vicente para verificar se ele estava a dormir e, como não ficou lá, presumo que esteja. Não sei. Estou tão exausta que me quero aninhar nestas almofadas e acordar daqui a doze horas.

O Duarte senta-se na ponta da cama e observa-me.

— Eu sei que as coisas não têm sido fáceis — começa —, e eu sei que ficaste triste por termos deixado a Olívia ir e vendido a carrinha.

— Hum hum... — murmuro, de olhos fechados, e deixo-me cair de costas na cama.

— Para mim, também não foi fácil, Matilde. Ultimamente, tens-te afastado, e algo me diz que é porque pensas que a culpa é minha.

Abro os olhos, encontrando o meu marido a olhar-me com expectativa.

— Porque dizes isso?

Ele suspira e faz um trejeito com a boca.

— Tens andado mais ausente. Tento falar contigo e tu ignoras-me. Sais de casa ou ficas fechada no escritório.

— Porque estou à procura de trabalho, tu sabes.

Ele abana a cabeça ao de leve.

— É mais do que isso.

Inspiro devagar. Estou tão cansada que só quero terminar esta conversa.

— Tu culpas-me — acusa ele, antes que eu possa manifestar-me.

Pestanejo, e desta vez não é por sono. Soergo-me e olho para ele, sentindo o rumor de uma dor de cabeça.

— Duarte, eu não te culpo. É só que... tem sido difícil processar tudo o que nos tem estado a acontecer. Parece que fomos atingidos por um raio de azar, caramba!

— Eu sei. Para mim, também não tem sido nada fácil.

Continuo:

— Não vejo perspetivas de trabalho. O dinheiro vai escasseando. — Sento-me na cama e seguro uma almofada. — O dinheiro da venda da *pão de forma* não vai durar para sempre. Ainda tivemos de dar aquela indemnização à Olívia, e as prestações do carro continuam a ser um peso todos os meses. Além das dívidas...

Ele sabe o que isto significa: que pagar a renda da casa está a ser cada vez mais

difícil. Encolho os ombros e, como ele não diz nada, confesso:

— Fiquei chocada quando as pessoas deixaram de se inscrever nos *workshops*.

E sim, tinha a esperança de que mantivesses o teu trabalho.

Ele assente, desviando o olhar para a colcha.

— Eu também.

— Não te culpo — repito. — Se tivesse de culpar alguma coisa, seria esta maldita crise, por nos ter arrasado desta maneira.

Ele assente devagar. Diz tanto com este gesto!

Brinco com a almofada, traçando as linhas de tecido branco. Uma inquietação escapa-me:

— Preocupa-me o que mais vamos perder.

Ele olha para mim, com traços de receio nas olheiras.

Prefiro não lhe contar da gravidez agora, porque uma decisão desta magnitude só vai trazer uma cascata de decisões penosas.

Capítulo 13

— O que quer dizer com isso?

O senhorio não pode estar a falar a sério. Olho em redor, pela sala, para me concentrar num ponto fixo, mas o Vicente imita as vozes dos bonecos da Marvel, e a Constança usa as suas vocalizações para brincar com as peças de lego. O período da manhã é quando estão mais ativos, e a casa ecoa o barulho. Aproximo o dedo indicador dos lábios para lhes pedir que falem mais baixo, mas ignoram-me. Sinto o crescendo da incredulidade atacar-me os nervos.

«Matilde, lamento muito, mas já estava planeado vender a casa.»

— O senhor Eurico está a dizer-me que vai vender a casa ao seu sobrinho. Porquê agora?

«Como lhe disse, o meu sobrinho voltou agora dos Estados Unidos e precisa de casa.»

Os gritos dos miúdos aumentam. Só gostava que o Duarte estivesse em casa neste momento, mas ele saiu para fazer compras. Subo as escadas em direção ao escritório e encosto a porta.

— Estamos em tempos de crise, senhor Eurico — suplico, agora que as vozes dos meninos ecoam, mais distantes. — Não nos pode fazer isto.

Tenho de me sentar, porque me sinto a andar à roda. Sempre pensei que seríamos nós que iríamos deixar de poder pagar esta casa.

O destino prega-nos com cada partida!

«Como vocês não avançaram com a proposta da casa, pensei que se fossem mudar para outro sítio. Por isso, quando falei com o meu sobrinho, ele mostrou interesse na casa.»

— Senhor Eurico, com todo o respeito, mas o seu sobrinho não tem outro sítio para onde possa ir viver?

O senhor Eurico solta um riso abafado, desconfortável.

«Na nossa família, gostamos de passar as casas aos nossos. Na altura, arrendei-vos a casa porque gostei de vocês. Por favor, não leve a mal, Matilde, mas vou precisar da casa o quanto antes, porque o meu sobrinho já tem a viagem marcada.»

Percorro a minha memória à procura de um momento em que o nosso senhorio tenha mencionado um sobrinho, mas não encontro nenhum. Sinto a parte de trás do meu pescoço a arder, a pressão nas têmporas a aumentar.

Fecho os olhos e levo a mão livre à testa, esfregando-a.

— Nós não podemos sair daqui. Também não temos para onde ir.

«Compreendo o seu receio, Matilde, e por isso vou dar-vos a devida compensação monetária para saírem até ao princípio do próximo mês. Podem arrendar outra casa, eu até posso dar-vos sugestões de sítios.»

Abro a boca, mas nada me sai. Destroça-me saber que estou a travar esta luta e que as minhas hipóteses de vencer estão a cair por terra.

Do outro lado da linha, o senhorio pinta um cenário que eu sei não ser verdadeiro:

«Vai correr tudo bem. Não vos vou deixar desalojados. Eu próprio me vou encarregar de vos indicar novas casas para arrendar em Lisboa.»

— Não podemos mesmo reverter a situação?

O senhor Eurico suspira.

«Já ficou combinado. Não posso voltar atrás na minha palavra, Matilde.»

E desliga a chamada.

Levanto-me da cadeira diante da minha secretária, no escritório. Levo as mãos ao rosto e cubro-o. A tontura agrava, a pressão nas pálpebras pesa-me.

Não acredito que isto nos está a acontecer.

Não agora. Não nunca.

Um baque forte, grave, ressoa pela casa. Vem do piso de baixo.

O meu coração enregela. Arranco-me a este marasmo e lanço-me porta fora, quase voo pelas escadas. Na sala, o cenário aterra-me. Os meus músculos enrijecem à medida que me aproximo do Vicente, do seu rosto preenchido pelo vermelho do sangue.

— Vicente! — O meu tom é entrecortado pelo pânico. No seu rosto de menino, o sangue é horror. — O que aconteceu?

Ajoelho-me no chão e olho para a cascata de sangue que brota do seu nariz. Ele chora, e eu abraço-o. Com a cabecinha por cima do meu ombro, o peito contra o meu, sinto-lhe o rebentar dos soluços, da confusão que sente. Aconchego o meu bebé nos braços, enquanto ouço a Constança a vocalizar, nervosa pelo estado do irmão. Ela também percebe que ele não está bem.

O Vicente não consegue falar, tal é a força dos soluços. Massajo-lhe as costas, desejando sentir o sofrimento dele. É sempre esse o caso: quero sofrer tudo *em vez* deles.

Olho para o canto da mesa de madeira de centro da sala. Uma pequena mancha de sangue preenche o vértice. Do meu lado esquerdo, o tapete enrolado. O meu filho tropeçou e embateu com o rosto na mesa. Fecho os olhos perante a dor que ele terá sentido.

— Está tudo bem, meu pequenino — tranquilizo-o, no tom mais confortante que posso. — Vamos tratar desta ferida, está bem?

Ele assente e o seu choro amaina. Por dentro, suspiro.

Sinto-me a pior mãe do mundo neste momento. Nunca me devia ter afastado. Para quê, se ia receber más notícias na mesma?

Eu sei porque o fiz: não era porque os miúdos estavam a fazer barulho. Eu só não queria que os meus filhos me vissem a desmoronar quando o senhorio nos rebentasse a última esperança.

Levanto-me e dou-lhe a mão, e dirigimo-nos para a casa de banho para limpar e desinfetar a ferida. Nesse momento, ouço a chave rodar na fechadura. O Duarte entra em casa a tempo de ver o filho voltado para ele, com o rosto coberto de sangue.

— Vicente! — Ele deixa cair os sacos de compras e corre até ele. — Estás bem?

Ao ver a preocupação do pai, o Vicente recomeça a chorar.

— Ele está bem! — asseguro, num tom mais severo do que gostava. — Eu vou tratar dele agora.

Não olho para trás para ver a sua reação, mas sei que nos olha, consternado.

Limpo o sangue do meu filho com algodão e água. Ao deitar pedaços de algodão embebidos em sangue no lixo, sinto a mão tremer.

Vai ficar tudo bem.

É o que penso, para me sossegar. Os olhos lacrimejantes do Vicente e o seu rosto contorcido de dor martelam-me de culpa.

— Mas o que é que se passou? — pergunta o Duarte, que entra na casa de banho.

— Eu... — começa o menino, a tentar recuperar dos espasmos dos soluços — tropecei e caí.

— Onde caíste?

— Na... — arfa — na sala...

— Viste-o cair? — pergunta-me o meu marido.

— Estava no escritório, a atender um telefonema.

O Duarte olha-me com uma nota de censura.

— E deixaste os miúdos sozinhos?!

— Foi por três minutos!

— Em três minutos, sabes lá o que pode acontecer!

— Eles são crescidos, Duarte! — deixo escapar, num tom ríspido.

O Duarte sai da casa de banho para ir arrumar as compras. Comprimo os lábios. Depois de limpar a ferida, vejo a marca que resultou deste acidente. Contenho o nó na garganta e desinfeto-a.

— Está tudo bem — murmuro.

De lágrimas nos olhos, ponho um penso um pouco abaixo do nariz do Vicente, e forço um sorriso.

— Assim, até parece que tens um bigode! — volto-o para o espelho, e, com os olhos ainda vermelhos, ele solta uma gargalhada.

— Pois é! Olha, mãe, sou crescido!

Sorrio e beijo-lhe o cocuruto à frente do espelho.

— Vai brincar, mas com cuidado, está bem? Não corras pela casa, porque podes cair e magoar-te outra vez.

— *Okay!* — E volta para os seus brinquedos, como se nada disto tivesse acontecido.

Vejo-o caminhar pela sala devagar, a regressar à brincadeira com mais calma, desta vez, mas com uma alegria inabalável.

Como a que gostava de sentir neste momento.

Solto um suspiro profundo. Pouso as mãos no lavatório e olho-me ao espelho. Reconheço as olheiras e a expressão desgastada dos finais da minha adolescência, um *déjà vu* arrepiante.

Lavo o rosto com água fria e seco-o com a toalha. Limpo o vértice ensanguentado da mesinha de centro e volto a pôr o tapete no sítio. Não sei como, mas vou buscar energias para me dirigir à cozinha. Encontro o Duarte, silencioso, a arrumar os cereais no armário por cima do lava-loiça, os músculos dos seus braços salientes de tensão.

Sento-me à mesa da cozinha e cruzo as mãos sobre a toalha. Da sala, ouço os miúdos brincarem.

— Desculpa — murmuro.

Ele não me encara de imediato. Só depois de terminar a arrumação é que se senta diante de mim, na mesa.

— Que telefonema é tão importante para teres de te afastar dos miúdos?

Recordo a conversa com o senhor Eurico, e aperto uma mão contra a outra.

— Era do senhorio. Ele acabou de nos meter numa grande alhada.

Capítulo 14

Isto está a ficar cada vez pior... — lamenta-se o Duarte, bebendo um gole da cerveja. — Como é que aquele gajo teve a lata de nos dizer para sairmos? Ainda por cima nesta altura?!

Sentados à mesa da cozinha, fervilhamos com o futuro incerto. Da televisão, brota o tom alarmante do pivô, que anuncia os números da inflação, os *ajustes* que se adivinham. Levo a unha do polegar à boca e roo-a.

Os miúdos já estão a dormir. Junho, que convida ao início do verão, obriga-nos a uma triste equação da nossa situação atual.

É difícil ter esperança no futuro quando vemos as coisas desmoronarem--se à nossa volta.

Os últimos meses foram sufocantes. O Duarte perdeu o emprego, eu já não tenho trabalho há muito tempo e, agora, estamos perto de ficar sem a casa.

Além de não saber o que fazer em relação ao bebé...

— O que vamos fazer, Duarte? — Paro de roer a unha.

Ele pousa a garrafa *Sagres Mini* sobre a mesa devagar, ponderando as palavras. Acaba por encolher os ombros e não dizer nada.

— Porque é que não comprámos esta casa logo no início? — murmuro, em desabafo.

Ele não diz nada. A voz dos repórteres toma conta do espaço, um estranho conforto para este silêncio esmagador.

— Para onde vamos? — atiro para o ar, mais para mim do que para ele.

Ele morde o lábio inferior, e fita um ponto da toalha de mesa.

— Ainda temos algum dinheiro da venda da carrinha...

— Que não vai durar para sempre — suspiro. — Não é como se a renda desta casa fosse barata, ou os arranjos do carro, e com tudo o que teremos de

pagar, quando ficarmos sem a casa, esse dinheiro vai evaporar-se.

Ele pondera por instantes.

— Façamos o que fizermos, não podemos vender o carro.

Pestanejo.

— Porque é que não podemos vender o carro?

— Porque, se não conseguirmos arranjar casa, para onde vamos?

Franzo o sobrolho.

— Não estás a sugerir irmos viver para um carro, pois não?

Ele encolhe os ombros e não responde. Como que lendo os seus pensamentos, formulo um raciocínio:

— Arrendamos um apartamento ou vamos para casa de uns amigos, para um abrigo, sei lá... Agora, viver no carro? Nós os quatro?! Como é que seria a logística disso?

— Não sei, estava só a pensar. Pelo menos, teríamos um meio de transporte.

— Mas para onde iríamos? Não é como se nos deixassem andar por aí a dormir na rua dentro de um carro! A GNR anda atenta a essas coisas.

— Era só uma hipótese.

Engulo em seco, fitando-o com os olhos abertos, tensos, a começarem a ficar turvos com a névoa de incerteza. Parte de mim acredita que esta não é uma hipótese. Mas, no fundo, sabemos que é uma probabilidade.

— Para isso, tínhamos ficado com a carrinha... — deixo escapar.

— A sério? Vais culpar-me *agora* por tê-la vendido?

Cruzo os braços e encosto-me na cadeira. Olho para baixo, fitando o vazio.

— Só estou a dizer que, se fosse para vivermos nalgum carro, a *pão de forma* teria sido muito melhor. Pelo menos, tínhamos mais espaço e podíamos dormir lá todos.

— Então, mas, se estivéssemos no carro, teríamos os supermercados e as estações de serviço.

Fito-o, incrédula. Levo as mãos ao meu cabelo e levanto-o no ar.

— *Okay*, estou a exagerar. Mas que alternativas temos? — pergunta ele. — Não é como se os nossos amigos nos aceitassem em casa deles. Somos quatro e eles moram em apartamentos minúsculos.

Reflico sobre o assunto. Ele tem razão. Alguns deles têm filhos, como nós, o que seria uma verdadeira confusão. E não é como se pudéssemos ajudar grande coisa ao nível financeiro. Aqui, temos uma vivenda de dois andares com três quartos e duas casas de banho.

— E se tentássemos a casa dos teus pais? — sugere.

A pergunta cai-me como um meteorito. Arregalo os olhos.

— Não. A casa dos meus pais não.

É demasiado doloroso lembrar-me da casa dos meus pais, ou dos meus pais em geral. Para eles, eu sou uma filha ingrata, já que não os visito com tanta frequência. Mas eles parecem esquecer-se do sofrimento a que me submeteram ao

longo da minha infância e adolescência.

— Temos outras opções? — O Duarte desperta-me dos pensamentos enevoados para os quais fui transportada. — São a família mais próxima.

— Claro — escarneço. — E tudo porque os teus pais não estão cá!

Sei que parece que os acuso, mas não compreendo mesmo o gesto deles.

— Acho que é válido o meu pai querer voltar para o Brasil. Nasceu lá, afinal. Por mim e pela minha mãe, escolheu viver em Portugal, mas... — bebe um gole da cerveja — estava na hora de regressarem.

Abano a cabeça. Não porque estou zangada, mas antes desiludida. Adoro os pais do Duarte, e esperava que eles cá estivessem para verem os netos crescerem e apoiá-los. E, para ser franca, porque os via como os pais que nunca tive — atenciosos, justos e carinhosos.

— Eu sei, mas eles não poderiam ter deixado uma casa cá em Portugal?

Ele encolhe os ombros.

— Não os censuro por quererem recomeçar noutro país.

— Só estou a dizer que eles podiam ter pensado em ti e nos miúdos um bocadinho. — Endireito-me na cadeira, sentindo a tensão nos músculos do pescoço. — Não achas estranho eles largarem tudo o que têm cá, todas as raízes, e partirem para o Brasil sem expectativa de regresso?

O meu marido engole em seco. Sei que ele não se costuma questionar sobre as decisões dos pais, porque os ama e respeita. Mas esta situação é insuportável, e custa-me ver que as coisas se encaminham por uma estrada turbulenta.

— Não vale a pena focarmo-nos no que não podemos controlar. — Ouço nas palavras dele o que a minha sogra costuma dizer. — Se vamos pensar numa solução, temos de considerar as opções que temos. E, neste momento, ir para casa dos teus pais é a única solução.

Encosto-me de novo na cadeira, derrotada. Este não pode ser o nosso futuro. Não. Por favor.

Olho de novo para a televisão, que mostra gráficos do decréscimo do PIB em Portugal.

— Também não é boa ideia ficarmos aqui, Matilde. As rendas estão caríssimas. — Ele olha-me com o rosto contorcido de preocupação. — Se a situação continuar como está, não vamos conseguir arrendar uma casa ou um apartamento e viver com dignidade.

— E pensas que mudar de sítio vai resolver a situação? — A minha voz sai trémula.

Ele olha para a mesa, e depois para mim:

— Onde os teus pais vivem, tenho a certeza de que as rendas são muito mais acessíveis. Eu sei que é difícil, amor, mas temos de pensar no Vicente e na Constança.

É sempre neles que penso. É por isso que não os posso levar para lá. Por dentro, sinto o desconforto alastrar-se como veneno. Engulo os nós que se

formaram na garganta ao imaginar o nosso futuro. O ácido do estômago revolve-se, e sinto que vou vomitar a qualquer momento.

A mudança vai ser tão dura para a minha filha... É demasiado doloroso pensar sequer nisso.

Não posso permitir que nada de mal aconteça à minha família. Tenho de pôr o orgulho de lado. Mas, para isso, terei de voltar a ver os meus pais. Regressar à minha casa de infância. Regressar às memórias dolorosas e ao lugar onde cresci com tanta vontade de dali fugir.

Nunca temi tanto o futuro como agora.

A noite pode ser a minha maior inimiga. Sei que devia tentar descansar, repousar depois da montanha-russa emocional que estes últimos meses trouxeram. Mas a possibilidade de regressar à terra onde nasci e cresci atormenta-me. O meu coração lança-se num pânico incontrollável, acelerado. O calor impede-me de dormir. Sufoca-me.

Não quero imaginar-nos a perder tudo o que aqui temos em Lisboa. Para quê tentar construir uma vida se a vamos perder?

O meu corpo ressen-te-se. As dores alastram-se por cada centímetro debaixo da minha pele. Não consigo batalhar contra a força da ansiedade.

Levanto-me e abro o motor de busca do telemóvel. Decido não ir para o escritório para não fazer barulho no corredor e acordar os miúdos. Visito os *sites* de compra, venda e arrendamento de imóveis e pesquiso.

Pesquiso até os meus olhos arderem perante a luz azul do ecrã.

Os preços dos apartamentos — e nem falemos dos das casas — são absurdos. Tudo acima dos valores que conseguimos pagar, neste momento. Mas não perco a esperança e continuo a procurar. Tem de haver um sítio onde possamos ficar. Tudo menos ter de voltar à terra onde cresci e que tantas más memórias me traz.

Percorro as páginas das diferentes imobiliárias. Abro vários anúncios e espreito as condições. Todos me partem o coração — ou os apartamentos são inacessíveis para nós, ou situam-se em bairros barulhentos, perto de estações de comboio. A Constança não iria suportar isto.

Não quero sequer imaginar perdermos todo o apoio que ela tem aqui, com os técnicos do Jardim. Quem mais a conhece como eles, além de nós?

O coração afunda-se no meu peito. Como é que as coisas chegaram a este ponto?

Como *deixámos* as coisas chegarem a este ponto?

As dores na barriga não me deixam adormecer. Pouso a mão sobre ela, sobre a camisa de dormir de cetim, mas não melhora. Fecho os olhos e concentro-me na dor que não cessa, que se alastra até me fazer revirar os olhos, de tão forte que é. Inspiro devagar, expiro profundamente. Ao meu lado, o Duarte dorme,

imperturbável.

Respiro fundo outra vez, e outra, e outra. A intensidade da dor cresce, não mirra. Fito o teto às escuras, a exaustão a apoderar-se de mim. Não consigo adormecer.

Não quando temo o dia de amanhã. Não quando temo receber mais más notícias, como se estas já não chegassem.

Levanto-me e caminho até à casa de banho do nosso quarto. Ligo a luz. Curvo-me sobre a minha barriga, a dor a intensificar-se cada vez mais, a torcer-me por dentro.

Apoio-me no lavatório com uma mão. O mármore frio distrai-me, mas não o suficiente. Sobem arrepios pela minha espinha. Curvo-me cada vez mais. Solto um gemido controlado, para não acordar o Duarte ou os miúdos. Expelir a dor alivia-me por brevíssimos instantes, mas a necessidade de gritar impõe-se, insolente. Não quero fazê-lo por nada.

Solto mais um gemido, desta vez mais alto, mais prolongado. Fecho os olhos lacrimejados com força, até ver escuridão. Respiro fundo a seguir. Inspiro ar pelo nariz, devagar, como se trazer ar para os meus pulmões fosse suficiente.

A dor agiganta-se, e eu solto um grito gutural, sofrido. Sinto algo viscoso descer-me pelas pernas depressa. Reabro os olhos num ímpeto. A minha respiração torna-se sincopada, instável. Respiro demasiado rápido, tão rápido que sinto o meu cérebro ficar mais leve, frio.

— Não! Não, não, não...

Ouç o Duarte abrir a porta de rompante.

— O que é que aconteceu?

É tudo o que consigo ouvir. As palavras dele misturam-se, tornam-se menos nítidas, como vozes num hospital à distância. Ele ajuda-me a sentar-me no chão frio enquanto liga para alguém. Será para o INEM?

Percorro com as mãos o sangue a escorrer-me pelas pernas, que manchou a camisa de dormir de um vermelho aterrador. Desmancho-me num pranto, os soluços ecoam pela casa de banho.

O meu bebé... Meu Deus, o meu bebé...

O peito pesa-me como se tivesse engolido chumbo. Como se estivesse a ficar sem ar, porque é isso que sinto. Sinto-me a mergulhar nas profundezas de algo que desconheço, a ser engolida, puxada para o fundo.

O toque do Duarte, que me encosta a si, impede-me de aterrar com um baque no fundo. Não consigo dizer nada.

— Não me disseste que... — Ele não consegue terminar a frase.

Não lhe consigo responder. Arrasto-me, lentamente, para fora desta realidade. A dor é demasiado forte para lidar com ela neste momento. A tontura é inevitável, vejo tudo à roda.

Só quando os paramédicos me ajudam a levantar é que recupero o fôlego e vejo com mais nitidez, um regresso violento à realidade que não quero ver.

Que não quero viver.
Só quero começar tudo de novo.

Capítulo 15

Aconteceu tudo demasiado depressa. Desde o telefonema do senhorio até à saída da casa de Lisboa passou um mês. Os últimos quatro meses, desde que deixei de ter trabalho, foram uma névoa densa, como algodão doce, mas amarga como lima. Esvaziar a casa à pressa, vender a mobília também à pressa — sabendo que estávamos a receber por ela às vezes sete e oito vezes menos do que nos custara —, o dinheiro a escassear a cada consulta do extrato, por mais que evitássemos despesas, tudo se mistura na minha memória como se tivesse acontecido ontem. O subsídio de desemprego do Duarte ainda não chegou, a empresa dele parece estar a tardar a concluir os processos de despedimento, o que nos deixa à beira do precipício. Só o meu pequeno subsídio de desemprego nos salvou de uma tragédia de abandono e fome.

Só tivemos a oportunidade de abater a dívida de um cartão de crédito, pagando-o na totalidade, e assim aliviámos uma despesa antiga. Este ato concedeu-nos alguma liberdade por momentos. Mas tudo foi sol de pouca dura, porque, logo a seguir, voltámos ao sufoco. Ainda continuamos a ter demasiadas despesas, não aguentaríamos nem mais um mês em Lisboa. Não sei como chegámos aqui, a este abismo. Fecho os olhos e respiro fundo, na esperança de, quando os abrir, descobrir que é tudo mentira.

Mas abro os olhos e vejo a mesma estrada nacional, rodeada de campos vastos, áridos.

Ardentes.

Tenho a boca seca de tanto reviver as más memórias que terei de enfrentar.

Ainda temos mais uma hora de viagem, pelo menos. O ar cálido de inícios de julho que entra pela janela é desconfortável, sufocante, até. Atrás, no carro, os miúdos dormem, e o Duarte concentra-se na estrada. Horas antes, ele teve

praticamente de me arrastar para o banco do pendura. Não estava pronta para me despedir da nossa vida em Lisboa. Do nosso refúgio, da nossa liberdade.

O que nos espera é um inferno.

— Como te sentes? — pergunta-me o Duarte, dedicando-me um olhar preocupado.

A pergunta é estúpida, e ele sabe-o. Bem como sabe a resposta. Nos últimos meses, as nossas conversas não têm feito muito sentido. Em certa medida, sinto que cedo a tudo o que ele acha melhor. Talvez ele tenha razão e eu já não consiga raciocinar de forma coerente. Desde que perdi o bebé e... bem, desde que esta cascata de azares começou, não tenho raciocinado com lógica. E ainda não consigo falar com o Duarte sobre o bebé. É uma fenda que se agiganta, exposta; que arde e fere.

No início do ano, pensava que podia contratar uma pessoa para me ajudar no trabalho, talvez uma assistente. Sempre sonhei em ter uma equipa especializada em *design* de interiores, e que pudéssemos ser uma referência em Portugal.

Mas este sonho desvaneceu-se mais rápido do que previ.

Esta crise veio para nos complicar a vida.

Para nos destruir os sonhos.

Para nos afastar de tudo o que conhecemos. Da vida que sonhámos.

E o mais irónico é que sucumbimos ao calor na estrada que nos leva a um lugar que tão bem conheço.

A tensão no meu maxilar deve ser evidente, porque o Duarte desvia o olhar para mim e tenta decifrar o que sinto.

— Não vai ser assim tão mau — diz ele. — Quem sabe se não vais gostar de voltar à tua casa de infância?

Abano a cabeça.

— Tu não sabes o que eu passei. Não conheces bem os meus pais. Eles parecem ser uma coisa, mas são outra.

— Acho que estás a exagerar.

Olho-o nos olhos.

— Verás.

Assim que pisamos o solo ardente de Reguengos de Monsaraz, contemplo o muro de pedra, pintado de branco, da frente, que delinea a quinta — ou, como lhe chamam aqui, o monte — dos meus pais. No interior, o caminho em pedra com relva no meio estende-se por quase cem metros até à vivenda impecavelmente preservada. Ao nosso redor, uma extensão de terreno árido típico do Alentejo, o canto ecoante das cigarras, as ondas de calor que comparam este lugar a um deserto. As garças que sobrevoam o território, graciosas, à distância.

Podia achar tudo isto belíssimo. Podia encontrar o encanto do isolamento.

Mas, em vez disso, este lugar dá-me arrepios.

Deixamos o carro estacionado no exterior, a alguns metros de distância do portão. Enquanto o Duarte ajuda o Vicente a sair, eu retiro a Constança da cadeirinha. Ela geme, ainda está a dormir, e não sabe para onde viemos. Sinto uma pancada no estômago ao prever a sua reação quando descobrir que não estamos em casa.

Que não vamos voltar para casa.

— Constancinha... — digo, e mostro-lhe um cartão PECS com o desenho de uma casa — vamos a casa dos avós.

Ela estremunha, ensonada, e não parece feliz.

Troco um olhar preocupado com o Duarte, e dirigimo-nos até ao portão. O Vicente, de mão dada com o pai, salta entre as ervas secas, o castigo do calor excessivo. Ele sorri, como se achasse que esta aventura será temporária. Para ele, esta é só uma visita aos avós. Tentei explicar-lhe que será uma visita mais prolongada, que estamos a viver tempos estranhos, mas ele não pareceu compreender.

Abro o portão, e o trinco emite um estalido metálico. Com a cabeça da Constança encostada ao meu ombro, envergando um vestidinho azul e branco de algodão, o seu preferido, inspiro para ganhar coragem para ver os meus pais outra vez. A tarde corre, já passa das cinco, e eu esforço-me por controlar a minha respiração.

Ao fundo, vejo uma porta abrir-se. Dela, espreita a minha mãe, que parece ter envelhecido dez anos. Não sei se devido ao sol que apanhou ou à notícia de nos receber aos quatro na sua casa.

Subimos os dois degraus até ao alpendre da vivenda. Parece ter sido pintada há pouco tempo, a tinta branca reforçada e os contornos azuis mais brilhantes do que os vi da última vez.

Há um ano.

De repente, sou assaltada pelo pensamento de que sou uma má filha.

— *Entã*. — A palavra da minha mãe, carregada de sotaque alentejano, não soa como uma pergunta, mas como uma afirmação mortíça e conformada. Pela forma como o seu sorriso se curva para baixo, diria que não está muito satisfeita por nos ver.

Nem eu a ela.

— Porque é que o menino vem com estas roupas tão *esquisitas*? — entoa esta última palavra com desprezo. Aponta para o Vicente com um trejeito na boca, vendo-o com *T-shirt* e calções. — Não lhe soubeste vestir as camisas que eu lhe dei, e que ainda lhe servem, com certeza?

Uma coisa é certa: a minha mãe nunca nos ofereceu roupas para os meninos para o momento presente, mas a contar já com os anos seguintes, sabendo que não os voltaria a ver tão cedo.

— Eu trouxe as roupas que a mãe lhe ofereceu, esteja descansada.

— Hum — escarnece. — E a *meninã*, está a dormir? — passa a mão rechonchuda pelas costas da Constança.

— Está. Ela precisa da sesta dela.

Cumprimenta o Vicente, o Duarte a seguir, e só a mim no final. Inclino-me para trocarmos dois beijos na face. O odor a camomila que emana de si, das suas roupas, contrasta com a frieza do seu toque. Parte de mim tinha esquecido — talvez intencionalmente — o quão escasso é o afeto da minha mãe.

— Anda lá, o teu pai está na sala.

Entramos ao mesmo tempo. A casa preserva o odor que sempre teve — uma mistura de frutas frescas, ervas secas e amargura. Muitas pessoas não a sabem sentir, mas eu conheço-a bem. Essa amargura surge sob o perfume do meu pai.

— Já vieram? — O meu pai olha para nós do sofá. — Pensava que iam chegar mais cedo. Se soubesse, tinha ficado a jogar à sueca com o Manel mais tempo.

E ali está — a nota de desilusão no meu pai, sempre que nos vê. Ele levanta-se a custo e aproxima-se de nós. Cumprimenta-nos um a um, e parece feliz por ver o Vicente, que exclama: «Avô!» e o vai abraçar, mas não ao resto de nós.

— Estava complicada, a vida lá para Lisboa, não estava? — desvia o olhar para mim e arqueia as sobrancelhas. — Eu bem que te tentei aconselhar, mas tu não me deste ouvidos. Nunca deste. — Encolhe os ombros e solta um riso abafado.

Engulo as palavras que são catapultadas para a minha garganta, prontas a explodir. Em vez disso, olho para o chão de cerâmica para ganhar coragem e, depois, para os seus olhos:

— Obrigada, pai, por nos receber e acolher na sua casa.

Entro no meu quarto de infância. Deitei a Constança no quarto das visitas, que ela vai partilhar daqui em diante com o Vicente, e o Duarte ficou com ela enquanto o meu filho foi com os avós passear pelo monte. Pela janela, vejo-os caminhar por entre os sobreiros e as oliveiras centenárias. Depois da receção pouco calorosa dos meus pais, preciso de um momento sozinha. E é ao entrar neste quarto, de novo, que recordo de imediato o porquê de ter fugido daqui. De tudo isto.

Não fugi num sentido literal. Mas, mesmo que o tivesse feito, não sei até que ponto os meus pais me procurariam. Saí daqui mal terminei o secundário. Depois de dezoito anos de um ambiente que hoje reconheço ter sido tóxico, precisei de me afastar. Não aguentava mais.

Passo os dedos sobre a escrivaninha de madeira antiga, que pertenceu à minha avó, aquela onde desenhei os primeiros espaços decorados com vasos de vidro, plantas das mais variadas espécies, e com tapetes brancos ou de cores

pastéis. Na altura, já tinha o bichinho do *design* de interiores. Foi graças a esta paixão que decidi ir para a universidade, em Lisboa, estudar Design e, mais tarde, especializar-me em Design de Interiores.

A minha ânsia de sair daqui era tal que, mesmo sem saber se tinha sido aceite na Universidade, já andava a ver apartamentos para arrendar na capital. Na altura, ainda se podia ter acesso a apartamentos a um preço razoável. Não importava quão pequenos fossem, eu precisava de sair daqui o quanto antes. Precisava da minha liberdade.

E precisava dela com urgência.

O quarto permanece imaculado — nada mudou, desde a cama já velha e gasta, mas com um edredão que a faz parecer sólida, até aos cortinados de um cor-de-rosa ténue. Muito eu gostava de cor-de-rosa.

Consigo pensar em mil maneiras de decorar este espaço. Dou por mim a sorrir perante o meu gosto inocente. Eram outros tempos, os meus pais eram — e ainda são — conservadores, e não têm noção da influência do *design* nas nossas vidas, de como pode mudar o nosso estado de espírito e trazer-nos leveza ao deixar um espaço respirar.

Trago-me de volta à realidade. Estou de volta a casa. Ainda estou a tentar processar o que raio aconteceu. Olho pela janela, para a imensidão de terreno que se estende por um hectare. As memórias afloram à pele, fazem-me estremecer. O calor sufoca-me e, no entanto, temo os próximos meses como quem teme uma tempestade de neve.

Não sei o que se seguirá, mas não adivinho bons tempos.

Capítulo 16

— Estás magra, não te tens andado a alimentar como deve ser?

A pergunta apanha-me de surpresa. Ajudo a minha mãe a preparar o jantar. Continuo a cortar as cebolas para a sopa, com os olhos a arder.

— Porque é que diz isso?

Sou daquelas pessoas que, ao contrário das minhas amigas, trata os pais por *você*. Sempre mo exigiram. Diziam-me que tratar os pais por *tu* era uma rebaldaria e que mostrava desrespeito pelos ascendentes.

— Tu eras gordinha, Matilde. — Ela não contém um sorriso trocista. — Agora, estás mais elegante. Mas não precisas de emagrecer assim tanto, senão o teu marido não tem por onde agarrar.

Arqueio as sobrancelhas ao olhar para a minha mãe. Já me tinha esquecido de como os seus insultos podem vir mascarados de elogios.

Deito a cebola cortada para dentro da panela grande. Agora, somos seis, o jantar vai ter de dar para todos.

— Eu não era assim tão gordinha como a mãe diz. — Corto a cenoura desta vez. — Claro que engordei quando engravidei do Vicente e, mais tarde, da Constança, mas, depois, voltei ao meu peso normal.

— Engordaste tanto porque não te alimentavas como devias. Lá para Lisboa, só comem porcarias.

Ainda não estou há quatro horas nesta casa e já quero fugir outra vez.

Preparamos o jantar em silêncio. Não quero incentivar estas conversas com a minha mãe. Já sei que vou ter de engolir muitos sapos nos próximos tempos, mas quero preservar a minha sanidade mental durante o máximo de tempo possível.

Sim, é verdade que perdi peso nos últimos tempos. Quando a vida nos lixa da maneira como lixou, como aguentamos a ansiedade revolvida em ácido?

Servimos o comer. O meu pai já está sentado à cabeça da mesa na sala de jantar — o senhor Álvaro, como é conhecido por estes lados, tem um semblante carregado, sério, e aguarda que a comida lhe seja servida no prato pela dona Benedita, a minha mãe.

Álvaro e Benedita, a equação A+B que não conjuga com o M do meu nome, como se eu aqui não pertencesse. Sentamo-nos todos à mesa retangular de madeira coberta por uma toalha branca e amarela, a Constança ao meu lado, em silêncio absoluto, a olhar para a mesa, tão estranha para ela. Passo-lhe a mão pelos caracóis, e espero que ela se sinta feliz aqui. O Vicente parece animado.

— O que é a comida? — pergunta ele à avó.

— Sopa de feijão e hortaliça.

— Hum, gosto!

— Vicente, os meninos não falam enquanto não comerem a comida toda — adverte o avô, num tom sério.

— Porquê?

O meu pai, que sorve uma colher de sopa, para e mira o neto.

— Porque é assim o bom comportamento.

Vejo o meu filho encolher-se por baixo da *T-shirt* do Timão e do Pumba, de *O Rei Leão*. Era este o tom do meu pai que eu também temia, e que me fazia estremecer quando ele levantava a voz.

O Duarte massaja as costas do Vicente e lança um olhar de soslaio ao meu pai. Agora, ele começa a perceber o porquê de eu não querer vir para aqui.

— Então, o que é que correu mal? — pergunta o meu pai.

Para o senhor Álvaro, a regra é que as crianças ficam em silêncio, enquanto os adultos podem falar. Nos jantares de família que se faziam em casa, eu e os meus primos afastados não podíamos conversar. Por isso, trocávamos olhares e fazíamos caretas. Tentávamos não desatar às gargalhadas, ou o meu pai passava-se. Soltava um grito, como um rugido, que fazia o chão tremer.

Todos se abrigam no silêncio, e eu sinto a pressão de dizer alguma coisa. Mas, antes que eu possa falar, o Duarte aventura-se:

— Não escapámos à crise, senhor Álvaro. Está mau para toda a gente. Infelizmente, eu perdi o meu emprego como tantas outras pessoas. Éramos seis na minha equipa, eles dispensaram três. — Encolhe os ombros. — As coisas começaram a apertar, e os clientes começaram a desistir dos projetos.

Levo uma colher de sopa à boca. O meu céu da boca arde como se estivesse em chamas, mas prefiro submeter-me à dor do que ter esta conversa. O Duarte já deu detalhes a mais para o meu pai analisar.

— Em que é que tu trabalhavas? — O meu pai semicerra os olhos. — Não me lembro do nome.

— Trabalhava numa agência de *marketing* e publicidade.

— Publicidade?! — desdenha o meu pai. — Onde é que isso é uma profissão? Andar aí a enganar as pessoas... — escarnece.

— Não, senhor Álvaro, não é nada disso. Eu elaboro planos para projetos...

— Querem que vá buscar mais pão? — interrompo, porque não quero ver o Duarte a afundar-se e cometer o mesmo erro que eu, ao tentar explicar-se e justificar-se a um homem que nunca vai compreender o que é *marketing*.

— Então, não vês que temos aqui suficiente? — A minha mãe olha para mim como se a tivesse ofendido. — Senta-te e come!

Obedeço. Trinco a língua para não dizer mais nada até sentir o sabor metálico a sangue.

— Com tantas profissões dignas, foste escolher uma que... — O meu pai abana a cabeça em desagrado. — Podias ter sido médico, engenheiro, enfermeiro, mas foste escolher uma coisa que não tem jeito nenhum.

Vejo o Duarte observar o meu pai com curiosidade. O sobrolho franzido denuncia a incredulidade perante aqueles comentários. Os pais dele têm a mente mais aberta, e sempre o incentivaram a estudar e a trabalhar na área de que ele mais gostasse.

Mas os meus pais não são assim.

— O *marketing* é uma área como todas as outras.

O senhor Álvaro solta uma gargalhada seca.

— Se fosses enfermeiro, vocês não estariam aqui! Não vês nas notícias que precisam tanto deles nos hospitais? Mas tu não tens estudos, e eles não vão aceitar qualquer pessoa para o cargo. — Faz uma pausa breve, assustadora. — É por isso que vocês estão nesta situação.

— Pai, não é bem assim. — As palavras saltam-me da boca. — Como nós, está muita gente.

— Pois, não é como se tu tivesses feito melhores escolhas, menina. Escolheste estudar *design*. — Profere esta última palavra com desdém. — Vocês só escolhem essas profissões com nomes estrangeiros.

— São trabalhos como todos os outros — rujo.

— Mas então e a casa? — pergunta a minha mãe. — Ficaram sem ela?

— Ficámos sem a casa, mamã? — O Vicente intervém, o rosto dele envolto em preocupação.

Na altura, disse-lhe que talvez um dia pudéssemos regressar à moradia onde vivíamos. Erro crasso.

Abro a boca, mas não digo nada.

— Não te disse que tens de comer antes de falares, menino? — adverte o meu pai, sempre atento.

— Podemos ter esta conversa noutra altura? — A minha voz está enrolada em nós de tensão.

Vejo os meus pais encolherem os ombros ao mesmo tempo, e a continuarem a comer como se nada se tivesse passado. Olho para o lado esquerdo, onde o meu marido incentiva a nossa filha a comer sem grande ânimo. Contenho a vontade de chorar. Há muito tempo que não éramos humilhados assim.

Tenho a Constança ao colo. No quarto das visitas, tento adormecê-la depois de lhe ter dado banho. Estranho o seu silêncio, mas o cervo de brincar tem-lhe feito companhia. Conforta-a.

O quarto é o mais escuro da casa, a janela é mais pequena do que a dos outros quartos. Ouço o Vicente a conversar com a avó. Está a ajudá-la a arrumar a cozinha, como eu o ensinei. Pelo menos, isso não me podem apontar. Educo os meus filhos da melhor maneira que consigo. Pelo menos, tenho a consciência de ser uma melhor mãe para eles do que os meus pais foram para mim.

O Duarte liga a luz de presença da Constança a uma tomada. Não diz nada há demasiado tempo. Sei que está a pensar na conversa do jantar.

— Desculpa a postura do meu pai — digo, quase num sussurro. — Ele é antiquado, sabe lá o que é *marketing*!

Ele desemala as roupas dos miúdos e arruma-as no armário com movimentos lentos. Sei que está relutante em fazê-lo. Se ficassemos por pouco tempo, deixaríamos as roupas nas malas de viagem. Mas pendurá-las em cabides no armário significa que a nossa estadia será mais prolongada.

Mais permanente.

— Eu só não percebo porque é que o teu pai teve de comparar o *marketing* à enfermagem. São áreas tão diferentes. — Ele senta-se a meu lado na cama, onde embalo a pequena para dormir. — Claro que os enfermeiros são essenciais, não digo o contrário, mas...

— Eu sei. — Pouso a minha mão sobre a dele. — Não precisas de te justificar. Todas as profissões são necessárias. Acho que, se lhe tivesses dito que eras *youtuber*, então aí é que ele se passava mesmo.

O Duarte solta um riso abafado. Neste momento, é o mais perto que consigo de um sorriso.

— Ele é sempre assim?

Suspiro, e aceno com a cabeça.

— E tu tiveste de crescer a ouvir estas coisas?

Embalo a Constança e fito um ponto no vazio, algures entre os detalhes da madeira de pinho do armário. O meu silêncio dá a resposta por mim.

Ele suspira e une as mãos. Brinca com os dedos, e procura formular a pergunta com cuidado:

— Achas que ela se vai adaptar?

Inspiro, como que para ganhar forças. Deixo o silêncio desta casa espalhar-se. Como um cancro.

— Não faço ideia. Mas temos de criar um espaço seguro para ela aqui.

O Duarte assente. Passa-nos pela mente a mesma questão: o que vão pensar os meus pais? Antiquados como eles são, como é que vão tratar uma menina não

verbal diagnosticada com uma perturbação da qual eles nunca ouviram falar?

— Logo veremos. — Respondo à pergunta que nos paira na cabeça — Só quero é que ela se sinta bem aqui.

— Acho que vamos ter de mudar mentalidades. — O Duarte olha para mim.

Adoro a esperança do meu marido. É uma das coisas de que mais adoro nele. Mas não sei se, neste ninho de ignorância, alguma vez faremos a diferença.

Capítulo 17

Eu e o Duarte deitamo-nos na minha cama de infância estreita. O seu corpo quente junto ao meu, bem perto, é familiar, mas as luzes de enfeitar penduradas nas paredes cor-de-rosa trazem-me de volta a outros tempos. É como se as duas realidades não conjugassem.

— É estranho, não é? — Olho para ele, encontrando os seus olhos verdes.

— É... Pensei que o teu pai me ia obrigar a dormir noutro quarto.

Não contengo uma gargalhada.

— Somos casados. Mas, se não fôssemos, podes ter a certeza de que ele nos separava.

— Mesmo que tenhamos dois filhos em conjunto?

— Hum hum — troço. — O senhor Álvaro é um velho antiquado do Alentejo. O que é que esperavas?

O Duarte sorri. Olha em volta, tal como eu. Nenhum de nós consegue dormir. Ainda hoje chegámos e já está a ser demais. Mas este quarto, pelo menos, ainda é o meu refúgio.

— Vamos ter de matricular o Vicente numa escola aqui. — A voz do Duarte é um fio, uma constatação da realidade.

De cada vez que penso neste assunto, ele torna-se cada vez mais definitivo. Mais duradouro. Será que ele vai sequer gostar da escola aqui? Tenho receio de que ele não se adapte. Por outro lado, não temos alternativa: não temos para onde ir, e emigrar não é uma boa opção agora.

— Achas que ele vai ficar triste?

— O Vicente? — O Duarte olha para mim e vê-me assentir. Depois, desvia o olhar para o teto, com os braços cruzados atrás da cabeça, que repousa nas palmas das mãos. — Acho que vai ter saudades dos amigos da outra escola. Mas não

pode perder o ritmo.

— Tens razão. É só que... aqui, é tudo tão diferente. Ele não vai ter amigos internacionais, e isso preocupa-me. Eu gostava que, na turma dele, ele tivesse meninos e meninas de outros países... a Myriam, o Samir e o Diego. Aqui, ele não vai aprender a respeitar a diversidade porque não está exposto a ela.

— Quem sabe, aqui também não vá encontrar amigos diferentes. Acho que o Vicente se vai sair muito bem nesse sentido. Ele é um miúdo empático, e tu já viste como ele é com a irmã.

Nos últimos tempos, os manos têm-se dado melhor. Neste momento, o Vicente é a única pessoa que a Constança permite que mexa nos brinquedos dela e que a ajuda a fazer as suas sequências. Além da Olívia... que deixa tantas saudades.

— Ele é um bom miúdo — sorrio. — Mas preocupo-me com a Constança. Acho que a vão olhar de lado por ela ser uma menina diferente.

— Talvez. Mas estamos a fazer o nosso melhor. — Segura-me as mãos, estamos diante um do outro, olhos nos olhos, as cabeças repousadas nas almofadas, nesta cama apertada para um casal. — Somos uma equipa, não somos?

Mordo o lábio inferior e assinto. Há dezassete anos, quando ainda morava nesta casa, sentia-me só, desamparada. Mas hoje tenho um marido espetacular que não me deixa atravessar estes obstáculos sozinha. Ele tem razão: somos uma equipa.

Beijo-o nos lábios, e apagamos as luzes. Tardamos a adormecer no silêncio perturbador desta casa, mas mal posso esperar pela manhã seguinte para dizer a mim mesma que superei um dia neste lugar outra vez.

— Toca a levantar! — A voz rouca e grave do meu pai ecoa pelos corredores.

Ouço bater à porta, e levanto-me de um salto. O Duarte não acorda logo, apenas franze o sobrolho e mexe os olhos por baixo das pálpebras. Mas eu não. Pareço uma menina assustada que sabe que precisa de obedecer às ordens do pai, senão ficará de castigo.

Já me esquecia do quão quente este quarto no piso de cima fica de manhã. O sol ameaça entrar pela janela e derreter tudo, não fossem as portadas e a cortina translúcida prevenirem a sua entrada. Apesar do calor, visto um robe e saio do quarto para ir à casa de banho tomar um duche.

— Ainda nem te vestiste? — Encontro a minha mãe no corredor. — Anda lá, despacha-te e despacha os miúdos. Sabes que o teu pai não gosta de preguiçosos cá em casa!

— Bom dia, mãe. — Ainda sinto o meu coração a saltitar. — Sim, vou preparar-me. Já vou cuidar dos meninos, esteja descansada.

O duche é rápido e refrescante. Não consegui dormir grande coisa ontem à noite. Tenho dificuldade em dormir em camas diferentes da que estou habituada. É como se o meu colchão de infância tivesse enrijecido com a minha ausência. Ou então porque já estava habituada à cama que tínhamos na outra casa.

A que perdemos.

Preparo-me tão rápido quanto se estivesse atrasada para dar uma formação. Acordo o Duarte, que se levanta a custo, sonolento, e desço as escadas para o quarto das crianças. Só quando me dirijo para lá é que me lembro de que é domingo, e estranho o porquê de o meu pai querer que acordemos tão cedo.

— Bom dia, meus bonequinhos. — Quando sorrio, sinto a pressão nas pálpebras dos olhos.

— Bom dia. — O Vicente esfrega os olhos e senta-se na cama.

A Constança emite gemidos ansiosos, de quem não quer acordar. Afago-lhe o cabelo porque sei que a acalma.

— A mana dormiu bem? — pergunto ao meu filho.

— Ela acordou durante a noite, mas eu li-lhe a história dos três porquinhos e ela voltou a adormecer.

Um dos poucos livros que trouxemos da nossa vida em Lisboa. Sorrio. Tenho um filho maravilhoso. Vem-me à mente a conversa que tive ontem com o Duarte sobre o facto de o nosso menino ser empático. O meu sonho é que os meus filhos sejam o completo oposto dos meus pais: carinhosos, empáticos, altruístas. Eu sei que os valores das pessoas boas as levam ao sucesso na vida.

Ajudo a Constança a vestir-se, enquanto o Vicente se veste na casa de banho. Ultimamente, tem preferido vestir-se lá. Só espero que não esteja lá o meu pai ou a minha mãe.

— Vamos comer? — pergunto à minha filha, mostrando-lhe o cartão PECS com o desenho do pequeno-almoço. Ouço uma vocalização mais animada, dirigida ao boneco que tem na mão, um pónei azul — um outro brinquedo que trouxemos da vida na capital —, e espero que ela tenha compreendido o que lhe disse. Gosto de acreditar que sim.

O Duarte já desceu, depois do seu duche. Quando me acerco dele, o odor do seu desodorizante de *spray* invade-me as narinas, e inspiro o ar por mais tempo. Adoro a frescura que emana do corpo do meu marido.

A mesa, já posta, surpreende-me. Pão de centeio, pão de sementes, *croissants* simples e outros de chocolate, compota, sumo de laranja, água, leite e café repousam sob a luz de um dia de sol.

— Uau, *croissants* de chocolate! — exclama o Vicente, alcançando um com a sua mãozinha.

Por toda a casa, o aroma a café entranha-se nas paredes. Pelo menos, é um aroma familiar e bem-vindo.

— Bom dia, dorminhocos! — O avô Álvaro olha para nós e indica-nos com a cabeça para nos sentarmos. — Vá, comam qualquer coisa antes de sairmos.

Pestanejo.

— Vamos a algum lado?

Ele corta um pedaço de pão com a mão.

— Então, não sabes que hoje é domingo, menina? É dia de ir à missa.

As roupas apumadas, impecáveis, dos meus pais. A pele bem cuidada, a barba aparada do meu pai, o perfume e os brincos da minha mãe. De repente, regresso à minha antiga vida. Aos domingos em que tinha de vestir uma camisa apertada até ao pescoço, que quase me sufocava, e ouvia o padre dizer coisas com as quais nunca me identificava.

— Hum, nós não... nós não vamos à missa, pai. Mas vão vocês, nós ficamos a cuidar da casa.

— Não, senhor! — A voz do meu pai é severa o suficiente para me fazer estremecer. — Nesta casa, vamos todos à missa.

— Mas nós não íamos à missa quando morávamos em Lisboa.

A minha mãe deixa descair o queixo.

— Tal desrespeito para com o Senhor! Eu *nã* te eduquei assim, Matilde.

Coço a testa e troco um olhar com o Duarte, tão confuso quanto eu. Não queremos ir à igreja.

— Nós não somos católicos, mãe.

— Fica-te tão mal dizer isso, Matilde. — A minha mãe diz cada palavra pausadamente, abanando a cabeça em desaprovação. — O que é que as pessoas vão dizer se vocês não aparecerem? Que tenho uma família ingrata? Foi por isso que não batizaste os meninos? Não, senhor, vocês vêm e está decidido!

— Mas, dona Benedita, ainda não arrumámos as coisas dos meninos — diz o Duarte. — Queremos tratar disso hoje.

— Vamos cá ficar mais tempo? — O Vicente franze o sobrolho — Mãe, mas não era só um fim de semana?

— Não falas até terminares de comer, menino! — adverte o avô Álvaro, e o meu filho encolhe-se e continua a comer sem um pio. Se os miúdos não estivessem presentes, acho que mandaria o meu pai dar uma curva. Contudo, se o fizer agora, irá levantar-se uma discussão. Mas o que diz a seguir faz-me estremecer: — Estão na minha casa, seguem as minhas regras.

Levanta-se uma estranha poeira de silêncio. Procuro o conforto nesta ausência de palavras trocadas, mas o tom austero do senhor Álvaro ainda ecoa nas paredes e regressa aos meus ouvidos em ricochete.

Contenho um suspiro. Já nos imagino aos seis dentro da igreja, as pessoas metedizas a ouvirem um padre que não percebe nada da vida a apregoar ensinamentos de um livro mais velho do que todos nós. O cenário é insuportável.

— A seguir a comerem, têm de ir vestir roupas bonitas — sussurra-me a minha mãe, ao meu lado. — Não vais assim, pois não? E diz ao teu marido para pôr um fato, porque parece que vai para o ginásio.

— Está bem, mãe. — Desta vez, suspiro.

A comida, que eu sei ser deliciosa, perdeu parte do sabor com a novidade desagradável comunicada pelos meus pais. É por isso que eles queriam que acordássemos mais cedo.

Vou enlouquecer aqui.

O padre fala para um microfone, e a sua voz ecoa pela nave da igreja. O Duarte e eu estamos sentados com a Constança no meio. Esta atividade não faz parte da rotina, pelo que a introduzi à pressa aos termos «missa» e «igreja». O Vicente senta-se ao lado do pai, com uma fatiota bonita que lhe comprámos para irmos ao casamento de uma amiga dos tempos da faculdade. Tem o cabelo penteado com risco ao lado, como a minha mãe queria.

A Constança enverga um vestidinho branco de renda, e tem um gancho com um laçarote a combinar no cabelo. O branco dá-lhe um ar angelical, embora ela já o seja. Brinca com o pónei azul que tinha esta manhã.

Os meus pais escutam o padre, atentos, mas a minha mente navega por vários pensamentos, sem que eu possa controlá-los. Não consigo afastar a ideia de que devia tentar recuperar o meu negócio. A maior parte das pessoas passou a fazer cursos *online*. Talvez agora as pessoas queiram aprender a tornar os seus espaços mais agradáveis sem saírem de casa e sem que para isso precisem de fazer grandes obras.

A ideia para um curso de decoração de interiores começa a germinar na minha mente, com módulos, aulas gravadas e manuais com os materiais mais indicados para cada espaço. Começo a pensar em plataformas para divulgar, na ajuda que o Duarte me pode dar para chegar a mais pessoas. Este pensamento é interrompido pelas vocalizações da Constança, que atraem a atenção das pessoas, voltando-se para trás.

— Constança, aqui temos de estar em silêncio, está bem? — sussurro, mostrando-lhe um cartão PECS com o desenho de uma criança com o dedo indicador à frente dos lábios, mas logo ecoa o som do canto de uma mulher desafinada à frente de um microfone.

A seguir ao canto, levanta-se o som crescente e intenso do órgão, que preenche a nave da igreja. A Constança leva as mãos aos ouvidos e solta um grito mais alto do que o canto da mulher. Sinto os olhos de toda a gente espetados em nós, até o dos meus pais. A música continua. A minha filha começa a chorar, o som demasiado pesado e alto para ela.

— Já passou, princesa. — Pego-a ao colo. O Duarte oferece-se para ir lá para fora com ela, mas eu vou.

— Desculpe. — murmuro às pessoas por quem tenho de passar, inclusive aos meus pais, enquanto embalo nos braços uma menina em sofrimento que grita tão alto como alguém a tocar saxofone com todo o seu fôlego.

— Que vergonha... — Ouço o meu pai rosnar.

Sáímos para o pequeno jardim da igreja, para um sol que ameaça queimar-nos. Embalo a minha filha, o meu coração destroçado pelo quão aflitivos os seus gritos são. Não imagino o que seja para ela ouvir aqueles sons tão elevados — creio que a sua audição é tão sensível quanto a de um cão, apurada.

Eu sabia que não era boa ideia irmos à missa. Mas os meus pais insistiram, e a teimosia deles resulta sempre mal. Algumas pessoas que passam na rua observam-nos, de sobrolho franzido, mas eu escolho ignorá-las. Quem mais importa é a minha filha.

Após quinze longos minutos, a Constança acalma-se. Aproveito esta oportunidade para falar com ela:

— Como te sentiste lá dentro, querida?

Estamos a introduzi-la à expressão de emoções. Mostro-lhe vários cartões PECS com ilustrações de emoções no cimento das escadas. Ela olha para eles, a vocalizar. Escolhe um, «Assustada», e mostra-mo.

— Obrigada por me dizeres, pequenina. — Massajo-lhe o topo da cabeça. — Era um som muito alto, não era?

A missa termina, meia hora mais tarde. Nas escadas, brincamos as duas com o pónei de borracha. Vejo as pessoas saírem pelas portas de madeira. Algumas aproximam-se de nós.

— Oh, coitadinha, ela não costuma ir à missa, pois não? — O tom da senhora na casa dos setenta, que eu julgo conhecer da minha adolescência, não esconde uma acusação.

— É uma menina muito linda — elogia uma outra senhora, mais nova. — Quando eles são pequeninos, nos primeiros tempos, é difícil, mas depois habituam-se. O meu neto também era assim.

O seu neto também tem autismo? É o que me apetece perguntar-lhe, mas receio que a pergunta me saia demasiado sarcástica e que a verdade se revele simples: que é um menino que não gosta de gastar o seu domingo de manhã numa missa aborrecida.

O Duarte e o Vicente aproximam-se. As senhoras cumprimentam-nos com um *bom dia* e vão-se embora. Respiro de alívio por não se intrometerem mais.

— Desculpa, eu quis vir cá fora, mas a tua mãe não me deixou. — O Duarte parece frustrado. Depois, sussurra: — Acreditas que ela estava com vergonha da Constança?

— Não me admirava.

Ele escarnece, desiludido com a avó Benedita. Sabe que os seus pais nunca agiriam desta maneira. Caramba, os meus sogros nunca nos obrigariam a ir a uma missa!

— Vamos para casa — declaro, com uma nota de exaustão na voz. — Não aguento nem mais um minuto aqui.

Aqui, nesta igreja. Aqui, no lugar que me queimou a infância.

Capítulo 18

Mas o que tem essa miúda? — É a primeira coisa que o meu pai pergunta assim que abre a porta do seu *Range Rover* verde de 1992.

Não gosto da forma como ele acentua *essa* — como se a Constança não fosse neta dele. Ainda estou magoada com a forma como eles olharam para ela na igreja, pasmados, a acusação implícita de que não sei educar a minha filha.

Vimos em carros diferentes. De tudo o que perdemos, pelo menos preservámos parte da nossa independência.

— Ela só não gosta do barulho alto, pai.

— Onde é que já se viu? Uma menina com cinco anos que não se sabe comportar?! Ainda se tivesse um anito ou dois, mas com cinco?

Aquelas palavras magoam como se ele me estivesse a apertar o braço até deixar nódoas negras. Como já fez.

— Umas boas açoitadas no rabo ajudam. — Atira a minha mãe, com uma nota de fúria. — Se fosse eu a criá-la, ui! Acabava já com essas birras.

Nem quero imaginar. Se a minha Constança fosse educada pela dona Benedita, temia por ela. Tão dura que ela é, ia deixar a minha filha profundamente infeliz. Com avalanches de traumas para a vida toda.

Os meus pais marcham até à porta, enquanto eu me deixo ficar para trás. Vejo o Vicente correr atrás dos avós, e o Duarte a manter-se a meu lado.

— Os teus pais têm cá uma mentalidade... — escarnece.

— Eu não quero que a Constança ouça estas coisas. Ela pode não falar, mas percebe. Uma criança sabe quando não é amada.

— Pois sabe. — Ele estende-lhe a mão, e a menina aperta-a. Caminha lado a lado com o pai. — A Constança é a menina mais preciosa do mundo!

O episódio de hoje não foi bonito, e adivinho dias piores. Gostava que os

meus pais compreendessem a Constança na sua diferença e que, sobretudo, a respeitassem.

Quando entramos em casa, a minha mãe chama-me:

— Matilde, anda ajudar-me a fazer o almoço.

Troco um olhar com o meu marido, e nele peço-lhe para não sair de perto da Constança ou do Vicente. Não quero que o avô Álvaro lhes meta ideias tolas na cabeça.

Mantenho-me em silêncio enquanto descasco as batatas para o guisado. Esta era a refeição que comíamos sempre aos domingos — guisado de frango no forno. Era das poucas coisas que me fazia feliz enquanto cá vivia.

— O senhor padre fala tão *bém*... — O tom espetivado e satisfeito da minha mãe surpreende-me. — O outro que lá estava era muito monótono a falar, mas este parece que nos fala aos corações.

— A falar dele assim, até parece que gosta dele. — Rio-me, mas logo o meu rosto se fecha perante o olhar acusatório da dona Benedita.

— A falar dessa maneira de um homem da fé, que se dedica ao Senhor, hás de ir parar ao inferno, Matilde. Deus mo perdoe!

— Estava só a brincar.

Ela suspira enquanto prepara o molho para a carne.

— A missa foi muito bonita. — Faz uma pausa. — Podia ter sido melhor...

Identifico a insinuação, e contenho um palavrão que me quer saltar da boca. Os meus pais não compreendem ou não querem compreender que a neta é diferente dos outros meninos.

— Ó filha, tu tens mesmo de educar melhor a menina. — Fala-me num tom baixo, educativo, para que não nos ouçam. — Ela já está quase na idade de ir para a escola, tens de a preparar para isso. A Constancinha a fazer birras daquela maneira, até... até parece mal!

Suspiro.

— Mãe, a Constança é uma menina diferente.

— Mas diferente como?

— Ela tem uma perturbação. Já lho tinha explicado.

— Mas o que é uma perturbação? — Desta vez, repousa as mãos sobre a bancada e fita-me com os seus olhos castanhos profundos, os cabelos grisalhos e curtos a emoldurarem-lhe a face. — É daqueles problemas da cabeça?

— Sim, é mais ou menos isso.

— Então, a Constancinha não é boa da cabeça?

Destroça-me que ela o diga desta maneira.

— Mãe — O meu tom sai mais ríspido do que eu queria —, a Constança é uma menina diferente, mas tem sentimentos. Como nós. Ela pode não gostar de barulhos muito altos nem de olhar-nos nos olhos, mas é a menina mais doce que eu conheço. — A voz trémula denuncia-me. — É a minha filha, mãe, e a forma como você a trata faz-me crer que não gosta dela.

A minha mãe franze o sobrolho e abre a boca em espanto.

— Não é nada disso! Eu só quero que a miúda se porte melhor! Não há cura para essa... *perturbação*, como tu dizes? — Pestaneja e gesticula com a mão, para se tentar explicar.

— Não. — Fecho os olhos. — Mas, antes da crise, ela fazia terapia com uma psicóloga em Lisboa. E estava a ajudar.

Mais algo tão importante que perdemos: o apoio do Jardim. É claro que se ofereceram para fazermos sessões à distância, mas não serão com a mesma frequência. Não temos como pagar tantas sessões.

— Mas a miúda não fala! Como é que está a ajudar? Ela tem cinco anos e nem diz *mamã*!

— Isso é porque ela é não verbal. Há miúdos com a perturbação dela que não conseguem falar. Quando ela recebeu o diagnóstico aos três anos, a psicóloga disse que ela tanto poderia vir a falar, como não. É uma incógnita, mas ela comunica connosco com os cartões.

A minha mãe traça os lábios numa linha. Reconheço nela uma nota de compaixão ao me ver neste estado. Talvez ela agora perceba o quanto a condição da minha filha me faz sofrer e temer o futuro.

— Bem, é uma pena. Mas o que é que se pode fazer? — A minha mãe volta a tratar do molho. — Tenho é medo que seja uma menina infeliz. Sem falar, sem poder fazer amigos...

Sinto que me estão a espetar um punhal e a enterrá-lo mais fundo na carne. A minha mãe atira para o ar todas as minhas preocupações, todos os cenários que me fazem ficar acordada à noite e me martirizam sobre como será a vida da minha filha quando eu morrer.

— A Constança é feliz à sua maneira — digo, embora mais para mim do que para concluir a conversa. Corto as batatas e concentro-me na tarefa apenas para não sentir a dor imensa que é imaginar o futuro da minha filha.

Caminho pelo monte dos meus pais. O calor da tarde de julho convida a uma sesta, e é curioso saber que é isso mesmo que toda a gente em casa está a fazer.

As ondas de calor espriam-se pelo horizonte, e a sombra dos sobreiros é bem-vinda. Com estas temperaturas, apetecia-me relaxar na praia, mas essa está longe quanto tudo o resto nesta terra. Nem fomos à praia este ano.

Este foi o verão mais triste de sempre. Podíamos ter pegado no carro e ido à praia, mas estávamos a conter as despesas de deslocação. E demasiado em baixo para desfrutar de um tempo de pausa forçado.

Pergunto-me por quanto tempo é que esta crise nos vai destruir a vida. Já tive de abdicar de tanto — da ajuda da Olívia nas nossas vidas, da casa em Lisboa, da

carrinha, do meu trabalho, da minha liberdade... O que virá a seguir? Espero que não me retirem mais nada. Não sei se aguentarei.

Quando nos tiram tudo, cabe-nos criar soluções. É isso que faço no meu bloco de notas de folhas lisas: esboço aquele que será um curso *online*. Desde que tive a ideia na missa, na outra semana, que tenho desenvolvido mais ideias para este curso.

Começo a anotar os módulos: materiais, tintas, os essenciais de cada espaço, luz natural e como aproveitá-la. As aulas começam a ganhar forma na minha mente, até que me ocorre um problema. Onde é que vou gravar este curso? Lanço um olhar à casa dos meus pais, longe de ser um bom exemplo de *design* de interiores. Apesar da sala ampla, a decoração antiquada não a favorece, além de que as paredes colecionam quadros de prémios das empresas dos meus pais, ofuscando tudo o resto.

Olho em volta. O calor distrai-me. Talvez devesse voltar para dentro de casa. Mas a imagem dos meus pais a verem o que estou a fazer e a lançar outra das suas farpas em relação às minhas ideias demove-me. As cigarras cantam por entre as ervas secas dançantes, transportando-me para uma versão feliz deste lugar, onde as garças abrem as asas no azul do céu.

— Andas por aqui?

Volto-me com brusquidão, e dou por mim a apertar o bloco de notas com mais força do que o habitual. O seu tom parece amigável, mas ainda tenho o instinto de tremer sempre que me apanha desprevenida. Como se estivesse a fazer algo de mal.

— Pai. Não o vi.

— Estás a escrever? — Ele olha para mim com o olho semicerrado por o sol lhe bater na cara. Tem a boina castanha que costuma usar sobre a cabeça, e a camisa branca folgada e aberta na zona do pescoço.

Encolho os ombros.

— Estava só aqui a magiciar umas ideias.

— Para o trabalho?

— Sim, mais ou menos.

— É bom que arranjes uma solução depressa, menina, porque vocês meteram-se numa grande embrulhada. A vida é para ser levada a sério! Não é para se andar para cá e para lá com tudo às costas!

Suspiro.

— E o pai pensa que eu não sei disso? Se estivéssemos bem, não estaríamos aqui, não é?

Ele absorve a resposta durante largos instantes. Em nosso redor, as folhas dos sobreiros esvoaçam ao sabor de uma brisa cálida.

— Podias ter arranjado trabalho aqui, filha. Podias ter dado continuidade ao nosso negócio e produzias azeite aqui na terra. Tens capacidades para gerir empresas. Também tinhas ali uma herdade para produzires vinho, se quisesse, tu

é que escolhias! Era tudo nosso, e ficava bem passar-te o negócio. Não é assim que os negócios de família funcionam? — Olha-me como se tivesse toda a razão do mundo. — E tinhas ali a escola primária, onde podias dar aulas, ou trabalhar na padaria da Alice!

Pestanejo. Os pensamentos que me atravessam a mente são muito preconceituosos, e nem eu gosto da rapidez com que julgo estas profissões.

— O pai sabe que eu sempre quis ser mais do que padeira ou professora.

— Pois! — bufa. — És ambiciosa! E vê lá onde isso te levou.

Sinto a ponta afiada do comentário entranhar-se-me na garganta. É difícil explicar aos meus pais que queria sair daqui, desta terriola, e ir à procura de condições melhores para me desenvolver enquanto profissional.

— Pai, isto está mal para todos. Eu não fui a única afetada.

Ele parece não ter ouvido o meu comentário e continua a divagar:

— *Designer*... Onde é que o mundo nos trouxe...? Com tanta profissão, logo tinham de se pôr a inventar outras! Cambada de idiotas.

— Pai! — pigarreio, porque a minha voz falha. — Já não vivemos nos anos oitenta!

Ele abana a cabeça.

— Tu querias ir-te embora. — Une as mãos atrás das costas, contemplando a extensão do monte, as linhas que se estendem ao horizonte. — Nunca quiseste saber disto. Nem de nós.

— O pai sabe que isso não é verdade — digo as palavras com pouca convicção, porque nem eu sei se acredito. — Eu queria estudar Design, e não havia nenhuma universidade aqui onde eu pudesse tirar esse curso. O que era suposto eu fazer?

— Ficar! — O seu tom de voz sobe. — Ajudar os teus pais. Não tínhamos um negócio que fazia tanto dinheiro? Tens consciência de quantas pessoas saem todos os anos da nossa terra? E depois admiram-se que as escolas fechem! Tu podias ter-te casado aqui com aquele rapazinho com quem namoravas, mas escolheste ir para Lisboa e casar com aquele moço, que nem estofo para trabalhar tem!

Inspiro e expiro, olhando para o lado. Concentro-me no canto das cigarras para organizar melhor o que quero dizer ao meu pai. Ele não tem ideia do quão injusto está a ser. Algum dia verá o meu lado?

Não. Isso seria pedir muito, está visto.

— O pai alguma vez se perguntou porque é que as pessoas saem daqui?

Ele olha para mim, de sobranceira arqueada.

— Sei. É porque acham que são melhores que os outros e porque sonham com o que a cidade lhes pode dar. É tudo uma ilusão, Matilde, ainda não percebeste?

— Como é que o pai pode pensar dessa maneira? — Cruzo os braços, o bloco de notas encostado ao meu flanco. — Alguma vez esteve em Lisboa? Já

esteve lá, connosco, e viu tudo o que havia. Os acessos são excelentes, há universidades perto, escolas, comércio, tudo! Aqui, se o pai não tiver carro, está tramado.

— E aqui não temos tudo o que precisamos? — Ele abre os braços, abarcando o «todo» com eles.

— Pai, eu não estou a dizer que aqui não temos tudo o que precisamos, mas eu queria mais. Adoro a minha terra, mas, sim, fui uma dessas pessoas que sonhava com a cidade e queria ver o que ela tinha para me oferecer. E sim, conheci o meu marido na cidade, e ele é um homem trabalhador. E sim, quis manter-me lá porque quis dar aos meus filhos as oportunidades que nunca tive aqui.

Eu sei que isto vai doer ao meu pai como se eu lhe estivesse a espetar uma forquilha na barriga saliente, mas ele tem de ouvir o meu lado.

O senhor Álvaro abana a cabeça.

— Ainda vives nessa ilusão, Matilde... — O seu tom desce, desiludido. — Ainda achas que a cidade te pode dar todas essas coisas boas que nós, aqui, não temos. Mas olha para a tua vida agora. — Faz uma pausa antes de jorrar tudo sem piedade: — Tinhas uma casa, um carro, até compraste uma *pão de forma*, que a tua mãe contou-me, e agora? Perdeste isso tudo. Estás em casa dos teus pais, de regresso à vida que tinhas antes, e com uma família para sustentar. Qual é o teu plano?

As lágrimas enchem-me os olhos, e não me consigo mexer. Mordo o lábio inferior para não soltar um berro, o pânico que se forma dentro de mim como uma bola de fogo.

O meu pai afasta-se. Abandona-me neste estado deplorável, em que tudo o que desejo é desaparecer. A *Volkswagen T2* regressa à minha memória, a minha oportunidade para escapar à realidade e criar memórias magníficas — memórias que substituam estas e todas as outras que acumulei de uma infância e adolescência infelizes.

O meu plano? Voltar a fugir daqui. Este lugar vai matar-me.

Capítulo 19

Sento-me no chão do quarto dos miúdos com a Constança a aprender novos vocábulos. Como sempre, recorremos ao sistema PECS. Podemos já não contar com o apoio do Jardim, mas precisamos de continuar a fazer progressos na comunicação.

Os dias estendem-se numa repetição sem sentido. É difícil distinguir a passagem do tempo quando o calor nos tolda a visão e o julgamento. Dia após dia, semana após semana, o Duarte e eu procuramos trabalho, assim como mantemos a nossa rotina com os miúdos. Isto é muito difícil para nós, mas não tem de o ser para eles. Manter a normalidade possível é o único caminho. Mas nada nos parece normal. Nada nos parece possível. Nada nos parece caminho.

A Constança estende-me um cartão com um copo cheio de água, eu mostro-lho, para que ela veja o que pediu, e estendo-lhe o copo com água. Ela bebe-o com vontade. Não admira. Não está habituada a este calor.

As coisas mais simples, como pedir comida e os seus brinquedos, ela já aprendeu. Quero partir para a fase seguinte, em que ela começa a completar frases.

— Constança: Eu quero — aponto — os legos.

Mostro como se monta a frase na fita de velcro do *kit*. Ela apenas precisa de colar os cartões «Eu quero» e «legos» em sequência na fita. Mas parece distraída. Vocaliza de forma ansiosa. Não quer cooperar. Sinto que este lugar lhe é tão estranho que ela não se sente à vontade para ser quem é. E isso destroça-me. Por outro lado, se lhe escutasse o coraçãozinho, saberia o que sente. Não o sei precisar, mas algo me diz que ela sente falta da nossa vida antiga. E que estes avós, que mais o são no papel, não a aceitam na sua individualidade.

É incrível a força que as expectativas dos outros têm sobre nós.

— Constança — volto a chamar, mas ela não está interessada. Abre a boca para respirar, e leva a mão à gola do vestido para arejar.

Como eu a compreendo. Tentaremos mais tarde.

— Mãe... — O Vicente arrasta-se para dentro do quarto, ombros e braços descaídos — Estou aborrecido.

— Aborrecido?

— Sim. Aqui, não há nada para fazer!

A minha mãe, que passa no corredor, ouve a conversa e não se coíbe de intervir:

— Se estás aborrecido, eu tenho um trabalhinho para ti.

— Um trabalho?

— Sim, pois! És crescido o suficiente para ires ajudar o avô a limpar a garagem.

Ele deixa cair a cabeça para trás.

— Está muito calor, avó. Não quero ir lá para fora.

A dona Benedita olha-o, a abanar a cabeça com desprezo:

— Vocês, hoje em dia, têm tudo muito facilitado. Quando eu era menina, como tu, já andava a trabalhar com os meus pais. *Nã* se pode ser criança para sempre!

— Ó mãe, deixe-o lá. Ele está de férias. Deixe-o aproveitar.

— Ai, ai... — escarnece ela, e volta-se, para se ir embora. Ainda assim, ouvimo-la dizer: — É por estas e por outras que, depois, eles ficam preguiçosos!

Velhos costumes. E velhas mentalidades. É com isto que lidamos todos os dias. Não vejo o fim a esta saga de sapos engolidos.

O meu filho deita um olhar curioso ao *kit* de PECS e para a sequência das palavras.

— Olha, Constança — chama ele, e mostra um cartão: — «Eu quero» «legos». Só precisas de colar aqui na fita. Vês?

A menina olha para a fita com interesse. Mostra os dentinhos num sorriso amoroso, e pega na mão do irmão para que ele aponte para os cartões e diga as palavras em voz alta. E ele diz:

— Eu quero... legos!

Ela ri-se. Pede-lhe para repetir, pegando-lhe de novo na mão. Observo-os, sem dizer nada, deixando o quarto dos miúdos encher-se de palavras e de gargalhadas. Um som encantador que contrasta com a aura austera que se entranha nas paredes da casa.

Ao fim de várias repetições, a Constança pega nos cartões e mostra-os ao irmão. Ele lê o primeiro:

— «Eu quero»... — lê ele o primeiro cartão, e vê a irmã a colá-lo na fita. Depois, ela pega no segundo cartão, e ele lê: — «legos!»

A Constança cola o segundo cartão na sequência e bate palminhas. Nós aplaudimo-la, e lemos a frase mais uma vez, em conjunto, para ela a aprender.

Depois, abraço os meus filhos.

Mesmo num lugar diferente, que tanta sanidade nos retira, a Constança consegue fazer progressos. E o meu filho continua a ser um miúdo extraordinário. Eles nunca deixam de me surpreender. E inspirar.

— Vicente! — Ouço o meu pai chamar e, pelo sim, pelo não, vou ver o que se passa.

Corre uma manhã de terça-feira como as outras: lenta, quente e infundável. Nas últimas semanas, todos os dias se têm parecido.

— Sim, avô? — pergunta, da casa de banho de porta aberta, o meu filho, cheio de pasta de dentes na boca e a torneira a correr.

Finjo que ajeito as flores na jarra do corredor, atenta, à distância.

— Olha-me *bê*m para o que estás a fazer. Aqui, no Alentejo, temos de poupar água, menino, que isto não é lá como na cidade!

Estranho. O Vicente nunca se esquece de fechar a torneira. Por isso, fecha-a à pressa e baixa a cabeça.

— Desculpa, avô...

Aproximo-me e peço, no tom mais baixo que consigo:

— Pai, por favor, fale com mais cuidado com eles.

— E eu não falo com cuidado? — Ao contrário de mim, ele não baixa o tom.

— Eu e o Duarte tentamos falar com os meninos com calma.

O meu pai escarnece, e ironiza:

— Pois! Bem se vê que eles são bem-educados.

— Pai...

— Alguém tem de lhes dar educação, Matilde! Já reparaste como a tua filha faz aqueles sons estranhos, como se estivesse a falar sozinha? Nem é bem falar sozinha, que ela não fala, mas é esquisito! Tens de lhe explicar que, quando é para estar calada, é para estar calada, ponto!

Fecho os olhos por instantes e inspiro devagar.

— Pai, falar mais alto com os miúdos não os faz aprender mais depressa.

— Na minha casa, as minhas regras — declara, com as narinas dilatadas e apontando o dedo indicador na minha direção.

Posto isto, abandona o corredor, não sem antes endereçar um olhar *educativo* ao Vicente.

Cresci com este tom. Tornei-me pessoa, de algum modo, com ele. E sobrevivi. Mas não quero, por nada, que os meus filhos sintam o que eu senti.

— O que estás a fazer, Vicente? — pergunto, à porta da casa de banho, ao ver um finíssimo fio de água correr da torneira enquanto ele lava a boca.

— O avô disse que eu não podia gastar água, porque não há água para toda a gente no Alentejo. Ele já me tinha dito, eu é que me esqueci. Estúpido. — E bate

com a mão na cabeça.

— Não te chames isso — seguro o rosto dele nas minhas mãos, olhos de mãe nos olhos do filho que está a dar o seu melhor em tudo.

— Nunca faço nada bem...

— Meu amor, tu fazes tudo bem. — Beijo-lhe a cabeça, encostando-o a mim, e murmuro: — Fazes tudo tão bem. Tão bem...

Os malditos ensinamentos do meu pai entraram na cabeça do neto. Aos poucos, vejo os meus filhos transformarem-se em pessoas frágeis, peças de cristal ao comando de dois capitães que, com gritos, destroem aos poucos tudo o que com tanto carinho criámos.

E tudo numa questão de semanas.

— Já recebeste alguma resposta? — pergunto ao Duarte.

— Ainda não.

Suspiramos ao mesmo tempo. As candidaturas de trabalho que temos enviado e entregue em mãos desde que nos mudámos para aqui não têm tido retorno. Sentimo-nos ignorados pelos empregadores.

No exterior, os miúdos brincam pelo monte, cobertos de protetor solar. Exploram a propriedade dos meus pais neste final de tarde que oferece ondas de calor infundáveis, às vezes difíceis de aguentar. Pelo menos, contactam com a Natureza. Os mosquitos voam em bandos, sem ruído. Se não fosse pelos risos das crianças, sentir-me-ia oca, sufocada nesta absoluta ausência de som.

— Pode ser por ser agosto — tento justificar.

— Sim...

Sentimo-nos tão desorientados — não sei se pelo calor, se pela mentalidade conservadora dos meus pais, ou por ambos — que não conseguimos pensar com clareza. Pelo menos, não quando o nosso corpo quer ceder à vontade de mergulhar em gelo, dispondo-se a nada mais.

— Também não ajuda que muitos destes negócios por aqui sejam de família — explica o Duarte, minutos depois. — Eles não vão, simplesmente, contratar gente de fora. Tenho andado à procura, a falar com as pessoas, à procura de cartazes nas montras.

— Mas, ao menos, tentamos. Nunca se sabe. Podemos não ter experiência em cozinha ou em trabalhar numa papelaria, ou num restaurante, mas não custa tentar.

Blocos de minutos correm enquanto o Sol desce no horizonte. Quando queremos que o tempo passe mais depressa, ele trata de desacelerar. Sinto que estamos aqui há anos, quando só nos mudámos para casa dos meus pais há um mês. E, neste mês, tanto eu como o Duarte já fomos espetados com as ferroadas do senhor Álvaro e da dona Benedita centenas de vezes, em formas de

ensinamentos e regras.

— Valha-nos o subsídio — solto. — Mesmo que seja só um e não seja muito.

— Não há maneira de o meu subsídio chegar. Não sei o que se passa. Já falei com tantas pessoas que perdi a conta. Sinceramente, já não sei para onde me virar — admite, num tom derrotado. — Com todas as despesas que pagamos aos teus pais, as dívidas e as prestações, não nos sobra assim tanto — diz, dedicando uma pausa à reflexão. — Mas tudo o que conseguirmos juntar é bom. Quanto mais depressa conseguirmos amealhar poupanças, mais depressa saímos daqui e arrendamos uma casa.

Solto um riso abafado.

— Ao ritmo que as coisas estão, dificilmente vamos chegar a essas poupanças. Acho que esse é um plano otimista, mas ainda estamos longe de o alcançar.

Prendo o ar nos pulmões. Procuro concentrar-me no agora, no que podemos controlar. Um de nós tem de manter a esperança. Mas é difícil ver o fim à vista quando, aos poucos, a esperança nos é roubada.

Uma brisa leve — tão leve que não tenho a certeza de a ter visto — faz ondear as ervas secas altas. Não deixo de pensar em quão frágeis são. Em como se quebram com tanta facilidade, são arrancadas do chão onde vivem sem misericórdia e podem arder num segundo.

Como nós.

Capítulo 20

Levo o Vicente pela mão, o menino a saltitar sobre as pedras da calçada. O calor de agosto cria ondas por entre as casas brancas, algumas com contornos azuis, outros amarelos. Sempre gostei delas, e tentei procurar uma casa para mim que fosse semelhante a estas.

É das poucas boas memórias que guardo da minha terra.

De alguma forma, temos aguentado este último mês na casa dos meus pais. Não é um sonho, mas, neste momento, é tudo o que temos.

Passamos junto do parque, ainda corre a manhã. Daqui a pouco, teremos de nos abrigar em casa deste calor infernal. Vim sozinha com o Vicente, enquanto o Duarte fica com a Constança e procura trabalho. Um raro momento que podemos aproveitar juntos, sem a Constança pedir atenção.

Ouço crianças a brincarem, mas longe da cacofonia dos parques que os meus filhos frequentavam. Há muito menos miúdos, os que sobem aos escorregas e saltam gritinhos nos baloiços.

As folhas das árvores parecem estáticas, como pinturas. Nenhuma brisa sopra, e sinto o pescoço aquecer, o ar a tornar-se denso de respirar.

Reparo numa menina com cabelos escuros, lisos, e de olhos azuis indecifráveis. Sorri enquanto salta de margem em margem do pequeno riacho artificial que corre pelo parque.

Acerco-me dela, com o Vicente ainda pela mão e em pulgas para ir brincar também.

— Eu conheço-te — sorrio à menina, baixando-me ao nível dos seus olhos.
— Fazes-me lembrar alguém.

A menina olha-me, de olhos muito abertos, por certo receosa quanto a conversar comigo, uma estranha. Compreendo-a.

— Matilde? — chama uma voz diferente, mas familiar. Levanto os olhos e encontro os da minha velha amiga de infância.

— Tânia! — Abro os braços para a abraçar. Sorrimos as duas como miúdas, entre guinchos de surpresa.

— Há quanto tempo! — diz a minha amiga, o seu rosto oval emoldurado pelos cabelos lisos e escuros. Os mesmos olhos azuis que reconheci na menina. — Já conheceste a Maria Inês?

— Já. Vi logo que era tua filha.

— Vamos andando? — Um homem surge por detrás da Tânia e pousa a mão no ombro dela.

Reconheço-o de imediato: o cabelo forte e curto, perfeitamente alinhado. Os ombros largos por baixo da *T-shirt*. Parece o mesmo de há décadas.

Ele franze o sobrolho, sorrindo na minha direção.

— Matilde?

— Gustavo? — Solto uma gargalhada. — Bem me parecia que eras tu. Não mudaste nada!

Ele sorri de forma constrangida. As memórias assaltam-me e percebo de imediato o porquê. Vejo-o descer a mão para a cintura da Tânia.

— Papá, hoje fiz um avião de papel. — A menina de olhos azuis estende-o ao Gustavo.

Talvez não queira admitir o quanto esta situação me faz comichão. É natural que ele tenha seguido em frente. Talvez não esperasse que fosse com a minha grande amiga de infância.

A Tânia arqueia as sobrancelhas.

— Já deves ter percebido. — Ela sorri, e não consigo decifrar se o que sente é timidez ou constrangimento. — Eu... casei com o Gustavo.

— Fico feliz por vocês! Gostava era que me tivessem convidado para o casamento!

Eles riem, nervosos. Sinto uma pontada no coração ao aperceber-me de que, tal como as flores no inverno, as amizades murcham.

— O que te traz por cá? — pergunta a Tânia, cruzando os braços, mas mantendo o sorriso.

— Venho mostrar a minha terra a este menino. E a escola. — Olho para o meu filho, que não disse uma palavra perante estes estranhos. — Vicente, esta é a Tânia, uma amiga de infância da mamã — aponto para cada um —, o Gustavo, e a filha deles, a Maria Inês.

O Gustavo endereça-me um olhar indecifrável. Ou talvez seja eu que não o saiba interpretar: uma mistura de surpresa, curiosidade e, pela forma como franze o lábio, desprezo.

O Vicente levanta uma mão tímida e acena a toda a gente. Mas desvia o olhar curioso para a Maria Inês. Calculo que ele queira ir brincar com os meninos no parque.

— Que bom! Mas então isso quer dizer que... voltaste? — A Tânia deixa descair o queixo. — Não me digas! — leva as mãos à boca.

Rio. Esta é uma expressão tão sua!

— Mais ou menos — abano a cabeça. — Por uns tempos, pelo menos.

Ouço o Gustavo inspirar. Más notícias. Mal ele sabe que isto é pior para mim do que para ele.

— Que bom! Tens de passar lá por casa. Nós comprámos aquele terreno da Lucinda, que estava abandonado há anos.

— A... A sério? Aquele que tinha duas oliveiras centenárias?

— Sim! — leva a mão ao peito e fecha os olhos. — Transformámos aquele lugar num sonho.

Desta vez, o marido da Tânia coça a cabeça e começa a caminhar para longe de nós. Semicerro os olhos e contenho a respiração. Sinto o maxilar tenso, mas procuro concentrar-me no entusiasmo da minha amiga.

Neste momento, a viver em casa dos meus pais, é difícil não invejar aquela vida. Também eu já estive nessa fase do sonho. Mas mantenho o sorriso, porque, acima de tudo, estou feliz por rever a Tânia.

— Que bom. Temos de combinar um destes dias.

Despedimo-nos com um aceno — apenas eu e a Tânia, já que o Gustavo parece ter ficado demasiado surpreendido por me ver, e não de maneira positiva.

Deixo o Vicente brincar no parque durante vinte minutos, absorvendo a realidade e as surpresas que ela nos traz. E depois contemplo o meu filho a subir a aranha com a sua energia habitual e volto a respirar com calma. É incrível como as crianças conseguem ignorar temperaturas absurdas e momentos constrangedores para dar largas à sua imaginação e divertirem-se.

Não sei a que ponto da minha vida perdi essa inocência.

Depois de muita brincadeira, dirigimo-nos para a escola onde completei o meu ciclo primário e vemo-la de fora. O Vicente detém-se em frente aos portões:

— Eu não quero vir para esta escola, mamã. Porque é que não posso ir para a minha escola?

Agacho-me à altura dos seus olhos. É difícil explicar o que aconteceu a um menino de sete anos. Por isso, foco-me nos aspetos positivos:

— Vais adorar esta escola, Vicente. Foi onde a mamã andou. Estás a ver ali?

— Aponto para uma sala decorada com borboletas e caracóis, por entre as grades da cerca. — Ali, foi onde aprendi a escrever. E onde aprendi a contar um, dois, três! — Mostro o meu melhor sorriso, com os olhos a arder, a ameaçar lágrimas. — Vais fazer muitos amiguinhos aqui, meu amor. Como eu fiz.

Chegamos a casa duas horas depois. Encontro o meu pai sentado na poltrona de couro, a ler o jornal. A hora de almoço aproxima-se, e a minha mãe preparou

peixe assado no forno com batatas.

— Pai, sabe onde estão o Duarte e a Constança?

— Eles foram dar uma volta não sei até onde. Pergunta à tua mãe.

O Vicente corre até à sala para ver televisão, ligada mas sem ninguém a prestar-lhe atenção. No ecrã, passam notícias sobre a evolução da crise. Viro a cabeça. Já não aguento ouvir falar dessa maldita.

— Mãe? — chamo.

— Aqui! — exclama ela, e, pela direção do som, sei que vem do quarto dos miúdos.

Caminho até lá. O odor a peixe cozido espalha-se pela casa como uma gota de pigmento numa lata de tinta. Quando abro a porta do quarto, o meu coração gela.

— Mãe, o que é que fez? — A minha respiração adensa-se.

— Arrumei a porcaria dos brinquedos na caixa, foi o que fiz! — debruçada sobre o chão, ela levanta-se a custo. — Quase nem se podia cá entrar.

— Mãe, não. — Abano a cabeça, o pânico a pulsar-me nas veias. — Não, não, não, não. Onde é que estão as peças de lego? Onde?!

— Ai, filha, mas para que é que te enervas? Este quarto estava uma pocilga!

— A mãe não compreende... — Procuo as peças no balde dos brinquedos, e encontro-as. Começo a colocar as peças alinhadas umas atrás das outras, mas, no meu âmago, sei que a minha filha vai saber que não as ordenou assim.

Antes de eu colocar a oitava peça no chão, ouço passos apressados na direção do quarto. O meu coração dispara, louco, e tento alinhar o máximo de peças em fila que consigo.

Volto-me para trás. A Constança atira-se para o chão onde as peças antes estavam e solta um grito mais alto do que uma sirene. A avó leva as mãos aos ouvidos.

— O que é que ela tem? — grita a minha, mãe por cima dos berros da Constança.

Conforto a minha filha. Sentamo-nos as duas no chão, mostro-lhe as peças e como estou a criar as fileiras, como estavam, mas ela atira-as para longe.

O Duarte chega, com o Vicente atrás:

— O que é que se passou? — pergunta o meu marido.

— Eu sei lá! — A minha mãe tira as mãos dos ouvidos. — De repente, a miúda passou-se!

Passou-se. Claro que essa é a explicação da minha mãe.

— Está tudo bem, meu amor — conforto a Constança. — Vamos voltar a pôr os brinquedos onde quiseses, está bem?

Mas o choro e os berros continuam.

A Constança levanta-se e anda à volta do quarto, a esbracejar, ansiosa. Tento chegar perto dela, mas ela afasta-me. Cerra as mãozinhas em punhos e atinge a própria cabeça.

— Constança, não! — exclama o Duarte, num tom preocupado, e dirige-se até ela. Mas não sem antes ela bater em si própria uma outra vez.

Se há algo que me faz sofrer enquanto mãe, é ver a minha filha agredir-se a si mesma. A forma como se soca, a rapidez com que o faz. É como se não sentisse dor. Como se não quisesse saber do dano que faz a si mesma.

As lágrimas sobem-me aos olhos enquanto, em conjunto com o Duarte, tento travar a Constança. A força que esta miúda tem! Como é possível que, com cinco anos, tenha tanta força nos braços e nas pernas, e duplique o seu peso quando a tentamos levantar?

— Mas o que é que se passa aqui? — O meu pai levanta a voz ao chegar ao quarto.

Ele chega a tempo de me ver a mim e ao Duarte agarrar numa Constança que esperneia, grita e chora.

— Meu Deus, parece possuída, essa miúda! — exclama o meu pai, com o rosto contorcido de choque. — Vou chamar o senhor padre.

— Não vai nada, pai. — grito. — A Constança não está possuída. Por amor de Deus, como é que acredita nessas parvoíces? — Volto-me para a minha mãe, que tem o rosto franzido do choque ao ver a neta manifestar-se desta maneira. — Mãe? Por favor, não me vai dizer que acredita nestas coisas, pois não?

— Tu não vês que a miúda está possuída?! — O meu pai levanta a voz. — Ela não está em si! Quase revira os olhos de tanta agitação. *Nã* te lembras do nosso vizinho que se sacudia com força no chão, e ninguém o parava? Ele tornou-se violento, o diabrete! Teve de vir o padre fazer o exorcismo!

Rasgo o interior da bochecha, a raiva a sangrar na minha boca.

— Isso é porque o rapaz tinha epilepsia! Não eram espíritos, porra, era uma doença!

O Vicente, ao ver a cena, lança-se a defender a irmã:

— Avô, a Constança, às vezes, faz birras destas, mas depois passa.

— Está calado, rapaz, que não sabes do que falas! A tua irmã precisa de ser exorcizada. Os fantasmas possuíram-na.

— Os... fa... fantasmas? — balbucia o Vicente. A sua expressão de horror, na palidez do seu rosto, parte-me o coração.

— O padre tira a doença a essa miúda, também! — assegura a minha mãe.

— Não tira nada! — grito, até arranhar a minha garganta.

A Constança não se acalma. Triplica a força e, ao agitar os bracinhos, solta-se e começa a correr pela casa, a gritar com uma voz aguda. Passa pelos avós e pelo irmão a agredir-se. O meu pai não a deixa chegar a meio da sala e agarra-a pelos braços. Ergue-a ao nível dos olhos e sacode-a no ar. Com violência. Abana-a até lhe ouvirmos a respiração entrecortada.

— Constança! — grito, e vou atrás deles.

— Tira-lhe os demónios do corpo, Álvaro! — suplica a minha mãe. Palavras que cortam.

Tento alcançá-los, mas o meu pai afasta-se com a neta ao colo, a sacudi-la como uma toalha velha.

— Pai, pare! Vai magoá-la.

Nunca se devem sacudir os bebés quando choram. E nunca se devem sacudir crianças com perturbação do espectro do autismo em momentos de grande sofrimento.

Não chego a tempo. Os pulsos do senhor Álvaro tremem ao segurar na minha filha. Ao ver que ela não se acalma, estende-a no sofá.

A Constança volta a espernear-se. Ele tenta imobilizá-la, gritando:

— Malditos demónios, saiam!

— Largue-a! — grita meu marido, e agarra na camisa do meu pai com tanta força que a descose. Este empurra o Duarte para longe.

E a minha mãe a observar aquele espetáculo, à espera que o meu pai exorcize a menina.

A tentativa de imobilização não demove a Constança, com o rosto afogeuado de tanto chorar, e continua a espernear-se, a gritar.

A suplicar que parem.

O meu pai, com as faces vermelhas de raiva, olhos cegos, perde a cabeça. Lança a mão na direção do rosto dela. Uma bofetada ressoa na sala. De imediato, sinto um zumbido nos ouvidos, como se tivesse sido eu a agredida. Porque também fui. O meu pai afastou-me com uma cotovelada quando o tentei impedir.

A Constança deixa de respirar. Eu desato aos gritos. O Duarte empurra o meu pai para longe, com uma força animal. Este embate contra uma parede e a minha mãe corre a acudi-lo. Aproximo-me da minha filha, o sangue que escorre do seu nariz e da boca.

— Constança! — ajoelho-me ao lado dela no sofá, com as lágrimas a turvarem-me a vista. O seu rostinho parado, os olhos arregalados de pânico, fixos no teto, os lábios trémulos.

O sangue. Todo este sangue.

Ela volta a respirar, como se tivesse voltado à vida. Todo o seu corpo treme, em choque. Uma crueldade de assistir.

Atrás de mim, o Duarte grita com os meus pais. Só o consigo ouvir dizer:

— Afastem-se dela!

Limpo-lhe o sangue com os dedos e pego nela ao colo, enquanto lanço faíscas aos meus pais com os olhos, cegos ao ponto da sobrevivência. O meu pai começa a dirigir-se a nós, mas eu miro-o:

— Dê mais um passo e eu mato-o — asseguro, com os músculos prontos para o ataque.

Encosto a minha filha ao ombro e canto a canção *Sempre Aqui*, de *A Dama e o Vagabundo II: As aventuras de Banzé* baixinho junto do seu ouvido. O Duarte segura o Vicente pela mão, que assistiu a este espetáculo de terror, e marchamos

para o exterior.

Caminhamos em silêncio até ao carro. Não precisamos de dizer para onde vamos; sabemos apenas que precisamos de sair daqui. Não consigo tirar da mente o que o meu pai fez à própria neta. Só o pensamento torce-me por dentro.

Quando saímos do caminho de acesso em direção à estrada, sinto os meus músculos pressionarem o volante a ferver com demasiada força, os arrepios gelados sob a roupa que contrastam com o calor sufocante do Alentejo. O Duarte não diz nada, em choque como eu. A Constança continua a chorar, mas acredito que o irmão a tenta confortar. Não sei. Perdi a noção da realidade.

Só quero fugir desta casa de terror.

Capítulo 21

— O que vamos fazer? — O Duarte olha-me do lugar do pendura, despertando do torpor do choque.

Limpo os olhos. As lágrimas turvam-me o caminho e não me permitem ver para onde vou. Quem me dera não conhecer estes caminhos, estas estradas estreitas encurraladas entre os campos infinitos.

Lá atrás, os miúdos dormem. A Constança ainda tem sangue seco no nariz e da boca. O Vicente adormeceu devido ao choque. Eu bem vi como ele estremeceu depois de ver o avô bater na irmã.

— Não sei. Só me apetece fugir daqui.

O meu marido olha pela janela, ponderando a opção. Depois, desvia o olhar para o espelho retrovisor e contempla os meninos a dormir.

— Não podemos simplesmente desaparecer.

— Podíamos ir para uma pensão, para o hotel mais barato que encontrarmos, sei lá... — Procuvo soluções impulsivas na minha mente. — Eu lembro-me de que o senhor Simões tinha um estaleiro que já não usa.

— Um estaleiro, Matilde? E não temos dinheiro para nada disso.

— Temos o que nos sobrou do mês passado... Mesmo com a prestação do carro e as dívidas, temos margem, ainda que seja pequena.

O meu lábio inferior treme. Nunca tivemos de fazer contas desta maneira. Quando estamos em pânico, todas as soluções nos surgem, mas todas elas são ridículas. Neste momento, só queria poder regressar à casa que tínhamos em Lisboa. Talvez o senhorio não a tenha vendido ao seu sobrinho e ela esteja vazia, ao abandono.

A aguardar o nosso regresso.

— Eu não quero voltar para casa dos meus pais, Duarte. — Percorro as

estradas de alcatrão tórrido devagar, saio fora do perímetro de Reguengos de Monsaraz, ando às voltas, sem saber para onde ir. — É um pesadelo só ter de pensar nisso.

Ele suspira.

— Eu também não quero. Mas que alternativa nos resta?

Outra vez a questão das alternativas. Porque raio não podemos viver uma vida com um percurso normal, sem termos de pensar em planos B, C e D? Contudo, desta vez, tenho de dar a mão à palmatória. Penso em mil maneiras de fugirmos desta tormenta, e nenhuma delas é viável. É como se estivéssemos presos e a corrente passasse por nós, mergulhando-nos e afogando-nos. Não há como escapar.

— O meu pai consegue ser um homem tão cruel... — fungo. — Para quê? Ele não tinha necessidade nenhuma de fazer aquilo à Constança.

O rosto do Duarte endurece. Eu sei que as palavras se querem libertar, qual jato de água, mas ele arruma-as.

— Nunca pensei que ele fosse fazer uma coisa daquelas — continuo. — Se mo tivesse feito a mim, teria dóido, mas ver a menina sofrer daquela maneira é ainda mais aterrador.

— Eu quase o esmurrei. — O meu marido rasga o casulo do silêncio. — Quase que me lancei a ele. Mas não quis que vocês vissem o quanto eu queria matá-lo.

As palavras dele são duras, amarguradas. Nunca vi o meu marido tão furioso com alguém. Ele nunca foi uma pessoa conflituosa.

Encosto o carro na berma da estrada.

— É por isso que não podemos voltar. — Olho-o nos olhos. — Duarte, eu sei que queres o melhor para nós e que foi por isso que viemos para aqui, mas não podemos estar naquela casa. Eu... — abano a cabeça, fitando os comandos do carro. — Eu sabia que isto ia acontecer. Os meus pais são uns velhos antiquados.

O Duarte abraça-me. Encosto a cabeça no seu ombro e permito-me chorar. Baixinho, para os meninos não nos ouvirem. O abraço do meu marido é o único lugar onde me sinto segura. Neste mundo em que perdemos quase tudo, a única segurança que me resta é a minha família. A família que eu criei com o Duarte.

Com a Constança ao colo, que se recusa a olhar para a rececionista, olho em volta, para este hotel modesto, escuro e antiquado em Évora. Longe o suficiente da casa dos meus pais, por agora, e dos mais baratos que encontrámos, terá de servir por hoje.

E, esperemos, pelos próximos dias, até encontrarmos uma solução melhor.

Retiro o pacote das toalhas da minha mala e limpo o sangue seco com cuidado. A Constança franze o nariz, fecha os olhos com força, esforça-se por não

chorar. Debaixo da toalhita, sinto o inchaço a formar-se entre o nariz e o lábio superior, a bochecha vermelha do impacto. Na minha garganta, cresce a raiva pelo que o avô lhe fez.

Se é que ele merece, sequer, ser chamado *avô*.

— Temos disponível um quarto triplo. Parece-vos bem? — pergunta-nos a rececionista.

— Sim, por favor.

O Vicente não diz nada. Observo-o por instantes, e vejo como ele fita o vazio. A memória do avô a faiscar de raiva assusta-o. Já o assustava quando ele o mandava calar à mesa. Tantas vezes o vi levantar os olhos curiosos na minha direção ou do Duarte, a abrir a boca, mas a desviar o olhar para o senhor Álvaro, que o olhava, sério. Um aviso para ele não falar. Abano a cabeça ao recordar esses episódios à mesa.

O que me faz acreditar que o que estamos a fazer é o melhor para nós.

Depois de fazermos o pagamento, que nos faz engolir em seco, subimos para o nosso quarto. Mal entramos, inspiro devagar para não ceder às lágrimas. Não. Tenho de ser mais forte do que isso.

A Constança estranha o sítio, e começa a produzir vocalizações ansiosas. Eu e o Duarte trocamos um olhar, sabemos que está na hora de ter uma conversa. Sentamo-nos na ponta de uma das camas, com os nossos filhos diante de nós. Eu começo:

— Meninos, hoje, vamos ficar aqui, neste hotel.

O Vicente olha para nós, e a Constança olha-nos de soslaio para avaliar as nossas reações. Olha para nós de lado, para poder voltar ao seu mundo quando sentir que a realidade já não é agradável.

— Não vamos para casa dos avós? — pergunta o meu filho.

— Não — explica o Duarte. — Provavelmente, não vamos ver os avós durante algum tempo.

— É por causa do que o avô fez à Constança, não é?

Olhamos para a nossa filha, cujos olhos, distantes, se enchem de lágrimas. Antes de eu e o Duarte podermos abraçá-la, o Vicente fá-lo. Ela não resiste.

— Não te preocupes, mana. O mano protege-te!

Da ponta da cama, desço para o chão, de joelhos, e junto-nos a todos num abraço. Um abraço sentido, protetor. Não importa quantas coisas corram mal, temo-nos uns aos outros.

— Vai ficar tudo bem, meus amores.

Pelo menos, neste momento, temos de acreditar que sim.

— Mãe e pai, posso comer sobremesa? — pergunta o Vicente, a lamber os lábios.

A Constança imita o tom entusiasmado do irmão. Também ela quer sobremesa. Não os culpo: também, em miúda, eu adorava os doces depois da refeição.

Um luxo a que deixei de ter acesso quando as coisas começaram a desmoronar-se.

No restaurante, resguardamo-nos das horas de maior calor. Conseguimos ver o ondear dos objetos no exterior, como se fossem derreter.

Troco um olhar preocupado com o Duarte. Por instinto, consulto a aplicação do banco no telemóvel. O meu marido mostra-me o ecrã do dele. Fez o mesmo que eu. Mordo o lábio inferior ao mostrar-lhe o meu ecrã, onde o saldo da minha conta desce a pique, como o dele. O Duarte faz um esgar e abana ao de leve a cabeça.

— Filho, a sobremesa fica muito cara — afirma o meu marido.

— Mas não temos dinheiro?

— Não — desabafa o meu marido, irritado com a pergunta e com o simples constatar da nossa nova realidade. Cruza o olhar com o meu, percebe que exagerou e que não devia assustar o Vicente com estas questões. A realidade é dura, mas é dos pais, não das crianças. Vendo os olhos amedrontados do nosso filho, torce a boca e procura desfazer a rispidez no tom: — Temos feito as refeições todos os dias fora, miúdo. E tens comido as tuas comidas preferidas. O que achas que acontece se comeres sobremesa todos os dias?

Ele encolhe os ombros e arrisca:

— Fico com cáries?

— Isso mesmo. Por isso, hoje saltamos a sobremesa.

— E amanhã?

O Duarte pondera.

— Se te portares bem, podes ter sobremesa.

Vemos a Constança cruzar os braços e, de seguida, a bater no braço da cadeira, e o Vicente a repousar o rosto nas mãos em concha, cotovelos sobre a mesa.

Apesar da resposta mais ríspida e espontânea, admiro a forma como o Duarte consegue dar a volta a estas situações. No passado, nunca nos passaria pela cabeça negar sobremesa aos nossos filhos.

É difícil perceber como chegámos a este ponto. Ou talvez não seja, mas eu quero esquecer os últimos meses de decadência das nossas vidas.

— Isto não é sustentável — sussurro, e solto um suspiro prolongado. — Não podemos continuar aqui.

Bastaram três dias — três míseros dias — para percebermos que isto não vai funcionar. No quarto de hotel, deixamos a luz do luar entrar pela janela aberta.

Sentados num divã em frente à janela, conversamos por sussurros. A respiração leve dos miúdos é uma sinfonia de calma nestes momentos turbulentos.

— Só em refeições, gastámos mais de cento e cinquenta euros nestes últimos dias. — lamenta o Duarte. — Mas para onde podemos ir?

— Ando a pensar nisso desde que aqui chegámos. Pelo menos, o hotel tem pequeno-almoço, e não temos de ir comer fora essa refeição. Mas, se os gastos continuarem assim, vamos deixar de conseguir pagar a prestação do carro daqui a um mês. — Volto a suspirar. — Como é que chegámos até aqui, Duarte?

Vejo-o a pôr a língua de lado e a mordê-la antes de falar:

— Não precisas de me estar sempre a perguntar isso! Fazes-me essa pergunta todos os dias! — Coça a cabeça. — Sabes bem que ando por aqui a perguntar, à procura nas lojas, a ver se resolvo isto tudo!

— Duarte, o que é que se passa contigo? Não precisas de falar assim comigo. Eu sei que isto é frustrante, mas, se não falar contigo sobre estas coisas, falo com quem? Não és o único à procura de soluções.

Ele suspira e mira o luar pela janela, para se recompor.

— Desculpa. Ainda não recebi respostas daquelas candidaturas que enviei para as empresas. E por aqui também não me tenho safado. Até já perguntei ao pessoal do hotel se eles precisavam de ajuda.

— Quando?

— Ontem de manhã, enquanto vocês acabavam de comer — confessa.

— Isso não me contaste.

Ele encolhe os ombros.

— Não deu em nada.

— Isto teria sido tão diferente em Lisboa...

— Não podemos continuar a pensar em Lisboa. Pela nossa sanidade, Matilde. Além disso, há demasiadas coisas naquela casa que me trazem más memórias.

Olho para ele. De imediato, sei a que memórias se refere. Concentro--me no silêncio que vem do exterior, num carro ou outro que passa, deixando um rasto de eco atrás de si.

— Porque é que não me contaste? — pergunta-me.

Fecho os olhos, e sinto o volume das lágrimas sob as pálpebras. O arranhar de um soluço na garganta. Mordo o interior da bochecha para não me desfazer neste momento. Reabro os olhos e inspiro devagar:

— Era mais uma decisão difícil. E já tínhamos muitas em mãos.

Ao ver as lágrimas nos olhos dele, não contenho as minhas.

— Mas eu gostaria de ter sabido... Era uma decisão dos dois, Matilde. Em vez disso, passaste esses meses a sofrer sozinha.

Suspiro por entre os soluços entrecortados.

— Não sabia o que fazer. Estávamos a perder tudo. Eu não queria perder também o nosso bebé. — Encolho os ombros. — Mas acabámos por perdê-lo na

mesma...

As lágrimas voltam em força, e sufoco os soluços na camisa do meu marido, sobre o seu peito. Ele envolve-me num abraço, e ficamos aqui todo o tempo que leva a superar a perda de um amor que foi gerado pelo nosso amor.

Quando os soluços abrandam e eu consigo respirar ao meu ritmo, a imagem de uma casa para a qual eu ia na minha adolescência surge-me, quente como água termal. Abro os olhos, deixando a memória avivar-se, uma recordação revelada em câmara escura. Inspiro, com a esperança a invadir-me os pulmões sob a essência das ervas secas. Solto--me do abraço devagar, limpo as lágrimas e olho o luar, à procura das palavras certas.

— Acho que já sei para onde podemos ir.

— Sabes?

Seguro na mão do Duarte e olho-o nos olhos.

— Sim. Mas vais ter de confiar em mim.

Capítulo 22

Trepo com a ajuda dos troncos do sobreiro e tubos da canalização exterior até ao segundo andar. Os meus músculos retesam-se, e, embora consiga fazer isto, já não tenho a mesma agilidade de quando era mais nova. Já no segundo andar, seguro-me aos balaústres e entro na pequena varanda.

— O que é que estás a fazer? — pergunta-me o Duarte, em surdina, olhando para cima e, depois, em volta. — Estás doida?

Logo após o pequeno-almoço, saímos com os miúdos, ainda o Sol subia no horizonte. Neste momento, aproxima-se o sol perigoso do meio-dia.

— Confia em mim.

Exerço uma pressão controlada sobre a janela com moldura de madeira, e, ao fim de algumas tentativas, ela cede, emitindo um estalido. Era assim que eu e a Tânia entrávamos na casa da dona Maria Bessa Miranda, emigrada em França. Para nossa sorte, ainda mora em Paris. Costuma vir a Portugal uma vez a cada dois anos. Ou costumava. Consta-se que tem perdido o interesse na terra que a viu nascer. Mas, na altura, sabíamos-lo porque, quando ela chegava, trazia um carro para o qual toda a gente olhava, embasbacada. Admiravam-no e a ela, que trazia joias de ouro das orelhas aos tornozelos. Era motivo para sair no jornal local!

Os miúdos dormem dentro do carro, que estacionei num canto discreto no caminho de acesso ao monte onde esta casa se situa, qual estátua por entre jardins reais. Apesar da preocupação do meu marido, não há nada em redor — apenas um campo extenso, baldio, outrora cultivado. Nenhuma casa nas redondezas. E o terreno, por sorte, situa-se num plano mais alto do que as restantes casas.

Entro na casa, e tusso de imediato perante o pó que se levanta das madeiras. A cascata de memórias surge de rompante. Sinto uma mistura de emoções, mas

não me posso concentrar nelas. Desço até à sala e encontro, na gaveta de uma mesinha decorativa, as chaves. Encaminho--me para a porta traseira e abro-a. Encontro um Duarte boquiaberto.

— Como é que tu...?

— Confia em mim — repito.

Entramos e o pó entranha-se nos pulmões. Tossimos. Diante de nós, uma sala arrumada, uma mesa de pinho rodeada de cadeiras almofadadas. Do teto, pende um pequeno candeeiro de cristal. E o silêncio do abandono. As cortinas esvoaçam, cobertas por teias de aranha. O chão range com os nossos passos. Apesar do aprumo, sei que esta casa não tem sido bem cuidada.

— Matilde, o que estás a fazer? — O Duarte olha para trás, para os miúdos, para a janela entreaberta do carro, e olha para mim de novo. — Não podemos entrar aqui, esta é a casa de outra pessoa!

— Eu conheço a senhora, não te preocupes. — Tento parecer casual, mas sinto um aperto ansioso no peito.

— E ela autorizou-te a entrada? — A respiração dele é audível ao percorrer a sala. — Não podemos ficar aqui, isto é invasão de propriedade!

Olho em redor, e procuro perceber como a nossa presença pode, no fim, tornar-se indetetável. Se não mexermos em nada essencial, será como se não tivéssemos estado aqui. Eu e a Tânia éramos peritas em esconder todas as evidências que nos pudessem incriminar. A dona Maria nunca se queixou de alguém ter invadido a sua casa.

— Neste momento, esta é a única solução que temos. — Volto-me para o meu marido, com o olhar vago, preocupado. — Por favor, confia em mim.

Ele suspira, derrotado.

A casa da dona Maria fica num monte mais alto e recôndito, pelo que as pessoas não nos veem a entrar. Exploro a vivenda por dentro, recheada de mobília antiquada, mas que, em tempos, terá sido muito cara. Pouco se sabe acerca da dona Maria Bessa Miranda — ela ocultava a maioria dos detalhes da sua vida em França. Quando eu e a Tânia vínhamos para aqui fumar, nos nossos jovens dezasseis anos, imaginávamos a história dela com base nas fotografias que encontrávamos: que tinha sete irmãos, e que eram pessoas horríveis e convencidas; que era filha de um pai militar e de uma mãe doméstica frustrada; que tinha casado com um general para repor o amor do pai que nunca teve; e que emigrou para França porque estava farta da gente mesquinha da sua terra e ambicionava a vida boémia de Paris.

Mas, agora, essas histórias de adolescentes deixam de fazer tanto sentido. Apesar de todo o *glamour* que a dona Maria Bessa Miranda mostrava, eu conseguia ver nos seus olhos que não era feliz. Com o seu sotaque meio francês, meio português, já não sabia onde pertencia, tornando-se numa eterna viajante sem propósito.

Pego numa fotografia da dona Maria, a sépia, de quando era jovem. Sentada

numa poltrona de couro, tem as pernas cruzadas e as mãos unidas sobre o joelho. Mira um ponto vago, a 30 graus da lente da câmara, com o cabelo pelas costas, espesso e arranjado. Mesmo na fotografia, apesar de esboçar um sorriso despreocupado com os lábios, parece infeliz.

— Os miúdos acordaram.

Pestanejo, apercebendo-me da realidade, e pouse a fotografia de novo no aparador da sala, coberto por um pano de renda bordado à mão.

Dirijo-me ao carro e ajudo a Constança a sair. Ao ver a cicatriz entre o seu nariz e lábio superior, lembro-me do porquê de estarmos a fazer isto.

— Hoje, vamos ver uma casa nova. — Tento soar animada. Mostro um cartão PECS, um dos poucos que anda comigo na mala, com o desenho de uma casa e a palavra escrita. Por dentro, só espero que ela aceite esta nova realidade.

Dou a mão à Constança e ao Vicente enquanto o Duarte fecha as portas e tranca o carro.

— Então, não vamos mesmo voltar para casa dos avós? — pergunta o meu filho.

Engulo em seco.

— Meu amor, eu sei que é difícil. Mas tens de confiar que a mamã e o papá fazem o que é melhor para ti e para a mana.

Entramos em casa. A Constança produz vocalizações constantes, aflitivas. Sustenho a respiração.

— Mamã, que sítio é este? — O Vicente olha em volta, franzindo o nariz. — Cheira a pó.

— Esta vai ser a nossa casa. Pelo menos nos próximos tempos.

O nervoso miudinho de entrarmos aqui faz-me perceber que, dentro de mim, ainda existe uma coragem que julgava perdida. Olho para diferentes cantos da casa e as memórias da adolescência regressam de jorrada.

Este foi também o meu cantinho, o meu refúgio para criar espaços bonitos, confortáveis. Ainda tenho muitos dos desenhos nas folhas A3 que aqui me entreteve a criar. Pelo menos, estava longe da tensão constante em casa; da crítica.

A tarde de sábado deixa entrar alguns feixes de luz. A temperatura no interior derrete-nos a pele como lava, pelo que deixamos a porta das traseiras aberta — como se isso ajudasse alguma coisa.

Juntos, exploramos a casa. A vivenda de dois pisos, apesar de necessitar de reparações, tem sobrevivido à negligência da proprietária. Por dentro, agradeço, embora relutante, o facto de ainda estarmos a saborear o calor do verão. Se estivesse a chover, nada nos garantia de que não haveria infiltrações ou que passássemos frio.

— Esta casa é grande — diz o Vicente, quando atravessamos o corredor no

piso de cima, que dá acesso a vários quartos. — Tão grande quanto a nossa de Lisboa.

Uma pontada de dor é suficiente para me trazer à memória o conforto da nossa antiga casa.

— E é bonita, não é?

Entramos num quarto com duas camas. Deviam ser as das filhas da dona Maria Bessa Miranda, uma vez que ainda preservam as fotografias das meninas, em pequenas. Como se o tempo tivesse parado e elas não mais tivessem visitado a casa depois da infância ou da adolescência, mas a mãe quisesse preservar esses momentos no tempo.

— Sim, mas é um bocadinho escura. — Ele põe o indicador e o polegar sobre o queixo, como se estivesse a analisar a casa. Fica tão adorável assim. — Aqui, devia ter janelas maiores. Sabes, para entrar mais luz do Sol!

Não consigo deixar de sorrir perante o comentário acertado do meu filho. Ele anda a aprender algumas coisas sobre *design* de interiores com a mãe.

— Tens razão. E acho que as paredes podiam ter um tom mais bonito, não achas?

— Sim! Azul!

Solto uma gargalhada. Olho para a Constança, ao nosso lado. Agacho--me, ficando à sua altura:

— E tu, meu amor? Achas que estas paredes deviam ser azuis?

Ela segura no seu pónei, desta vez em silêncio. Mesmo depois do acidente, trouxe-o consigo. Anda sempre com ele no bolso dos vestidinhos. Olha para as paredes, porque percebeu ao que me referia, e aponta para um ponto específico. Desvio o olhar para onde ela está a apontar, e sorrio:

— Sim. Aquela é a dona Maria e o seu cão. — Olhamos os quatro para a fotografia emoldurada, pendurada na parede. A Constança adora cães, fazem-lhe lembrar *A Dama e o Vagabundo*.

O Duarte anda pela casa, debatendo-se com a legalidade — ou a falta dela — do que estamos a fazer. Sei que batalha entre a moralidade e a nossa segurança.

— Ficas com eles um bocadinho? — peço-lhe. — Vou ao carro buscar as nossas coisas.

— Sim — diz, sem ânimo.

Gostava de conversar com o meu marido, mas este não é o momento certo. Tal como eu, ele está a assimilar a nossa nova realidade. Sei que não é fácil.

Mas viver com os meus pais também não é. Nem continuar naquele hotel.

Abro o porta-bagagens, e respiro de alívio por ainda termos as mantas dos miúdos dobradas a um canto. São quatro mantas, que servem como lençóis para as camas. Encosto-as ao nariz. Ainda cheiram ao detergente da roupa. Temos sanduíches em *tupperwares* dentro de malas térmicas, que levamos sempre connosco para o caso de eles terem fome, bem como sumos que comprámos em Évora. Embora estejamos longe do centro, sei que podemos recorrer à mercearia.

Sinto um calafrio ao pensar nas nossas poupanças. Com todas as mudanças dos últimos meses, estas têm escasseado. Temos de gerir tudo com os fundos de desemprego. Mas esses têm de ser suficientes por agora.

Levo tudo para dentro. Quando entro em casa e pouso as nossas coisas, olho para o telemóvel. Tenho três chamadas não atendidas da minha mãe. Tem-me tentado telefonar todos os dias. De imediato, vem-me à mente o que a minha mãe me dizia quando eu fazia asneira: «As desculpas evitam-se!»

Um mês e meio. Foi o tempo que aguentámos em casa dos meus pais. Não esperava que fosse possível, depois de tudo. Revejo todos os episódios passivo-agressivos e o pior de todos na minha mente, de rajada, e fecho os olhos. Como conseguimos aguentar tanto tempo a ser subjugados daquela maneira?

Suspiro. De nada me vale refletir sobre os «porquês».

Desligo o telemóvel e guardo-o no bolso, para poupar bateria. Aqui, não temos eletricidade. Olho para os únicos pertences que temos connosco.

Pelo menos, hoje conseguiremos sobreviver.

Capítulo 23

Abro os olhos para uma manhã coberta por cortinas de renda e teias de aranha balouçantes. Uma dor no pescoço faz-me franzir o nariz ao soerguer-me. Vejo que o Duarte ainda dorme com o Vicente ao lado, na pequena cama individual. Eu dormi com a Constança, na cama oposta. Pensando melhor, podíamos ter juntado as camas, ficávamos melhor dessa forma. Mas estou a tentar manter a casa imaculada.

Viro o pescoço para o lado que me dói, tentando desfazer o torcicolo. Estas camas são duras como cimento. Não sei como é que alguém poderia dormir um sono descansado aqui.

Colocámos as mantas sob nós e sobre nós. Apesar do calor, há fases da noite em que o frio nos atravessa a pele.

— Bom dia — sussurro ao meu marido.

Ele abre os olhos, volta a fechá-los. Os seus caracóis desgrehados sobre a almofada fazem-me sorrir. Mantém-se atraente como sempre. Amo-o ainda mais por ele estar a correr este risco comigo. Em família.

«Somos uma equipa», dizia ele. E somos mesmo.

— Bom dia. — sussurra, ensonado.

— Vou buscar coisas ao supermercado.

— Queres que vá contigo?

— Não. Fica aqui com os meninos. Eu não demoro.

Dirijo-me à casa de banho por instinto. Mas, quando abro a torneira, ela liberta um som estranho, gutural.

Claro que não temos água.

Suspiro. Vou ter de arranjar uma forma de resolver este problema.

Olho-me ao espelho empoeirado e apanho o cabelo num rabo de cavalo. Pelo

canto do olho, vejo insetos mortos no chão, mas prefiro ignorá-los. Já sabia que isto poderia acontecer, pelo que sentir medo ou asco é escusado. Tento disfarçar as olheiras, e esfrego os olhos para lhes retirar o brilho típico de quem acabou de acordar.

Ando em bicos dos pés pela casa, para não acordar a Constança e o Vicente. Contorno as tábuas de madeira que eu sei que rangem. Quando saio para a rua, sou recebida pelo calor dos meados de agosto alentejano. Olho em redor e sustenho a respiração. Não vejo ninguém. Não ouço tratores por perto. Expiro o ar que retive, com o coração acelerado. Fecho a porta e entro no carro.

A caminho do centro, passo pelo extenso caminho de acesso em terra batida que leva à casa da dona Maria Bessa Miranda, mas no sentido oposto. Olho em volta para me certificar de que ninguém me vê. Assim que os pneus do carro assentam em solo firme, de alcátrão, o meu coração bate mais rápido. Opto por ir a um supermercado, já que as pessoas me podem reconhecer na mercearia da dona Olinda. Ela conhece-me desde pequena, de certeza que iria desatar a fazer perguntas.

Parte de mim sente-se culpada ao fazer isto. Gosto de apoiar os negócios locais, bem sei que eles precisam, mas não posso correr o risco de ver pessoas que vão, com toda a certeza, contar aos meus pais onde estou.

O supermercado parece movimentado, o que é estranho. Reparei também que múltiplas superfícies comerciais se propagaram ao lado das estradas. Não vive assim tanta gente em Reguengos de Monsaraz. Mas talvez eu esteja errada.

Pego num carrinho, e encho-o de coisas de que precisamos: seis garrafas de cinco litros de água, para os banhos; um *pack* de seis garrafas de água de um litro e meio, para bebermos e para cozinhar as refeições; arroz, atum e sardinha em lata, feijão, grão, azeite, óleo, fruta, e boiões de fruta para os miúdos. A Constança adora-os. Embora sejam para bebés, preservam-se melhor do que iogurtes. Compró também um conjunto de pratos, taças, copos, talheres e panos, já que não temos nenhuns, e alguns produtos de limpeza e pacotes de toalhetas de bebé, bem como papel higiénico e sacos do lixo. Gel de banho e champô para os miúdos, e também para mim e para o Duarte, bem como escovas e pasta de dentes.

Reflico sobre a nossa situação, e sobre como vamos proceder daqui em diante. Não é fácil estar numa casa que não tem água, eletricidade ou gás.

Pelo menos, temos o fogão a lenha para cozinhar e aquecer água.

Quando pouso os produtos no tapete rolante, apercebo-me de que estamos praticamente a acampar. Esta situação não é justa para os meus filhos.

Respiro fundo. Lembro-me do porquê de estarmos a fazer isto. Pelo menos, os meninos estão seguros dos ataques dos avós.

Na caixa, vejo o valor das compras aumentar, e a minha garganta estreita-se ao ver que ainda faltam tantos artigos. Contenho a respiração. Só não quero ter de devolver coisas, como já tive de fazer. O pânico dessa situação ainda me assola,

às vezes, à noite.

Mas tudo vai valer a pena.

A conta que pago por todas as compras é de pelo menos um quarto do que estou a receber do fundo de desemprego. Mordo o lábio inferior enquanto passo o cartão, e convenço-me de que esta situação é temporária.

Mas por quanto tempo?

Arrasto o carrinho, pesado e difícil de controlar, até ao carro. Abro o porta-bagagens e arrumo todas as compras. Assim que fecho a porta, avisto o Gustavo, ao fundo, também a fechar o porta-bagagens do seu carro vermelho. Baixo-me, por instinto. A última coisa de que preciso neste momento é de encontrar pessoas conhecidas.

Espero que ele saia do parque de estacionamento. Está sozinho, o que me deixa mais tranquila. Há uma maior probabilidade de a Tânia me reconhecer a milhas de distância do que ele. Ainda não assimilei que eles se casaram, mas isso agora não importa. Vou arrumar o carrinho de compras no seu sítio, procurando ser discreta. Ainda bem que o meu carro é preto e vulgar. Se eu tivesse um carro vermelho como o do Gustavo, nunca passaria despercebida.

Assim que ele sai do parque de estacionamento, enfio-me dentro do carro e conduzo de volta a casa. Pelo caminho, vejo uma placa num posto de abastecimento que marca um preço assustador para o gasóleo. O queixo descaí-me.

Olho para o painel de instrumentos. O nível de combustível aproxima-se da reserva, o que me recorda que, numa emergência, não teremos como fugir. Se um de nós precisar de ir ao hospital a meio da noite, como faremos?

Após um segundo de ponderação, entro no posto de abastecimento.

Não abasteço o carro. Noutra vida, nem olharia ao valor final. Mas, neste momento, conto cada euro que o painel mostra. Meio depósito já me deixa sem ar. É inacreditável o que uma pequena variação percentual pode fazer ao poder de compra das pessoas.

Inclusive ao meu.

Suspiro. Depois de tudo o que aconteceu, ainda não tive mais tempo para refletir sobre o curso que queria montar. Uma memória que eu tinha empurrado para as profundezas assalta-me: deixei o bloco de notas na casa dos meus pais — bem como muitas outras coisas.

As nossas roupas.

Os nossos mantimentos.

Todos os documentos do meu trabalho.

Os brinquedos do Vicente.

As peças de lego da Constança. Será que a minha mãe as vai deitar fora?

Dou um pontapé na jante do carro, enquanto ponho gasóleo. Recrimino--me por ter saído de forma tão impulsiva, sem pensar nas consequências.

Mas não penso voltar àquela casa.

Abro a porta e carrego os sacos pesados das compras. Ao nariz, chega-me o odor denso típico de casa fechada. Tusso com o pó que cintila sob os raios de sol do final da manhã. Pela minha mente, rondam várias ideias de como refrescá-la — talvez abrir as janelas seja uma boa ideia. E ervas aromáticas trariam novos aromas naturais ao espaço.

A casa não é tua, Matilde. Tenho de me recordar que estou em propriedade alheia. Lanço um olhar à fotografia da dona Maria Bessa Miranda, para o seu ar jovial, e recordo que estou aqui para proteger a minha família. Ela, com certeza, faria o mesmo.

Não faria?

— Eu ajudo-te. — O Duarte surge da cozinha e vai comigo até ao carro buscar as compras.

— Obrigada.

— Trouxeste assim tanta coisa? — Ele fita o porta-bagagens sem pestanejar. Depois, desvia o olhar para mim. — Pensava que isto era temporário!

Engulo em seco.

— E é — tranquilizo-o. — Mas temos de nos precaver.

Ele suspira.

— Matilde... não podemos viver aqui. Não temos condições. A Constança fartou-se de chorar, porque estranhou o sítio.

— Eu sei que é difícil. — Aproximo-me dele e beijo-o nos lábios, com as mãos sobre o seu rosto. — Mas já ultrapassámos tanto juntos... Este é só mais um desafio.

— Eu tive de ir mijar à rua. Já não o fazia desde a universidade.

Rio-me. Ele traça os lábios numa linha, e o meu sorriso desaparece. Deixo descair os braços. Ele continua:

— Não temos água, ficamos às escuras mal anoitece, e não temos gás, o que significa que nenhum de nós pode tomar banho. — O seu tom é desiludido. — Os miúdos têm de tomar banho.

Aponto para a cozinha, para a peça que nos vai salvar a vida.

— Espera lá. A casa tem um fogão a lenha?

— Sim, vai-nos dar muito jeito por aqui.

— E trouxeste comida...

— Claro! Eu pensei em tudo, amor.

Ele ajuda-me a trazer os sacos para dentro de casa. O Vicente e a Constança aproximam-se dos sacos, curiosos.

— Foste às compras, mãe?

— Fui!

— Olha, frutinha! — Ele mostra o frasco à irmã, e a Constança vocaliza,

satisfeita. Com a mãozinha, procura alcançar o pote de vidro.

Vou até à cozinha, de onde retiro um alguidar de um dos armários de baixo. Com uma cozinha espaçosa como esta, repleta de armários de madeira de pinho, a combinar com as madeiras da sala, podemos estar aqui os quatro sem nos atrapalharmos. A julgar pela camada de pó que assenta nas bancadas de pedra, esta casa não é visitada há algum tempo. Já não mantenho um relatório das vezes que a família da dona Maria Bessa Miranda visita esta casa, mas calculo que já não venha cá há mais de três anos.

Espero que não lhe tenha acontecido nada.

Lavo o alguidar com água dos garrafões e detergente. Retiro os talheres da caixa, e passo-os por água. Ao fazê-lo, recordo-me de como os meus avós lavavam a roupa num tanque de pedra. Talvez tenha de fazê-lo também.

O meu coração gela por instantes. Os miúdos não têm mais roupa.

Procuro concentrar-me no agora. Com filhos, é difícil não pensar no futuro e no seu bem-estar. Mas sinto que, neste momento, preciso de me focar numa coisa de cada vez.

Depois de passar as colheres por água, abro um boião de fruta para cada um e estendo-lhos. Eles caminham na direção do sofá da sala, que levanta uma onda de pó mal se sentam.

— Meninos, cuidado para não sujarem o sofá — peço.

Eu e o Duarte observamo-los a comer, todos contentes. A Constança pega na colher com a mão inteira, não apenas com os dedos.

Adoro ver a minha filha sorrir.

— Sabes o que é que nós vamos fazer? — volto-me para o meu marido.

— O quê?

— Vamos limpar a casa de banho lá em cima.

Ele arregala os olhos.

— Mas tu disseste que...

— Queria deixar tudo intacto, eu sei — admito, deitando um olhar aos miúdos. — Mas eles precisam de tomar banho. E, para isso, fui comprar... — e retiro do saco um *spray* de limpeza para casas de banho e dois panos. Custou-me gastar dinheiro nisto nesta altura, mas acho que é o melhor. — Vamos a isso?

— Mas, para isso, não valia mais limparmos a casa toda?

Sorrio. Ele está a alinhar, por fim!

— Duarte Magalhães, tu tens boas ideias!

Capítulo 24

Transformamos a casa numa questão de horas. Fechamos as portas de alguns quartos. Não precisamos de ocupar toda a área da vivenda, apenas um quarto, a sala, uma casa de banho e a cozinha. Ainda assim, limpamos todas as divisões para que a proprietária não note diferença na sujidade de cada uma delas. Pelo menos, estará tudo uniforme.

Abrimos as janelas para a casa refrescar. Nestes campos áridos, entrará mais pó, mas o cheiro a casa fechada é insuportável e pouco saudável para as crianças.

O Duarte e eu pomos o fogão a lenha a funcionar com alguns galhos e toros que recolhemos na propriedade. Aquecemos panelas de água, uma a uma, para o banho dos miúdos.

Aborrecidos, o Vicente e a Constança procuram o que fazer. Entretêm--se a espreitar as divisões da casa.

— Meninos, não abram as gavetas das cómodas. Não mexemos nas coisas que estão dentro das gavetas, combinado?

Os miúdos suspiram. Recordo-me do *tablet* do Vicente, que nos pode salvar durante um bocado.

— Duarte, podes ir buscar o *tablet* ao carro? Para os miúdos verem uns filmes?

Em pouco tempo, os miúdos estão entretidos no sofá a ver um filme da Disney. Pelo menos, sossegam.

Depois, lembro-me de que o *tablet* pode ficar sem bateria a qualquer altura. Por instinto, procuro uma tomada pela casa e, ao encontrá-la, recordo-me de que não temos eletricidade.

Porra!

A água a borbulhar desperta-me deste pensamento incómodo. O Duarte tem

razão, não temos condições para viver aqui. Mas temos de dar o nosso melhor.

Enchemos uma pequena parte da banheira com água quente, misturada com água fria dos garrafões de cinco litros, e fazemos espuma com o gel de banho.

— Vicente! Constança! — chamo, para o piso de baixo. — Banho.

E, logo a seguir, recordo-me de que não deveria ter falado tão alto. Mesmo isolados, não podemos dar a entender que estamos aqui. Já lá fora, temos de estacionar o carro debaixo das árvores cobertas de folhagem. Todo o cuidado é pouco.

— Vamos tomar banho aqui? — O meu filho franze o sobrolho.

— Não te preocupes, o papá e eu limpámos a casa toda.

— Eu vou tomar banho com a mana?

— Sim. — Tento sorrir. Antes, dava banho a cada um, separados. Era o nosso momento juntos ao final do dia.

Eles despem as roupinhas, já sujas, e entram na banheira. A Constança adora banhos. Li num artigo que muitas crianças no espectro do autismo não gostam de tomar banho, mas a Constança é o oposto. Ela forma as mãos em concha e apanha um bocado de espuma. Admira-a — as bolhas minúsculas movem-se na sua mão e produzem uma sinfonia relaxante.

Eu e o Duarte lavamos o cabelo e o corpo aos miúdos. Eles riem-se, atirando espuma ao ar. A Constança sorri, no seu mundo, e nós sorrimos também.

Se eles conseguem resistir às adversidades, porque não havemos nós de resistir?

Preparo uma panela de arroz para todos. O Duarte já passou os pratos por água, bem como todos os talheres. A roupa dos miúdos está lá fora a secar, num canto discreto, pelo que eles andam com roupa nossa pela casa. A Constança não podia andar sem roupa, porque se sente desconfortável sem ela. Usa um dos meus *tops* que, por sorte, tinha no porta-bagagens. Parece uma túnica, nela. O Vicente anda com a *T-shirt* do pai, que, por tê-la emprestado, anda em tronco nu. Não desaprecio a vista.

Lavei as roupas no tanque de pedra que está lá fora, usando sabão azul e branco, como dantes se fazia. Já gastámos a água de todos os garrafões de cinco litros, mas ainda temos as outras garrafas de litro e meio.

Ao menos isso.

Sirvo o jantar — arroz com atum — nos pratos, e sentamo-nos à mesa da sala a comer. O Sol desce devagar pelo horizonte.

— Meninos, cuidado para não sujarem a mesa. Não deitem comida para fora do prato, nem entornem copos de água. *Okay?*

O Vicente assente, e a Constança concentra-se na sua comida. Não tarda nada, eles estarão a dormir.

— Agora, vamos viver aqui? — pergunta o Vicente.

— Por agora — diz o Duarte. — Mas é temporário. Vamos para um sítio...

— Olha para mim, para criarmos uma narrativa harmoniosa para os miúdos — diferente, depois.

— Sim! — continuo. — Vai ser giro!

Ele remexe na comida. Depois, torce a boca ao dizer:

— Aqui, não há muitas crianças. Eu não tenho amigos aqui.

— Vais fazer novos amigos quando entrares na escola! — sorrio. —

Conheceste a Maria Inês no outro dia.

— Quem é a Maria Inês? — O Duarte mostra-se curioso.

— A filha da Tânia. É igualzinha a ela.

— Ah! — O Duarte acaba de mastigar a comida. — Nunca mais a vi.

— Temos de combinar um dia para a reveres.

— A mamã também viu o Gustavo — diz o Vicente.

Pigarreio. Não sei porque o faço, mas esta constatação deixa-me desconfortável. Recordo-me de me ter escondido dele à saída do supermercado.

— O Gustavo? — pergunta o Duarte. — O teu ex-namorado?

— A mãe tem um namorado? — ri-se o Vicente.

— Não. O meu namorado é o papá. O Gustavo foi namorado da mãe há muuuito tempo.

— E quando é que os viste? — pergunta o Duarte.

— Quando fui ao parque com o Vicente, no dia em que saímos de casa dos meus pais. Reconheci a filha da Tânia mesmo sem nunca a ter visto.

Vejo o Duarte mexer na comida, evitando o meu olhar. Percebo que este assunto o incomoda — a minha vida antes dele, os rapazes com quem namorei.

— Eles casaram. — Tento sorrir, aligeirando o ambiente. — A Tânia e o Gustavo.

— A tua melhor amiga casou com o teu ex? — percebo, no seu tom, o quão irónica a situação é.

— Fico feliz por eles. A sério. Fazem um par giro. E a menina que eles tiveram vai ser a primeira amiga do Vicente. — Volto-me para o meu filho, animada. — Vais ser amigo da Maria Inês?

Ele encolhe os ombros.

— Acho que sim.

Tenho de comprar roupas para os miúdos. E para nós. O Vicente e a Constança vestiram as mesmas, que secaram ontem, sob o sol tórrido de agosto. Por agora, serviram, mas tenho de arranjar mais. Tive de vir até um supermercado — diferente do da última vez — e perceber o que há.

Olho para as roupinhas de criança disponíveis. Sempre sonhei vesti-los com

roupinhas engraçadas, mesmo antes de eles existirem.

E não só. Quando engravidei do Vicente, eu e o Duarte criámos um quartinho adorável para ele, com nuvens que pintámos nas paredes e mobília em madeira branca. Sonhava com o meu filho muito antes de ele nascer: de como seriam os seus olhos; se teria o nariz fino do pai, ou os meus lábios; de que cor seria o seu cabelo — se castanho-escuro, como o do pai, ou se seria castanho-claro, como o meu. E ele nasceu uma fusão de nós, a fusão mais bonita que alguma vez vi. Tem os meus olhos, e o cabelo do pai, mas da minha cor, e é feliz. O que mais importa é que ele seja feliz.

Pego numa camisola amarela com um cãozinho branco para a Constança, e sorrio. A minha filha adora cães, vou levá-la. Se fechar os olhos, vejo os seus caracóis macios, os olhos amendoados, dóceis, e viajo no tempo até à gravidez da minha filha. Quando soubemos que seria uma menina, eu e o Duarte rimos. Sempre quisemos uma menina. É claro que o Vicente foi uma surpresa muito agradável e bem-vinda, e nós ficámos felizes por o ter. Não imagino a minha vida sem ele. Saber que ele ia ter uma irmã completava o círculo.

As nossas expectativas para a Constança eram as mesmas que qualquer pai ou mãe têm para um filho — que nascesse saudável e fosse feliz. Mas cedo começámos a perceber que a Constança era diferente; que as birras que fazia não eram como as das outras crianças; que preferia brincar sozinha; que não interagia muito connosco; que fazia sequências com brinquedos em vez de criar histórias entre eles. O meu coração de mãe agitava-se de cada vez que lia algum artigo na Internet sobre problemas no desenvolvimento infantil.

E, um dia, *puf*, caiu-nos um diagnóstico em cima.

Desde esse dia, a nossa vida deixou de ser a mesma.

Agora, pergunto-me se o bebé que perdemos teria sido uma menina ou um menino...

Compro camisolas e vestidinhos de meia-estação para a Constança, e camisolas, calças e roupa interior para ela e o Vicente. Também compro algumas peças para mim e para o Duarte. Não me esqueço também de levar mais água e comida.

Pago com o cartão do Duarte, que mo emprestou. Temos de contar o dinheiro, porque não nos resta quase nada. Ainda falta muito tempo para eu receber o subsídio de desemprego, pelo que temos de ser cautelosos.

A funcionária da caixa olha para mim enquanto insiro o cartão no terminal, e estremeço. Espero que não seja conhecida dos meus pais.

— Obrigada — diz ela, num tom quase familiar.

Sorrio, e trago os sacos para o carro. Perscruto a área para ver se encontro alguém conhecido, mas não vejo ninguém. A esta hora, pouca gente vem às compras.

Enquanto conduzo de regresso a casa — ou, melhor, ao lugar que agora chamamos de casa —, penso que, em vez de ter comprado roupas novas, poderia

ter ido a casa dos meus pais buscá-las. Sozinha, não correria tantos riscos.

Conduzo pela estrada de terra batida que dá acesso ao monte do senhor Álvaro e da dona Benedita, as pedrinhas esmagadas sob os pneus como grãos triturados. Ao aproximar-me do portão, esqueço-me da razão pela qual aqui vim. Sinto os músculos dos braços endurecerem, e inspiro com força.

Este lugar dá-me arrepios.

Assim que, ao longe, vejo o meu pai sair pela porta, para ver quem se aproxima, penso em fugir. Em fazer os pneus deslizarem com força, levantar uma onda de poeira e desaparecer.

Mas trocamos um olhar. Um olhar que transmite tantas emoções. Ele estaca a meio do caminho para o portão. Tira a boina da cabeça, como que em rendição, e olha para mim com um ar consternado.

Só se fosse estúpida é que acreditaria nele.

Engulo em seco, com as lágrimas a subirem-me aos olhos. De repente, ele começa a correr em direção ao portão. O movimento faz-me estremecer e, por instinto, dou meia-volta e acelero dali para fora.

— Matilde! — Ouço a voz do meu pai abafada.

Pelo espelho retrovisor, vejo-o alcançar as chaves do *Range Rover* antigo, e acelero ainda mais. Os solavancos são dolorosos, até para o meu carro, cuja suspensão começa a chiar.

Mas nada disso importa.

Com a visão turva pelas lágrimas, percorro a estrada de regresso à casa da dona Maria Bessa Miranda, na esperança de reencontrar o conforto que me foi roubado.

Por muito que o meu pai peça desculpa, não consigo perdoá-lo por fazer aos meus filhos o que tantas vezes fez comigo.

Capítulo 25

O que vejo destroça-me: encostada a um canto da sala, sob a janela, a Constança brinca com o seu pônei, o único brinquedo que trouxe consigo. Percorre a bochecha e o alto entre o seu nariz e a boca com os dedos pequeninos, e arfa de forma exagerada, como se estivesse a senti-lo pela primeira vez.

Ou como se recordasse o que o avô lhe fez.

Estremeço ao enfrentar a memória de anteontem do meu pai a correr na direção do meu carro, parado no caminho de acesso ao monte onde cresci.

— Minha pequenina — digo, sentando-me de pernas cruzadas diante dela —, ainda dói?

Toco na ferida, as crostas a ocuparem o lugar do sangue que ainda me custa lembrar. O alto já baixou, mas a Constança afasta o meu braço porque, no fundo, ainda lhe dói.

Produz vocalizações ansiosas. Estranha este lugar. Cede-lhe por exaustão, mas o desconforto de estar numa casa que não lhe foi comunicada — nem planeada, para nenhum de nós — é evidente todos os dias.

— Como te sentes, Constança? — pergunto-lhe, na esperança de que me responda sem o auxílio dos cartões PECS.

No coração dos pais de uma criança não verbal, reside sempre a esperança de que um dia — um dia —, o seu filho venha a falar. Que não tenha de recorrer a sistemas de comunicação; a gestos. Gostávamos tanto de ouvir a voz dela em palavras. Eu e o Duarte aguardamos esse momento desde que a nossa pequenina nasceu.

Mas o que nos dificulta a situação, neste momento, é não termos todos os cartões PECS connosco. Deixámos parte deles em casa dos meus pais. Deixámos a voz da Constança esquecida num lugar que não lhe tem amor.

Imito, de memória, os gestos nos cartões PECS relativos às emoções.

— Feliz? — E mostro um sorriso. — Triste? Zangada? Surpreendida?

As vocalizações aumentam de intensidade. Continuo a enumerar emoções. Embora não me olhe nos olhos, olha-me de esguelha, com o queixo inclinado para baixo.

— Por favor, Constança, fala comigo! Fala!

Ela atira o pónei com toda a força, que me acerta no braço. Solto um guincho, mais surpreendida pelo gesto dela do que pela dor aguda que me provoca. Levanta-se de um salto, com os músculos tensos, e vou a tempo de segurar-lhe no bracinho. Ela grita, riposta, procura soltar-se.

Abraço-a. Abraço-a porque a amo, não importa o que ela faça. Nunca vou deixar de amar a pessoa mais inocente e pura que conheço.

— Desculpa — digo, com a voz trémula. Ela parece acalmar-se. Depois, procuro os seus olhos: — Espero que compreendas, meu amor, que fizemos isto por ti. Por nós. Aqui, estás mais segura. Somos só nós os quatro. — Sorrio, por entre as lágrimas, e afago o seu cabelo. — Como dantes.

Como dantes. Podemos ir buscar a magia aos contos de fadas e recuperar esse *dantes*?

O som de um trator a passar perto da casa desperta-me com violência. O Duarte acorda com o mesmo sobressalto. Trocamos um breve olhar e soerguemo-nos para espreitar pelas cortinas. O sol entra pela janela, tímido, não devem ser sete da manhã, o que torna o som ainda mais perturbador. Ao espreitarmos pela nesga da cortina, observamos um homem sentado no trator, de camisa axadrezada e boina, a esticar o pescoço para ver os cantos da casa.

Não estamos aqui nem há uma semana e isto tinha de acontecer.

— Merda — sussurro. O Duarte diz o mesmo sem o dizer.

Com cuidado, saímos da cama, para não acordarmos os miúdos, e vestimos as roupas do dia anterior. De repente, o ar torna-se demasiado denso para respirar. Descemos as escadas, escapando às tábuas que rangem e que, neste momento, nos podem denunciar perante o silêncio deste lugar.

— O que vamos fazer? — A respiração acelerada do Duarte pontua-lhe a voz. — Ele vai ver que há gente aqui.

— Pode ser que não.

O som do trator continua, e eu rezo para que não acorde os miúdos.

O homem, que não reconheço, percorre a propriedade à procura de pistas de que alguma coisa não bate certo. Dou voltas à cabeça para perceber se deixámos alguma coisa evidente lá fora, mas não. Sempre que as nossas roupas secam, trazemo-las para dentro, nunca as deixamos à vista. Mesmo dentro da casa, não mudámos a disposição dos móveis, apenas a limpámos.

— Ele desceu do trator — informa-me o Duarte, ao espreitar por outra cortina. — Ele está a vir para aqui. Foda-se!

— Sai de junto da janela! — peça-lhe, em surdina.

Ele segue o meu conselho. Mas somos apanhados de surpresa pelo som de vocalizações da Constança. Eu e o Duarte arregalamos os olhos na direção do topo das escadas e encontramos um Vicente e uma Constança com ar apreensivo.

— Constancinha... chiu!

O som do motor do trator extingue-se.

— Mãe? — pergunta o Vicente, num tom mais elevado. — Pai?

— Vicente — suplico, num sussurro, enquanto ouvimos passos lá fora —, por favor, leva a mana para o quarto e não façam barulho...

— Porquê?

Desvio o olhar para o exterior. O meu coração dispara.

— Fiquem aí — pede o Duarte, mostrando a palma da mão.

— Mas...

— Fiquem aí em cima e não façam barulho — indico, com o dedo sobre os lábios. — E não se aproximem da janela. Por favor.

Olha-nos à vez, confuso, mas pede silêncio à irmã e leva-a para o quarto. Por dentro, suplico para que cumpram o que lhes pedimos.

Eu e o Duarte escondemo-nos debaixo de uma das bancadas da cozinha. Pelo canto do olho, vejo o homem pôr a mão em concha e espreitar através de cada janela, uma a uma, os seus olhos como raios laser a perscrutar uma verdade que não convém a ninguém.

Aos olhos de quem está de fora, o que estamos a fazer não tem justificação. Mas eu nunca desejei estar nesta situação.

— Conheces o homem?

— Não.

O Duarte passa a língua pelos dentes, num gesto ansioso.

— Se ele nos encontrar, vai-nos arranjar problemas. De certeza! Eu disse que isto não era uma boa ideia, Matilde.

— Nunca ninguém vem a esta casa, Duarte. Nunca! — digo, a controlar a dor no peito. — Na altura, a dona Maria tinha uma prima que lhe limpava a casa, mas depois essa prima morreu e nunca mais confiou em ninguém para o fazer.

— E não sabes que as pessoas das aldeias são metedizas?

— Para de falar. Por favor. O homem ainda nos descobre.

Espeto as unhas nas palmas das mãos, e suplico para que o homem não nos veja. Os passos desconfiados sobre as ervas secas despertam a minha pulsação. Ouço-os cada vez mais perto e, ao ouvi-los junto da porta, sustenho a respiração — como se isso nos valesse de alguma coisa. Mas depois os passos afastam-se da entrada. Volto a respirar. Troco um olhar com o meu marido, uma nota de esperança de que ele se tenha ido embora.

Levantamo-nos devagar, e ouvimos a respiração um do outro, audível neste silêncio que tão depressa nos pode denunciar. Vemos o homem dirigir-se para junto do sobreiro que esconde o nosso *Passat*, na traseira da casa, escondido da estrada de terra batida que liga os montes, longe da estrada principal alcatroada. Descaio o queixo, e solto as palavras de jorrada:

— Não. Não, não, não!

— Já fomos.

Voltamos a esconder-nos debaixo das bancadas da cozinha. Só quero poder acordar e aperceber-me de que isto é um pesadelo.

O homem dá meia-volta e dirige-se, a passos determinados, para a entrada. Bate à porta com força, os punhos fechados sobre a madeira.

Não me mexo.

— Matilde? Vais fingir que não está ali ninguém?

Nunca, antes, tive de passar por uma situação como esta. Quando a Tânia e eu vínhamos para aqui, nunca ninguém nos fez perguntas. Achávamos, talvez na nossa inocência, que talvez as pessoas não soubessem das nossas escapadelas. Que conseguíamos entrar e sair da casa da dona Maria Bessa Miranda sem sermos detetadas.

Agora, em adulta, não encontro possível explicação para alguém de fora. A vergonha ataca-me, e levo as mãos ao rosto. Não sei o que esperar daquele homem, o que fará quando nos vir.

— Podemos fingir que não estamos aqui.

— Ele viu o carro! Claro que sabe que estamos aqui!

As pancadas continuam. Sei que não nos vai deixar em paz. Ouvimo--lo dizer:

— Sei que está aí gente! Abram a porta ou eu chamo a guarda!

Mordo a língua para travar o choro e levanto-me, depois de respirar fundo. O meu marido caminha, resignado com uma realidade que nunca imaginámos ter de viver.

Abrimos a porta, e o homem, dos seus sessenta anos, que se preparava para dar novas pancadas, recua, com a expressão horrorizada de quem viu dois monstros. As sobranceiras grossas, grisalhas contrastam com o rosto magro e moreno, marcado pelo trabalho ao sol. O vazio nos seus olhos assusta-me — como se não tivesse nada a perder.

— Mas o que vem a ser isto? — atira ele, segurando com força o cabo de uma pá que, antes, ao espreitar pela janela, não lhe víamos. Segura a pá com tal firmeza que, embora não seja ameaçadora, nos indica que está preparado para o que der e vier. — Quem são vocês?! Esta casa não vos pertence!

Vou buscar forças a uma reserva que não conhecia.

— E o senhor, quem é?

Ele abre a boca. Não esperava esta minha reação.

— Matilde... — murmura o Duarte, cauteloso.

— Que fazem aqui? Vejo ali um carro estacionado, diabos me valham! Andam a viver aqui?! *Nã* veem que esta casa não vos pertence?! Estão a invadir propriedade privada!

— Senhor... — detenho-me por não saber o nome dele. Mas ele não quer ceder. — Por favor, deixe-nos explicar.

— Não vão explicar nada! Vou fazer queixa à senhora dona Maria, que vos põe daqui para fora num instante!

— Não há a necessidade de fazermos isso — pede o Duarte, num tom calmo. — Como disse que se chamava?

O homem semicerra os olhos na direção do meu marido.

— Quer saber quem eu sou? Alfredo Macário. Trabalhei nas terras da dona Maria Bessa Miranda quando ela ainda aqui morava.

— Senhor Alfredo, não se preocupe. Nós saímos.

— Duarte... — suplico.

— Nós saímos — repete ele, sem olhar para mim.

— Ah, pois vão sair, vão! — diz, agitando o punho cerrado. — Vocês deviam ter vergonha na cara. Que casal no seu perfeito juízo vai ocupar a casa de uma pessoa tão respeitável?

— Por favor, senhor Alfredo... — Procuvo que ele me ouça. — Podemos explicar.

— Não há nada para explicar! Ocuparam uma casa ilegalmente, e têm de sair. E é já!

É neste momento, ao vê-lo afastar-se na direção do trator, de telemóvel junto ao ouvido, que sei que esgotámos todas as nossas opções.

E, desta vez, não há plano B, C, D ou E. Talvez nos reste um plano F, de fim.

Capítulo 26

Arrumamos os poucos pertences que trouxemos para esta casa. Nem os miúdos falam, como se sentissem a tensão no ar que respiramos. Com os dentes cerrados, o maxilar a doer-me de tanta força que exerço, procuro não ceder ao choro e à impotência.

Dobramos as poucas roupas em cima das camas do único quarto que ocupámos até ao momento e enfiamo-las dentro de sacos de pano. Não deixo de sentir que cada missão que tentamos empreender é sabotada. Esta situação está longe de ser a ideal, mas o que nos resta?

— Vicente, podes levar a mana para brincar lá em baixo? — peço.

— Mas o senhor assustador pode aparecer...

— Não vai aparecer, meu amor. Depois, podem vir cá ajudar-nos a levar as coisas para o carro. Está bem?

O meu filho olha para mim, numa mistura de cansaço e preocupação. Com certeza sente-se confuso em relação a tudo isto, mas não consigo explicar-lhe o que vai acontecer. Porque nem eu sei.

Os miúdos descem as escadas, mas não os ouço a brincar. Talvez espreitem pelas janelas, mas, daqui de cima, nem sinal do trator nem daquele homem.

Continuamos a arrumar tudo, numa tarefa mecânica que nos é tão familiar e ainda tão dolorosa.

— Duarte, não temos para onde ir. — Sou eu que acabo por cortar o silêncio entre nós, uma abertura nas águas profundas onde mergulhamos.

— Tu ouviste o homem — diz, sem me encarar. — Ele vai fazer queixa à dona.

Paro de dobrar as roupinhas dos miúdos.

— Para onde vamos?

Ele sacode o único par extra de calças no ar e atira-as para o chão.

— Não sei!

Se, momentos antes, o meu marido parecia tão confiante ao comunicar a nossa saída ao senhor Alfredo Macário, agora essa compostura parece ter quebrado. Cruzo os braços, mirando o local onde as calças de ganga jazem. A vontade de chorar desaparece e, no seu lugar, germina uma semente de desafio:

— Queres saber a verdade? — pergunto, e ele encolhe os ombros. — Não temos para onde ir. Não nos resta dinheiro para andarmos em pensões. Não é sustentável. Não podemos voltar para casa dos meus pais. Ninguém nos vai salvar, Duarte. Estamos sozinhos.

— Tem de haver uma solução — diz, sem ânimo.

— Quem nos garante que aquele homem estava a falar a verdade?

O Duarte abre a boca enquanto pestaneja.

— Matilde, tu viste-o! O homem estava capaz de nos bater com aquela pá. Se eu não lhe tivesse respondido com calma, podes ter a certeza de que ele nos matava ali! Percebi-o logo no olhar dele.

Inspiro e expiro, procurando a racionalidade num momento que tem tudo para nos atirar para o abismo.

— *Okay*, mesmo que ele estivesse a dizer a verdade... quem garante que a dona Maria Bessa Miranda vem agora lá de França para nos expulsar?

— Não acredito que estás a duvidar disto. Tu, que, como eu, te escondeste debaixo da bancada da cozinha, com medo, agora pensas que o homem estava a mentir? Quem é que, no seu perfeito juízo, vai a uma casa desabitada ameaçar os ocupantes de que vai fazer queixa nossa? Só pode estar a dizer a verdade.

— Duarte, eu não estou a dizer que não tive medo. Eu *tenho* medo. Temo por ti. Pela Constança e pelo Vicente. E por mim. Mas não temos para onde ir. O que nos está a acontecer é atroz, mas o que é que vamos fazer a seguir? Dormir para a rua, como sem-abrigos?

Ele deixa-se cair na cama, e senta-se de costas para mim.

— Se não sairmos daqui, ele vai denunciar-nos — afirma. — E aí é que vamos ter problemas a sério.

Sento-me ao lado dele na cama, com uma camisola da Constança na mão. Não digo nada, porque esse cenário assusta-me tanto quanto a ele.

— Se, ao menos, conseguíssemos deixar de pagar aquelas dívidas do meu amigo, poderíamos pagar uma renda noutra lugar... — desabafa, derrotado. Nunca o vi assim antes. Ouvi-lo admitir e reconhecer este beco em que nos encontramos é pior do que tudo.

— Não podemos, Duarte. Sabes o que acontece aos fiadores que não pagam as dívidas?

Ele encolhe os ombros. É neste momento que sei que esgotou as alternativas.

— O que fazemos, então? — pergunta-me.

Desta vez, olhamo-nos nos olhos.

— Lembras-te de quando descobrimos que íamos ter o Vicente e eu tinha um medo horrível de ser má mãe?

Ele solta um riso abafado, recuando a esse momento.

— Nunca me vou esquecer da tua reação.

— E lembras-te do que me disseste?

— Que costumas ser a última pessoa a acreditar em ti?

— Exato. E disseste-me para confiar em nós, porque fazemos uma boa equipa.

Ele anui.

— Porque trouxeste esse exemplo agora?

Acaricio o seu rosto.

— Porque preciso que confies em mim. Em nós. Porque vamos dar a volta. *Isto* é temporário. Temos de ser pacientes e estratégicos. Não é o que me dizes sempre?

O silêncio do campo faz-me ouvir vozes que não existem. O sossego é tal que consigo escutar o bater das asas dos insetos. Sinto que estou tão habituada ao ritmo de Lisboa que imagino carros a passar, e o mínimo ruído põe-me alerta.

E, depois da visita daquele homem, estremeço à mínima presença fora da casa.

Apesar disto, contemplo, da janela do quarto, a extensão de terreno do monte da Maria Bessa Miranda; de como, em tempos, cultivaram os campos. Quantas vezes admirei os girassóis e me sentei a ler à sombra destes sobreiros na companhia da Tânia, quando nos escapávamos para aqui!

Mas, agora, depois de tantos anos de descuido e de abandono, as árvores secaram, com os ramos quebradiços, e as folham partem-se ao toque. Suspiro ao ver a natureza sucumbir às mãos de tamanha negligência.

— Mãe? — Ouço o Vicente entrar pela porta do quarto, as tábuas rangentes.

— Sim, amorzinho? — Com a mão, convido-o a sentar-se na cama junto à janela.

Ele senta-se ao meu colo. Encosto-o a mim, inspirando o aroma a morangos do champô dele, tão suave.

— Quando é que voltamos a casa dos avós?

A pergunta apanha-me de surpresa. Talvez ele entenda que uma zanga acontece e depois passa, mas esta situação está longe de ser uma simples zanga.

— Porque perguntas?

Ele encolhe os ombros.

— Pensei que só íamos ficar aqui um tempo e depois voltávamos.

— Isto é temporário, fofinho, não te preocupes.

— Ainda estás triste porque o avô bateu na Constança?

Abro a boca para responder, mas a voz falha-me. Os meus olhos enchem-se de lágrimas, que impeço de caírem. Não quero que o meu filho me veja a chorar neste momento.

— O avô foi mau para a mana. — O Vicente baixa os olhos para as mãos. — Ele não percebe que a Constança é diferente, pois não?

Deixo as palavras do meu filho ecoarem na minha mente. Ele reconhece que a irmã não se sabe defender tão bem dos outros. Do mundo. Ele saber isto enche-me o coração.

— Tens o coração do tamanho do mundo, sabes?

De olhos fechados, com a bochecha encostada ao cabelo do meu filho, abraço-o. Admiro-o tanto pela sua coragem, pela sua empatia.

— Isto é temporário. Prometo. Além disso, é uma aventura!

Ele anui, sem sorrir. Admite:

— Gostava de voltar para a minha escola.

— Para a escola em Lisboa?

— Sim. — Ele não me encara, como se tivesse medo de me olhar nos olhos enquanto me diz a verdade.

— Eu sei, meu amor. — Afago-lhe o cabelo. — Acreditas que também quero?

— Também queres voltar à escola? — Ele levanta o queixo e olha para mim.

Solto um riso abafado, sorrindo para ele.

— Sim. Adoraria.

O meu filho volta a baixar a cabeça. Ouço-o suspirar — um suspiro de profunda tristeza. O meu coração sofre com ele. Tenho de ser uma boa mãe e afastar as minhas preocupações.

Neste momento em que o meu filho sente falta da nossa vida antiga, decido quebrar a regra de não sermos vistos e sugiro:

— Porque não vamos lá para fora brincar com o disco?

Ele levanta a cabeça de um salto.

— Com o disco? Mas temos um?

— Sim! Anda lá.

Vamos até ao exterior, com o disco azul que comprei no supermercado. Pensei que seria uma boa ideia fazermos jogos em família. Não é por estarmos na miséria que não nos vamos permitir sorrir.

O Duarte e a Constança juntam-se a nós, enquanto passamos o disco uns aos outros. O Vicente mexe-se, a rir, como se a sua vida dependesse de apanhar o disco. A Constança segura o disco e fica a admirá-lo, em vez de o atirar.

— Constança! — chamo-a. — Atira o disco à mamã!

Mas ela não escuta. Ou, se o faz, ignora o meu pedido. De cada vez que ela não responde, fico com o coração apertado. Está num mundo só seu, e eu quero trazê-la para o nosso.

Acerco-me dela e pego-lhe na mãozinha suave e delicada, que segura o disco.

Depois, desenho um arco no ar com ela, e o disco vem parar às minhas mãos. A Constança agarra o disco com força, mas cede ao olhar para um gaio-azul que pousou num ramo do sobreiro.

— Obrigada por passares o disco à mamã, princesa! — E dou-lhe um beijinho.

No meio de um silêncio quase sepulcral — em que se ouvem pouquíssimos carros a circular à distância —, uma família encontra alegria num simples jogo do disco. A nossa alegria sobe para o ar, numa nota de esperança de que tudo vai ficar bem.

A Constança distrai-se do jogo, mas vejo-a a acocorar-se junto das ervas secas, a tocar-lhes com a mão, curiosa. Depois, corre pelo terreno, no seu mundo, a sorrir. Para e admira as ervas douradas, as cascas de um sobreiro. Deixa-se fascinar pela natureza que a rodeia. Como que por instinto, eu e o Duarte contemplamos a nossa filha, e o Vicente segue-nos o exemplo. Deixa cair o disco e aproxima-se da irmã. Segue-lhe os movimentos e, com ela, toca no tronco sobreiro, percorre com o olhar os ramos da árvore antiga. A Constança deixa-se fascinar por este lugar. Sinto no coração a sua calma.

O Duarte aproxima-se de mim e envolve-me os ombros com o braço, encostando a cabeça à minha.

Juro que estas lágrimas são de alegria.

O Duarte entra em casa com um saco cheio de pequenos troncos, carumas e toros para o fogão a lenha, não sem antes deitar um último olhar à rua, para perceber se foi visto. Pousa-o mesmo ao lado do fogão e vem sentar-se no sofá a meu lado. Partilho com ele um pensamento:

— Até me custa a acreditar que já chegámos a setembro.

Encosto a cabeça ao ombro do meu marido. Sentados no sofá da sala, o Sol há muito que se pôs no horizonte. Recebemos luz de uma vela, que se espalha, ténue, pela sala. Os miúdos dormem lá em cima, aconchegados nas mantas. Cantei uma canção à Constança, para a ajudar a adormecer, porque sei que ela sente falta das histórias que lhe contava à noite.

— Eu contei cada dia — diz o meu marido. — Parecemos uns primatas.

Já estamos na casa da dona Maria Bessa Miranda há duas semanas. Até agora, o senhor Alfredo Macário não voltou. Reservamos as saídas com o carro apenas para ocasiões necessárias, como ir às compras.

— Eu até acho engraçado, estarmos aqui, à luz das velas.

— *Uma* vela, queres dizer — sorri.

— Uma vela.

Ficamos assim, em silêncio, por um momento prolongado. Tenho tentado manter-me positiva, mas sei que esta situação está longe de ser a ideal.

— Gostava de recuperar a nossa vida em Lisboa — confesso, as palavras saltam-me da boca, num alívio de pressão.

— E eu gostava de poder voltar a usar a Internet — brinca. — Parece que temos objetivos diferentes, menina Matilde.

Rio-me.

— Sabes que esta situação é temporária. — Fito a chama ondulante, as cores que se fundem numa só. — Não tenho desistido de procurar trabalho, Duarte, mas, como temos visto, é mais difícil do que esperávamos.

— Tenho estado a pensar. Achas que devia falar com o Pedro, aquele meu amigo que é gerente de supermercado lá em Sintra? Não é o ideal, mas, na situação em que estamos, se calhar vou ter de me virar para aí. O que achas? Devia ligar-lhe?

— Podes ligar, claro, mas... ao preço que as casas de Lisboa estão, não sei se compensa.

— É melhor do que *isto*.

Sinto a eletricidade no ar, a aproximação de uma discussão. O Duarte tem o pescoço a ferver, concentrado no seu argumento. O seu sangue lateja, ansioso, deixando-me sentir as suas pulsações. Parece que me contradigo, porque também eu quero voltar para Lisboa. Mas não assim. Endireito-me e olho para ele.

— Não quero sair daqui sem um plano concreto.

— Podias vir trabalhar para o mesmo sítio que eu.

— E onde é que deixaríamos os miúdos? Teríamos de matricular o Vicente numa escola nova, e já pedimos transferência da escola onde ele andava para aqui. E a Constança? Não quero deixá-la num infantário qualquer.

— Temos de arriscar.

— Já arriscámos — digo, num tom suave, pausado. — Não podemos continuar a andar de um lado para o outro. O Vicente vai para a escola aqui.

— Ele pode sair! Ainda só agora vai começar o ano letivo.

— E arriscar-se a não ter vaga noutra escola? Não podemos fazer isso.

— Eu não quero continuar a viver aqui, Matilde! — Ele levanta um pouco o tom de voz, mas não o suficiente para acordar os miúdos. Levanta-se e anda de um lado para o outro na sala, as mãos afastando os caracóis de diante do rosto. — Não quero...

Levanto-me e vou abraçá-lo. Sei como ele se sente. Caramba, estaria a mentir se não admitisse que tenho os mesmos receios que ele.

— Eu sei — sussurro, junto do ouvido dele. — Eu sei. Prometo que vamos sair daqui.

Este cenário é tão distante das memórias que quero criar...

Capítulo 27

Ao inscrevermos o Vicente na nova escola, as coisas tornam-se assustadoramente mais reais. É como se a sua inscrição significasse que assentámos uma espada em terra para marcar o nosso território.

Como se não pudéssemos escapar daqui.

Inspiro devagar quando assino os documentos, enchendo o peito de chamuscas de nervos. O Duarte, a Constança e o Vicente encontram-se comigo na secretaria. As senhoras que aqui trabalham são simpáticas, lembram-se de mim, mas não consigo mostrar-me feliz conhecendo a situação em que estamos.

Afinal, ainda não resolvemos a nossa situação habitacional.

Mas, pelo menos, o Vicente poderá continuar a escola. Vai fazer-lhe bem voltar à rotina.

— Vais gostar da escolinha, vais ver! — incentiva a senhora da secretaria.

Mas o meu filho não responde. O seu rosto, habituado a sorrir, não se curva num sorriso.

Para o animar, vamos comprar material escolar a seguir. Mais uma despesa nas nossas escassas poupanças. Eu e o Duarte respiramos fundo ao regressarmos ao carro.

No caminho para casa, vai ele a conduzir. Sento-me entre os miúdos. O Vicente olha pela janela, perdido nos seus pensamentos de criança.

— Fofinho? — pergunto, e ele olha para mim. Preparo-me para explicar-lhe tudo com calma. — Quando estiveres na escolinha, se te perguntarem, dizes que estamos a viver com os avós, está bem?

Ele pestaneja e contrai o rosto.

— Mas não estamos.

— Eu sei. Mas as pessoas da escola pensam que sim.

— Então, mentiste à escola, mãe?

Desvio o olhar por instantes antes de voltar a olhar para o meu filho:

— É uma questão deles, pequenino. Burocracia.

— Então, tenho de mentir à professora se ela me perguntar onde vivo?

— Não é mentir — minto. — Nós viemos para aqui para viver em casa dos avós.

— Mas não vivemos agora. Vivemos naquela casa onde não posso brincar com o *tablet*.

Respiro fundo. Lembro-me de refletir que, para as crianças, é tudo preto e branco. Como posso explicar ao meu filho de sete anos que a nossa realidade é temporária, e que esta pequena *mentira* não tem mal?

— Meu amor, sabes que isto é temporário — digo, e faço de tudo para não vomitar a seguir ao que vou dizer: — Vamos voltar para casa dos avós. Num destes dias. Na escola, dizes que ainda vivemos em casa dos avós, que é praticamente a mesma coisa.

— Mas tu e o pai ensinaram-me a dizer a verdade. Sempre.

Só que, por vezes, podemos torcer a verdade para nos protegermos.

— E estás a dizer a verdade. Estamos a fazer umas férias os quatro, mas a casa dos avós continua a ser a casa deles, onde também nós vivemos. Vamos para lá em breve.

Ele reflete por instantes, mas não responde. Quero insistir, mas não o faço. Troco um olhar com o Duarte pelo espelho retrovisor.

Podemos continuar a mentir a nós próprios, mas conseguiremos convencer uma criança a acreditar numa mentira?

Eis a verdade: viver numa casa abandonada, desocupada, poupa-nos o dinheiro de uma renda. Por outro lado, arrasa-nos as finanças com despesas com as quais não costumamos contar — roupas, comidas enlatadas, luzes de presença portáteis, baldes e alguns utensílios. São estes os pensamentos que me assaltam quando deixo o Vicente na escola nova — onde também eu fiz o ensino primário.

— Espero que tenhas um primeiro dia fantástico, meu amor. — Abraço o meu filho antes de o ver entrar pelos portões da escola.

Trouxe-o mais cedo do que o habitual para não ser vista pelos outros pais. Não é que esta escola esteja a abarrotar de alunos, mas, por aqui, há muitas pessoas conhecidas.

Demasiadas.

E linguarudas.

Qualquer uma delas pode ir dizer aos meus pais que eu estive aqui. Aliás, consigo apostar que, neste momento, alguma vizinha está à janela a espiar o que se passa na rua, os movimentos de cada pessoa, o que fazem, o que dizem.

Desde pequena que me lembro delas. A dona Maria Augusta era a pior: nada se passava nesta cidade sem que ela soubesse. Ela parece as redes sociais cá da aldeia. Descobriu que a dona Olinda estava grávida antes da própria gestante! Como é possível?!

O Vicente entra na escola e acena-me uma última vez, hesitante. Tem um sorriso inseguro no rosto que, apesar de me destroçar, me faz sorrir-lhe com confiança. Tento mentalizar-me de que vai correr tudo bem.

Saio daqui da forma mais discreta que consigo. Entro em casa poucos minutos depois, e encontro a Constança a estender um cartão PECS ao pai com o desenho de um copo com água.

— Queres água? — pergunta-lhe, e a menina anui com a cabeça. Segue o Duarte até à cozinha, sobre as placas de madeira rangentes, e recebe o seu copo cheio de água, que bebe com as duas mãos.

— Como correu? — pergunta-me.

Encolho os ombros.

— Como se estivesse a deixá-lo na escola pela primeira vez.

Ele envolve-me com os braços. Faz muito calor, mas nunca recuso um abraço seu.

— Vai correr bem.

Assinto no refúgio que aquele abraço é.

— Estive a olhar para casas aqui — diz-me.

Soltamo-nos do abraço.

— E então?

Ele suspira.

— As pessoas, aqui, não gostam muito de arrendar.

Anuo, com o rosto moldado de preocupação.

— Pensei que as coisas tinham mudado.

— As casas e os montes não são caros, sequer. Mas, se queremos arrendar um sítio para viver, temos de ir para Évora.

— Para Évora? Mas, assim, ficamos longe da escola do Vicente.

— Não é assim *tão* longe.

Cruzo os braços.

— Podemos ver outras possibilidades?

— Que outras possibilidades, Matilde?

O tom do Duarte é áspero. Nos últimos tempos, tenho-o sentido menos paciente. Encolho os ombros, à espera que me surja uma resposta, mas a confusão continua lá, e nenhuma solução gira para o centro.

— Não podemos continuar a viver assim — continua ele. — Temos de arranjar outra situação, e rápido. Ando cansado de ter de ir às fontes buscar água. E de ter de tomar duchas em estações de serviço. Gastamos mais combustível do que imaginas.

— São viagens curtas...

— Acumuladas, são viagens longas! E, neste momento, estamos no verão, é fácil tomar um duche de água fria ou morna, mas e quando vier o inverno? Como fazemos?

Suspiro. A Constança sobe para o quarto para brincar com os seus poucos brinquedos.

— Só quero o melhor para nós — diz o Duarte, num tom mais suave. — E sei que me disseste para ser paciente, mas estamos há três semanas a *acampar* e eu não aguento nem mais um minuto aqui. Ou vamos à procura de um sítio para viver, ou vamos para um hotel. Mas não podemos continuar aqui. E se aquele homem volta? E se a dona Maria vier aí e nos descobrir?

Fecho os olhos e aceno com a cabeça.

— Tens razão. — É tudo o que digo. Depois, ouço passos na direção da porta. — Onde vais?

— Vou tomar um duche à estação de serviço, *como sempre*, e vou para um café com Net a ver se encontro um sítio com condições para vivermos.

Quando o Duarte fecha a porta, a Constança desce; percebe que alguma coisa mudou. Pego nela ao colo e vamos para junto da janela. Vemos o pai sair com o carro, o rosto pesado, fechado. Diferente.

Encosto a cabeça da Constança à minha enquanto ela aponta para o pai e vocaliza, triste.

Que fiz eu à minha família?

Capítulo 28

O Vicente sai da escola com um ar tristonho, incomum. Nos últimos dias, parecia feliz e que até tinha feito novos amigos. Mas, hoje, sente-se diferente. Do lado de fora das grades, tenho os braços cruzados. Estacionei o carro longe da entrada, onde todos os pais se concentram. O meu filho percorre a extensão de pavimento de calçada com os ombros descaídos.

— Então, meu pequenino? — Inclino-me para ele. — A escola não correu bem?

— A professora quer falar contigo — diz, com a voz trémula. — Desculpa, mamã. Desculpa... — Ele começa a soluçar, as lagrimitas a saltarem-lhe dos olhos ternos. — Por favor, não me ponhas de castigo.

— Mas o que é que aconteceu? — Agacho-me à sua altura e procuro perceber se um menino lhe fez mal, verificando se tem nódoas negras ou roupas rasgadas. — Alguém se meteu contigo?

— Não. É só que... — funga. Cobre o rosto com as mãos em concha, sem conseguir falar.

— Está tudo bem, Vicente. — Conforto-o com um abraço.

Levanto-me e olho-me ao espelho do carro. Tenho o cabelo apanhado num rabo de cavalo desajeitado. Ajeito os cabelos que se levantam, desobedientes, e esfrego os olhos. Não sei como vou conversar com a professora neste estado.

Pego o meu filho pela mão, que continua a chorar, e pergunto-me o que terá acontecido. Se a professora nos chama à escola, não é por bons motivos. Faz-me lembrar os momentos em que eu tremia quando a minha antiga chefe me chamava ao seu gabinete.

Entramos na escola. O Vicente conduz-me à sala da professora. No ar, pairam os odores distintos de alegria infantil e detergente de lavar o chão. Alguns miúdos

correm pelo corredor e saem para o recreio.

— Boa tarde — digo para a senhora de cabelos encaracolados, ruivos, sentada à secretária da sala. — Sou a Matilde Magalhães, a mãe do Vicente.

A professora levanta-se e dirige-se a nós.

— Olá, mãe! — inclina-se para me apertar a mão, e fá-lo com delicadeza. — O meu nome é Amélia, sou a professora do Vicente.

— Muito gosto. — Sorrio para dispersar a tensão que se forma dentro de mim, como uma bola de fogo. — O Vicente disse que queria conversar comigo...

— Sim. — Dirige um olhar ao meu filho. — Vicente, porque não vais para o recreio um bocadinho, enquanto eu converso com a tua mãe?

O meu filho olha para mim, como que a pedir permissão, e eu arqueio as sobrancelhas. Surpreendo-me com a sua postura tão amedrontada. Ele nunca se comportou assim.

— Vai lá e diverte-te! — pisco-lhe o olho, sorrindo.

Ele sai da sala, não sem olhar para trás duas vezes. Ficamos apenas nós as duas e os ecos das gargalhadas dos miúdos lá fora.

— Por favor, sente-se. — O tom da professora Amélia é simpático, convidativo, enquanto arrasta uma cadeira de uma das mesas vazias para eu me sentar, puxando uma também para si.

Obedeço, e apercebo-me do quão pequena esta sala é, por comparação aos auditórios da universidade que frequentei. Quando era da idade do Vicente, achava esta sala grande, mas vejo agora como tem poucas mesas e estão todas perto do quadro e da professora.

— Mãe, eu pedi ao Vicente para a trazer aqui porque ele me contou uma história que não sei ser verdadeira. Tentei ligar-lhe por várias vezes, mas as chamadas iam sempre parar ao correio de voz. Também lhe enviei um *e-mail*, mas não obtive resposta.

Apesar do calor, sinto os meus dedos gelarem. Cruzo-os sobre as pernas, para não mostrar o quão inquietos estão. Desde que fomos para aquela casa que raramente ligo o telemóvel.

— Peço desculpa, o meu telemóvel está com problemas — minto. — Por vezes, nem recebe chamadas, e aceder à Internet aqui é mais difícil do que eu julgava. Mas aconteceu alguma coisa?

A professora Amélia assente, a sua expressão compassiva.

— Tenho notado que o Vicente tem chegado à escola mais tristonho. Achei estranho, porque ele parece um menino tão alegre... Perguntei-lhe se se passava alguma coisa em casa, e ele disse que tinham mudado de casa há pouco tempo... — explica, e eu inspiro à medida que sinto um aperto no coração — para uma casa sem água nem eletricidade. E que a casa pertence a outra senhora.

A minha garganta seca. Um turbilhão de pensamentos e emoções afloram à minha mente e, por momentos, sinto uma tontura aproximar-se, mas consigo

controlá-la.

— É uma situação complicada...

— Posso ajudá-la de alguma forma? — A professora mantém os olhos fixos nos meus. — Mãe, nós temos apoios para pais com menos recursos. Em tempos como estes, é natural as pessoas passarem por dificuldades. Não seria a primeira a pedir ajuda.

— Refere-se a pedir ajuda... ao Banco Alimentar?

— Esse é apenas um dos muitos apoios que podemos prestar. Mas há mais, relacionados com alojamento.

Suspiro.

— É bom saber que existem esses apoios, mas esta é apenas uma situação temporária. Agradeço a preocupação, mas nós vamos encontrar uma solução. — Levanto-me e levanto a cadeira para a arrumar de volta no lugar.

— Mãe, por favor, considere. — A professora levanta-se também e olha para mim com um olhar consternado. — Tem de perceber que, se eu detetar algum problema na vida de um aluno, nomeadamente que ele não tem condições para viver com dignidade, eu terei de reportar essa situação às autoridades competentes.

As palavras dela atravessam-me como balas. Subentendo uma ameaça da sua parte, o que me faz entreabrir os lábios. Porém, ganho consciência do que estou prestes a fazer, e contenho-me. Não quero criar animosidades com a professora, e muito menos que me retirem o filho.

Engulo em seco.

— Não se preocupe. Nós vamos resolver a situação o mais brevemente possível. Ainda esta semana — prometo, e arrependo-me de seguida. Mas, neste momento, estou disposta a fazer de tudo para manter a minha família.

A Constança tosse. O pó que se acumula nesta casa não ajuda, mesmo com as sucessivas limpezas que fazemos. Para complicar as coisas, as temperaturas têm vindo a descer.

As palavras da professora não me saem da cabeça. Ainda nem falei com o Duarte sobre essa questão. Pedi ao Vicente para não contar nada acerca da situação da professora ao pai.

Desde quando nos tornámos numa família que esconde segredos uns dos outros?

Tomei uma nota mental para procurar casas esta tarde e tratar deste caos o mais depressa possível. O Duarte tem razão, não podemos continuar a arrastar este problema.

— Oh, meu amor, essa tosse é tão chata...

Os rapazes jogam à bola, lá fora, no canto mais escondido, com uma bola

velha que encontraram num baú. Aproveitam o calor do sol das três da tarde, e sempre se distraem no meio desta situação miserável.

— Eu vou à farmácia comprar remédio para ti, minha princesa — digo à minha filha, embora ela esteja concentrada no seu pônei. Peço para que não seja nenhuma infecção respiratória.

— Venho já, está bem?

Aviso o Duarte de que vou sair, pego no carro e desloco-me à farmácia mais perto, que é a do centro. Enquanto aguardo pela minha vez, aproveito a pouca bateria do telemóvel para encontrar casas ou apartamentos para arrendar. Guardo alguns separadores para mostrar ao Duarte daqui a pouco.

Quando chega à minha vez, converso com a farmacêutica loura de óculos com aros de padrão zebra.

— Sabe se a tosse é seca ou tem expetoração? — pergunta-me.

— Hum... — tento recordar-me. — É tosse seca.

— Muito bem — diz, e vai buscar um medicamento.

A farmacêutica anota as instruções de como a Constança deve tomar o medicamento na caixa do mesmo, e eu pago a quantia devida. De cada vez que pago uma conta, só me apetece fechar os olhos.

Saio da farmácia e, quando me aproximo do carro, que se destranca sozinho e liga as luzes, ouço o meu nome:

— Matilde?

Estaco. A voz é-me familiar, o que me perturba. Parte de mim quer fingir que não ouviu o chamamento, entrar no carro e regressar para junto da minha família. No entanto, a curiosidade espicaça-me. Volto--me para ver quem é. Vejo a minha amiga sair de uma casa.

— Tânia?

Ela aproxima-se, os olhos arregalados e a boca entreaberta. Não a via tão surpreendida desde que encontrámos o monte abandonado da Maria Bessa Miranda, há vinte anos.

Abraça-me e cumprimentamo-nos com dois beijos na face.

— Já não te via há tanto tempo! Tenho tentado ver se te apanho quando vais buscar o Vicente à escola, mas nunca te encontro por lá.

Solto um riso trémulo.

— Devemos ir a horas diferentes. — É a única coisa que me sai.

— Como tens estado? — pergunta-me. — Ouvi dizer que já não estás em casa dos teus pais.

Pestanejo.

— Quem te disse isso?

— Quem é que achas? — troça.

A Maria Augusta, claro. Reviro os olhos. Aquela mulher não deixa escapar nada. Só espero que o homem que nos ameaçou não tenha andado a espalhar coisas sobre nós.

— Está tudo bem? — Aproxima-se um pouco mais. — Onde é que vocês estão a viver agora?

— Num... alojamento temporário.

— No alojamento da ti Emília? — O seu tom de voz sobe, curioso.

Suspiro. Não tenho como esconder a verdade a esta miúda.

— Não. Na casa da... — olho em volta, para me certificar de que ninguém nos vê, e sussurro: — dona MBM.

Ela arqueja e não esconde um sorriso:

— A sério? — Ela parece entusiasmada. — Oh, meu Deus, há tanto tempo que lá não vou. Desde que terminámos o secundário, acho eu.

— Também já lá não ia há bastante tempo... Continua igual.

Ela solta uma gargalhada cúmplice. Depois, olha para mim, séria:

— Mas... — aproxima-se ainda mais, sussurrando — como é que vocês conseguem lá viver? Aquilo não tem água, nem gás, nem eletricidade...

Olho para os meus pés. Até perante a minha antiga melhor amiga tenho vergonha de admitir o quão má a nossa situação é. Reúno a coragem para deixar de ser cobarde e convidá-la para uma viagem no tempo.

— Queres ir ver o nosso acampamento? — Tento sorrir.

Os olhos dela iluminam-se.

— Eu sigo atrás de ti.

Capítulo 29

— Este sítio traz-me tantas memórias... — diz a Tânia, ao fechar a porta do seu carro, estacionado ao lado do meu num canto coberto pela folhagem densa dos sobreiros e dos pinheiros-mansos. Contempla a casa da Maria Bessa Miranda, banhada pelo sol da tarde, os campos dourados em seu redor. — A casa continua na mesma.

— Ficarias surpreendida se visses o quão velha ela é.

— Temos visitas? — O Duarte segura na bola com que ele e o Vicente jogavam, e dirige-se a nós, a sorrir. — Podias ter dito, que eu mudava de roupa. Estou com o aspeto de um sem-abrigo.

— Duarte, lembras-te da Tânia? — pergunto, a sorrir.

O meu marido acena à distância, mas a Tânia não resiste a abraçá-lo.

— Até que enfim que te revejo! — A Tânia ri-se.

O Vicente segue o pai. A Constança, que estava sentada à porta de casa, também vem. É possível que ela pense que eu trouxe chocolate.

— Estou só de visita — diz a minha amiga. — Estejam à vontade!

— Tu és a mãe da Maria Inês, não és? — pergunta o Vicente, piscando um dos olhos por causa do sol.

— Sou, pois! Tens de ir lá a casa brincar com ela.

O tom animado da Tânia é uma lufada de ar fresco. O receio que antes tinha por a trazer aqui desvanece-se.

— Deixa-me só dar o xarope à Constança, venho já — digo.

— Deixa estar — oferece-se o Duarte. — Eu dou. Sabes que é capaz de demorar.

— Obrigada. — Passo-lhe o saco de papel da farmácia e pisco-lhe o olho. Ele está a fazer-me um favor enorme.

Como nos velhos tempos, a Tânia e eu entramos dentro de casa.

— Uau! — exclama, olhando para a sala. — Isto está muito mais limpo do que quando cá estivemos da última vez.

Rio-me.

— Um bocadinho.

— Andaste a limpar a casa? — pergunta-me.

— Sim. Eu e o Duarte limpámos as divisões todas, mas fechámos os quartos que não utilizamos.

— Tu és louca, amiga. — Cruza os braços e olha em redor, percorrendo a sala até à cozinha. — Até a cozinha parece nova! Não há teias, nem pó misturado com óleo entranhado... blhec! — faz uma careta, e sorri de seguida. — Bem, vocês fizeram um trabalho de reis.

Encolho os ombros.

— Fizemos o que pudemos.

— E como é que vocês fazem para comer, tomar banho, e... — arqueia as sobrancelhas, referindo-se às necessidades.

Sinto as minhas faces a arder. Se lhe explicar as nossas maneiras primitivas, ela irá gozar comigo até ao resto das nossas vidas.

— O que estiveres a imaginar, provavelmente é real. Recorremos às estações de serviço para os banhos, também. Mas temos usado este fogão a lenha para cozinhar — explico, apontando para o fogão retangular preto. — Tem sido a nossa salvação.

— Como é que fazem à noite? Usam as lanternas dos telemóveis?

Abano a cabeça.

— Temos velas espalhadas pela casa.

A Tânia ri, mas eu reconheço este riso nervoso.

— Portanto, vocês estão mesmo a acampar!

— Basicamente.

O seu sorriso desaparece.

— Matilde, o que é que aconteceu? Num momento, vocês estavam em casa dos teus pais e, no outro... — Faz uma pausa, a tentar perceber a nossa situação. — Falou-se que vocês tinham saído para casa dos vossos pais, mas nunca mais ninguém vos viu. Criaram-se rumores, mas ninguém adivinhou que vocês estavam aqui.

Uma mistura de alívio com uma pontada do trauma de reviver o que nos trouxe até aqui pesa-me no peito. Pelo menos, o Alfredo Macário não andou a espalhar a verdade sobre nós. Talvez não nos conheça. Eu não o conhecia. Mas olhar de frente para as memórias que mais dor me causam é penoso.

Encosto-me à bancada da cozinha. A Tânia faz o mesmo, ao meu lado.

— O meu pai passou-se. Bateu na Constança.

— O quê?! — O seu rosto contorce-se. Tal como eu, ela não tolera injustiças para com as crianças.

— Sabes como ele é.

— Aquele senhor Álvaro... Ele já fazia o mesmo contigo quando eras mais nova, eu lembro-me. — Ela abana a cabeça, incrédula. — Anda por aí a dizer que tem uma filha ingrata. Que eles fizeram tudo por ti e tu estás a ignorá-los e a deixá-los preocupados.

— Típico — escarneço.

Deixamo-nos estar em silêncio por instantes. Imagens das invenções do meu pai atravessam-me a mente, o seu ar desolado, como se fosse a vítima.

— Matilde, vocês não podem continuar a viver aqui. — A Tânia interrompe o silêncio e olha-me. — Só aceitei vir contigo porque tinha uma proposta em mente. — Faz uma breve pausa. — Venham viver connosco. Nós temos dois quartos que não estamos a utilizar.

A sugestão apanha-me de surpresa.

— Tânia, agradeço, mas não... Nós vamos sair desta situação.

— Quando? — Ela baixa o tom de voz, o que costuma usar quando quer que eu compreenda o seu lado. — A crise não dá sinais de desaparecer em breve, as casas e os apartamentos estão a subir de preço e vocês estão a viver nestas condições miseráveis! Matilde, eu sei que és uma pessoa orgulhosa, conheço-te praticamente desde que nasceste, mas esta é a melhor solução para a tua família. Estou a dar-vos a minha casa. É só dizeres que sim e mudam-se.

Suspiro, focando um ponto morto algures na cozinha.

— A proposta é excelente, Tânia, mas... e o Gustavo? O que é que ele vai dizer?

— Ele vai dizer que eu já devia ter feito isto mais cedo!

Mostro um sorriso breve e triste. Deixo o silêncio repousar entre nós como as partículas de pó que pousam nos móveis.

— Dás-me um tempo para pensar nisto?

— Tens até amanhã de manhã para decidir. Quando lemares o Vicente à escola, conversamos. E não vou aceitar um não como resposta. — Pisca-me o olho, apesar de saber que a situação é séria, e pausa a sua mão na minha, na bancada, para me dar força. Porque sempre o fez.

Deito os miúdos. Lá em baixo, o Duarte espera-me. Pedi-lhe que nos sentássemos a conversar. Tapo-os com a manta, depois de lhes contar uma história de memória. As mãos tremem-me. As palavras da professora Amélia ainda ferem as minhas esperanças. Dou um beijinho na cabeça do Vicente, e o meu coração de mãe estremece só de imaginar como seria se mo retirassem. Dou um beijinho na cabeça da Constança e, antes de fechar a porta, decido, a um nível mais profundo, que tenho de resolver esta situação de uma vez por todas.

Não se trata do meu bem-estar, mas do *deles*.

Desço as escadas. O Duarte, sentado no sofá, espreita o telemóvel. Consegui carregar a bateria num café. Imagino como ele tem sofrido nas últimas semanas, porque também eu tenho sofrido.

— Então, do que querias falar? — Ele pousa o telemóvel na mesa de centro de madeira ornamentada.

A escuridão vai-se apoderando da casa e dos campos em redor. Em breve, teremos de nos guiar pelo tato para subirmos até ao quarto.

— Eu e a Tânia estivemos a conversar, há bocado — introduzo. — Ela conhece esta casa, nós vínhamos para aqui em miúdas.

— Sim, eu sei.

— Ela... ficou chocada com as nossas condições.

Ele solta um riso irónico, denunciando um implícito *Quem diria?*

Pelas portadas de madeira entreabertas, entram pequenos feixes de luz de um crepúsculo espetacular, que se dissipam.

— A Tânia quer ajudar-nos — digo, sem rodeios.

— Como?

— Convidou-nos para irmos para casa dela.

— Matilde, sabes que não podemos fazer isso.

— Porque não?

— Porque é a casa onde vive o teu ex-namorado! E já estive a ver casas baratas onde podemos viver.

— É uma boa oportunidade...

— Uma boa oportunidade seria voltarmos para Lisboa e esquecer estes últimos meses.

Suspiro.

— Eu sei, mas tu sabes que não podemos. Além disso, a ideia de irmos para aqui foi tua!

— Mas ir para casa da tua amiga não! Duas famílias dentro da mesma casa vai gerar conflitos. Não estou para isso.

As palavras que eu queria prender à chave nos meus pulmões ardem, ameaçam sair, até eu não aguentar mais.

— Duarte... — Não queria ter de lhe contar, mas não vejo alternativa. — Hoje, a professora do Vicente chamou-me à sala.

Ele franze o sobrolho.

— O que é que ela queria?

Lanço um olhar demorado à mesa de centro, a memória reavivando-se como um incêndio. A ameaça subjacente é o que me faz vacilar perante tudo em que acredito.

— O Vicente contou-lhe que vivíamos nesta casa, sem água nem eletricidade.

— Merda. — Ele leva as mãos ao rosto e esfrega-o.

Engulo o nó na garganta.

— A professora disse que... nestas situações, tem de denunciar as condições

de vida da criança às autoridades.

Mesmo com a luz a diminuir, vejo o Duarte arregalar os olhos.

— O quê?! — Ele não levanta o tom de voz. — Porque não me disseste nada?

— Sinceramente? Não sei. — Cruzo as mãos. — Fiquei tão atordoada que, durante este tempo todo, estive à procura de soluções.

— Ela ameaçou-te que nos ia denunciar, e tu ficaste calada? Como pudeste...?

— Por favor — suplico, para que não se exalte. — Por favor, tenta compreender o meu lado. Achas que eu fiquei bem depois de saber que nos poderiam tirar o Vicente? De ser ameaçada daquela maneira?

Ele levanta-se do sofá. Leva as mãos ao cabelo, e no fim repousa-as sobre as ancas, contemplando a paisagem que escurece lá fora.

— Já chega, temos de sair desta casa — diz. — Não vou arriscar que nos tirem o nosso filho.

— Então, vamos para casa da Tânia?

Ele liberta um suspiro pesado.

— Que remédio... Mas, Matilde — olha-me com um ar sério, de aviso —, isto vai ser temporário. Vamos continuar a ver outros sítios para morarmos. Temos de pensar noutra solução. E rápido.

Entro na escola com a mão dada ao meu filho. Ao chegarmos à sala, peço-lhe para esperar lá fora.

Bato à porta da sala de aulas, e a professora Amélia arregala os olhos.

— Mãe! Que surpresa!

— Podemos conversar, professora?

— Claro. — Ela convida-me a entrar com um gesto de mão.

Mantemo-nos de pé, porque eu sei que, não tarda, a aula começará.

— Professora Amélia — sinto o rosto a arder —, sei que a nossa situação não tem sido fácil, mas quero informá-la de que já arranjámos uma solução.

— Oh! Mas isso é ótimo!

— Sim — sorrio. — Vamos voltar a ter as condições de antes.

— Vão voltar para casa dos seus pais?

Franzo o sobrolho.

— Como é que sabe...?

— Oh! Sabe como é, aqui é difícil esconder-se um segredo — sorri, mas deteto-lhe alguma conivência. — Os seus pais costumam passar por aqui para ver o Vicente.

Pestanejo.

— Como disse?

— São avós. E são cá da terra. — Ela cruza as mãos sobre a barriga. — Ouça,

eu sei que pode estar zangada com os seus pais, mas eles adoram o neto. Por vezes, passam aqui na hora de almoço para verem o Vicente.

— E você deixa-os?

— Não vejo porque não deixaria.

Abano a cabeça demasiado depressa. Sinto as tonturas invadirem-me como ondas. Não consigo responder-lhe de volta. Afasto-me da sala, despeço-me do Vicente e bato com a porta do carro quando lá chego. Cerro os punhos em redor do volante e sinto a pele descascar sob a minha força.

Como é que eles se atrevem?

Como é que ela se atreve?!

Ranjo os dentes. Não acredito que os meus pais têm a lata de vir visitar o Vicente quando eu não estou presente.

Alguém bate no vidro do carro. A Tânia sorri. Sacudo o rosto e esboço um sorriso. Pelo menos, existe uma pessoa no mundo, no meio deste caos, que se dispõe a dar-nos a mão.

Capítulo 30

A frescura acaricia-nos a pele assim que entramos nesta casa. Não é pó, como o que encontrámos na casa da Maria Bessa Miranda, mas uma fragrância de frutos silvestres, contrastante com o verão alentejano. Com um ar tão fresco como este, a Constança vai recuperar da tosse num ápice.

A Tânia tem uma casa belíssima. As paredes brancas com contornos azuis, típicos da nossa região, e os contornos das portas em pedra dão-lhe um ar tradicional, mas ela adicionou o seu toque moderno, com a cozinha em madeira pintada de azul-bebé e bancada de mármore branco.

— Entrem! — convida-nos a trazer as poucas tralhas que adquirimos durante a estada na casa da Maria Bessa Miranda.

Apesar do aperto no coração, deixo-me encantar com as cores pastéis que a Tânia usou para decorar a sua casa, uma vivenda de piso único imaculada, repleta de plantas — até hera! — e de móveis em madeira envernizada. A harmonia de brancos, azuis, a pedra nas paredes e as plantas, em conjunto com as janelas amplas que recebem a glória do sol, é estonteante. O emaranhado de raiva e tensão desfaz-se e posso respirar de novo.

— Venham, vou mostrar-vos os vossos quartos.

Seguimos a Tânia. A Constança, a quem comunicámos esta mudança, desta vez com mais calma, dá a mão ao pai, que tem um aspeto desgastado. Também devo parecer assim. É em momentos como este que testamos a solidez de um casamento — quando as dificuldades ameaçam destruir-nos.

— Aqui, vai ser o vosso quarto. — A Tânia abre a porta de madeira, que dá para um quarto de casal generoso, com uma cómoda azul-turquesa, em tom pastel, e uma cama. A cama tem lençóis azuis-bebé e amarelos, tal como existe um pouco por toda a casa.

— Uau... — É tudo o que consigo dizer. O quarto parece tão confortável que me apetece dormir todas as horas que me foram roubadas pela ansiedade.

— E, aqui ao lado, será o quarto dos miúdos. — Quando abre a porta, mostra-nos um quarto com um beliche.

— Eu fico em cima! — grita o Vicente, e sobe as escadas do beliche.

— Tira os sapatos — manda o pai, e o menino descalça-os e arruma-os a um canto.

— E a Constança pode ficar na cama de baixo. — A minha amiga baixa-se ao nível da minha filha. — Gostas da tua caminha nova, Constança?

A menina vocaliza de forma estranha. Parece sentir-se ansiosa. Conduzo-a até à cama, e mostro-lhe um peluche branco que está lá em cima.

— Olha, um coelhinho!

A Constança olha o boneco com curiosidade, toca-lhe. No entanto, este encontro torna-se tenso para ela. Afasta a mão e estremece. O seu lábio inferior começa a tremer.

— Pronto, não precisas de brincar com o coelhinho.

A Constança sai do quarto e corre pela casa, murmurando alguma coisa. São apenas sons, mas é a sua própria linguagem.

— Ela não fala? — sussurra a Tânia.

— Não — suspiro. — Tem perturbação do espectro do autismo. Ela é não verbal.

— Oh, coitadinha...

Não gosto que outras pessoas sintam pena da minha filha. Nas condições ideais para ela, é muito feliz. Precisa apenas de um ambiente calmo, dos seus legos e dos seus filmes. E, claro, do mano, do papá e da mamã. Sei que o «coitadinha» esconde a verdade implícita de que a minha filha não é saudável, de que não correspondeu às expectativas dos pais.

Mas eu amo a minha filha como ela é.

— Estejam à vontade. — A Tânia sorri-nos. — Façam como se estivessem em casa.

— Tânia, como te podemos agradecer? Nem imaginas o quanto estás a fazer por nós.

— Não precisas de me agradecer, mulher! Vai ser ótimo! Como nos velhos tempos. — pisca-me o olho e dirige-se à cozinha.

A primeira coisa que o Duarte faz é tomar um duche. Eu faço-o a seguir. A água quente é tão doce quanto musse de chocolate. A seguir ao duche, sinto-me nova, refrescada. Já me esquecia das maravilhas que um bom duche, não tomado numa estação de serviço imunda, faz.

Damos banho aos meninos também. E, quando se aproxima a hora do almoço, paira pela casa um aroma a guisado. Ajudo a Tânia com a refeição e aproveitamos para pôr a conversa em dia.

— Lembras-te de desenhares a minha casa de sonho? — A Tânia encosta-se a

mim, ombro com ombro, cabeça com cabeça. — Eu tornei-a real.

Talvez seja por estar há tanto tempo longe do meu trabalho, mas sinto-me enfeitiçada pelo bom gosto da minha amiga. Consigo até respirar melhor depois de contemplar um espaço tão belo como este.

— A sério? *Eu* desenhei esta casa?

— Fizeste os traços gerais. — Pisca-me o olho e move-se pela cozinha aberta com uma ilha, também com um tampo em mármore branco. — Mas conseguiste transformar o meu sonho em algo concreto. — Pousa os cotovelos sobre a ilha, e apoia a cabeça sobre as mãos. — Eu mostrei os teus desenhos ao arquiteto.

O meu sorriso abre-se, luminoso. A arquitetura e o *design* de interiores andam de mãos dadas, embora eu não tenha estudado a primeira, logo nunca tenha exercido a função de arquiteta. E, no entanto, não deixo de me fascinar pelo tema, pela sua complexidade. As lágrimas sobem-me aos olhos, mas não permito que desçam. Ver o meu trabalho precoce reconhecido reforça ainda mais a crença de que o *design* de interiores faz parte de mim, de quem sou.

Ao mesmo tempo, entristece-me. Profundamente. Não sei quando voltarei a exercer. Estamos longe das nossas condições ideais de vida.

E ainda tenho um assunto por resolver.

— Aonde vais? — pergunta-me o meu marido, ao ver-me pôr vários produtos de limpeza num saco.

— Vou limpar a casa da Maria Bessa Miranda.

— Outra vez? E arriscar aquele maluco ver-te?

— Só quero ter a certeza de que não deixámos nada que nos denuncie.

Ele suspira.

— E vais deixar-me aqui sozinho?

Olho para ele, com um sorriso trocista:

— Não te imaginava envergonhado!

— Não é isso...

— Eu sei. — Nas palavras que ele não diz, percebo o que me quer dizer. — Não demoro, prometo.

— Deixa-me ir contigo.

Suspiro. Tenho um peso no peito que preciso de libertar e não quero atirá-lo para cima do Duarte.

— Não demoro. — Beijo-o. — Obrigada por tomares conta dos miúdos.

Saio de casa e, assim que pego no carro, acelero na direção da dor. À medida que me aproximo, sinto o calor na boca do estômago alastrar-se. É lava que me pulsa nas veias.

Estaciono o carro e, ao sair, fecho a porta com mais força do que é normal. Abro o portão, que chia, e marcho até à porta de entrada. Os meus passos parecem pedras que sulcam o chão, deixando a terra exposta, vulnerável.

Vejo o senhor Álvaro e a dona Benedita abrirem a porta com espanto. Ali estão elas: as pessoas que tornaram a minha vida miserável.

— Matilde...? — Ouço a minha mãe chamar.

— Como é que se atrevem? — atiro.

— Vê como falas — adverte o meu pai.

Estaco e olho para ele, guardando a minha distância.

— E você veja o que faz!

Vejo-os franzirem o sobrolho. Mantenho-me a dois metros de distância.

— Matilde, filha, vamos conversar... — pede a dona Benedita.

— Ah, pois vamos! — A minha voz sai trémula devido à ansiedade e à raiva que acumulei. — Vocês têm cá uma lata!

— Nós é que temos lata?! — O meu pai arregala os olhos. — Vocês é que nos abandonaram depois de vos termos dado abrigo!

— Porque é que acha que isso aconteceu? — cruzo os braços, desafiando-o.
— Pense bem no que fez, *senhor Álvaro*.

Vejo-o premir os lábios numa linha e as narinas dilatarem-se-lhe. Ele detesta que lhe chame senhor Álvaro.

— Vocês têm de aprender a educar os vossos miúdos! — A sua voz é austera como a de um ditador. — Senão, daqui a uns anos, não têm mão neles!

A minha mãe não diz nada. São uma frente unida no que toca às opiniões que têm dos outros. São tão unidos que formam uma equipa contra a única filha que têm.

— Como se vocês fossem um bom modelo de educação!

Ouço o meu pai rosnar.

— És uma ingrata!

— E você é oportunista!

— Como? — A minha mãe franze o sobrolho. — Mostra respeito pelo teu pai, Matilde!

— Respeito? Depois do que fizeram à Constança?! — Sinto o rosto tenso. — No meio de tudo isto, ainda têm a lata de ir ver o Vicente à escola quando não lá esteve?

Eles não dizem nada. Estava-se mesmo a ver: não estavam à espera de que descobrisse. Sinto o ácido no estômago corroer-me por dentro.

— Como é que vocês foram capazes de fazer isto, depois de tudo o que aconteceu?

— Ele é nosso neto — assevera o meu pai. — Não podes proibir-nos de vê-lo.

— Posso. Não quero que vão mais vê-lo.

— Matilde... — pede a minha mãe.

— Eu sou mãe do Vicente, e EU é que decido! Estão proibidos de ir vê-lo! Se não respeitarem a minha vontade — olho-os nos olhos, séria —, vamos ter problemas. Que mania que vocês têm de me tratar como uma criança, raios!

Sempre foram assim, sempre! Começo a ficar farta desta merda e da forma como me tratam!

Rodo sobre os calcanhares e afasto-me. Ouço-os conversarem entre eles, mas esforço-me por não ouvi-los. Não quero mais desculpas. A minha paciência esgotou-se.

— Matilde! — Ouço os meus pais chamarem, mas não respondo.

Entro no carro, ligo-o e abandono este lugar nocivo. Tóxico.

Capítulo 31

Regressar aqui é uma mistura de estranheza e de conforto. Durante três semanas, esta foi a nossa casa. Sem água, sem eletricidade nem gás. A vivenda da Maria Bessa Miranda foi um abrigo, mas, ao mesmo tempo, uma transgressão que nos vai ficar na memória e na moral.

Gosto de acreditar que qualquer família na minha situação faria o mesmo: que questionaria a moral e transgrediria os limites para salvar aqueles que mais ama. É uma equação complexa, mas, quando se trata da nossa sobrevivência e da dos nossos filhos — e, sobretudo, da nossa segurança —, fazemos coisas que jurámos nunca fazer.

Começo pelo andar de cima. Os quartos que não usámos reluzem ao sol, imaculados, apesar de ter apanhado os miúdos a abrirem as portas por várias vezes. O quarto onde dormíamos ainda tem vestígios da nossa presença. Deteto migalhas de comida num canto e o edredão de uma das camas enrodilhado.

Arrumo e limpo o andar de cima. Através de uma das janelas, contemplo a imensidão de terreno dourado. Ervas secas esvoaçam ao comando do vento. Um gaio-azul pousa num ramo e admiro as suas penas azuis, enfeitada. Lá fora, os pássaros cantam, a calma tão distante do turbilhão de emoções que sinto. A conversa com os meus pais ferve dentro de mim, e a dor de cabeça não tarda em surgir. Ainda assim, limpo o quarto e a casa de banho em menos de nada.

Ao descer, concentro-me na limpeza da cozinha. Esfrego a pedra da bancada com tanta força que parece que vou parti-la. E limpo sem piedade o fogão a lenha. Não deixo nenhum móvel nem nenhum canto de fora.

Quando termino, contemplo esta casa deixada para trás. Como podem as pessoas abandonar um bem tão precioso como este?

O silêncio instala-se. Dou por mim a ouvir a minha própria respiração. As

fotografias de família espalhadas pela sala parecem mirar-me. Elas presenciaram o que aqui vivemos. Pego numa fotografia da Maria Bessa Miranda e sorrio. Agradeço-lhe por nos ter dado abrigo; por me ter permitido viver a adolescência sentindo-me mais livre da repressão a que era sujeita em casa; por nunca me ter apontado o dedo por transgredir.

Secretamente, gostava de conhecê-la.

Ouçó o som de pneus a rolarem sobre as ervas secas e as pedrinhas. Sustenho a respiração. Será que o senhor Alfredo Macário vai ameaçar-me outra vez? Aproximo-me, passo ante passo, da janela, e afasto uma nesga da cortina com a mão trémula. Reconheço o *Range Rover* verde e cerro a outra mão num punho.

Não acredito que me seguiram. Como não reparei?

Vejo os meus pais saírem do carro, os rostos contorcidos de quando a vida não lhes corre de feição. De imediato, dirijo-me à porta e saio para o exterior antes que eles se aproximem mais:

— O que é que...?

— Mas o que vem a ser isto? — Interrompe o meu pai, abrindo os braços. — Agora, invades a propriedade dos outros?

— Você não tem o direito de me julgar.

— Tenho! Sou teu pai! Não te educámos assim!

— Calma, Álvaro — pede a minha mãe. — Filha, nós só queremos conversar. Ouve-nos.

— Ouvir-vos? Para quê? — arqueio o sobrolho e abano a cabeça. Baixo o meu tom de voz. — Vir para Reguengos de Monsaraz foi uma péssima ideia.

Volto para dentro e, quando estou prestes a fechar a porta, a dona Benedita aproxima-se.

— Matilde, espera. Por favor. — Toca na porta com a palma da mão. — Não lighes ao teu pai, ele está nervoso com esta situação toda.

Arregalo os olhos, arqueando as sobrancelhas.

— E acha que eu não estou?

— Voltem para casa, podemos resolver tudo.

Pelo canto do olho, vejo o meu pai de mãos nos bolsos a olhar em redor, enquanto abana a cabeça.

— Não vou voltar para casa. E não vou arrastar a minha família para isto.

— Pensa nos teus filhos.

— Acha que não penso neles? — Encaro-a, de olhos cheios de lágrimas. — Todos os dias, mãe. Todos os dias!

— Somos teus pais, temos obrigação de ajudar. Vocês vieram para aqui, para a casa da dona Maria, sem condições para viverem... até... até parece mal! — depois, amansa o tom de voz: — As pessoas aqui falam, Matilde.

Pestanejo. Por dentro, tenho de respirar fundo para não explodir.

— A sério que é isso que a preocupa? Que as pessoas falem?

Ela fecha os olhos e abana a cabeça, enquanto inspira fundo.

— Tu sabes o que eu quero dizer.

— Acho que sei. — Traço os lábios numa linha e fecho a porta da casa da Maria Bessa Miranda. Encosto-me à porta para que não possam entrar.

— Matilde! — chama a minha mãe.

— Vamos embora! — Ouço gritar o senhor Álvaro. — Não vês que ela é ingrata e estúpida que nem uma porta?

Sinto a garganta inchar e as lágrimas a descerem-me pelas faces. Sei que a minha mãe ainda está do outro lado da porta e que espera que mude de ideias. Mas, quando ouço o motor do *Range Rover*, escuto, de seguida, os passos dela sobre as ervas secas em direção ao carro. Um suspiro pesado escapa-lhe dos pulmões. Os passos afastam-se até desaparecerem por completo.

Escorrego pela porta até ao chão e cubro o rosto. As lágrimas saltam-me dos olhos, e não consigo conter os espasmos e os soluços presos na garganta. Sinto-me grata por estar aqui e não na casa da Tânia, onde não poderia gritar. Pelo menos, sei que a casa da dona Maria Bessa Miranda vai testemunhar e silenciar todo o meu sofrimento.

Capítulo 32

Na sala, a Constança encontra a Maria Inês a brincar com legos. Corre até ela, pega nas peças azuis e amarelas e começa a fazer a sua sequência. O seu conforto.

— Ei, isso é meu! — berra a Maria Inês, e tenta retirar as peças à Constança.

A minha filha solta um grito alto, mais alto do que o da filha da Tânia, e tenta retirar as peças da mão da Maria Inês à força.

— Constança! — dirijo-me até ela e pego nela ao colo. — Não podemos tirar as peças a outros meninos. Par-ti-lha.

Mas ela já está a chorar, e os seus berros ecoam pela casa, como um diapasão. Conforto-a. A Maria Inês olha para mim, os olhos surpresos. Não esperava uma reação tão exacerbada por parte da Constança. Sorrio-lhe, para a tranquilizar.

O Vicente vem ter connosco à sala.

— A Constança gosta muito de legos — explica ele à Maria Inês, e põe-se de joelhos no chão. — São os brinquedos preferidos dela.

— Mas ela roubou-mos... — diz a filha da Tânia, num tom agudo, típico de criança.

— Oh, ela não faz isso de propósito. Fica só muuuito entusiasmada com as peças. Podemos brincar juntos. — O Vicente começa a dividir os legos. — Se emprestares estas peças à Constança, ela fica feliz. Só precisa de fazer duas filas.

— Porque é que ela não monta uma torre connosco?

O Vicente torce a boca.

— A Constança gosta mais de brincar sozinha.

O meu filho é adorável. Não só compreende as necessidades da irmã, como explica-as com sensibilidade aos outros meninos.

— Está bem. — A Maria Inês retira do seu balde algumas peças, e estende-as à Constança. — Queres brincar?

— Olha, Constança — viro-a para eles. Ela tem o rosto vermelho, os olhos verdes inchados de tanto chorar —, a Maria Inês quer emprestar-te umas peças para tu brincarees. — Baixo-me ao nível deles, e deixo a Constança ir.

— Constança — diz-lhe o irmão, e ajoelha-se à sua frente, para ela saber que lhe deve prestar atenção, estendendo-lhe um molho de legos —, só podes brincar com estas peças. As outras são da Maria Inês, está bem?

Ela faz que sim com a cabeça. Compreendeu.

Sento-me no sofá a observar os meus filhos brincarem. Enquanto a Constança elabora as suas sequências, que a deixam tão feliz — percebo-o pelas suas vocalizações alegres —, o Vicente e a Maria Inês constroem uma espécie de castelo. Regressam, assim, à infância. A serem apenas miúdos.

Apercebo-me de que, quando estava a trabalhar, perdia estes momentos com os meus filhos. Era a Olívia quem cuidava dos meninos quando eles saíam da escola. Apesar dos meus horários flexíveis, passava muito tempo a trabalhar. Mas, agora, consigo aproveitar estes momentos com eles.

Desacelerar é bom.

E parar, embora de forma forçada, dá-me espaço para os ver crescer.

— Vão pôr uma bandeira no castelo? — Capto a atenção do Vicente e da Maria Inês.

— Sim! Vai ser uma bandeira pirata.

— Uau! — sorrio. — Boa escolha.

— Olha, mãe, construí esta torre para o castelo sozinho! — O Vicente mostra-ma, orgulhoso.

— És um artista autêntico!

Ele sorri, e continua a brincar. São momentos como este que me fazem lembrar do quão bom é ser mãe.

O Gustavo chega a casa mais tarde. Cumprimenta a Tânia com um beijo prolongado. Dou por mim a desviar o olhar, porque a ideia de que eles estão casados ainda me faz confusão.

Eles olham-se, ternos. Ele desvia uma madeixa do cabelo dela para trás da orelha, como me fazia também. Hábitos que não mudam.

Recordo-me, por brevíssimos instantes, do desconforto do Gustavo quando os vi no parque. Só espero que tenha sido temporário. Afinal, não é como se nós tivéssemos pedido para estar nesta situação.

Ponho a mesa, enquanto o Duarte toma conta dos miúdos. Depois, reunimo-nos. Sentamo-nos para jantar e gera-se um silêncio desconfortável à mesa. Eu e o Duarte sentimo-nos estranhos na casa de outras pessoas. É como se estivéssemos a ocupar espaço. Ilegalmente. Sentimo--nos até mais ilegais do que na casa da dona Maria.

— Porque é que está tudo tão calado? — A Tânia franze o sobrolho e deixa escapar um sorriso. — O gato comeu-vos a língua?

A Maria Inês ri-se.

— O avô diz que, enquanto não acabarmos de comer, não podemos falar — explica o Vicente. — Os adultos podem falar, mas as crianças não.

Estranho ele referir isso neste momento. A Tânia olha para ele e, depois, para mim. Mostra um olhar preocupado.

— O teu pai ainda manda fazer isso?

Assinto.

— Ele não mudou — digo, e remexo na comida como se estivesse de castigo.

— Mas porque é que saíram de casa dos teus pais? — O Gustavo olha-me com curiosidade.

Troco um olhar com o Duarte. Para minha surpresa, ele responde antes de mim:

— É uma longa história, e acho que não é bom falarmos disso... — inclina a cabeça na direção dos miúdos — à frente deles.

A Constança começa a emitir vocalizações à mesa, depois de comer um terço da comida no prato. O Gustavo observa-a, por instantes, como se estivesse a ver um peixe da zona abissal.

— O que é que ela tem?

— A Constança é não verbal — explico, para evitar outras questões. — Ela comunica por gestos e vocalizações.

— Mas ela vai fazer esses barulhos a noite toda?

Pelo canto do olho, vejo os nós dos dedos do Duarte ficarem brancos de tanto apertar os talheres.

— Gustavo... — adverte a Tânia.

— Só estou a perguntar. Amanhã, tenho de ir trabalhar cedo.

— A Constança costuma dormir bem. — explico. — Às vezes, faz umas birras, mas passam-lhe.

— Birras? Mas que idade é que ela tem?

— Cinco — rosna o Duarte, e endereça-lhe um olhar desagradado.

— Estás a olhar assim para quê? — O Gustavo pestaneja. — Vocês vieram para *minha* casa, eu quero saber com o que conto. Que eu saiba, não há mal nenhum nisso.

Inspiro discretamente. Esta conversa lembra-me quanta paciência tive de ter com o Gustavo quando namorávamos. Ele ainda tem laivos da velha guarda.

— A Constança é sossegadinha. — Mostro um sorriso ao casal que nos acolheu. — Desde que esteja num ambiente calmo e tenha umas peças de lego, é feliz.

— A minha mana brincou com os legos da Maria Inês — conta o Vicente. — Estivemos todos a brincar na sala.

— Boa. — O Gustavo assente na direção do meu filho — Puto, ficas

responsável pela tua irmã, para ela não chorar de noite. Combinado?

O Vicente acena com a cabeça para que todos vejam, com orgulho, o quão diligente ele é. Engulo em seco. Como é que o Gustavo pode pôr sobre o meu filho tamanha responsabilidade? Ele só tem sete anos!

Só estamos aqui há um dia, e eu já engendro formas de sairmos daqui.

Pelo menos, ninguém me pode ouvir gritar na minha mente.

— Não gosto daquele tipo — sussurra o Duarte, na esperança de que não nos oiçam.

Cai a noite. As gotas da chuva batem contra a janela do nosso quarto, numa sinfonia sinistra. A cama é-me estranha, mas confortável. Adivinho uma boa noite de sono — bem estou a precisar. Aninho-me no pescoço do meu marido e procuro conforto nele. Sinto a tensão prender-me todos os músculos e só queria um pouco de leveza. Será pedir demais?

— Eu sei — digo, num tom arrastado de sono.

— Como é que ele teve a lata de falar da Constança como se fosse um bicho?

— Deixa ir, Duarte. Ele não vai repetir o que disse.

Ouçoo inspirar e abanar a cabeça.

— Não vou aguentar aqui muito tempo.

— Eu sei. Eu sei, amor. Vamos sair daqui.

Ficamos em silêncio. Quando estou prestes a adormecer, ele lança uma pergunta desconfortável para o ar:

— Como é que conseguiste namorar com aquele merdas?

Abro os olhos enquanto um calafrio se espalha sob a minha pele.

— Já foi há tanto tempo, Duarte...

— Mas o que é que te atraiu nele?

— Não sei... Ele era simpático, alto e forte. Essas coisas a que as adolescentes acham piada.

— Namoraste com ele durante cinco anos. Não me parece ter sido coisa de adolescente só.

E, então, percebo: o Duarte tem ciúmes. É mais um problema que voa para dentro do meu furacão de ansiedade.

Solto um riso abafado.

— Se pudesse voltar atrás no tempo... — brinco. Seguro no rosto do meu marido, na escuridão, e sinto-lhe o hálito a pasta de dentes. — Duarte, não sinto nada por ele. Para ser sincera, até acho patético que tenhamos namorado. Não somos compatíveis. Mas tu e eu somos.

Sinto o rosto dele distender-se num sorriso. Beijo-o. Deixo as nossas línguas dançarem, abraçarem-se. As suas mãos percorrem o meu corpo debaixo da camisa de dormir. O ritmo dele é confortável. Conhece-me. Sabe o que me excita. E,

quando desce a mão e me toca, os meus músculos parecem nuvens.

Soergo-me e beijo-o com mais intensidade. Sinto-o gemer, os ecos da sua boca na minha. Tiro-lhe os *boxers*. Ele faz subir a camisa de dormir sobre a minha cabeça. Sento-me em cima dele, sentindo-o quente dentro de mim. Entrego-me ao Duarte como nos primeiros meses de namoro.

Como se o tempo não passasse.

Com urgência.

Ele beija-me o pescoço quando o deixo pender para trás, com os meus cabelos longos a tocarem-lhe nas pernas. Desce a língua para os meus mamilos, e solto um gemido contido mas prolongado. Movo-me depressa, a fricção a despertar-me todos os sentidos. O perfume do Duarte invade-me gentilmente as narinas, e fecho os olhos para o sentir. A sua respiração pesada e acelerada faz-me vir.

Perco a noção do tempo. Quando o Duarte me muda de posição, tenho de enterrar a cabeça na almofada para sufocar os gemidos. Ele é brusco. Gosto disso.

No final, deitamo-nos, suados, de costas na cama. Recuperamos o fôlego enquanto olhamos para o teto escuro. Ele estende a mão para a minha e entrelaçamo-las.

— Amo-te — segredo-lhe.

O Duarte encosta a cabeça ao meu peito e beija-me os seios. Depois, beija-me nos lábios, um beijo carinhoso e demorado.

— Amo-te, Matilde.

Capítulo 33

Levanto-me de um salto e corro para o duche mais rápido da minha vida. Apresso-me a vestir-me e vou acordar o Vicente. As horas não enganam: estamos atrasados para a escola!

— Bom dia, meu pequenino. Vamos acordar. Está na hora de ir para a escola!

A Constança ainda dorme, e vou deixá-la assim. A casa mergulha no silêncio, e faz-lhe bem este sossego, agora raro.

Dirijo-me à cozinha para preparar o pequeno-almoço do meu filho. Temos de ser rápidos, mas não vou deixá-lo ir para a escola sem comer. Assim que entro no *open space*, deparo com o Gustavo a barrar manteiga nas suas torradas, na ilha da cozinha.

— Bom dia — diz-me, com um sorriso torcido.

— B... bom dia.

— Dormiste bem?

Contorno-o e retiro os cereais do armário. Estranho a pergunta e não percebo porquê. Há algo no tom dele que me incomoda. Como se escondesse alguma coisa.

— Sim... Tu também?

Ele encolhe os ombros. Trinca uma das torradas e mastiga-a com a boca aberta, levando o seu tempo. Outros hábitos que não mudam.

Deito os cereais na taça.

— Tirando a parte em que ouvi barulhos, diria que sim.

Estaco. Sem me aperceber, mais cereais do que deviam voam para a taça, que quase transborda. Engulo em seco. Como ele vê que fico desconfortável, vira-se para mim, de frente, enquanto mastiga e me olha com aquele sorriso trocista. Sinto que o olhar dele me invade além da pele.

E perfura.

— Eu sei que gostas de levar com força. — Abre um sorriso enquanto semicerra os olhos. — Mas não te esqueças de que vivem outras pessoas cá em casa.

O meu queixo descai. Recuo na minha mente até à noite anterior. Não. Não podemos ter feito assim tanto barulho... Será que estas paredes são de *pladur*?

Termina de comer as torradas, pega numa mochila e dirige-se até à porta, de onde solta uma gargalhada ao me ver neste estado.

Nunca me quis tanto esconder num buraco como agora.

O Vicente surge na sala, e eu, procurando recuperar do choque, estendo-lhe a taça de cereais.

— Tantos? E onde está o leite, mamã?

— Há?

— Não posso comer tanto! Fico com dores de barriga.

Sacudo a névoa do espanto e concentro-me no que é mais importante.

— Desculpa. Eu preparo-te os cereais outra vez. Mas temos de sair em dez minutos, está bem?

— Está bem! — diz, com um sorriso.

O Vicente devora o pequeno-almoço e nem me dou conta. Distraio--me com arrumações na cozinha. Parece que o Gustavo ainda está aqui, mesmo na sua ausência. Abano a cabeça. É uma estupidez pensar nisto. É melhor concentrar-me na ida para a escola.

Ouçõ a Maria Inês a correr pela casa. Ela adora a escola, os amiguinhos e a professora. Está na mesma turma do meu filho, o que me deixa mais tranquila.

A Tânia acabou de acordar, e calcorreia a casa de robe, despenteada.

— Oh, caramba, adormeci! — exclama, quando passa por mim.

— Eu levo-os.

— A sério? Não te importas?

— Claro que não! Escusamos de levar dois carros.

— Oh, muito obrigada! — abraça-me.

O odor do amaciador dela é agradável, mas sinto um outro odor à mistura: o perfume do Gustavo. Ainda usa o mesmo que usava na adolescência.

Ela empresta-me a cadeirinha da Maria Inês, para o carro, e levo os miúdos à escola. É o mínimo que posso fazer por nos terem acolhido.

— Hoje já é sexta-feira! — Olho pelo espelho retrovisor. — Quem é que está animado pelo fim de semana?

— Eeeeuuu! — exclamam, em unísono.

Chegamos à escola. Os miúdos quase saltam do carro, com o entusiasmo. Fico feliz por o Vicente se sentir mais alegre e por agora gostar da escola.

— Tenham um dia muito feliz, e não se esqueçam de lavar sempre bem as mãos. — aconselho.

— Sim! Até logo, mamã!

— Até logo, tia Matilde!

Tia Matilde? Sorrio. Esta é nova. De certeza que a Tânia teve alguma coisa que ver com isto.

Regresso ao carro. Consulto o telemóvel, cuja bateria carreguei em casa da Tânia, que contém demasiadas chamadas não atendidas da minha mãe. Não penso ligar-lhe de volta. Não depois da discussão que tivemos. E não depois do que ela e o meu pai disseram. Não sou ingrata. Não tivemos culpa de tudo o que nos aconteceu.

Não esperávamos uma crise.

Não *desejámos* uma crise.

Não *quisemos* perder a nossa casa.

Não *pedimos* para ficar sem trabalho.

Suspiro. Não sei o que fazer a seguir. O futuro é uma incógnita tão grande... Os noticiários não mostram notícias animadoras. Estivemos um mês afastados das notícias e, quando voltámos, o cenário pareceu ter piorado mais do que o dobro.

Aqui, em Reguengos de Monsaraz, as pessoas não parecem estar tão preocupadas como na capital. Como se pudesse vir um furacão e estaria tudo bem na mesma, porque toda a gente está precavida.

Sou só eu que temo esse furacão?

— Desculpa — pede a Tânia.

— Desculpa porquê? — arqueio as sobrancelhas.

— Pelo comportamento do Gustavo.

Por instantes, não consigo dizer nada. Lembro-me da conversa de manhã. Será que ela nos ouviu?

Limpo a louça do jantar de ontem e arrumo-a nos armários. Sentada no sofá da sala, com a sua caneca de café, a Tânia segue-me com o olhar, perto o suficiente da cozinha para nos conseguirmos ouvir. Tento afastar da memória a conversa que o Duarte e eu tivemos ontem, em que chamou «um merdas» ao Gustavo.

Mas talvez não se refira à conversa de hoje.

— Pensei que tivesses falado com ele acerca de... nós virmos para aqui.

— E falei. — Ela suspira, e pousa a chávena no pires. — Não sei é se ele me ouviu...

De costas para ela, fecho os olhos e tento acalmar-me. Esta situação não é fácil, mas já adivinho dias piores. Vai começar a ficar mais frio, os dias vão decrescer e a crise vai continuar a afetar-nos a todos e à contribuição que podemos dar. Como irá o Gustavo reagir a tudo isso com uma família estranha na sua casa?

Temos mesmo de sair daqui.

Termino de limpar a louça, e sento-me ao lado da minha amiga no sofá. Estendo-lhe a mão e seguro a sua. Quando ela estica a mão na minha direção, noto que nódoas negras espreitam dos seus braços, debaixo da camisa branca de meia-manga.

— Magoaste-te?

— Não! — diz, brincalhona. — Isto não é nada.

Olho para ela, para que me conte a verdade. Sabe que, quando fico parada a olhar para ela, tem de me dizer o que se passou. É o nosso gesto desde que éramos miúdas.

— Tropecei nos brinquedos da Maria Inês. — Ela sorri e encolhe os ombros. — Sabes como é! Depois, embati na cómoda dela e fiquei assim.

A explicação é plausível, mas algo me diz que é outra coisa. Vejo nos olhos da minha amiga que algo se passa. Ela é que não me quer contar. Ainda assim, não quero insistir. É diferente quando somos adultas, quando temos famílias para criar. Sei que, a seu tempo, vai contar-me o que se passa.

Suspiro, e volto ao tema anterior:

— Tânia, nós vamos ficar aqui o mínimo de tempo possível. Esta foi uma solução temporária, e eu estou-te muito grata por nos ajudares. És uma alma boa. — Faço uma pausa. — Mas nós vamo-nos embora o quanto antes.

Ela solta um suspiro prolongado, como se tivesse pensamentos conflituosos — que eu acredito que tenha.

— Não quero que voltes para casa dos teus pais. Eles trataram mal os teus filhos.

— Tudo se irá resolver. — Mostro-lhe um sorriso encorajador, embora, por dentro, tenha muito medo do futuro. Sem a oportunidade que a Tânia nos está a dar, não sei para onde iremos, se perto ou longe. — Não podemos pensar só em cenários negativos!

Ela encolhe as pernas no sofá e vira-se para mim. De repente, é como se voltássemos ao passado.

— Estou tão feliz por te ter reencontrado — digo-lhe, apertando a mão dela. — Eras a única pessoa fixe nesta terra.

Ela inclina o rosto e sorri, comovida:

— E tu a melhor amiga que eu podia pedir. — Faz uma pausa enquanto abana a cabeça. — Quando te vi na casa da Maria Bessa Miranda, quis chorar. Não tiveste sorte com a tua família, Matilde, e isso sempre me revoltou.

Encolho os ombros.

— Pelo menos, ensinaram-me a lutar pelo que queria.

— Sim, mas nunca te apoiaram. Os teus pais ambicionavam tão pouco para ti. Quando tomaste a decisão de ir estudar para Lisboa, fez-me todo o sentido. Mas eles revoltaram-se de uma maneira que não compreendi. — Desta vez, é ela quem encolhe os ombros. — Sempre soube que irias longe, miúda. Mas, para

realizares esse sonho, não podias ficar aqui, nesta terriola.

Abraço-a. Ela não imagina o quanto as suas palavras me aquecem o coração. Alguém que me compreende, por fim.

— Obrigada. Significa muito para mim ouvir-te dizer isso. — Inspiro o ar da casa, hortelã e café, odores tão distintos daquela mistura do pó com produtos de limpeza da casa da Maria Bessa Miranda. Depois, soltamo-nos do abraço. — E a ti, o que te fez ficar?

Ela solta um riso abafado.

— Já foi há tanto tempo... Acho que foi, sobretudo, a minha família. Nunca tive muita curiosidade em relação à cidade, sabes disso.

— Sei. Por isso é que nunca me foste visitar, não é? — provoco-a, rindo-me.

— Eu fui a Lisboa, tu é que não me viste! — brinca.

Rimo-nos, e as nossas gargalhadas afugentam o silêncio da casa.

— É bom ter-te de volta, Matilde. — Ela segura a minha mão.

Sorrio até ter covinhas debaixo dos olhos. Ela nem sabe o quão grata estou por estar aqui.

Só gostava que não fosse nestas circunstâncias.

Capítulo 34

— O que estás a fazer? — pergunto ao meu marido, num tom suave, sentando-me a seu lado na cama.

Pela casa, o silêncio vai ocupando todos os cantos. Para prevenir que nos ouçam, sussurramos. A Constança não conseguia adormecer — ainda estranha o sítio —, e chorou durante uma hora. Cantei para ela, e até pus a tocar, no telemóvel, músicas de Ludovico Einaudi, bálsamos para a alma. Mas nem isso resultou. Adormeceu vencida pelo cansaço.

Esta mudança não está a ser nada fácil para ela.

— Estou à procura de emprego.

Já estamos na casa da Tânia há uma semana, e cada dia parece arrastar-se como se estivéssemos a rastejar pelo deserto. A repetição desgasta-nos, e não consigo concentrar-me na criação do meu curso com o Gustavo a atirar comentários e indiretas sobre nós e os miúdos.

Ele não mudou.

— Encontrei alguma coisa?

— Tenho uma entrevista marcada para esta quinta-feira — diz ele, resignado.

— Mas isso é ótimo! — Passo-lhe a mão pelo cabelo. — Então, porque continuas à procura?

— Nada me garante que vou conseguir este trabalho.

— Em que área é?

— Distribuição alimentar.

Torço a boca. A partir deste gesto, o Duarte percebe o que não digo nas entrelinhas.

— Eu sei que não é *Marketing* e Publicidade, mas tenho de tentar...

Assinto. Ele tem razão. Mas, por vezes, é difícil aceitar tamanha injustiça.

Quando é que a crise nos libertará deste sufoco?

— Também enviei currículos para agências de publicidade, mas não devem estar a recrutar neste momento. Na volta, estão é a despedir pessoas. Como na minha.

— E sentes-te bem a trabalhar na distribuição alimentar, mesmo sem teres trabalhado na área antes?

Ele encolhe os ombros e rói a unha do dedo mindinho.

— Que alternativa temos?

O estado de ordem deste ano — resignação. Desvio o olhar para a colcha da cama. Sinto um aperto no peito, uma questão que não me larga:

— Seria ótimo se arranjassemos trabalho os dois, não era?

O Duarte pousa o telemóvel entre nós.

— Era da maneira que saíamos daqui mais depressa.

Miro um ponto distante no quarto, e deixo-me desfocá-lo com o olhar.

— Quero voltar ao trabalho, Duarte. Sinto-me inútil.

Ele aperta-me a mão com delicadeza. O meu cérebro é um caos contínuo que não silencia nem de dia nem de noite. Sinto o remoer de uma depressão a aproximar-se, como as nuvens, lá longe, que ameaçam fazer cair sobre mim o fim do mundo.

Mas, então, lembro-me da doce senhora que, no início da queda do abismo, me disse as sábias palavras: *E não se esqueça de que, mesmo em tempos de grande dificuldade, as mães seguram famílias inteiras.*

Ajudo a Tânia a pôr a mesa. Lá fora, o vento sopra com mais força do que o habitual, trazendo as nuvens que anunciam outubro, mas que não farão chover sobre os campos secos de Reguengos de Monsaraz.

O Duarte traz os miúdos e ajuda a Constança a sentar-se e a manter-se calma, com o seu pónei para lhe fazer companhia. Mas a menina não parece bem, quase como se pressentisse que algo se passa.

— Vamos papar, Constancinha? — Sorrio-lhe do outro lado da mesa e dou meia-volta para abraçá-la. É o meu amorzinho, esta miúda. Ela mostra-me um cartão PECS com o desenho de uma criança com um prato de comida à frente.

Sentamo-nos. O Gustavo é o último a chegar e senta-se à cabeça da mesa.

— Ah, boa! Carne à Alentejana, como eu gosto!

Depois de pôr a comida para o Vicente e para a Constança, noto que, depois de cheirar a comida, ela faz uma careta e empurra o prato para longe, emitindo uma vocalização desagradada.

— É bom, filha — incentiva o Duarte, sentado ao lado dela.

— Ela costuma ser assim, esquisita com a comida? — pergunta o Gustavo.

— De vez em quando — respondo. — Mas ela vai gostar, porque é carinhosa.

— Porque é que falas à bebé com ela? Se calhar, é por isso que ela se porta assim!

— Assim como? — desafia o Duarte.

— Não vês? — O Gustavo sorri, nervoso, enquanto aponta para a minha filha. — Tem cinco anos e parece uma bebé de dois!

Vejo as narinas do Duarte dilatarem-se, enquanto evita encará-lo. Apresso-me a mudar de assunto para as coisas não aquecerem:

— O Duarte tem uma entrevista de trabalho esta semana — anuncio.

— Que bom! — exclama a Tânia, de olhos arregalados e felizes.

— Vais trabalhar, pai? — pergunta o Vicente.

— Ainda não sei — responde ele, atrapalhado. — É só uma entrevista.

— Ainda bem, pá — diz o Gustavo, enquanto mastiga. Faz uma pausa e engole a comida. — Nós gostamos de vos ter cá, e assim, mas a Tânia e eu queremos ter outro filho e, com pessoas cá em casa... é mais complicado. Não temos tanta... — arqueia as sobrançelas na minha direção — privacidade.

Arrepio-me perante aquele olhar e afirmação.

— Ó Gustavo, não digas isso... — pede a Tânia, incomodada.

— Eu vou ter um mano? — A Maria Inês lança a pergunta como um foguetão. — Vocês não me disseram nada!

Desviamos o olhar para a Tânia, que parece ter o holofote sobre ela. Ela solta uma risada trémula.

— Estamos a pensar no assunto, querida. — Ela faz uma festa no rosto curioso da filha. — Mas não te preocupes com isso agora. Come.

Ficamos em silêncio durante muito tempo. Reflito sobre a questão. A ideia de eles estarem a pensar ter outro filho e nós estarmos aqui incomoda-me ainda mais. Sinto que estamos não só a aproveitar-nos da sua solidariedade, como também a impedi-los de realizarem um sonho.

A Tânia, que detesta silêncios constrangedores, atira a pergunta:

— Está bom, o jantar?

Não respondo logo. Nem ninguém. Mas isso é porque tenho uma sensação estranha na garganta. O Gustavo assente enquanto mastiga, expressivo, a comida.

— Está ótimo — diz o Duarte. — Obrigado.

— Parece que a Constança não gosta... — lamenta a minha amiga.

— Está descansada, nós ajudamo-la a comer.

Vejo a Constança desviar o olhar para as pessoas sentadas à mesa. São olhares rápidos, passageiros, mas é como se ela estivesse a anotar na sua mente quem ali está. Nunca a vi fazer isto. Por norma, não olha ninguém nos olhos.

— Está ótimo, Tânia — digo, fora de tempo.

Mais uma onda de silêncio.

Mais uma pulsação de desconforto.

Nem quinze minutos depois, o Duarte e eu ajudamos a Tânia a levantar a

mesa. Os miúdos desaparecem para a sala e o Gustavo senta-se no sofá a ver as notícias.

— Isto não há maneira de acabar! — Aborrece-se ao ouvir as notícias sobre a crise. A seguir, aumenta o volume da televisão.

A Constança leva as mãos aos ouvidos e solta um grito. Dirige-se ao Gustavo, num pânico trémulo, a suplicar-lhe que baixe o volume sem o olhar nos olhos.

— O que é que ela tem? — volta-se para mim, confuso. — A televisão não está assim tão alta.

A voz do pivô do telejornal ecoa pela casa como se estivesse a falar para um megafone. Caminho pelo *open space* até à sala.

— A Constança é mais sensível aos sons, só isso — explico, contendo-me para não ser rude, e pego na minha filha para a levar para o quarto com o irmão.

— Também não é preciso levá-la daqui! — exclama o Gustavo, como se eu tivesse cometido um crime. — Ela pode estar aqui na sala. Mas tenho a televisão no volume que quero.

A Maria Inês brinca com os brinquedos no tapete. O Vicente junta-se a ela, mas depois também leva as mãos aos ouvidos. Sei que tenta, mas não aguenta aquele volume tão alto.

Caramba, nem eu.

Dirige-se a nós e diz-me, com o rosto contorcido.

— Está muito alto, mamã.

— Eu sei.

— Tu também? — resmunga o Gustavo. — Caramba, que cambada de sensíveis! Uma pessoa nem pode estar na sala a ver televisão.

— Não sejas assim, Gustavo — pede-lhe a Tânia, da cozinha. — Podias pôr um bocadinho mais baixo. Realmente, está alto demais.

Ele bufa e baixa o volume, atirando depois o comando para a outra ponta do sofá.

— Pronto! Estão contentes?!

Levo a Constança para o quarto que partilha com o irmão e ponho-lhe os fones de ouvido que ajudam a cancelar o ruído externo. Acalma-se de imediato, como se estivesse num banho de espuma.

— Também posso pôr esses fones, mamã? — pergunta o meu filho.

— Não temos mais, fofinho.

— Mas porque é que a Constança pode ter fones e eu não?

— Porque a mana é mais sensível ao som.

Ele suspira.

— Mas também quero ir para a sala brincar, e o Gustavo é mau e não põe a televisão mais baixa.

— Vicente — digo, num tom assertivo, mas calmo —, o Gustavo não é mau. Nós estamos na casa deles e devemos estar muito agradecidos por eles nos deixarem estar aqui.

Ele baixa o rosto, triste.

— Só queria voltar para casa dos avós...

Fico sem palavras. O Duarte vem juntar-se a nós, depois de ajudar a Tânia a lavar a louça. Ouviu esta última parte e, como eu, abre a boca em choque.

— Vicente — diz ele —, não vamos voltar para casa dos avós. Vamos ter a nossa própria casa. Outra vez.

— A sério? — Ele arregala os olhos, esperançoso.

— Duarte... não lhe prometas nada que não possamos cumprir.

— Então, não vamos ter a nossa própria casa?

— Vamos, meu amor, claro que sim, mas... — hesito — ainda vai demorar algum tempo.

— Quanto tempo?

Suspiro.

— E se eu te pusesse algodão nos ouvidos? Assim, também podias ir brincar para a sala.

Ele olha, estupefacto, para mim. Sabe que fugi à pergunta.

— Está bem. Mas, depois, quero que me digam quanto tempo.

Eu e o Duarte assentimos, como uma promessa. Pomos algodão que encontramos na casa de banho nos ouvidos do Vicente, e faço uma nota mental para não me esquecer de comprar mais algodão, para substituir o que temos andado a usar. Depois, regressamos à sala. O ambiente é estranho: paira no ar a electricidade que antecede um furacão.

A Maria Inês brinca no tapete com os seus brinquedos enquanto a Tânia limpa a cozinha. O Gustavo continua a ver televisão, e aumentou o volume. Felizmente, tanto a Constança como o Vicente vão brincar com a Maria Inês — ou, melhor, o Vicente vai brincar com ela, porque a Constança prefere brincar sozinha.

O Duarte junta-se aos miúdos. É ele quem vai tratar dos banhos do Vicente e da Constança. Eu vou ajudar a Tânia. Ela sorri-me, embora o seu sorriso depressa desapareça num rosto exausto e, parece-me, desiludido. Permanecemos em silêncio na cozinha, embora tenha muitas perguntas para ela.

Aqui, o ambiente não é seguro.

Sinto o rumor de um maremoto.

Capítulo 35

Gritos ecoantes e ásperos despertam-me. O Duarte acorda também. Do outro lado da porta, ouvimos as vozes da Tânia e do Gustavo, vindas do quarto deles:

— Gustavo, por favor tem calma — pede a Tânia, num tom controlado e baixo.

— Tu é que os trouxeste cá para casa! — grita. — A culpa é tua!

— Eles não tinham para onde ir!

— E então? Não é problema teu!

Seguro a almofada enquanto o ar me rareia nos pulmões.

Eles estão a discutir: por causa de nós.

— Foda-se — deixa o Duarte escapar, enquanto esfrega a cara com as duas mãos.

Não consigo dizer nada neste momento. Parte de mim quer travar aquela discussão, mas, para ser franca, tenho medo da reação do Gustavo.

As vozes elevam-se. A minha amiga já não tem o cuidado de manter a voz baixa e conseguimos ouvir tudo o que dizem. Em mim, do despertar violento, emerge todo o medo, toda a incerteza deste momento da nossa vida. A crise não nos parece dar tréguas, e a nossa situação é tão precária que não temos escolha.

A procura de casas tem sido complicada. Os senhorios mostram-se relutantes em arrendar os apartamentos a pessoas a viverem do fundo do desemprego.

Que mais podemos fazer? Voltar para a casa da Maria Bessa Miranda, sem condições para os miúdos? Voltar para casa dos meus pais, que nos tratam como lixo?

Nem voltar para Lisboa é uma opção.

Estamos aqui por nossa culpa.

Ou por culpa da crise?

Já não sei em que acreditar.

Ouvimos algo a partir-se. Terá sido um espelho? Olho para o Duarte, em pânico. Segue-se um grito da Tânia. Levanto-me e aproximo-me da parede mais encostada à do quarto deles. A voz trémula da Tânia denuncia-lhe o choro. Sinto o meu coração apertado.

— Mamã? — O Vicente entra no quarto, a esfregar o olho. — Não consigo dormir...

Abraço-o com força. Nenhum dos meus filhos deveria ter de assistir a isto.

A Constança!

— Oh, meu pequenino...

— Porque é que eles estão a gritar?

Não sei o que lhe dizer. Esta situação é demasiado complexa e dolorosa para que ele a compreenda.

— Como está a mana?

— Está acordada e a fazer barulhos. Acho que está nervosa.

A discussão continua. Somos bombardeados com dor, raiva e desilusão, projetados em gritos e ofensas cruéis.

— Fica aqui com o papá, está bem?

Ele assente. Vejo nos seus olhos agitados uma nota de dúvida, de um terror amedrontado que não lhe tinha conhecido ainda.

— Senta aqui ao pé do pai — convida o Duarte, em sussurro.

Abro a porta do nosso quarto devagar, e os meus ouvidos quase estalam com a diferença de decibéis. No corredor, o volume da discussão agiganta.

Espreito para dentro do quarto dos miúdos, e vejo a Constança encostada a um canto a balançar para a frente e para trás. Para a frente e para trás, no seu mundo. Vocaliza, ansiosa, a voz trémula e assustada. Os olhos arregalados, em pânico, procuram conforto. Leva as mãozinhas aos ouvidos para atenuar a dor que todo aquele barulho lhe provoca.

— Oh, minha pequenina! — corro até ela e abraço-a.

O aperto no coração intensifica-se.

Ele continua a falar na sua língua, distante de todas as que conhecemos. Não chora. Mas, quando olho para os seus olhinhos verdes, vejo-lhe as lágrimas.

Desta vez, ela não gritou.

Nunca a vi tão aterrorizada como agora.

Sento-me com ela no chão e continuo a abraçá-la. Ela não se opõe nem resiste ao abraço.

— Está tudo bem, meu amor. Está tudo bem. A mãe está aqui.

Mais objetos continuam a voar e a partir-se. Apanho os fones de ouvido da menina e ponho-lhos. Estes fones, construídos para crianças sensíveis como a Constança, têm sido uma boia de salvação.

O Duarte e o Vicente juntam-se a nós, porque neste quarto ouve-se menos. Fecham a porta atrás de si.

— Temos de fazer alguma coisa — adverte o meu marido.

Assinto, com o rosto contorcido de preocupação.

E, então, ouvimos a Maria Inês a sair do seu quarto, do outro lado da porta, e a abrir a porta do quarto dos pais:

— Mamã, papá... não discutam...

— Sai daqui! — grita-lhe o Gustavo.

— Mas, papá... — desta vez, ouvimos a menina a chorar. — Por favor, parem...

— Já te disse para saíres!

— A mãe vai ter contigo depois — ouvimos a Tânia dizer, a chorar —, está bem, bonequinha?

A porta do quarto da Tânia e do Gustavo fecha-se com um estrondo, e a Maria Inês chora, os espasmos tão fortes que mal consegue respirar. Entrego a Constança ao Duarte e abro a porta do quarto dos miúdos com cuidado.

— Anda cá, minha pequenina. — chamo-a no corredor, em sussurro.

— Mas o papá e a mamã estão a discutir...

Com o batimento descompassado, acerco-me dela e pego-lhe na mão, trago-a para junto de nós. O choro entrecortado de soluços da miúda é aflitivo. De ver e de ouvir. Abraço-a, e ela apega-se a mim com tanta força que lhe sinto o peito rebentar contra o meu.

Nenhuma criança deveria passar por este sofrimento.

— Temos de chamar a GNR — digo ao Duarte, que tem a nossa filha ao colo. Ele marca o número do 112 e reporta a situação assim que atendem.

— A polícia vai prendê-los? — dispara o Vicente, sentado no chão, ao pé de nós.

— Eles saberão o que fazer. — Sussurro, enquanto abraço a Maria Inês.

Os gritos continuam, numa sinfonia horrível — como se estivessem a bater tachos e panelas ao lado dos ouvidos.

— Eu vou lá — informo, depois de acalmar a Maria Inês.

— Não — pede o Duarte. — Nós devíamos sair daqui.

— E vamos para onde? — As lágrimas assomam-me aos olhos. Os músculos tremem-me, e não os controlo.

A voz do Gustavo eleva-se sobre as nossas:

— Tu não devias ter feito isto, Tânia! Ponto final! Tens muita mania de fazeres as coisas nas minhas costas!

— Eu falei contigo sobre isto! Disse-to tantas vezes.

— Aposto que foi a puta da Matilde que te deu a volta! Tu não costumavas fazer-me isto!

— Okay, já chega — diz o Duarte, no tom baixo, grave, que costuma usar quando perdeu a paciência.

Pousa a Constança no chão, que, apesar de ter os fones para a proteger, continua a balançar para a frente e para trás.

— Não. — Seguro-lhe a mão. — Não faça isto.

— Tu ouviste o que ele te chamou!

E, com isto, sai do quarto, disparado, e lança-se na direção do quarto da Tânia e do Gustavo.

— Duarte, espera! — sussurro-lhe, em súplica.

Pela fresta da porta — mantenho-a fechada ao máximo para os miúdos não verem o que se passa, embora saiba que estão atentos —, vejo-o atravessar o corredor, entrar e a gritar:

— O que é que chamaste à minha mulher?!

— O que é que estás aqui a fazer, palhaço?!

O Duarte não diz nada. Ouço o som seco e abafado de alguém a ser esmurrado, seguido de vidro a partir-se, talvez caído de algum móvel.

— Duarte? — grito, e saio do quarto.

Ouçó a Tânia gritar e, ao chegar, eles já estão a lutar. Agarro no Duarte, mas ele afasta-me. Vejo o Gustavo socar o meu marido e, por instinto, empurro o meu ex. Ele olha-me, feroz.

— Sua cabra!

A Tânia tenta impedi-lo de chegar até mim e me bater. O Duarte, a sangrar do nariz, lança-se a ele e empurra-o na direção da parede oposta à da porta. O baque é oco, e o Gustavo contorce-se de dor. E então vejo o quarto deles: a cama na diagonal, os lençóis espalhados e amachucados; o espelho da cómoda partido; objetos quebrados por toda a parte. O odor acre a medo. A luz parca dos candeeiros de rua que entra, a medo, pelas janelas.

E a Tânia, a minha amiga Tânia, com o rosto inchado e sangue a escorrer-lhe pelo nariz e pela boca.

— Tânia, vamos sair daqui — suplico-lhe, num tom aflito.

— Ela não vai a lado nenhum! — grita o Gustavo, ferido, exausto. — Eu é que mando, caralho!

— Tu não decides por ela! — devolve-lhe o Duarte.

— Tânia... — repito, enquanto olho de soslaio para aquele monstro.

— Afasta-te dela, Matilde! Pensas o quê, que mandas? Vai mandar para a puta que te pariu!

O Duarte espeta um novo soco no Gustavo, pelo queixo, fazendo-o morder a língua. Sei-o porque vejo sangue escorrer-lhe da boca. E isto é suficiente: o Gustavo lança-se ao meu marido e desfere-lhe um soco que o faz cair sobre a cómoda.

— Duarte! — O pranto rebenta-me dos pulmões enquanto o tento amparar. Depois, viro-me para o Gustavo. — Afasta-te dele, senão...

— Senão o quê, puta? — desafia-me. Afasto-me do meu marido para o Gustavo não o agredir e se concentrar em mim. Aproxima-se, e ainda me sinto a ser sacudida pelos músculos a tremer. Consigo cheirar-lhe a violência. — Estás armada em quê? Pensas que estás a salvar alguém? — Ele ri, mostra os dentes

ensanguentados. Uma visão aterradora que não se vai apagar da minha mente, nunca. — Chegas aqui, como se isto fosse teu, com o teu marido da cidade, que não vale um caralho, e pensas que vais dar a volta? Vocês não têm onde cair mortos! Tens uma filha deficiente como a merda, e um filho coninhas que não aguenta o barulhinho de uma televisão!

— Gustavo... — suplica a Tânia, com a voz entrecortada.

O Duarte grunhe, a tentar recuperar do soco.

— Caladinha! — diz, olhando de soslaio para a Tânia, o desprezo na sua expressão. — O que é que queres, Matilde? — Ele mostra um sorriso assustador.

— Eu sei o que tu queres. Puta uma vez, puta para sempre.

O Duarte volta a grunhir, e tenta socar o Gustavo, mas já sem forças.

As lágrimas correm-me pelo rosto, enquanto contraio o maxilar. Procuro forças onde não as conhecia, desafiando o meu próprio medo, para o enfrentar. Mas, antes que possa responder-lhe, somos surpreendidos pelo arfar de choque do Vicente, da Constança da Maria Inês. O horror nos olhos. A infância que se esfumou.

Os miúdos estão no corredor a ver tudo.

Ouvimos baques na porta.

A GNR chegou.

Capítulo 36

Apos averiguarem a situação, os guardas levam o Gustavo, a Tânia e o Duarte para a esquadra. Presto o meu depoimento primeiro, para ficar com os miúdos no carro enquanto aguardamos desenvolvimentos. Não estou autorizada a sair do carro, junto do posto da GNR.

A tensão espalha-se como poeira tóxica. É como se, de repente, a casa que nos acolheu se tivesse tornado radioativa. As pessoas, em fragmentos.

A Maria Inês funga no banco de trás. A Constança ainda tem os fones de ouvido e brinca com o seu pónei, a recuperar do choque. O Vicente olha para as mãos, consternado pelo que viu.

Viro-me para as crianças.

— Vai ficar tudo bem, meus queridos. — digo-lhes, embora não saiba o que vai acontecer a partir daqui.

A Maria Inês abana a cabeça em modo negativo, apertando contra o peito o ursinho de peluche cor-de-rosa.

— Quando o papá e a mamã se zangam — funga —, as coisas ficam piores. Muito piores.

Muito piores? Sinto os remoinhos dos arrepios sob a pele.

Um espasmo liberta-se-lhe dos pulmões, um soco que se transforma em tosse. O sofrimento desta miúda é inimaginável.

— Nós estamos aqui para ajudar. — Pouso-lhe a mão no joelho, e sorrio, mesmo que sorrir seja a última coisa que quero fazer. — A polícia vai resolver tudo.

— E se... prenderem os... meus... pais?

Pondero por instantes. Se prenderem o Gustavo, vai criar um trauma irreversível na Maria Inês. Por outro lado, será melhor do que crescer com um pai

violento.

Não digo nada. Ela assusta-se mais com o cenário. Estendo-lhe os braços. Ela abraça-me, assustada, e eu conforto-a.

— Vai ficar tudo bem, Maria Inês — diz o Vicente, rompendo o silêncio.

Afago o cabelo da menina e penso, para mim, que este pesadelo está longe de terminar.

Os miúdos dormem no carro, e saio, discreta, deixando os vidros abertos. O céu começa a aclarar, anunciando a manhã. Nuvens densas pairam sobre nós e ameaçam chuva. Olho para o relógio de pulso, que marca as sete e trinta.

Não me afasto do carro, apenas quero respirar depois de não pregar olho a madrugada inteira. A quietude de Reguengos de Monsaraz pela manhã contrasta com a violência que testemunhámos esta noite. Para as outras pessoas, a vida continua, mas, para nós, é como se tivéssemos travado a fundo. E ficado sem ar.

Pouco depois, vejo o Duarte a caminhar na nossa direção. O guarda, que vem com ele, informa-me que estou dispensada, e retira-se de novo para dentro do posto, para aquele que parece ser um longo turno.

O rosto inchado do meu marido denuncia o horror que vivemos. A sua pálpebra direita, agora roxa, parece ter duplicado de tamanho. Sangue seco junto ao nariz e à boca emolduram-lhe uma expressão triste. Tem arranhões nas mãos. Abraço-o. Aperto-o contra mim como se tivesse medo de perdê-lo.

— Temos de sair daqui — desabafa ao meu ouvido.

Assinto depressa com a cabeça. Nada mais temo do que perder a minha família.

— Tenho a entrevista hoje — diz-me, ao desfazer o abraço. Queria tanto abraçá-lo e não largá-lo mais.

Olho para o estado do Duarte. Ele percebe o que eu não digo.

— Eu sei. Mas tenho de tentar. Por nós.

Engulo em seco. E, contendo a asfixia de ansiedade que me ameaça matar, murmuro:

— Vai correr bem.

O Duarte espreita para dentro do carro, para ver como os miúdos estão, e agradece-me com uma festa no rosto por ter segurado o barco.

Voltamos para casa da Tânia e do Gustavo, apesar do meu receio de voltar a lá entrar. As minhas mãos tremem ao segurar o volante, e sinto os músculos das pernas tão tensos que não sei como consigo acelerar e travar.

Quando sabemos o que se passa no interior das casas, a sua aparência exterior ganha um novo significado, mais sombrio — quando alguém é agredido dentro de uma casa, ela deixa de ser bonita; encantadora. Neste momento, olho para o sonho da Tânia como se invocasse a morte.

O Duarte dirige-se para dentro para se livrar do sangue todo e preparar-se para aquela que pode ser a nossa salvação.

Os miúdos continuam a dormir no carro, tal é a sua exaustão. Momentos mais tarde, a Tânia chega no veículo da GNR.

— Tânia — digo, mais para mim do que para ela, e ajudo-a a sair do carro. Ela cambaleia, aturdida.

Se não fosse a minha melhor amiga de infância, não a reconheceria. O seu sorriso perdeu-se algures num rosto inchado, vermelho e roxo, apoiado num pescoço com marcas de mãos que tentaram asfixiá-la.

Ela podia ter morrido.

E esse pensamento lança-me chamuscas pelo corpo.

Os guardas murmuram alguma coisa que não compreendo e deixam-me levar a minha amiga para casa. Ela apoia-se no meu braço.

O Gustavo não veio com ela, e isso alivia-me. Não quero pensar em como ele não mudou.

Ajudo-a a sentar-se no sofá. Ela deita-se e eu cubro-a com as mantas. Aconchego-a com cuidado para não a magoar. Imagens da nossa infância atravessam a minha memória e turvam-me os olhos. Como é que uma criança tão entusiástica e meiga pode ter chegado a este estado?

— Descansa, está bem? — Engulo os nós na garganta que me tornam a voz trémula. — Vou só buscar os miúdos ao carro. Volto já. — Dou-lhe um beijinho na testa devagar, e saio dali antes que me afogue num pranto de injustiça.

Só desejava voltar atrás no tempo.

Depois da luta que foi trazer os miúdos para dentro de casa e impedi-los de verem a Tânia, vou aconchegá-los no quatinho que o Vicente e a Constança partilham. Prefiro manter os miúdos juntos, e a Maria Inês não quer voltar para o seu quarto por ser tão próximo do caos traumático.

A Constança, exausta, adormece quase no mesmo instante em que a tapo com o cobertor.

De seguida, vou para a cozinha e preparo uma sopa para a Tânia. Ouço-a respirar com dificuldade no sofá, as narinas inchadas. O sibilar da sua respiração é agonizante, de sentir e de ouvir. Inspiro fundo e procuro concentrar-me em ajudá-la.

Mas parte de mim quer matar o Gustavo. De lhe fazer tudo o que ele fez à minha amiga. Ao meu marido. Não mudou desde os tempos em que namorávamos. Continua a tratar as mulheres como lixo.

Não quero abrir a porta desse armário de memória. Não quero voltar aos tempos em que, estúpida, estive com ele.

Porque não sei o que faria se voltasse lá.

Depois da fervura, trituro os ingredientes. Apercebo-me de que o Duarte já saiu para a entrevista. Só espero que corra bem. Ele precisa disto.

Nós precisamos disto.

Sirvo a sopa numa tigela e ajudo a Tânia a sentar-se. Os cabelos desgrehados e o rosto irreconhecível, aumentado, provocam-me pontadas no coração.

Dou-lhe a sopa à boca. A boca dela abre-se devagar e com dificuldade. Solta um gemido de dor e cerra os olhos.

— Tu consegues, amiga — digo-lhe, num tom ternurento.

Ela esforça-se por comer. Devagar, abre e fecha a boca enquanto lhe dou as colheres de sopa. A casa afoga-se no silêncio arrastado da memória desta madrugada.

— Não... não consigo... mais — devolve a Tânia, entre golfadas de ar. Lá está aquele sibilar, mas, desta vez, vem das profundezas da sua garganta.

— Só mais um bocadinho.

Ela abana a cabeça devagar, e de seguida cerra os olhos. As lágrimas brotam-lhe do rosto em derrota. Porque ela sabe que perdeu a batalha.

Pouso a tigela de sopa quase cheia na mesa de centro da sala e envolvo a Tânia num abraço.

— Foste uma guerreira.

Os espasmos rebentam-lhe dos pulmões, como foguetes lançados indiscriminadamente para o ar. Tenho todo o cuidado ao segurar nela, a abraçá-la. Sinto que estou a abraçar uma boneca de porcelana.

— Não sou guerreira nenhuma. — Ela abana a cabeça e fala devagar. — Estive a noite... inteira no posto da GNR, e depois... levaram-me para o hospital de Évora no carro da polícia e estive lá muito tempo. Foi horrível.

Apercebo-me de que não vi um carro a levá-la para o hospital. Com certeza, fizeram-no para abrir o processo com as provas de que a agressão aconteceu mesmo. Assim, também os profissionais têm conhecimento do monstro que ele é.

— Não fazia ideia de que ele te fazia isto — deixo escapar. — Aquele cabrão...

— Ele... não é sempre assim.

— Não tem de o ser. Nunca. — A minha voz adensa-se, torna-se mais ríspida. — Ele não tem o direito de te tratar assim.

O choro dela abranda. É como se já estivesse habituada a sofrer e a seguir a levantar-se, limpar as lágrimas e continuar como se nada tivesse acontecido.

Recompõe-se e senta-se no sofá, limpando as lágrimas à manga da sua camisola de lã branca.

— Nem todos têm a sorte de ter um marido como o teu — diz ela, num estranho tom de acusação.

— O que queres dizer com isso?

— Tu podias es... estar na minha situação. — Olha-me. — Podias ser tu quem levou tarefa esta noite. — Faz uma breve pausa. — É fácil... falar quando

se está numa posição melhor.

Pestanejo.

— Tânia, não estás a perceber. O que ele te fez é imperdoável. Não podes deixar que ele te bata!

Ela solta um riso de escárnio, e logo tosse.

— É fácil falar... Nunca te aconteceu.

Traço os lábios numa linha. Engulo a verdade. Mas ela sai-me catapultada como se tivesse uma pedra dentro de mim:

— Pensas tu.

— O... quê?

— Nada. Descansa — recomendo, afagando-lhe o braço apesar da mágoa que me inflama o peito, e afasto-me para, também eu, repor o sono que perdi. — Estou por perto.

Capítulo 37

Reabro os olhos após um breve sono sem descanso. As memórias da noite anterior — que nunca quis criar — caem em avalanche na minha mente, outra e outra vez.

Objetos partidos. Gritos. Choro. Ressentimento. Destruição. Caos. Violência.

Os meninos continuam a dormir. Quero que reponham o sono e se deixem ficar, mas sei que terão de comer alguma coisa a seguir. Vou até à sala verificar como a Tânia se sente. Encontro-a a olhar o nada, uma letargia aflitiva de ver.

A sopa esfriou, esquecida na mesa de centro. Ao ver-me aproximar e sentar-me a seu lado no sofá, desperta da apatia e olha-me, pestanejando. Devagar, abre a boca para dizer alguma coisa, mas depois fecha-a.

— Queres comer alguma coisa? — pergunto-lhe.

— O que... querias dizer... há bocado?

— Há bocado?

— Sobre... o Gu... Gustavo. Ele... fez-te alguma coisa? — pergunta-me a Tânia, numa voz arrastada, os olhos inchados, roxos, marejados de lágrimas.

Ficamos em silêncio por instantes. O arrependimento amarra cordas à volta do meu pescoço. Foco um ponto no ar porque abri o raio do armário de memória que queria manter fechado.

Devia ter ficado calada.

É tudo em que consigo pensar agora.

Não sei como não lhe contei isto durante todos estes anos. Talvez, lá bem no fundo, acreditasse que, se não se falasse sobre o assunto, ele ficaria esquecido.

— Ele sempre tentou ser uma pessoa que não era — começo, e remexo-me no sofá. — Quando namorávamos, o Gustavo parecia ser bom rapaz. Até os

meus pais gostavam dele! Em retrospectiva, acho que devia ter considerado isso uma coisa má, mas eu sabia lá, na altura! — Encolho os ombros, e olho para a minha amiga, que me escuta com toda a sua atenção, ferida. — Lembra-te daquela noite em que te disse que íamos visitar os primos dele a Lisboa?

A Tânia reflete por instantes e responde, de forma pausada:

— Sim, acho que... me lembro, mais ou menos.

— Durante a ida para lá, discutimos. — Escancaro a porta do armário, e as memórias escapam, tão resplandecentes quanto florestas a arder. — Ele andava-se a queixar da forma como eu me vestia. Não liguei. Mas depois de sairmos à noite com os primos dele, voltámos para casa de um deles e o Gustavo confrontou-me, a dizer que os primos só olhavam para mim e que se queriam meter comigo, apesar de ser inverno e de eu estar coberta do pescoço aos pés.

Faço uma pausa para olhar aquela memória de frente e arranjar coragem para expô-la. Continuo:

— Nessa noite, ele gritou comigo. Não lhe conhecia aquele tom. Estava furioso. E quando atirou uma cadeira contra a parede e lhe partiu as pernas, tive medo. Muito medo. — Abano a cabeça de um lado para o outro. — Tentei fugir do quarto, mas agarrou-me pelo pulso com tanta força que fiquei com a marca durante semanas. Eu nem vi o punho dele a aproximar-se. Só o senti. E quase me partiu o nariz, aquele cabrão. Havia sangue. Por todo o lado. Na mão dele também.

Fico a mirar um ponto no vácuo. Tenho os lábios entreabertos, mas não consigo dizer mais nada.

— Matilde... — A Tânia segura-me nas mãos. Levanto o rosto na sua direção, para a ver franzir o sobrolho trémulo. — Porque é que não me contaste?

— Pensei que ele ia mudar. — Encolho os ombros devagar, também em derrota, e levo as mãos ao rosto. — Fui tão estúpida!

Por momentos, a Tânia não consegue dizer nada, em choque. Não acredito que lhe escondi isto durante tanto tempo.

Quem sabe se teria evitado este desastre para ela.

— Foi por isso que... me disseste que... tinhas apanhado uma gripe depois de visitares os primos dele? — pergunta-me.

Solto as mãos do rosto e assinto, afogada na memória que fugiu do armário escancarado.

— Devias ter-me contado.

— Eu sei.

— Devias ter-me dito, Matilde. Eu... era a tua.... melhor amiga!

Assinto.

— Desculpa.

— Foi por isso que... terminaste com ele?

Pondero.

— Por esta e... outras razões.

— Por outras vezes em que ele te...? — Deixa a pergunta por terminar.

Primo os lábios um contra o outro. Não quero rever isto. Não quero abrir mais armários a abarrotar de memórias como esta. Não. Quero criar novas memórias, não reviver as antigas.

— Por favor, não contes nada ao Duarte. Não vai acrescentar nada, neste momento.

A Tânia anui devagar e embrulha-se na manta, procurando conforto no aconchego do calor. Respiro fundo e continuo:

— O ciclo não tem de se repetir, Tânia — digo, com cuidado, olhando-a nos olhos. — Tens de quebrá-lo.

Ela olha para mim, de olhos marejados de lágrimas. Ela sabe que esta decisão é difícil porque não pode pensar apenas em si.

Mas nada justifica uma vida de violência.

Sentadas no sofá, eu e a Tânia ouvimos uma chave rodar na fechadura. Por instinto, seguro na minha amiga com mais força. Ela encolhe-se no meu abraço, porque o mínimo indício da presença do Gustavo a aterroriza. Olhamos para a porta. Sinto o meu rosto tenso, e cerro os dentes com tanta força que posso partí-los.

Uma manga de casaco emerge na sala. Sinto a respiração trémula da Tânia a bater ao compasso do meu coração acelerado.

— Quem está aí? — atiro.

— Sou só eu. — O meu marido surge na sala e senta-se noutro sofá junto de nós. — Onde estão os miúdos?

— A dormir. Eles estavam exaustos, coitadinhos.

Ele assente e desvia o olhar para a Tânia. O que viveram na esquadra, só eles sabem.

— Como te sentes? — pergunta o Duarte, dirigindo-se à minha amiga.

A Tânia encolhe os ombros. Tem vergonha de olhá-lo nos olhos.

— Eu não queria ter batido no Gustavo — diz ele, num tom apologetico, embora eu saiba que ele não se arrepende. — Mas não tive escolha.

— Se vocês não... tivessem... cá estado...

A frase fica no ar, por terminar. Eu e o Duarte trocamos um olhar, e sinto o medo encher-se dentro de mim como um balão.

— Como correu a entrevista? — A pergunta quase me salta da garganta.

Entre um almoço rápido e tentar manter os miúdos longe da Tânia, para não os assustar e para darmos espaço à minha amiga para descansar, nem tive tempo de conversar com o Duarte.

Estamos sentados no chão do quarto dos miúdos, com a Constança a brincar

no meio de nós com legos da Maria Inês. A um canto, o Vicente e a Maria Inês fazem os trabalhos de casa. A Tânia adormeceu no sofá, e tapei-a com mantas quentes. Tudo o que ela precisa, neste momento, é de sossego.

— Correu bem. O trabalho parece-me puxado, mas acho que consigo.

— Isso quer dizer que conseguiste o emprego? — Sinto a frescura de uma lufada de esperança nos pulmões.

— Sim.

Inclino-me para abraçá-lo. A Constança não parece muito feliz, porque murmura sons queixosos.

— Já viste, princesa? O papá arranjou um trabalho novo!

Ela não olha para nós, mas percebe que é uma boa notícia e solta um pequeno grito entusiasmado.

— Nós já voltamos — digo, e a Maria Inês e o Vicente voltam-se para nós, em sobressalto. Explico: — Vamos ao nosso quarto, estamos mesmo aqui ao lado. Cinco minutos.

Saímos do quarto dos miúdos e encostamos a porta. Desvio, como que por instinto, o olhar para o quarto da Tânia e do Gustavo. O local do crime. Ao entrarmos no quarto que nos cederam, encostamos a porta e falamos baixinho.

— Vamos poder sair daqui. — O Duarte solta um suspiro há muito contido. — Finalmente.

Deixo-me descair na cama e ele faz o mesmo. Olhamos o candeeiro no teto, uma pausa no meio do caos em que mergulhámos.

— A noite de ontem foi... — não consigo terminar a frase.

— Só penso nos miúdos, que viram aquilo. Aquele gajo é passado da cabeça. Viste em que estado é que ele deixou a Tânia? Só de pensar que andaste com ele...

Engulo em seco. O Duarte não sabe o que ele me fez. Agora que contei à Tânia, tenho receio de que ela revele o segredo ao meu marido, mesmo que lhe tenha pedido para não contar. Parece estúpido, guardar este segredo dele, mas não sei o que ele faria ao Gustavo se soubesse.

Não posso arriscar que o meu marido vá para a prisão.

— Foi muito difícil, hoje, acalmar os miúdos. A Maria Inês estava inconsolável.

Ele processa a informação por instantes.

— Acredito. O gajo não devia voltar para casa. Espero bem que abram uma investigação e ele vá preso. Só temos azar, sempre a encontrar pessoas destas!

Eu sei a quem ele se refere. E, olhando para a nossa jornada desde que saímos de Lisboa, temos tido tantos azares...

— No posto da GNR, disseram alguma coisa?

— Eles viram o estado da Tânia. E o meu. E o dele. Agora, estão a investigar o que aconteceu. Só posso dizer que ele ter ficado lá já é bom. Agora, o que vier daí...

— Só espero que ele não volte. Já não é a primeira vez que ele lhe fazia isto.
— Faça uma pausa. — A Maria Inês contou-me.

— Claro que já não era a primeira vez! Da maneira como ele lhe bateu ontem, claro que já andava a bater-lhe antes.

— As nódoas negras....

— O quê?

— Quando nos mudámos para cá, reparei que a Tânia tinha umas nódoas negras nos braços... Disse que tinha tropeçado nos brinquedos da Maria Inês, mas senti que era algo diferente.

— Aí está. Sacana! — O Duarte bate com o punho na colcha da cama.

Arrumamo-nos no silêncio. Paira no ar uma estranha onda de mistério, daquelas que, ao nos atravessarem, nos enregelam. É nesse silêncio que ouvimos a porta dos miúdos a ranger, ao ser aberta, e uns passos pelo corredor, em direção à sala. Levantamo-nos e abrimos a porta entreaberta do nosso quarto.

— Maria Inês? — pergunto, enquanto vejo a menina a caminhar a passinhos de lá pelo corredor. Ao ver que é descoberta, para e baixa a cabeça.

— Eu quero ir ver a minha mãe — murmura, triste, no corredor.

Aproximo-me dela a passos calmos. Não chora, tem vincos de tristeza no seu rosto de criança.

— Eu sei, minha querida. Mas a tua mãe precisa de descansar agora.

— Porque é que não posso ir vê-la?

— Porque... a mãe precisa de dormir muito. Está cansada por causa do que aconteceu ontem.

— Mas tu podes ir vê-la. — Levanta um pouco o tom de voz — Não é justo!

— Escuta — pego-lhe nas mãos e sorrio para ela —, a tua mãe sabe que estás bem. Ela está a recuperar. Estamos a cuidar dela.

As lágrimas surgem nos olhos da miúda a uma velocidade estonteante. Os seus olhos azuis iluminam-se à luz do entardecer, naquele corredor escuro, e o que diz a seguir, entre soluços, tira-me o tapete sem aviso:

— Eu não quero que... a minha mamã morra.

Capítulo 38

Ver a Tânia naquele estado, a definhar aos poucos todos os dias, é miserável. Para ela, sobretudo. E ouvir o que a Maria Inês sentia, ontem, foi terrível.

Hoje, tive de enviar os miúdos para a escola. No dia seguir à noite que todos queremos esquecer, liguei para a escola a informá-los de que o Vicente e a Maria Inês estavam doentes, mas não posso mantê-los em casa e arriscar que vejam a minha amiga naquele estado. É triste dizê-lo, mas a vida continua após eventos traumáticos.

Procuro contactos de psicólogos na área para apoiarem a Tânia e a Maria Inês. Caramba, acho que todos precisamos de fazer terapia. Faz falta, sobretudo, à Constança, o acompanhamento psicológico. E a terapia da fala. A psicomotricidade.

Pergunto-me o que vai acontecer a seguir. Se antes desconhcia o futuro, agora ainda mais. Porque é que nos acontecem tantas coisas más? Que raio de praga nos lançaram? Parece que, a cada passo que queremos dar, algo de pior acontece. Como se estivéssemos a ser puxados para o fundo por areias movediças.

O meu telemóvel toca, despertando-me deste furacão de angústia. Atendo:

— Estou?

«Bom dia. Estou a falar com a mãe do Vicente Magalhães?»

Não conheço aquela voz rouca de uma mulher de meia-idade.

— Sim, é a própria.

«Estou a ligar da escola. O Vicente teve um pequeno acidente...»

Gelo. A palavra «acidente» é uma que todas as mães desejam ver fora do seu dicionário. Antes que eu me lance numa cascata de perguntas, a senhora continua:

«O menino meteu-se numa luta e bateu com a cabeça numa esquina. Já está

na enfermaria, mas é possível que tenha de ir para o hospital, para levar pontos.»

A informação cai como um pedregulho num precipício. A aterragem é aparatosa, incomparável.

O Duarte, que vem até à cozinha, olha para mim, preocupado.

— T... tem a certeza? — pergunto.

«O melhor é mesmo vir até aqui e acompanhar o seu filho ao hospital.»

O meu coração escapa compassos de batimento enquanto corro até à porta principal e me meto no carro para ir ver o meu filho. O Duarte e a Constança, apressados, seguem-me.

Nunca senti tanto medo como agora.

Quando entramos na enfermaria da escola, deixo escapar um guincho ao ver o meu filho a ser assistido por paramédicos do INEM. Vejo gazes ensanguentadas por todo o lado, o meu filho deitado numa maca estreita e envolta em papel, a gemer com as dores, atordoado, os olhos a abrirem e a fecharem, percorrendo a sala como se não soubesse onde está.

— Vicente! — exclama o Duarte, ao vê-lo. — Estás bem?

— Meu pequenino! — aproximo-me do meu filho, e toco-lhe no rosto. — A mãe e o pai estão aqui.

— Minha senhora — um paramédico dirige-se a mim —, sei que está preocupada com o seu filho, mas vou pedir-lhe que nos deixe fazer o nosso trabalho agora. Combinado?

Aquela intervenção apanha-me de surpresa. Assinto depressa, sem saber de que outra forma reagir. O Vicente desaparece do meu campo de visão enquanto homens e mulheres de casacos amarelo fluorescente se põem à minha frente.

A Constança, ao colo do pai, aperta-lhe o ombro, larga-o e aperta-o de novo, num movimento espasmódico.

— Está tudo bem, Constancinha — ouço o Duarte dizer-lhe, enquanto, à nossa volta, os paramédicos conversam, vozes distantes que me escapam.

Trocamos olhares preocupados. Vejo o meu marido inspirar, a encher o peito devagar. Como que por instinto, imito-lhe o gesto.

Não me sinto mais calma.

A enfermeira responsável da escola passa por nós — reconheço a sua bata branca no meio dos casacos amarelos.

— O que é que aconteceu? — pergunto, antes que ela desapareça.

A enfermeira, de cabelos longos presos num rabo-de-cavalo e um rosto severo, segue para fora da sala, pedindo-nos que a sigamos. Não quero sair desta sala, mas logo me recordo de que os paramédicos não querem que atrapalhemos. Olho para trás, para ver o meu Vicente, mas continua circundado de profissionais. Tenho de deixar ir e confiar que farão o seu melhor trabalho.

Fora da sala, com a porta encostada, a enfermeira olha para o Duarte:

— Meu Deus, alguém lhe bateu? Tem a cara tão inchada!

— Não importa — diz o meu marido, e abana a cabeça. — Nada que não passe.

— Mas aconteceu alguma coisa?

— Isso queremos nós saber. — Ele arqueia as sobrancelhas inchadas. — Pode explicar-nos o que aconteceu com o Vicente?

A enfermeira pestaneja, de boca entreaberta, e pigarreja, voltando ao assunto do nosso filho. Num tom paciente, explica-nos:

— Segundo o que a professora Amélia me disse, o Vicente andava mais agitado hoje. Estava distraído nas aulas e, no recreio, andava a atirar pedras ao muro.

Franzimos o sobrolho.

— Mas isso não parece nada o Vicente... — digo.

— A professora diz o mesmo.

— Continue — pressiona ele.

Ela olha-o, apreensiva. O Duarte está habituado ao ritmo veloz da cidade, mas, aqui, em Reguengos de Monsaraz, as coisas são feitas e ditas de forma mais ponderada.

— Não quis brincar com ninguém. Os outros meninos convidavam-no para jogar à bola, e ele dizia que não queria. Ficava ali a atirar pedras ao muro. Até que uma outra criança veio meter-se com ele.

— Meter-se com ele como? — cruzo os braços.

— Gritou com ele, chamou-lhe nomes, começou a bater-lhe... — Faz um esgar com a boca. — Os miúdos chateiam-se, sabe como é. Mas o ferimento que o Vicente tem na cabeça vem de um empurrão. Ele foi empurrado e embateu contra uma esquina da parede da escola.

Fecho os olhos, a formar a imagem deste filme de horror. O Duarte suspira, derrotado. A Constança escuta a conversa, não vocaliza para não perturbar. É como se ela quisesse saber quem magoou o irmão.

— Mas quem é que o empurrou? — perguntamos, em uníssono.

A enfermeira inclina o rosto com um olhar empático e comprime os lábios antes de soltar o nome.

A realidade cai-nos no colo, uma massa de chumbo: foi a Maria Inês quem empurrou o Vicente.

Capítulo 39

Sento-me no quarto de hospital onde o meu filho repousa após ter sido cosido. Lá fora, as nuvens escurecem, o céu fica carregado como se ameaçasse chover.

O Vicente teve de levar pontos, porque abriu a cabeça. O choque ainda é o meu estado constante. O acidente foi bem mais grave do que esperava, e vê-lo aqui, deitado numa cama de hospital, com o rosto angelical adormecido, enche-me de tantas emoções que lhes perco o fio condutor.

Raiva. Desilusão. Uma tristeza profunda, incomensurável.

O meu bebé...

O Duarte e a Constança estão sentados noutro canto do quarto. Sem ânimo, o pai tenta brincar com a filha.

Olhamos para o Vicente, e deixamos focar o olhar no vazio, como se isso acalmasse a tempestade dos últimos dias.

— Como é que a miúda foi capaz de empurrar o Vicente...? — A voz do meu marido assemelha-se a um sussurro.

Abano a cabeça devagar, com as tonturas a ameaçarem atirar-me ao chão.

— Não sei...

— Ela era tão amiga dele...

— Não quero fazer suposições, Duarte. Não estávamos lá.

— Será que o Vicente lhe disse alguma coisa?

Levo as mãos ao rosto, a minha voz abafada:

— Podemos não falar sobre isto agora?

O quarto mergulha num silêncio perturbador. A Constança levanta-se e aproxima-se da cama. Estica o bracinho na direção do braço do irmão, toca-lhe. Como o Vicente não reage, vocaliza.

— Vamos deixar o mano descansar, está bem? — O Duarte mantém um tom

baixo, calmo. Quanto a mim, só quero gritar.

Mas não deixo de admirar o gesto da minha filha, preocupada com o irmão. Todos os dias, descobrimos novas formas de comunicação. Mesmo com coisas básicas, como «quero bolachas», a Constança aprendeu a comunicar por gestos, quando não tem os cartões PECS com ela. Quase como se fosse uma linguagem secreta, só nossa.

O meu telemóvel toca, interrompendo o silêncio. De sobrolho franzido e com as pálpebras pesadas, atendo.

— Estou?

«Boa tarde. É da escola do Vicente. Estou a falar com a dona Matilde Magalhães?

— Sim.

«Tenho aqui uma menina comigo, a Maria Inês Almeida. Já tentei ligar para os pais, mas ninguém atende. Os avós também estão fora neste momento, e lembrei-me de si, sei que conhece a mãe da Maria Inês.»

A memória aviva-se, traiçoeira. Nunca mais me lembrei!

— Hum, sim, sou eu que costumo levá-la à escola. A mãe dela, neste momento, não pode, porque... — prefiro omitir esta parte. — O meu marido, Duarte, vai buscá-la, sim?

«Muito bem. Obrigada, boa tarde.»

— Quem era? — pergunta-me o Duarte.

— Era da escola. A Maria Inês não tem quem a vá buscar.

O Duarte abre a porta do quarto do hospital e, com ele, traz a Maria Inês. A miúda parece não dormir há dias, com os vincos das olheiras a emoldurarem-lhe os olhos. Entra no quarto cabisbaixa, como se estivesse de castigo.

Numa outra circunstância, o meu primeiro instinto seria ralhar-lhe. Como daquela vez que um rapaz empurrou a Constança do baloiço, tinha ela três anos. Mas ajoelho-me à sua frente e, antes que lhe possa perguntar o que aconteceu, os soluços rebentam-lhe da garganta. Cerra os olhos com força, os espasmos soltam-se dos pulmões como cordas que, pela pressão, quebraram. O sangue sobe-lhe ao rosto, vermelho, e fica com as faces rosadas. Com os ombros descaídos, tenta redimir-se.

Atinge-me a verdade de que esta miúda tem passado por muito.

Há quanto tempo é que ela presenciava a violência do Gustavo contra a Tânia? Meu Deus, há quanto tempo é que ele lhe bate?

Tendo a Maria Inês sete anos...

Suspiro. Afago os braços da menina, que salta para o conforto do meu abraço. Precisa de se sentir segura. O Duarte e eu entreolhamo-nos. Esta miúda tem atravessado o inferno sozinha.

Depois de vários minutos a confortá-la, a deixar as minhas emoções de mãe protetora de lado, a Maria Inês dirige-se à cama de hospital e, com o rosto contorcido de preocupação, olha para o Vicente, ainda adormecido. Pega-lhe na mão e olha-o, de lágrimas nos olhos.

— Desculpa, Vicente... Des... culpa — soluça. Eu e o Duarte observamo-la, à procura de pistas.

— Ela não disse nada o caminho todo — sussurra-me o Duarte. — Parecia que a tinham proibido de falar.

— Está perturbada — respondo, no mesmo tom. — Isto não está a ser nada fácil para ela.

A Maria Inês continua:

— Eu não te devia ter empurrado. Fui estúpida. — Sobe o tom de voz. — Sou estúpida!

O Duarte intervém, no seu tom calmo, aproximando-se da menina:

— Maria Inês, aqui ninguém é estúpido. *Okay?* — Aguarda que ela anua e, quando o faz, prossegue: — Queres contar-nos o que aconteceu?

A menina baixa a cabeça e assente. Sentamo-nos todos no chão, em círculo, à frente da cama de hospital.

A Maria Inês respira fundo e ajeita as mangas da sua camisola branca com um gatinho estampado, cheio de brilhantes. Fui eu quem lha dei a vestir esta manhã, para lhe alegrar um pouco o dia.

Como se fosse possível alegrar quem quer que seja neste momento.

— O Vicente e eu estávamos no recreio, depois da aula de matemática...

Eu e o Duarte acenamos com a cabeça, para a incentivar a continuar. Ao nosso lado, a Constança tem o sobrolho franzido enquanto brinca com o pónei.

— Ele estava triste porque o meu pai e a minha mãe se tinham zangado, e andava de um lado para o outro a atirar paus e pedras ao muro. — Faz um esgar, ao aceder a essa memória que me custa construir. — Não queria brincar, estava muito chateado.

— Sim... — digo, num tom ténue.

— Eu estava a tentar acalmá-lo, mas ele empurrava-me para longe. E fiquei triste quando ele me disse para desaparecer.

— O Vicente disse-te para desapareceres? — pergunta o Duarte.

— Sim. E, depois, chamou «estúpido» ao meu pai.

Eu e o Duarte trocamos um olhar. Avanço:

— Querida, tens mesmo a certeza disso?

— Sim! — A Maria Inês olha-me, a jurar que não está a mentir. — Disse que o meu pai era estúpido e um cabraão por bater na minha mãe... — O seu lábio inferior treme. — Eu gosto muito do pai e da mãe... — soluça. — Não quero que eles se divorciem!

— Oh, querida... — suspiro.

— Eu não queria ter empurrado o Vicente, juro...

— Mas empurraste — afirma o Duarte.

Ela olha, surpreendida, para o meu marido.

— Tu também batestes no meu pai...

— Porque ele estava a bater na tua mãe! — franze o sobrolho, mostrando-lhe que tem razão.

Durante segundos que parecem uma eternidade, a Maria Inês chora baixinho, gemidos baixos e graves que se alastram pelo quarto. Tento processar o que aconteceu. Toda a situação escalou de maneira que não previ.

Ela aproxima-se de mim e encosta a cabeça ao meu ombro. Ver o lado dela ajuda-me a atenuar a dor que sinto por ver o meu filho a dormir numa cama de hospital.

A Constança, antes distraída com os brinquedos, dirige-se até nós e, em silêncio, tenta afastar a Maria Inês de mim.

— Constança... — aviso.

Mas ela vocaliza de forma ansiosa. Quer, à força, separar a Maria Inês de mim. O Duarte não a trava, apenas fica a observar o comportamento da nossa filha. Entreolhamo-nos. Será ciúmes? Será porque a Constança sabe o que a filha da Tânia fez ao Vicente?

Após várias tentativas, a Maria Inês olha, em choque, para a minha filha, que ocupa o seu lugar no meu abraço.

A Maria Inês dirige-se de novo para junto do Vicente e pega-lhe na mão.

— Ele vai ficar bem? — pergunta-nos. Depois, encosta a testa ao braço dele, e murmura «desculpa» vezes incontáveis.

Olho para o meu filho, e a culpa ataca-me, em modo furacão.

Nunca o devia ter submetido a nada disto.

— A Maria Inês empurrou o Vicente...? — Ela leva a mão ao rosto ainda inchado.

Preparo um chá para as duas. Como pano de fundo, o doce crepitar da madeira ao fim de dias aterradores. A lareira aquece a sala. Miro-a para encontrar conforto. As chamas são constantes, o crepitar, gentil.

Há muito que o Sol se pôs, e a casa tranquila é um bálsamo bem-vindo. O Vicente está bem, e é isso que importa. Dorme agora no quarto com a irmã.

A minha amiga não vai dormir para o seu quarto — não depois do rasto de destruição que o Gustavo deixou. Dele, por enquanto, não temos notícias, o que nos traz alívio e, ao mesmo tempo, preocupação. Ela fica aqui no sofá. Sento-me a seu lado e cobrimo-nos com as mantas. Abraço-a.

— Eu cuido da Maria Inês, está descansada.

— Só queria vê-la... — diz a Tânia, numa voz trémula.

— Eu sei — sussurro, e encosto a cabeça dela ao meu ombro. — Achamos

apenas que ela se pode assustar se... te vir neste estado.

Ela solta um suspiro. Detesto ter de separá-las, mas algo me diz que a Maria Inês ver a mãe neste estado é mais traumático do que afastá-las uns meros dias.

Sem o Gustavo aqui, o silêncio é desejado, mas arrepiante. Mesmo quem não está presente pode deixar o rasto da sua presença. É como se estivesse aqui, mas não está. Há pessoas que têm esse efeito. A sua voz é tão poderosa que, se nos desviarmos um milímetro, ele vai aparecer para se vingar.

— Nunca me constaste que estavam a pensar em ter mais um filho — atiro para o ar. A caneca de chá fumega e aquece-me a mão.

Ela não diz nada durante algum tempo. Já consigo falar melhor, embora a boca continue inchada como o resto do rosto.

— A Maria Inês já... é crescida.

Assinto. Não digo nada, porque sei que ela vai falar devagar e quero dar-lhe esse espaço.

— Não queríamos que fosse filha única, como nós. É uma seca.

— Percebo.

A Tânia suspira.

— Falámos sobre isso, mas... a crise aconteceu. Não é uma boa altura. — Faz uma pausa longa, enquanto enrola os dedos feridos, com cortes de vidros, na ponta da manta. — Nem sei se haverá.

— Tenho pena que as coisas não tenham sido como as imaginaste.

Ela encolhe os ombros.

— A culpa não é tua, Matilde.

— O Gustavo não é a pessoa certa para ninguém. De todas as pessoas, és a última a merecer que ele te faça isto.

Ela suspira.

— Tu também não merecias.

Inspiro devagar.

— Só quero que sejas feliz, Tânia. — Sem que me aperceba, as lágrimas sobem-me aos olhos. — Ver-te naquele estado, na outra noite, foi... — Não tenho coragem para terminar a frase. Sinto a mão dela pousar sobre a minha, frágil como uma pena, o relevo dos cortes em toda a sua extensão, e sinto a garganta arder com a dor de ver a minha amiga assim. — Não vou deixar que ele te volte a fazer isto.

Capítulo 40

— Onde está o meu pai? — pergunta a Maria Inês.

Eu e o Duarte preparamos os miúdos para a hora de dormir. Na casa de banho, depois dos banhos, os miúdos põem pasta de dentes nas escovas.

Eu e o meu marido trocamos um olhar. Olho depois para a menina:

— Ele está a trabalhar — minto. — Teve de fazer uns turnos extra, e vai trabalhar uns dias fora de casa.

— É por causa de ter batido na mãe, não é? — A menina mira-me através do espelho. — Vai ficar de castigo a trabalhar.

— Não te preocupes, querida. Ele está bem.

— E, ainda por cima, é fim de semana! — anima-a o Duarte. — Podes brincar os dias todos.

— Não é divertido se o pai não estiver cá... — diz, num tom tristonho, e pousa a escova em cima da bancada do lavatório.

— Podes sempre brincar com o Vicente — sugere ele.

Os miúdos trocam um olhar. Um olhar ressentido, crispado, mas, ao mesmo tempo, apologético. Como se ainda não se tivessem perdoado um ao outro.

— Não sei se o Vicente quer brincar comigo.

— Se não me empurrares... — diz o meu filho. Tem ainda um penso na testa, os pontos na fenda ferida.

Ela vira-se para ele, de olhos arregalados:

— Já te pedi desculpa! — reforça. Volta a pegar na escova e atira-a para o interior do lavatório, deixando um rasto de dentífrico em linha sobre a porcelana branca.

— Maria Inês — baixo-me ao nível dos seus olhos —, não precisas de ficar zangada. A vossa zanga já passou, e agora são amigos, não é?

O seu rosto tenso distende-se um pouco ao olhar para mim. Desvia o olhar de novo para o lavatório e faz um esgar, arrependida e envergonhada pelo seu gesto.

— Desculpa, tia Matilde.

— Muito bem — digo, sorrindo. — Então, vais brincar com o Vicente? *Com cuidado?*

Ela olha para o meu filho, que lhe estende a mão, com a outra ocupada com a escova de dentes:

— Estamos *quites?*

A Maria Inês, boquiaberta, surpreende-se com o gesto. Depois, estende-lhe a sua mão, entusiástica.

— Estamos *quites!* — Ela sorri. — E desculpa, Vicente. Não vou voltar a empurrar-te.

— E eu não vou voltar a dizer coisas más. Desculpa.

Eu e o Duarte sorrimos, e esperamos que este seja o fechar desta discussão que tanto afetou os miúdos. No meio do caos, haver coisas que se mantêm imutáveis é essencial. O meu coração enche-se de esperança e de amor, os fundamentos que me mantêm de pé quando tudo em meu redor se desmorona.

— Agora, lavem lá os dentes — pede o Duarte, e os miúdos obedecem.

Quando terminam a rotina de higiene e eu ajudo a Maria Inês a secar o cabelo, o Duarte leva o Vicente para o quarto dele. A miúda olha para o espelho, parece preocupada. Deve ser terrível para uma criança não saber onde está o pai. Por muitas razões de queixa que tenha dos meus, sempre soube onde eles estavam; nunca me abandonavam.

Levo-a para o quarto dela, para onde quis voltar. Enquanto a aconchego nos lençóis, ela lança perguntas para o ar:

— O pai não está aqui, mas tu vais estar, tia Matilde, não vais? Para me ajudar e à mãe?

O tom de súplica nas perguntas desarma-me. Tudo é tão incerto, neste momento...

— Estou aqui agora, minha querida. — Afasto uma madeixa do cabelo para trás da sua orelha. — Dorme bem.

Saio do quarto, não sem antes sorrir à menina. Mas não quero ficar muito tempo, porque nem eu sei se conseguirei ser sincera com ela. Dirijo-me para o quarto dos miúdos, onde o Duarte ajuda a Constança a adormecer e o Vicente olha para o teto, no beliche de cima.

— Boa noite, pequeninos — sorrimos.

— Mamã? — chama o Vicente, em sussurro. — Papá?

Aproximamo-nos do nosso filho. Ele parece hesitar, e olha para o lado, à procura das palavras certas.

— Diz, filho — profere o Duarte

Ele fala num tom ainda mais discreto:

— O Gustavo não vai voltar... pois não?

Eu e o Duarte olhamos para o Vicente, que alterna o olhar entre os dois, ansioso. Sinto que não vai conseguir dormir descansado se não lhe respondermos a isto.

Caramba, também eu não consigo dormir descansada.

— Não vai voltar — asseguro, e o Duarte lança-me um olhar estranho, como se soubesse algo que não sei. — Mas, se voltar, nós vamos proteger-vos.

— E se ele nos fizer mal?

— Não vai fazer. — Desta vez, é o Duarte quem o diz. — Nós não deixamos. Dorme bem, filhote.

Abraço o meu filho e digo-lhe que o amo vezes sem conta. Mas não há abraços, nem beijinhos, nem histórias para adormecer que acalmem esta sensação permanente, premente, de perigo. Resta o medo latente de que as coisas possam vir a piorar.

— Temos de definir um plano, Matilde — lembra o Duarte. — Não podemos continuar aqui, sem saber para onde ir.

À noite, tudo é mais assustador. É quando os medos me assomam à mente e se espraiam como ramificações de veneno. Eu e o Duarte preparamo-nos para dormir.

A Constança, mais ansiosa que o normal, não conseguia adormecer no seu quarto, sozinha, pelo que a trouxemos para o nosso quarto. Embalo-a no meu colo. Ela tem os fones de ouvido com cancelamento de ruído, e brinca com o coelhinho de peluche.

— Neste momento, para onde vamos, Duarte? Com o Vicente a recuperar, ainda por cima?

O Duarte lança-me um olhar trespassado de preocupação:

— E se *ele* voltar?

Pestanejo.

— Foi por isso que olhaste para mim de uma forma esquisita? Tu sabes o que lhe vai acontecer?

Ele desvia o olhar do meu por instantes e respira fundo de forma audível.

— Só estou a dizer que não podemos confiar que ele vai estar longe para sempre.

— Mas o que é que os guardas disseram? Não iam abrir um processo?

— Sim, vão, mas já sabes como é que a Justiça funciona. Ainda por cima... — cala-se de repente.

— Então?

Ele suspira, e olha para mim, desanimado:

— A Tânia não queria apresentar queixa.

O meu queixo descai. Não acredito no que estou a ouvir.

— Estás a gozar, certo?

Ele abana a cabeça.

— Acho que ele a manipulou de tal forma que ela hesitou em fazer queixa dele. É por isso que não podemos continuar aqui. Este não é um bom ambiente para os miúdos.

— Mas e a Tânia? Não podemos deixá-la aqui, sabendo que ele pode voltar. — Estremeço.

— Só se ele for preso é que não vai voltar.

— Então, temos de dar provas. O quarto deles continua um caos. Caramba, eles testemunharam, podem abrir o raio da investigação! — Agito o braço com força, num movimento tenso, e a Constança emite um grunhido. — Desculpa, meu amor.

— Abram ou não uma investigação, temos de sair daqui, Matilde. Arrendar uma casa aqui ou em Évora. Pode ser que nos aceitem, agora que arranjei trabalho. — Ele olha para mim, muito sério. — O nosso plano mantém-se: voltar para Lisboa quando tudo isto passar.

O movimento da porta a abrir capta a minha atenção:

— Mãe? Pai? Posso dormir aqui? Tenho medo do escuro.

— Anda, meu pequenino. — Estendo os braços para o Vicente subir para a cama.

Aninhamo-nos os quatro na cama. Eu e o Duarte somos as muralhas do castelo que é a nossa família. No meio, a Constança e o Vicente são quem mais importa. O nosso tesouro.

Sinto uma pressão incómoda no peito. Lembro-me das palavras da Maria Inês, da sua necessidade de certezas, e da minha vontade em ajudá-la, em conter o trauma de um pai violento. Meu Deus, como conheço essa dor! Neste momento, voltar para o sítio onde fomos tão felizes parece um sonho distante — como se, por fios invisíveis, estivéssemos presos aqui.

Capítulo 41

Nesta manhã de nevoeiro, sou a única acordada. O silêncio mórbido que preenche esta casa deixa-me alerta. É como se o Gustavo ainda estivesse por perto, à espreita, aguardando o momento perfeito para atacar.

Não consegui dormir bem depois do que o Duarte me contou. Ao entrar na sala, olho para a Tânia, estendida no sofá, a dormir, o rosto pintado de marcas negras, roxas, avermelhadas. Como uma tempestade.

Não compreendo. Não percebo como é que ela não fez queixa.

Miro o relógio, que marca as seis e meia da manhã. Preparo um café para mim, sem recorrer à máquina de café, e sinto os músculos tensos das mãos ao mexer o pó do café com a água. Uma sensação estranha percorre-me a garganta. E conheço-a: incredulidade.

Raiva.

Bebo o café com calma, revisitando os últimos meses. O sentimento de perda — da nossa vida, da nossa casa em Lisboa, do nosso bebé, da nossa dignidade — assola-me, e levanta-se uma onda de indignação em mim.

Perdemos tudo.

A Tânia remexe-se no sofá e geme, como se estivesse a ter pesadelos. Pouso a caneca na bancada da cozinha e aproximo-me, ajoelhando-me ao lado dela.

— Tânia? — sussurro. Como ela não me responde, volto a chamá-la: — Tânia?

Ela movimenta-se de forma agressiva, como se estivesse a ser sacudida por alguém. O rosto contrai-se e distende-se, e, por momentos, abre um pouco os olhos, as órbitas agitadas, ansiosas.

— Tânia — digo, e ela abre os olhos e fita-me; solta um grito. — Sou eu. — acalmo-a. — Sou eu, a Matilde.

O peito da minha amiga sobe e desce depressa, enquanto me mira.

— D... desculpa. Pensei que eras outra pessoa.

Não lhe pergunto quem. Ambas sabemos a resposta. Ela levanta-se devagar, solta gemidos de dor. Ajudo-a a sentar-se no sofá, não sem sentir um aperto no peito ao ver a minha amiga tão frágil. Com o passar dos dias, julguei que se tornasse mais fácil, mas vê-la assim parte-me o coração.

— Vou buscar-te alguma coisa para comer — informo, e vou preparar-lhe um chá e torradas com manteiga.

— Não tenho como te agradecer — exala, quando pouso o tabuleiro sobre a mesa de centro.

— Não tens de me agradecer. És minha amiga.

Observo-a a comer, enquanto termino de beber o café que deixei a meio. Respiro fundo. A Tânia a sofrer com os pesadelos como se estivesse a ter convulsões é outra realidade além do pesadelo que ela já vive.

Quando ela termina de comer, lanço em sussurro a pergunta que não me larga:

— Porque é que não fizeste queixa...?

Ela, que levava a chávena de chá à boca, para a meio. Olha para mim de relance, e pousa-a na mesa. Entrelaça as mãos no colo.

— Esta situação é complicada...

— Não — atiro, de sobranceiras arqueadas. — Não é complicada. Ele bateu-te, Tânia. Tem de ser punido por isso.

Ela solta um riso abafado; sarcástico:

— Achas que ele vai parar se for punido? Não o conheces.

Arqueio as sobranceiras.

— Conheço. Nunca ninguém lhe fez frente, e é disso que ele precisa.

— Nós temos uma filha, Matilde. — Desta vez, encara-me. — Não posso simplesmente mandar o pai dela para a prisão.

Deixo o queixo descair:

— E vais arriscar ele, um dia, magoar a tua filha?

O seu rosto fecha-se, ameaçador. Como se eu não me devesse ter atrevido a dizê-lo em voz alta. Um cenário de terror. Uma hipótese. Infeliz, mas uma hipótese. Suspiro.

— Tânia, eu só quero que vocês estejam em segurança. De que vos serve viver com uma pessoa como o Gustavo? Com tantos homens bons que existem...

Ela abana a cabeça.

— Eu *amo* o Gustavo. *Okay*? Não consigo deixar de gostar dele de um dia para o outro. Não é assim que as coisas funcionam. Estamos juntos há dez anos, casámos, temos uma filha. — Desvia o olhar e, depois, olha de novo para mim. — Tu também não te conseguirias divorciar do Duarte agora, pois não?

Pestanejo. Não quero sequer imaginar semelhante coisa, mas, se estivesse na mesma situação da Tânia, teria de mudar:

— Se o Duarte pusesse em risco a minha família, não teria outra hipótese.

Ela solta um riso abafado, abanando a cabeça devagar.

— Faz queixa, Tânia. Estás a fazer o melhor por ti e pela Maria Inês.

Ela alcança a chávena de chá e, por instantes, penso que a vai atirar na minha direção, o líquido a esgaldar, pela forma como me olha de lado. Mas leva-a à boca, em silêncio, e não diz mais nada.

E isso é muito pior do que queimar-me com água a ferver.

Ouçó a porta da entrada abrir e fechar-se de rompante.

— Merda. — E, depois, num tom mais contido e camuflado: — Merda, merda, merda!

Corro até à entrada para encontrar o meu marido esmurrado a levar uma mão à cabeça, a conter os nervos.

— O que se passa?

Ele desce a mão ao rosto, esfrega a testa e a cana do nariz. Não me responde. Aproximo-me dele e abraço-o.

— Podes contar-me — sussurro junto ao peito dele.

— Nem sequer me deram hipótese... — Faz uma pausa por instantes, a mão sobre a boca, os olhos arregalados, incrédulos. — Não devia ter faltado...

A realidade cai-me no colo e, sem a conseguir segurar, ela atravessa-me sem amparo.

— Mas contaste-lhes o que aconteceu? Tiveste de prestar depoimentos no posto da GNR, e o nosso filho teve um acidente. Não são situações normais.

Ele encolhe os ombros.

— Para eles, isso não interessa.

— Para nós, importa.

— Matilde... — Ele suspira. Sussurra, num tom alarmado. — Acabei de perder o trabalho. Não interessa o que aconteceu aqui, eu faltei. Para eles, não importa o motivo. Ainda nem tinha contrato.

Suspiro. Afasto-me escassos centímetros, porque o sangue dele, tão fervoroso, parece atravessar a sua pele e queimar-me.

— Estava só à experiência. Vão pagar-me as horas, mas...

— Vamos arranjar uma solução, Duarte. — Quero abraçá-lo, mas sei que ele precisa de espaço. — Vais arranjar outro trabalho não tarda nada. Eu também continuo à procura, e sei que vamos encontrar.

Mas nada do que eu digo ao meu marido o consola. Perder o emprego foi a gota de água. Vai adiar o nosso plano. Arrastar-nos pela corrente de destruição.

Quanto mais nos tentamos soltar, mais parece que os fios invisíveis nos prendem aqui.

Sento-me na cadeira defronte da ilha da cozinha. Com os miúdos já a dormir, respiro a quietude. Como pano de fundo, a raiva falsa, fabricada, num filme que a Tânia vê no sofá. Aos poucos, as marcas vão desaparecendo do seu rosto e corpo, embora a minha amiga nunca se possa desfazer das que a memória deixa. Essas, são indeléveis.

O Duarte fechou-se no quarto, a procurar emprego. Sei que ele precisa do seu espaço. Torço para que consiga encontrar um novo trabalho.

Arrastada pelo ondular desta situação difícil, mas sobretudo pela necessidade de espaço para mim, esboço o meu curso. Vem-me à mente, teimosa, a recordação do bloco que deixei na gaveta da mesinha de cabeceira do quarto, em casa dos meus pais. Já fiz este esboço antes, e lembrar-me de que o perdi é mais desafiante do que esperava. Sobre tudo depois da conversa pouco amigável com o meu pai.

Procuro concentrar-me, mesmo com o ruído de fundo. Anoto o esboço dos módulos para o curso de decoração de interiores: iluminação, mobiliário, quadros, têxteis, colchas, almofadas, tapetes...

Ganho balanço e, de repente, é como se o resto do mundo não existisse. Nem dou pelo passar do tempo. Só quando a sala se reserva ao silêncio e olho para o caderno é que me apercebo de que escrevi dez páginas com anotações para cada aula.

O ambiente que aqui criámos é interrompido pelo toque do telemóvel da Tânia a tocar. Arregalo os olhos na direção dela, enquanto atende a chamada.

— Sim? Olá, Hélder. — Faz uma pausa. — Ah... Certo, obrigada por me avisares. — Nova pausa. — Não, está tudo bem! Às vezes... precisamos de mudar de ares, só isso. *Okay*. Obrigada. Espero que estejam bem.

Após desligar a chamada, a Tânia inclina-se para a frente e respira fundo, para conter o choro.

— Está tudo bem? — pergunto, da ilha da cozinha.

Ela leva algum tempo, mas inclina-se de novo para trás e fala para o vazio:

— O primo do Gustavo... o Hélder, disse-me agora que ele está lá com ele.

— O Gustavo?

— Sim. — A sua voz parece esfumar-se. — Foi para a Suíça.

Não sei o que me confunde mais: se a postura do Gustavo, se a desilusão no tom da Tânia. O pensamento de que ele fugiu — ou, pior, que o libertaram — não me traz alívio. Instável como é, tanto pode viajar para longe como regressar, qual relâmpago.

Não dizemos nada enquanto processamos a informação, cada uma à sua maneira. Conforta-me apenas a ideia de ele estar longe da Tânia e da Maria Inês. A sala retorna ao silêncio em que costuma estar, sem a agitação do Gustavo. Pronta para se concentrar noutra realidade, a Tânia espreita do sofá:

— Como é que isso está a correr?

Sorrio, ainda surpreendida e, como ela, pronta para largar o assunto do Gustavo longe:

— Terminei o esboço. — Depois, arrisco perguntar: — Queres ver?

— Mostra!

Ela levanta-se e senta-se no sofá. Sento-me a seu lado, sentindo o calor da sua presença ali, e estendo-lhe o caderno. Ela lê tudo com uma atenção tal que sustenho a respiração.

— Esqueceste-te das plantas — informa-me.

— Das plantas?

— Sim! — Ela ri-se. — A sério que, de todas as coisas, foi da que te esqueceste?

Solto uma gargalhada.

— Tens razão. — Abano a cabeça, divertida. — Bem me parecia que estava a faltar alguma coisa!

Ouvir a Tânia animada, mesmo depois de uma notícia que, acredito, lhe partiu o coração mais um pouco, é um verdadeiro bálsamo.

— Está incrível. — Ela encosta a cabeça à parte de cima do sofá e olha para mim. — Eu quero fazer esse curso!

— Tânia, tu tens aqui uma casa espetacular! Não precisas de o fazer.

— Graças a quem? — Ela pisca-me o olho.

Sorrio.

— Só não sei onde vou gravar o curso.

— Onde é que haverias de o gravar?

Encolho os ombros. Ela endireita a cabeça e arregala os olhos:

— Aqui, tonta! — E, depois, troça: — A menos que a minha casa não seja *digna* de um bom *design* de interiores.

A Tânia está a voltar a si. À pessoa que tão bem conheço e adoro.

Rimo-nos às gargalhadas. Pela primeira vez em tanto tempo, sinto uma lufada de esperança.

Pouso a mão na da minha amiga, com cuidado, sentindo as cicatrizes dela sob as pontas dos meus dedos. Ele feriu-a em cada centímetro do corpo, como se ela fosse insignificante.

— Obrigada.

Ela sorri, e vê-la a sorrir daquela maneira, a vê-la regressar à Tânia que eu sempre conheci, pulveriza-me alívio, esperança.

— Estou cá para ti, amiga. — Pisca-me o olho. — Nunca deixei de estar.

Capítulo 42

Quando eliminamos o fator nocivo, as flores renascem, as nuvens apartam-se para darem as boas-vindas ao Sol, e a brisa toca, gentil, nas nossas faces.

É essa a sensação que temos agora, três semanas após aquela noite terrível. Na ausência do Gustavo.

A Tânia abraça a filha, brinca com ela, e recostam-se as duas no sofá. A mãe protege a filha, atenua-lhe as preocupações, as incertezas.

Mãe é mãe, digam o que disserem.

Gostava também que a minha mãe tivesse seguido esse mote.

A minha amiga regressa ao trabalho, no banco, por entre as chuvas de novembro, que não são tantas quanto as gentes desta terra gostariam. Regressar faz-lhe bem, assim como ver os colegas e retornar à rotina. Os dias em que ficou prostrada no sofá, incapaz de se mexer sem sentir dores, desanimaram-na. Mas, agora, quando sai de casa, com um sorriso no rosto, a dizer as suas habituais piadas, é como se tivesse renascido das cinzas.

O meu coração de amiga regozija-se com esta sua mudança.

As notas dos miúdos, na escola, têm sido incríveis. O próprio Vicente organizou um momento do dia para ele e a Maria Inês fazerem os trabalhos de casa. «Assim, a professora Amélia dá-nos autocolantes especiais!», explicou ele.

Mas nem tudo se encaminha pela certeza.

— Não sei onde mais procurar — cisma o Duarte, levando as mãos ao rosto.

Afago-lhe as costas, sentindo o peso da sua preocupação.

Sentados no sofá da sala, enquanto a Constança dorme a sesta, esforço-me por procurar uma solução.

— Porque não vais conhecer a aldeia? Talvez estejam à procura de alguém.

— Só não quero prolongar a nossa estada. Acho que já ficámos tempo a mais.

O Duarte tem razão. Neste momento, a Tânia e a Maria Inês não precisam de nós.

Nunca precisaram.

Gosto, contudo, de acreditar que chegámos aqui porque, além de sermos ajudados, tivemos também um papel importante na vida da Tânia.

Ao salvá-la.

— Vamos encontrar uma solução. — garanto-lhe. — Acho que podias procurar por aqui outra vez, andar de estabelecimento em estabelecimento em Reguengos de Monsaraz. Lembro-me um café que pode beneficiar da tua ajuda.

— Já enviei o currículo para todo o lado, para aqui, para Évora e para as terras em volta, mas duvido que percebam metade do que lá está escrito. As pessoas aqui sabem, sequer, o que é *marketing*?

— Tu não és apenas especialista em *marketing*. És excelente a gerir projetos, pessoas e finanças. É isso que tens de explicar no teu currículo.

Ele parece ponderar, os sulcos nos olhos pelas noites mal dormidas, a pele tão quente, apesar do frio de fins de novembro. Animo-o:

— Eu vou precisar da tua ajuda preciosa, dessas competências fantásticas, quando for divulgar o meu curso.

Ele esboça um sorriso breve, que desaparece.

— Às vezes, gostava de ter a tua perseverança.

Encolho os ombros, a sorrir.

— Tu também a tens, só não a consegues encontrar no meio de tanta incerteza.

Ele assente, o olhar perdido nos feixes breves de luz, por entre as nuvens carregadas. Como não diz nada, avanço:

— Estou quase a terminar as gravações do curso, por isso já não falta muito.

— Boa. — Ele curva-se para a frente, cotovelos pousados sobre os joelhos, e cruza as mãos. — Tens sido incrível, Matilde. Se não fosse pelo teu otimismo, acho que teríamos perdido a batalha.

— Somos uma equipa — recordo-o. — Enquanto estive a gravar o curso, também olhaste pelos miúdos. Como eu olhei por eles enquanto procuravas trabalho. Podemos não ser super-heróis, mas tentamos, não é?

Ele solta um riso abafado, acenando em concordância.

— Sabes que a Constança aceitou brincar com outro miúdo, ontem, no parque?

— A sério? — O meu rosto ilumina-se.

— É verdade. Não estava à espera, mas como o miúdo era mais velho e mais compreensivo, ela aceitou brincar com ele na caixa de areia.

Imagino a situação, e comparo-a aos conflitos que a minha filha tinha com outros meninos em Lisboa. A Constança está a evoluir.

— Se eles se estão a adaptar aqui — olho para o Duarte —, porque é que não nos adaptamos também?

Ele olha-me, e vejo dor no seu olhar. Mas, mesmo que este não seja o sonho, temos de nos esforçar por sobreviver.

Pela nossa família.

— Já viste, princesa? — mostro à minha filha, no meu colo, um dos vídeos do meu curso. — É a mamã!

Sentadas no sofá, com uma manta sobre as nossas pernas, não imagino tarde mais maravilhosa do que esta.

A Constança aponta para o ecrã e vocaliza, alegre. O seu comportamento mudou tanto nas últimas semanas! Quando o Gustavo estava aqui, recordo-me de ler nos seus olhos inocentes o pânico, o desespero. Vocalizava, ansiosa, um gemer receoso, como se já adivinhasse um furacão só de olhar para ele. Talvez ela já soubesse, e nós não tenhamos dado por isso.

Naquela noite que queremos esquecer, a Constança balançou para a frente e para trás, agarrada aos seus joelhos pequeninos, o grito mudo da aflição. Nunca tinha visto a minha filha mergulhada em tamanho desespero.

Depois da saída do Gustavo, algo mudou nela: mesmo com mais duas pessoas em casa, deixou de vocalizar como se estivesse à beira de um ataque de pânico. Passou a comer tudo o que tinha no prato e a sorrir mais. A Tânia e a Maria Inês puderam, como se as nuvens tivessem descortinado um céu azul, ver a minha verdadeira filha: a Constança feliz.

Ela mordisca uma bolacha Maria. Vejo-lhe regozijo nos olhos, como se estivesse precisamente onde queria estar.

— Agora, a mamã vai pôr este curso na Net, e o papá vai ajudar-nos a chegar a mais pessoas.

Ela fita o ecrã, vê-me a explicar as bases da iluminação, natural e artificial, e como podemos conjugar as duas para tornar um espaço confortável. De vez em quando, aponta para a fotografia de uma janela, que mostro no vídeo, e segue, com o dedinho indicador, para uma das janelas que dão para o jardim.

— Muito bem! Ja-ne-la!

Ela sorri e bate palmas, embora não me encare. Sabe apenas que é assim que reagimos quando ela acerta alguma coisa. Dou-lhe um beijinho na bochecha.

— Sabes que te amo muito, Constancinha, não sabes?

Ela anui de forma exagerada. É a sua forma de brincar, de dizer que está à vontade.

Talvez, aos poucos, estejamos a criar as futuras memórias que tanto desejei. Um dia de cada vez.

Capítulo 43

Quando o início de dezembro chega, veem-se, um pouco por toda a parte — nos varandins, nas ruas, unidas de uma ponta de um telhado a outro, nos parques —, as decorações de Natal.

Agora que os dias minguem, estas luzes tornam-se pequenos tesouros. O peso da crise, embora se reflita na quantidade de luzes que vemos — longe das tantas que costumava ver na minha infância —, não parece demover as gentes de Reguengos de Monsaraz das festividades.

Caminhamos os quatro, de mãos dadas, pelas ruas estreitas da minha terra. Um passeio em família, como aqueles que costumávamos dar em Lisboa.

Chegamos à Praça da Liberdade, ainda o Sol não se escondeu, e o Vicente não se coíbe de expressar o entusiasmo:

— Mãe, pai, olhem ali! Há insufláveis!

Olhamos, de queixo descaído, para a quantidade de bancas de artesanato, de presépios esculpidos e pintados à mão, das roupinhas para bebé, das iguarias da terra.

Neste pequeno desvio de atenção, o Vicente e a Constança correm para os insufláveis — a menina segue sempre o irmão. Noutra circunstância, o meu coração teria gelado de medo, mas a praça é tão ampla, tão segura, e passam tão poucos carros que não me aflijo tanto quanto se estivéssemos na capital.

Eu e o Duarte seguimo-los enquanto eles vão para a fila. Pelo ar, ressoam gargalhadas, pessoas que contemplam as bancas com tempo, como se não tivessem de se preocupar com o jantar ou o dia de amanhã.

Já me tinha esquecido de como a vida era mais desacelerada por aqui.

— Mãe, pai! — O Vicente chama-nos de cima do escorrega do insuflável. — Estou aqui!

Acenamos-lhe, a sorrir. Nem diríamos que, há um mês e meio, ele teve de levar pontos no hospital.

— Olha a Constança — diz-me o Duarte. — É sempre tão corajosa!

A nossa filha pode ser esquisita com a comida, mas lança-se de um escorrega insuflável sem medo. Ao descer, mostra os dentinhos todos, as bochechas adoráveis, ruborizadas de alegria, os olhos verdes brilhantes. Mal chegam ao fim, correm para a fila de novo. Como se não sentissem o frio — temos sorte pelo inverno gentil, não tão frio quanto esperávamos.

— Podemos ir outra vez? — pergunta o Vicente, como que recordando-se de que devia pedir autorização.

— Mais duas vezes — declara o Duarte.

O Vicente recuperou depressa daquele incidente na escola. Por vezes, tenho saudades de ser criança — da resiliência e facilidade com que superava os meus problemas.

Há muito que a deixei perdida algures.

Contemplo a praça, como ela mudou ao longo dos anos. De como tem um aspeto tão moderno, quase como se tivesse sido renovada para os turistas.

Ver os miúdos descontraídos deixa-me feliz, embora sobre mim não deixe de pairar uma nuvem de incerteza. O dinheiro escasseia cada vez mais, e mal conseguimos pagar as compras da semana lá para casa. Alimentar seis pessoas em tempo de crise é uma loucura.

Mas é o mínimo que podemos fazer pela Tânia, por nos ter dado abrigo nos últimos três meses.

Recordo-me da conversa que tive com o Duarte, e exponho de novo o assunto:

— Estás a ver lá à frente?

— Sim.

— É onde está o tal café.

— Hum hum.

— Eu sei que não é o melhor trabalho do mundo, mas podes tentar a tua sorte.

— Andamos a estudar para nos sujeitarmos a qualquer trabalho... — lamenta.

— Tens razão, mas, neste momento, é a nossa melhor hipótese. Com um trabalho, pelo menos permitem-nos arrendar uma casa. E não há maneira de eles atinarem com os empregados. Aquilo já estive perto de falir umas cinco vezes.

Ele assente, sem me encarar. Algo me diz que vai recusar. Mas o que me diz surpreende-me:

— *Okay*, passo por lá na segunda-feira.

Sorriso.

Os miúdos descem o escorrega insuflável pela terceira vez e, afogeados, com uma energia imbatível, querem continuar a explorar o mercado:

— Está ali a Casa do Pai Natal! — O Vicente quase guincha de entusiasmo.

Seguindo-lhe o gesto, a Constança aponta para a casinha de madeira e vocaliza, alegre. Olha para nós, para nossa surpresa. Agacho-me ao nível dos seus olhos.

— Queres ir ver o Pai Natal, Constancinha?

Ela imita o meu tom de voz, mas sem proferir uma única palavra. A ecolalia. Depois, assente, apontando de novo para a casa.

Aguardamos na fila para ver o Pai Natal.

— Podes ir primeiro, Constança. — O gesto do Vicente faz-nos sorrir.

— Vai, filhota — incentiva o pai.

A Constança encaminha-se para dentro da casa do Pai Natal e, com os olhos imbuídos de uma admiração profunda, toca-lhe na barba.

— Feliz Natal, menina! — diz-lhe o senhor mascarado, de olhos meigos e óculos sobre o nariz. — O que desejas receber neste Natal?

A nossa filha recorre à ecolalia e vocaliza, como se o senhor a compreendesse. O Pai Natal troca um olhar connosco — não um olhar que julga, mas um olhar compassivo, de quem compreende que a Constança é única.

— Portaste-te bem este ano? — pergunta-lhe.

Ela assente.

— Muito bem! Então, vais receber muitos presentes.

— Constança, queres mais legos? — pergunta-lhe o irmão, numa voz de mano mais velho que aprendeu o *baby talk*.

A menina diz que sim com a cabeça.

— Legos? — O Pai Natal sorri. — Boa! Então, vamos pôr legos no sapatinho da Constança, combinado?

Ela olha para o senhor, ainda fascinada com a barba falsa e o fato vermelho, reluzente. Depois, troca de lugar com o irmão. A Constança regressa para junto de nós e o senhor sorri na nossa direção.

— E tu, meu menino? O que desejas este Natal?

O Vicente fica envergonhado por instantes, como se estivesse a conhecer o seu ídolo pela primeira vez.

— Hum... quero um carro telecomandado.

O meu coração aperta-se com o pedido. Eu e o Duarte trocamos um olhar: se, antes, nem pensávamos duas vezes em oferecer-lhes presentes, agora temos de contar cada euro que gastamos.

Regresso a um momento feliz nas nossas vidas, a um Natal em que comprámos presentes extra para os nossos filhos. Não é pelos brinquedos em si, é pela liberdade de lhes podermos proporcionar uma infância feliz. Não que essa felicidade se traduza no dinheiro gastado em presentes, mas no alívio, na ausência de sufoco.

Mas o que o Vicente diz a seguir desarma-nos:

— E quero que o pai e a mãe voltem a ser felizes.

Capítulo 44

A Tânia hesita ao abrir a porta do seu quarto.

Como se de lá pudesse saltar um monstro.

Mas o que a pode atacar é o reavivar violento dessa noite que tudo destruiu.

Já se passou mais de um mês. A Tânia tem dormido no quarto da filha com a pequena. Mas, depois de uma longa reflexão, decidiu que tem de enfrentar o medo e entrar no espaço que, até hoje, evitou.

— Tu consegues, Tânia — conforto-a. — Só vais ter de ver isto durante um momento. Vamos mudar tudo.

— *Okay...*

Entramos e, como ela, regresso àquela noite da forma mais cruel possível — a reviver o sangue, a destruição, o caos. A dor.

Os destroços — os pedaços de vidro, caídos no chão, reluzem sob os tímidos feixes de luz que espreitam das portadas, o colchão revirado, os lençóis desmaiados sobre o chão, os objetos que voaram e aterraram, os frascos de perfume que se partiram e cujas fragrâncias mortíferas vagueiam como fantasmas pelo ar, as peças de roupa rasgadas, — jazem neste quarto.

A Tânia inspira e sustém a respiração; um crime seria soltá-la, à espera de que a ouvissem.

Abro as portadas, e constato que o cenário é ainda mais triste à luz nublada do dia. No entanto, o quarto, que ainda preserva o perfume maldito do Gustavo, precisa de respirar.

De regressar à vida depois da morte.

Apesar do terror que ver isto me inflige na pele, procuro ser ponderada, racional:

— Vamos por partes. É melhor começarmos pela cama.

Ajudou-a a pôr o colchão no sítio. A Tânia retorce a boca ao fazê-lo, e eu apercebo-me disso:

— Não te preocupes, podes encomendar um colchão novo. Não tens de dormir neste.

Ela assente, e funga.

Apanhamos todos os objetos caídos, quebrados e rasgados, e enfiamos-os em sacos do lixo. A minha amiga esforça-se por não chorar, por ser a pessoa corajosa que sempre conheci.

— Por vezes, sentia que não o conhecia. — Atira para o ar, em jeito de confissão. — Ele costuma ser carinhoso, mas, quando via que ele estava calado, perguntava-lhe o que se passava. E ele desatava aos gritos comigo.

Não digo nada. Apenas ouço, que sei ser o que a Tânia precisa neste momento — de alguém que a ouça. Incondicionalmente.

Ela solta um riso abafado.

— Quando começámos a namorar, uns anos depois de te ires embora, nunca pensei que ele pudesse ser metade do monstro que é. — Faz uma pausa prolongada, enquanto atira uma escova do cabelo partida e revistas de decoração rasgadas para sacos do lixo. — É errado amar um monstro, Matilde?

Engulo em seco.

— A Bela também se apaixonou por um monstro, não foi? — digo, para aligeirar o ambiente. Ela olha para mim, à espera que desenvolva o raciocínio. — Só que, no caso dessa história, o monstro mudou. E há monstros que não mudam. Que não merecem o nosso amor.

Ela suspira.

— Ele é o pai da Maria Inês. Nós temos uma história... Não sei se algum dia vou deixar de me sentir assim por ele.

— Eu pensava o mesmo, sabes? — Seguro numa almofada de um sofá pequeno e encosto-a a mim. — E, quando conheci o Duarte, aprendi que nem todos os homens são com o Gustavo. Ou como o meu pai.

A Tânia assente.

— Acho que ainda vou ter de aprender muito.

— Tens de fazer o teu processo, Tânia. — Dirijo-me até ela e abraço-a quando ela começa a chorar, os espasmos dos seus pulmões contra os meus. — Leva o tempo que precisares. Eu estou aqui para ti.

Parte de mim quer regressar ao passado e impedir que eles comessem a namorar, apenas para não estarmos aqui, neste momento, a limpar os destroços físicos e emocionais que um monstro deixa.

As férias de Natal dos miúdos aproximam-se, e eu e o Duarte preparamos o meu curso *online* para ir para o ar. Sentada a seu lado na cama, com o portátil

sobre o colo, vejo-o inserir os vídeos na plataforma e a preparar um plano de *marketing* para a divulgação do curso.

Construiu uma apresentação para o efeito, como se estivesse a apresentá-la a um potencial cliente. No fundo, sei que ele se sente útil assim, pelo que me refreio de lhe dizer que nada disto era necessário e que bastava implementarmos o plano.

— És incrível. — Beijo-o nos lábios. — Se não fosse a tua ajuda, não me safaria.

— És mais forte do que imaginas.

— Mas, juntos, somos ainda mais.

Ele sorri, e encosta a cabeça à minha.

— Fui ao tal café.

Arregalo os olhos.

— Então?

— O dono não está por cá. Acho que teve uns assuntos para tratar no Norte, mas volta daqui a cerca de uma semana.

— Nem imaginas o quão orgulhosa estou de ti neste momento.

— Deixei-lhes o meu contacto. De qualquer forma, vou lá quando o dono regressar. Há ali uma história muito mal contada.

— E tu é que a vais resolver, senhor detetive. — Pisco-lhe o olho. Depois, olho para as horas. — Temos de nos despachar. Daqui a nada, tenho de ir buscar os miúdos.

— Não era a Tânia que os ia buscar?

— Tenho ido eu para ela ter um bocadinho de descanso.

O Duarte abana a cabeça, com um sorriso.

— O que foi? — pergunto.

— Nada. — Encolhe os ombros, mas acaba por confessar: — Ela tem muita sorte em te ter como amiga.

— Estou só a fazer a minha parte.

O Vicente tosse, o seu rosto fica vermelho de esforço.

— Tenho frio, mãe.

— Oh, meu pequenino...

Agasalho-o com as mantas no sofá. A televisão emite sons de vozes agudas, fantásticas. Os miúdos veem os desenhos animados — o volume não muito alto, para a Constança poder estar presente. Pelo menos, estar doente torna-se mais tolerável assim.

A Constança vem ver o que se passa. Aponta para o irmão e solta um som agudo, entoadado como uma pergunta.

— O mano está doentinho, Constancinha — explico-lhe. — Não te

aproximes, podes ficar doente também.

A Maria Inês funga. Também está engripada. Contagiou a mãe, que tosse enquanto anda pela casa a fazer arrumações.

A confusão instala-se. Há uns dias, estávamos bem, mas desde o último dia de aulas que as gripes vieram da escola com os miúdos. Contagiaram-nos. Faço um esforço recorrendo a medicação para não ficar afetada, mas não escapo à febre. Se me levantar demasiado depressa, sou assaltada por tonturas horríveis. É difícil cuidar de miúdos assim.

O Duarte não foi tão afetado, e é ele quem trata dos banhos e das refeições, porque me sinto tão cansada que mal me consigo mexer.

A Tânia arruma a roupa dos miúdos nos armários. Juntos, criamos uma simbiose no meio do caos que é ter miúdos doentes em casa.

Com os pais doentes também.

O rodar de uma chave na fechadura põe-nos alerta. Eu, o Duarte e a Tânia entreolhamo-nos, imóveis. Sinto o calor subir-me pela garganta, o pescoço quente. Se for um ladrão a tentar forçar a fechadura, como fazemos?

Vejo o Duarte alcançar uma frigideira, que secava no lava-loiça, e andar devagar em direção à porta. Os miúdos, distraídos com os desenhos animados, não se apercebem do que está a acontecer.

A Tânia faz sinal ao Duarte para que não se aproxime. «Cuidado!», diz em voz muda. O meu marido assente, mas mantém a frigideira erguida no ar, escondido atrás de uma parede que separa o *hall* do corredor, que dá para os quartos.

Quando a porta se abre, o meu peito não descontrai; prende-me o ar. A figura do Gustavo, com a barba desleixada, atípica, surge na sala, perante os nossos olhares incrédulos.

Dois inimigos de frente numa batalha.

O Duarte quase avança, mas olho para ele e alerto-o para não agir. A minha pele eriça-se só de pensar que este encontro pode terminar num banho de sangue.

Engulo em seco. O Gustavo olha para mim, depois para a Tânia. No seu olhar, não vejo raiva, mas redenção. Já vi este olhar antes, depois das sucessivas vezes em que quebrou um pouco de mim. Deixa descair a mala de viagem no chão e lança-se na direção da minha amiga, abraçando-a. A Tânia, de olhos perdidos, em choque, hesita ao abraçá-lo de volta. Quero que ela ganhe consciência de que este não é o Gustavo, mas uma faceta falsa sua.

— Meu amor, tive tantas saudades tuas... — diz, naquele tom fingido de redenção que ouvi noutra vida.

— Papá! — A Maria Inês, antes entorpecida pela febre, corre até ao pai, que a envolve no abraço coletivo.

Eu e o Duarte observamos a cena, enquanto nos dirigimos para junto dos miúdos. O Vicente estremece; a Constança vocaliza, nervosa, e começa a andar em círculos na sala. Abraçamo-los, sem nunca desviar o olhar da cena.

— Tenho medo, pai — sussurra o Vicente, a tremer.

Observamos a cena trágica. A redenção. A desculpabilização dos maus atos, da fúria.

Abraçados, são uma família outra vez.

Uma família tóxica.

Capítulo 45

Não acredito que o filho da puta voltou — sussurra o Duarte, feroz, enquanto anda de um lado para o outro no quarto. Tossica, e irrita-se com a sua fraqueza.

Suspiro. Olho para a Constança e para o Vicente, que dormem na nossa cama. Não tivemos coragem de os deixar no outro quarto sozinhos; nem eles o queriam.

Com o perigo à espreita, todo o cuidado é pouco.

— Não esperava que ele tivesse a coragem para o fazer.

— Vamos para o carro — sugere, num ímpeto.

— Também pensei nisso, mas com os miúdos doentes, Duarte?

Ele solta um suspiro pesado.

— Aqui é que não podemos ficar. — Ele leva as mãos ao ar, as questões a queimá-lo por dentro. — Mas ele não estava na Suíça? E a investigação? Será que a fizeram, sequer?

As perguntas são válidas. Também já me passaram pela mente. Revejo, vez após vez, o rosto contorcido de pânico do Vicente, a tremer, e a Constança assustada — o seu tom mudou de imediato, franziu o sobrolho, alerta da presença assustadora na sala.

Ninguém é capaz de esquecer a crueldade do Gustavo.

— Ao que parece, as nossas queixas também não serviram para nada — desabafo, e o ar sai-me dos pulmões como se tivessem sido furados.

— O que vamos fazer? — O Duarte olha-me, os olhos suplicantes. — Temos de sair daqui.

— Para onde vamos?

— Não sei, para um hotel... Qualquer coisa.

Suspiro, porque lhe custa tanto a ele como a mim estar aqui.

— Não podemos ir assim, sem mais nem menos. E se acontece alguma coisa à Tânia? Ou à Maria Inês?

As paredes finas deixam atravessar o som de batidas. Primeiro, são leves; depois, tornam-se mais evidentes. Denunciadoras. O Duarte revira os olhos. Deixo descair o rosto nas mãos em concha.

Como pode a Tânia entregar-se ao Gustavo depois de tudo o que ele lhe fez?

Recupero a consciência. Desperto com o coração agitado, os batimentos ribombam nos meus ouvidos. Os episódios da noite anterior regressam em catadupa e levanto-me para pegar numa mala e arrumar as nossas coisas. Temos de sair daqui. Depois do que ouvi ontem, a Tânia não tem desculpa. Este lugar não é seguro.

Paíra na casa o estranho, invasor aroma a torradas, café e fruta fresca. Pelo menos, recuperei a capacidade de cheirar. Por agora. Pergunto-me se a Tânia preparou o pequeno-almoço, e dirijo-me à cozinha, ainda em pijama. A figura de um Gustavo penteado, perfumado e a assobiar petrifica-me.

Esperando que não me tenha visto, recuo a passos discretos.

— Matilde?

Estaco. De costas para o Gustavo, o meu peito sobe e desce, veloz, enquanto procuro silenciar a minha respiração. Ouço-o retirar um prato do armário, e pergunto-me se o vai atirar na minha direção.

— Queres torradas? — pergunta ele, num tom leve. — Acabadinhas de fazer!

Volto-me na direção dele, e não sorrio. Ele vê, pelo quão apreensiva e tensa me mostro, que não me vou aproximar.

Pousa o prato na ilha da cozinha e, de seguida, as mãos sobre o tampo de mármore.

— Eu sei que fiz merda, *okay*? Mas não quero arranjar mais problemas.

Tudo na sua voz soa encenado: o seu tom, a falsa humildade, a cadência simulada das palavras. Conheço-o o suficiente para reconhecer um arrependimento disfarçado. Pestanejo, sentido uma dor de cabeça latente. Espero não ficar com febre outra vez.

— É isso? Vais ficar aí sem dizer nada?

Ele está a tentar fazer-me perder a cabeça. Sei que ele o faz quando quer provar alguma coisa.

Aproximo-me, toldada pelo medo, pela tensão nos braços, nos punhos. Mantenho os braços cruzados.

— Então, a merda que fizeste fica no passado? — Olhos nos olhos, mantenho distância suficiente entre nós. Falo num tom baixo, para que não nos ouçam. — Achas que se esquece, como quem se esquece de uma palavra-passe?

Ele suspira. A máquina do café trabalha, o borbulhar da água a aquecer, o

burburinho constante. Ominoso.

— Eu já pedi desculpa à Tânia.

— E achas que isso é suficiente?!

— Não posso mudar o passado.

— Mas podes mudar o futuro! — Abro os braços. — Sabes como? Saindo daqui.

O seu rosto, antes compassivo, muda de expressão.

— Não mandas na minha vida — grita-me. Sei que estamos a medir forças.

— E para que é que me estás a criticar? Vocês estão aqui a aproveitar-se de nós há três meses!

— De vocês? Tu sabes em que estado deixaste a Tânia?

Ele fita-me, e vejo um tremor no lábio que o faz querer bater-me, desfazer-me o rosto em sangue. Por um lado, quero que ele me bata, que me faça o que fez à Tânia. Porque, a seguir, dirigir-me-ia à GNR para o denunciar. E ele iria preso. O Gustavo ia preso. Mas ele é demasiado inteligente para dar um passo em falso agora.

A máquina do café apita. Ele vira-se e retira a cafeteira cheia da máquina. Com os lábios traçados numa linha, verte o café para uma chávena com uma calma prestes a extravasar.

— Acho que já excederam a vossa estada aqui.

Inspiro devagar. Eu e o Gustavo sabemos que isso é verdade. E reconhecê-lo incomoda-me. Contudo, ele não vê além do seu espelho. Não sabe o que passámos na sua ausência.

A Tânia entra na sala, sorridente, bem-disposta apesar de ainda ter o rosto pálido da gripe.

— Bom dia! — Ela passa a mão pelo meu braço, confortando-me, e dirige-se para junto do Gustavo, a quem dá um beijo sentido.

Fito-a, de ombros descaídos. Procuro marcas de agressões nos braços dela, no pescoço, no rosto. Um indício mínimo de que este é mais um arrependimento dissimulado. Não encontro nenhuma.

Troco um olhar com ela, um olhar preocupante. Nele, ela lê o meu pensamento:

Não compreendo como foste capaz.

Capítulo 46

Os miúdos pioram, e o Duarte também. Contagiada por todos nós, a Constança batalha para combater a febre, a falta de ar. É uma agonia vê-la assim. Dou-lhe xarope, que ela detesta, e repele a colher. O líquido espalha-se pelo chão, pegajoso.

— Meu amor, precisas de tomar o xarope para ficares melhor — incentivo-a. Desde que o Gustavo regressou que ela se sente mais ansiosa, e doente fica ainda mais frágil.

— Isto não é ambiente para nós — diz o Duarte, deitado na cama, a arder em febre. Arrasta as palavras. — Estarmos fracos é a pior defesa. Se acontecer alguma coisa...

Não termina a frase. Adormece, exausto. Mas o que ele diz fica comigo. Ele tem razão: a nossa fraqueza é o alvo perfeito para o Gustavo. Se ele nos fizesse mal agora, não nos conseguiríamos defender. Não conseguiríamos defender a Tânia.

A minha amiga parece felicíssima com o regresso do marido. A Maria Inês gravita à volta dele, como se fosse um deus qualquer, quando se consegue manter acordada. Ele faz figura de pai preocupado: ajuda-a a baixar a febre, aconchega-a na cama, à noite, e até lhe lê uma história. Ouvi-lo contar uma história infantil é como ouvir um poema numa voz atravessada por arame farpado.

Depois de muita insistência, a Constança lá toma o xarope, e chora. No entanto, nem o Vicente nem o Duarte acordam com o choro, tamanho é o efeito da febre. A menina adormece nos meus braços ao fim de cinco minutos. Aperto-a contra mim, desejando que o calor excessivo do seu corpo desapareça em breve. Deito-a na cama, ao lado do pai e do irmão, e deixo-os descansar.

Aperto o robe e aproveito para ir tomar um duche, mas, quando me dirijo à casa de banho, o Gustavo prepara-se para ir lá também.

— Primeiro, vou eu — fita-me. — Depois, tu.

Não digo nada. Contorno-o e começo a percorrer o corredor para a sala. Antes de dobrar a esquina, o Gustavo declara:

— Ah, e Matilde? Não vale a pena falares com a Tânia. Nós somos uma família, nunca te esqueças disso.

Comprimo os lábios numa linha enquanto olho para ele, rodo os calcanhares e dirijo-me à sala, onde a Tânia, de pijama e manta sobre o colo, assiste a um filme e se assoa como se não tivesse preocupações. Lá fora, a chuva cai, insistente, contra as janelas. Sinto o mundo andar à roda, o corpo ora quente, ora frio, frágil.

Incapaz de lutar.

Sento-me a seu lado e observo-a. Tem o nariz vermelho e os olhos cansados.

— Como te sentes? — pergunto-lhe.

— Melhor. — Ela sorri e funga. — Já não tenho febre, pelo menos.

Ouço a água do chuveiro a correr, e decido arrancar a pergunta à minha garganta:

— Como é que foste capaz de aceitá-lo de volta? — sussurro, num tom de pena, porque é isso que sinto: pena da minha amiga.

Ela dobra o lenço devagar, ponderando uma resposta.

— Somos uma família, Matilde.

As mesmas palavras do Gustavo. Como se a Tânia fosse um papagaio. Como se ele lhe tivesse feito uma lavagem cerebral.

— Ele bateu-te! — mantenho o tom do sussurro. — Como é que podes esquecer isso e abraçá-lo mal ele regressa a casa?

Ela mantém a calma, quase como se tivesse estudado as respostas que me ia dar. Antecipando as minhas perguntas, as dúvidas existenciais.

— Eu continuo a gostar do Gustavo. E ele é pai da minha filha. — Não me encara. — Não consigo fazer tudo isso desaparecer.

— Mas estavas tão bem quando ele não estava. Até ias sair com as tuas colegas de trabalho...

Ela encolhe os ombros.

— E sabes o que sentia nessa altura? — Devagar, levanta os olhos na minha direção. — Um vazio enorme.

Abano a cabeça, porque sinto que ela me mente.

— Tânia, pensa em ti. Na Maria Inês. Vocês não podem viver neste ambiente, com uma pessoa tão violenta. O Gustavo não vai mudar!

— Mas alguém te pediu opinião?! — Ouço a voz grave, austera, do Gustavo atrás de nós. A água do chuveiro continua a correr, pelo que o meu coração gela. Terá ele ouvido a conversa toda desde o início?

Viramo-nos para trás, para ver o Gustavo com o cabelo molhado, já vestido depois do duche. Pelo ar, espalha-se a fragrância a gel de banho de leite de amêndoa, contrastando com o odor ácido do pânico.

— Gustavo, tem calma — pede a Tânia. — Estávamos só a conversar.

— Esta gaja mete-se onde não é chamada!

Levanto-me de um salto, e vejo tudo à roda por instantes:

— Quando bates na minha amiga, meto-me onde *sou* chamada!

— Não! Tu és uma intrometida! — grita ele e, de repente, somos só nós, frente a frente, sem que a Tânia consiga reagir.

— E tu és cruel, Gustavo! — tusso pela força com que lhe atiro estas palavras. — Se fosses um homem a sério, desaparecerias de vez!

Desta vez, não tenho ninguém: volto a sentir-me só, como quando era adolescente e não me podia defender daquelas mãos pesadas, que tanto me abraçavam como me partiam ossos. O Duarte, mergulhado num sono febril, não me pode ajudar. Se a Tânia se chegar à frente, voltará a tornar-se irreconhecível.

Ele solta um riso de escárnio:

— Tu é que devias desaparecer! A viver à conta dos outros... Devias ter vergonha na cara! Mas não tens, porque és uma puta! Sempre foste.

Como uma descarga de adrenalina, encho-me de coragem, aproximo-me dele e dou-lhe um murro. Dramático, constata que lhe bati, e olha-me com os seus olhos ferozes.

Arrependo-me de ter sido tão ousada.

Ele acerca-se e segura-me o pescoço com uma mão, maior que o meu rosto. Contraem-se os meus músculos, aflitos; sinto o pulsar do sangue nos meus ouvidos.

— Gustavo, para! — pede a Tânia, num tom de pânico.

Levo as mãos ao pescoço, tento libertar-me, mas a mão dele é uma muralha. Suplico por ar, que não entra nem sai, uma barreira intransponível.

— Não tenho medo de ti — rosna.

Imploro por ar. Com a força que ele tem, quase me levanta do chão. As narinas dilatadas, os olhos de fera, marcados de raiva, o hálito áspero, venenoso. Lembro-me dos seus dentes ensanguentados, da noite que nunca esquecerei. As memórias atravessam-me em *flash*, o sufoco no meu peito.

— Gustavo, solta-a, por favor! — suplica a Tânia, incapaz de se aproximar.

Ela sabe que, se o fizer, é a próxima.

— Larga-a! — grita o Duarte, aparecido do corredor, de repente, atraído pelos gritos.

Ele soca o Gustavo, que cambaleia para trás. Solta-me. Sorvo todo o ar que os meus pulmões permitem, numa enchente.

Os miúdos rompem dos quartos e vêm ver o que se passa. De novo o caos, a minha visão turva enquanto o Duarte, doente, fraco, ataca um gigante que o ataca de volta.

Levo as mãos ao pescoço dorido, que parece estremecer com a brutalidade do regresso do sangue às vias normais.

— Mamã, estás bem? — pergunta o Vicente, que vejo em duplicado. Falho

em abraçá-lo, abraçando uma sombra, um holograma do meu filho. — Mamã?

Tusso, queimo a garganta com a força da tosse. Calafrios sobem-me pela espinha, ninguém os convidou, só me deixam mais fraca.

A um canto, a Tânia chora. Ouço o seu choro a ecoar na minha cabeça, a latejar, a dor de cabeça confunde-se com o caos. Vejo manchas de sangue.

Sangue, violência.

A Tânia afasta-se para o corredor, de telemóvel encostado ao ouvido. Irá ligar à GNR?

Recupero, aos poucos, os sentidos. A Maria Inês e o Vicente gritam, tentam separar o Gustavo do Duarte.

— Vicente! — puxo-o para trás. Ele debate-se, quer proteger o pai.

— Não! — grita o meu filho, um grito gutural, que nunca lhe ouvi. — Larga o meu pai!

Puxo o meu filho para junto de mim, abraço-o. Ele estremece, de raiva, de dor. Quer voltar para a luta.

Aproximo-me, estico os dedos para afastar a Maria Inês deles. A menina tenta libertar-se, mas insisto. Insisto até a arrastar dali.

A Constança, a um canto, tapa os ouvidos com força, e vislumbro o mesmo terror na sua expressão. Olho, em desespero, para o meu marido, para o sangue na sua camisa, para o rosto tenso, ensanguentado, enquanto se defende do Gustavo. Os miúdos a assistirem a esta crueldade.

A Tânia regressa à sala, chorosa, e diz-me:

— Matilde, desculpa...

Pela porta que ela abriu, entram os meus pais. Perco as forças. Olho para a minha amiga, e ela entrevê a traição, a desilusão nos meus olhos.

Como pudeste fazer-nos isto...?

Capítulo 47

—Onde é que vocês tinham a cabeça?

A voz severa do meu pai estilhaça-se pelo interior do *Range Rover*. Zune nos meus ouvidos sensíveis. Queima-me.

O caminho de regresso é intenso, constrangedor. Com a Constança a dormir, a arder em febre, ao meu colo, o Vicente a tossir no meio e o Duarte encostado à janela, a recuperar da sova que levou, só quero que isto acabe.

Sinto-me exausta. Retiraram-me todas as forças.

Tiraram-nos tudo.

No porta-bagagens, levamos os nossos poucos pertences, sobretudo roupas. Nunca nos sentimos à vontade para ter muitas coisas em casa da Tânia, além do essencial. Nunca nos quisemos *sentir* em casa.

Não acredito que a Tânia lhes contou que estávamos a viver com eles. Que lhes terá contado ela sobre nós?

As ondas das dores de cabeça são vis, e, nesta curta viagem de regresso ao terror, só quero poder recuperar para fugir.

Fugir outra vez.

Essa parece ser sempre a única solução. E apetece-me regressar e ir buscar o nosso carro para desaparecermos.

Coisas inimagináveis passam-me pela cabeça, soluções que até poderiam ser viáveis para um adulto, mas que se tornam inexequíveis com filhos.

Na equação da minha vida, tenho de incluir sempre o Duarte, o Vicente e a Constança.

Quando chegamos a casa, carregamos a tosse, a febre e a fraqueza connosco. Os meus pais seguem para dentro. Ficamos na rua, ao frio, a retirar as malas do porta-bagagens.

Encaminhamo-nos, devagar, pelo caminho de acesso à casa. Conti-nua a chover, e a porta escancarada aguarda que entremos.

Não há uma recepção calorosa, um regresso esperado. Apenas desilusão.

Reconheço que o nosso último encontro foi penoso, que fui muito dura para com os meus pais. E sei que esta está longe de ser a situação ideal. Eles sentem-se traídos. Mas não imaginam como me sinto agora.

— Vocês nunca mais me foram visitar à escola — diz o Vicente aos avós, que se entreolham, a nadar em culpa.

— Falamos depois — intervenho, antes que se digam coisas que não se querem. — Obrigada, pai, mãe, por nos receberem em sua casa. Nós vamos ficar no meu quarto, para não vos infetarmos também.

Não dizem nada. O senhor Álvaro escarnece e desaparece para a sala. A dona Benedita assente, e subimos as escadas. Quando já vamos a meio, ela diz-nos:

— Já vos levo uma sopa para comerem.

Os nós na garganta formam-se-me, são impossíveis de engolir. Neste momento, este carinho reticente da minha mãe é a minha única esperança, depois da tempestade dos últimos meses.

Não sei onde estou. É nisto que penso quando abro os olhos no dia seguinte, a visão turva. Toco na minha testa, demasiado quente para me sentir sã. Na cama individual, estou deitada na ponta, com a Constança e o Vicente ao meu lado. O Duarte teve de dormir no chão. Ao desviar o olhar para ele, as memórias assaltam-me.

A traição da Tânia, ao denunciar-nos aos meus pais, leva-me a acreditar que esta não é a Tânia que conheci na minha adolescência. Talvez parte dela tenha sobrevivido, mas a outra foi consumida pelo terror e pelas lavagens cerebrais do Gustavo.

Aquele cabrão...

A culpa arde. Voltámos à estaca zero. De repente, é como se tivéssemos saído de Lisboa outra vez, e estivéssemos a viver na incerteza que é não saber o dia de amanhã.

Suspiro. O que vamos fazer?

Ouçó alguém bater à porta. Levanto-me, e falo num tom baixo:

— Sim?

— Sou eu, trago-vos o pequeno-almoço — anuncia a minha mãe, sem ânimo.

— Obrigada, mãe. Pode deixar aí, que eu já vou buscar.

— Mas eu queria ver os meninos.

— Não é boa ideia, ainda vos pegamos a gripe. — tusso.

— Anda lá! Pensas que não somos rijos? Nós somos do outro tempo!

Fecho os olhos.

— Por favor, não torne isto mais difícil do que é.

Ouçõ-a suspirar alto. Pousa o tabuleiro de madeira com brusquidão à frente da porta, o tilintar dos talheres e das chávenas após o impacto. Desce as escadas num passo pesado, sentido. Desiludi-a. Ela não compreende como uma gripe, na idade dela, pode resvalar para algo muito pior.

Tenho de respirar fundo várias vezes antes de abrir a porta. A frescura do exterior é bem-vinda: inspiro-a, sentindo arrepios na coluna pelo contraste do inferno do quarto com o paraíso do corredor. Trago o tabuleiro para dentro com cuidado. Os meus braços parecem feitos de areia e ameaçam deixar cair tudo. Pouso o tabuleiro em cima da escrivaninha.

Antes de fechar a porta, ouço vozes no piso de baixo.

— Eu disse-te que eles voltavam! — ouço gritar lá em baixo.

— Mas duidavas? — declara a dona Benedita. — Aquela miúda não aprende!

— Que vergonha — escarnece o senhor Álvaro. — A ir para casa de outras pessoas com a família atrás.

— Pelo menos, não estava na casa da dona Maria Bessa Miranda...

— Essa é outra! Não a educámos para isto, Benedita!

Sinto o latejar de uma dor de cabeça, as pálpebras pesadas de uma noite mal dormida, mas não consigo ficar aqui e ouvir isto. Não quero acordar os miúdos nem o Duarte, pelo que fecho a porta e desço as escadas, ficando no antepenúltimo degrau. Os meus pais olham, surpreendidos, para mim, por me verem num estado tão deplorável à luz do dia, de robe e rosto afogueado pela febre.

— Sei que isto não é ideal para nenhum de nós — tusso, e cubro a tosse com a dobra do braço. — Mas, às vezes, as coisas não correm como queremos.

— Mas tinhas de te enfiar, com a tua família, na casa de outra pessoa que já tem família? — O meu pai gesticula com as mãos, incrédulo. — O que é que te passou pela cabeça?

— Foi uma oferta da Tânia, pai.

— Porque vocês estavam a viver na miséria! Numa casa que não é vossa, sem água, nem gás, nem eletricidade. Onde é que isto já se viu?!

Inspiro devagar. Como sempre, o meu pai esquece-se de um detalhe:

— Já se esqueceu do que fez à Constança, pai?

Lá fora, a chuva persiste, miudinha, o som das gotas contra o telhado e as janelas propagam-se por toda a casa.

— Alguém tem de dar educação àquela miúda!

— A sério? Nem um pedido de desculpas?

— Filha — atalha a minha mãe —, nós só estamos a tentar ajudar.

— Estão? Como?

— Não vos fomos buscar ontem? — O olhar do meu pai é irascível.

— Porque a Tânia vos ligou!

— Porque estavam lá há muito tempo! — acusa a dona Benedita. — Qual era o plano? Ficarem lá indefinidamente? Filha, parece tão mal!

As lágrimas sobem-me aos olhos. É demais. *Isto* — as acusações constantes, a culpabilização, a recusa em compreenderem o meu lado, o *nosso* lado — é demais. Não aguento.

— Desculpem-me por não ser a filha com que sempre sonharam — digo, e regresso ao meu quarto.

Não importa o quanto tente, nunca compreenderão as dificuldades por que uma família em tempos de crise, sem recursos, sem esperança, pode atravessar.

A Constança piora, febril, e geme com a confusão de sensações. Embalo-a no colo, a sua pele a arder contra os meus braços, os caracolinhos despenteados. O sofrimento da minha filha agonia-me. O Vicente mergulha a cabeça na almofada, exausto, farto de estar aqui fechado.

O Duarte mexe no telemóvel quando os miúdos não estão a ver, à procura de notícias animadoras.

Mas não as há.

Olho uma e outra vez para o mesmo canto do quarto, acima da escrivaninha, que me irrita. Parte do papel de parede cor-de-rosa lascou, e só me apetece empoleirar-me numa cadeira e rasgá-lo. Rasgar tudo. Arrancar a alma a este quarto.

Não aguento estar mais tempo aqui. Não gosto de estar aqui. Não quero estar aqui. E, neste estado, em que não posso estar longe de lenços, só me apetece dormir. Detesto sentir-me assim.

Tão frágil.

Tão derrotada.

Lá em baixo, ouço alguém tossir. É o meu pai. Passei-lhes o raio da gripe. Mesmo com todos os cuidados que tivemos, não fui capaz de me conter e confrontei-os.

De nada serviu essa conversa. Agora, os meus pais estão doentes. E, embora parte de mim pudesse sentir alguma nota de vingança, apenas sinto-me culpada. Se não tivesse aberto a porta e ido falar com eles, nada disto teria acontecido.

Se tivéssemos ficado em Lisboa, nada teria mudado.

Num salto, o Vicente levanta a cabeça da almofada, atordoado. Arfa e, estremunhado, pergunta:

— Mãe? Pai?

— Diz, filho. — O pai arruma o telemóvel e faz-lhe uma festa na cabeça.

— Acham que o Gustavo vai voltar a fazer mal à Tânia e à Maria Inês?

A pergunta retira-me as forças que restavam. Como se ainda tivesse defesas,

muros e cercas para me proteger. Mas não os tenho.

Eu e o Duarte trocamos um olhar preocupado.

— Não penses nisso, meu amor... — acabo por dizer, ao fim de um tempo.

É como se o Vicente tivesse despertado de um pesadelo onde teste-munhasse a violência a que assistiu.

Como se a revivesse.

— Mas ele pode fazer-lhes mal... E nós não as podemos ajudar...

Aquelas palavras materializam o meu medo. Inspiro devagar, com a Constança a ressonar ao de leve contra o peito, adormecida depois de uma longa batalha com a gripe.

— Eles vão resolver as coisas — diz o Duarte.

— Mas e se o Gustavo vier atrás de nós, por lhe teres batido?

Estas são perguntas que nunca, jamais, deviam sair da boca de uma criança de sete anos. De qualquer idade.

O Duarte pestaneja.

— Vicente — digo —, aqui, estás em segurança. Ninguém virá até aqui.

— A avó e o avô protegem-nos?

Não, apetece-me dizer. Mais depressa deixariam o Gustavo entrar aqui para ajustar contas do que o afugentariam.

— Sim — minto. — Aqui, ninguém nos vai fazer mal, meu amor.

Ele parece desconsolado, em pânico.

— Eu sei que estás preocupado com a Maria Inês, Vicente — diz-lhe o pai —, mas o Gustavo não lhe vai fazer mal.

— Prometes?

— Sabes que não posso prometer nada.

— Porque é que a polícia não o prendeu? Ele é um *cabrão*.

— Vicente! — ralho, e tusso a seguir.

— É verdade! — defende o Vicente — Ele devia ter ido preso.

— Sim, devia — diz o Duarte, num tom calmo. Como é que ele se consegue manter calmo neste momento? — Mas não somos nós que decidimos. E tu não podes chamar nomes às pessoas, Vicente.

— Ele devia morrer — murmura o menino, deitando-se de lado na cama, de costas para nós.

O Duarte olha para mim, as pálpebras roxas, e nesse olhar diz tudo — que devíamos ter fugido; que nunca devíamos ter aceitado o convite da Tânia, nem ido para a casa da Maria Bessa Miranda, nem vindo para aqui. Traumatizámos o nosso filho.

Suspiro. Fecho os olhos por instantes, as tonturas impiedosas fazem-me sentir como se estivesse a navegar em alto mar e pudesse ser cuspidada para fora do barco a qualquer momento. Concentro-me nessa sensação, que sempre é melhor do que a realidade.

Reabro os olhos. Ao olhar para o meu marido e para os meus filhos, morro

mais um pouco. Nunca batemos tão fundo — fragilizados, dependentes de pessoas que não nos aceitam como somos, a fugir de um ciclo de violência para voltarmos a outro.

Esse ciclo nunca acaba.

Capítulo 48

Estou com um aspeto de merda — constata o Duarte, ao olhar-se no espelho da casa de banho, ao fundo do corredor.

Sorrio, triste.

— Continuas maravilhoso.

Uma semana. O tempo que levou a recuperarmos desta maldita gripe. Uma semana de inferno. De fraqueza. De lutas perdidas.

Há momentos em que fecho os olhos e regresso ao nosso canto feliz em Lisboa. Ao jardim da nossa casa. Às brincadeiras com os miúdos ao final do dia. Aos momentos em que ficava com o Vicente e a Constança no sofá, aninhados a ver desenhos animados, à espera que o Duarte chegasse do trabalho.

À *Volkswagen pão de forma*. Às memórias que íamos construir, novas, livres de tudo o que me magoou ao crescer aqui.

É irónico que tenhamos feito precisamente o oposto, ao virmos para Reguengos de Monsaraz. Um ciclo que, ao invés de quebrar, recomeçou.

Não aguento estar nem mais um minuto neste estado lastimável. O Duarte também não. As nódoas negras e as cicatrizes estão a sarar, aos poucos.

— Nem sei como vou falar com o dono do café neste estado.

— Já tens experiência em passar em entrevistas com a cara esmurrada. — Tento brincar, mas ele não se ri.

Nos últimos meses, fomos vergastados como animais ao abandono numa noite de tempestade.

— Tenho de arranjar um trabalho, senão vou dar em louco.

— É desta. Vais ver.

Tento disfarçar algumas das manchas com base. Ele queixa-se:

— Vai-se notar.

— Não se nota. Prometo.

Esta é a sua preocupação a falar. Tal como ele, eu quero que esta conversa corra bem.

Porque, se antes ele queria um plano para sairmos de casa da Tânia, eu quero um plano para fugir daqui. De vez.

Na sala, os miúdos brincam. Sento-me na ponta do sofá — não me atrevo a ficar confortável neste espaço — e procuro casas e apartamentos para arrendar em Reguengos de Monsaraz, Évora e terras adjacentes. Ligo para agências imobiliárias enquanto os miúdos voltam a ser crianças. Agora recuperados e saídos daquele furacão febril, que os tornava em pessoas diferentes, podem voltar à sua rotina. Os meus pais não estão em casa, foram tratar de coisas ao banco. Sei que vão demorar.

Pela casa, as gargalhadas dos miúdos purificam o ar. A Constança percorre a sala, explora os cantos de forma mais autónoma. Pensei que ela não se conseguisse adaptar depois do que o avô lhe fez, contudo, ela surpreende-me ao explorar o espaço sozinha, a pegar nas fotografias emolduradas dos meus pais, minhas e deles, os netos, e a contemplá-las com admiração. Vocaliza, alegre, para mostrar que conhece cada pessoa naquelas fotografias.

Como se sentisse segura.

Até olhar para os detalhes em madeira da casa já não me faz sentir aprisionada. É como se, sem a presença do senhor Álvaro e da dona Benedita, a casa respirasse.

O Natal aproxima-se, e nem eu nem o Duarte fizemos a habitual corrida aos centros comerciais, nem olhámos para a lista do Vicente — e da Constança, já que ele escreve sempre por ela: *Mais legos!* Este Natal não será tão feliz quanto os dos outros anos.

E isso causa-me um aperto enorme no coração. É por isso que, ao telefone, peço recomendações às agências com mais motivação do que nunca. Estes miúdos perderam tanta coisa nos últimos tempos... A casa em Lisboa, os amiguinhos, a Olívia, a estabilidade, os brinquedos. Meu Deus, até roupinhas e brinquedos deles tivemos de vender.

Esta não era a infância que queria que eles vivessem. Sempre quis dar-lhes tudo — o mundo —, e não poder fazê-lo deixa-me tão triste...

Não sabemos como vai ser o dia seguinte.

E se as coisas correrem ainda pior?

O toque da campainha desperta-me dos pensamentos e de uma chamada telefónica que termina. Os miúdos olham para a porta e depois para mim.

— Quem é, mãe?

— Vou ver. Fiquem aqui.

A passos cuidadosos, dirijo-me à porta. A sala é silêncio. Nem a Constança vocaliza, na expectativa. Espreito pelo óculo da porta, e lembro-me que não serve de nada. Tenho de abrir a porta para saber quem está ao portão, lá ao fundo.

Mas alguém bate à porta de repente, e estremeço. Volto a espreitar e vejo-a: a Tânia aguarda do outro lado.

Respiro fundo, percorrendo em mente todos os últimos acontecimentos, em particular a última vez que nos vimos. Não quero vê-la. Não quero ouvir as suas explicações.

Mas as minhas mãos agem por mim e abro a porta devagar. É o seu olhar pesaroso que encontro.

— Não sabia se estavas em casa... — começa, num tom arrependido. — Temos de falar.

Cruzo os braços, incapaz de verbalizar o que sinto.

— Tânia? — Ao ouvir a voz dela, o Vicente corre até à porta.

— Olá, Vicente! — Ela sorri e abraça-o, fechando os olhos com força, inspirando o odor do champô do meu filho. — Senti a tua falta.

— Estás bem? E a Maria Inês também?

Ela baixa-se ao nível dos seus olhos.

— Estamos bem. Tu estás bem?

— Sim! Voltámos a ver os avós! — Depois, faz uma pausa. — O... Gustavo fez-vos mal?

— Não! — brinca ela, e gesticula com a mão para descartar essa hipótese. — Somos uma família, Vicente. E as famílias dão-se bem.

Ele assente, embora eu saiba que tem muitas perguntas.

— Porque não vais brincar com a mana, Vicente? — sorrio e afago-lhe a cabeça.

— *Okay...* — hesita ao afastar-se, mas acaba por regressar ao sítio onde brincava.

Restamos as duas, e eu mal consigo encará-la.

— Posso entrar...?

— Os miúdos estão em casa. — Tento parecer dura, mas a minha voz denuncia-me. Não estou preparada para ter esta conversa.

— Podemos falar baixinho.

Suspiro e deixo-a entrar. Verifico, por instinto, se ela tem alguma nódoa negra, mas não encontro nada.

Ao menos isso.

Depois de passarmos pelos miúdos e de a Tânia abraçar a Constança — por muito que esteja magoada com ela, admiro-lhe o jeito com as crianças —, sentamo-nos à mesa da cozinha. Ela olha em volta, estranhando o silêncio.

— Estás sozinha em casa com os miúdos?

— Sim.

Ela cruza as mãos sobre a mesa. Reparo que tem as unhas pintadas, as mãos

hidratadas, o rosto maquilhado.

— Vim aqui para te pedir desculpa, Matilde. Noutra circunstância, nunca teria telefonado aos teus pais, mas...

Encosto-me na cadeira, de braços cruzados, a sentir as consequências pós-gripe no corpo, fraco ainda, sem capacidade para se defender.

Como não digo nada, ela continua:

— Foi uma situação muito complicada. O Gustavo voltou e...

— E tu aceitaste-o — completo, sem emoção na voz. Ela abre a boca para falar, mas não lhe permito continuar. — Sei que estávamos há muito tempo em tua casa e que devíamos ter saído antes, e peço-te desculpa por isso, mas... tinha medo que ele voltasse. E que vos fizesse mal.

— Não fez.

Suspiro.

— Porquê, Tânia? Não te bastou ele esmurrar-te naquela noite?

Ela pondera as palavras, fitando as suas unhas sobre a mesa, as mãos que descem devagar para o colo. Tem um aspeto tão cuidado, apesar de tudo por que passou. É como se tivesse sido queimada e recuperado a pele que sempre teve. Mas, como todas as coisas que brilham, podem não ser minerais preciosos.

— Se o Duarte entrasse pela porta a pedir desculpa, não o aceitavas de volta?

Pestanejo. A Tânia não pode estar a comparar-nos ao Gustavo.

— Se ele me magoasse e aos meus filhos, nunca.

— Fazes tudo parecer tão óbvio... Não é assim que as coisas funcionam, Matilde. Se fôssemos só os dois, separava-me dele.

— Qual é a diferença entre essa situação e a atual?

— Hum... *hello*? Temos uma filha.

— Onde é que está a lógica nisso, Tânia? Não achas que estás a ser um bocadinho egoísta?

— Egoísta? Estou a proteger a minha fi...

— Não — interrompo. — Estás a expô-la a mais violência. Podias evitar tudo isto...

— Eu *amo* o Gustavo! — Ela levanta o tom de voz. — Não vou esquecê-lo de um dia para o outro. Por vezes, parece que nos tentas afastar porque...

Franzo o sobrolho.

— Porque...

— Tens ciúmes!

— Ciúmes?! — Sinto o rumor de uma tontura. Não acredito que a minha amiga de infância me tem em tão pouca conta. — Tânia, nem ao meu pior inimigo desejaria o Gustavo. Ele não te merece.

— Não digas isso.

Agarro no meu cabelo com duas mãos e ato-o com um elástico. Deixei-o crescer tanto que me faz calor em pleno inverno. E também por causa desta conversa.

Remexo-me na cadeira, ansiosa por terminar isto. Olho para a miúda que em tempos conheci, para a minha melhor amiga:

— Sinto que já não te conheço...

Ela olha-me, surpreendida. Não esperava que lhe dissesse isto.

— Eu continuo a ser a mesma pessoa. — Ela levanta-se sem fazer muito alarido. — Tu é que mudaste, Matilde. Não sabes o que quero. Mas eu explico-te: vou ficar com o Gustavo, porque é o que *eu quero*!

Sai da cozinha, e fico com o gosto amargo das palavras da Tânia na boca. Proferiu-as com tanta mágoa que é como se as sentisse no meu próprio estômago.

Não me levanto da cadeira. Fico a mirar um ponto no vazio, os braços cruzados em defesa. Ouço a Tânia a despedir-se do Vicente e da Constança. Antes de se dirigir à porta, os meus pais entram em casa. Pelas exclamações alegres, parecem felizes por vê-la.

— *Meninã Tânia!* — A minha mãe dirige-se a ela, sorridente. Ouço--lhe o sorriso na voz. — Ficas para jantar, querida?

— Obrigada, mas não posso. Tenho a menina em casa.

— Gabo-te a coragem de teres vindo falar com a casmurra da minha filha — segreda-lhe, mas eu ouço. A dona Benedita não sussurra lá muito bem.

Por vezes, é como eu se fosse invisível. Mesmo não me vendo, os meus pais sabem que estou aqui.

— Vocês são uma família às direitas — elogia o meu pai. — Gostava que eles também fossem.

Eles. É assim que o senhor Álvaro se refere a nós. Como se não fôssemos bons o suficiente.

Nunca fomos.

Nunca fui.

E, no entanto, não sou eu quem acalenta uma vida illusória, de perigo sempre à espreita.

Capítulo 49

Não sei como posso ajudar a Tânia depois do que ela me disse — confesso ao Duarte, sentada nos degraus do alpendre.

O meu marido mantém-se de pé, remexendo os sapatos na areia poeirenta do monte.

Os grilos não parecem importar-se com a nossa presença. A Lua esconde-se atrás da casa, derramando luzes e sombras ao longo da propriedade dos meus pais. Pelo monte, espalhados por aí, os animais preparam-se para caçar. O frio de dezembro parece querer entranhar-se nos meus ossos, mas não penso ceder.

Explico-lhe a nossa conversa de forma breve, não sem ceder à mesma incredulidade que senti ao ouvi-la.

— A Tânia só está a mentir a ela própria — remata.

Suspiro. Quando ele me compreende, é como se encontrasse eco na minha razão. Ou isso, ou resvalamos juntos para a loucura.

— Como é que ela não vê, Duarte? Quanta porrada é que ela precisa de levar para perceber que...

— Não é a tua função fazer isso, amor. — Ele senta-se a meu lado e abraça-me. Inspiro o perfume gasto do seu pescoço. — Eu sei que ela é tua amiga, mas já tentaste ajudá-la. É ela que tem de fazer alguma coisa, agora.

Esta é das verdades mais difíceis de aceitar — querer ajudar alguém que amamos e não podermos. É vê-los arrastarem-se para a lama e não os podermos puxar à razão. É vê-los definharem, sucumbir ao mais absurdo dos ideais, da teimosia em prejudicar-se, e observarmos tudo da parte de fora da esfera de vidro. Com as crianças, é mais fácil. Porque é que os adultos têm de ser tão teimosos?

O Duarte levanta-se e olha para o céu escurecido. Contemplamos a noite, como se ela nos desse forças para superarmos estes momentos difíceis.

— É tudo tão silencioso, aqui... — constata o Duarte, à escuta.

— Pois é.

— Sinto falta da dinâmica de Lisboa.

— Eu também...

— Mas também gosto deste silêncio. — Olha para mim, a sorrir. — Até a Constança anda mais calma. Não notas?

Reflito sobre a questão. Tirando as vezes em que o Gustavo estava presente, ela sentia-se à vontade. Diria até livre. E como ela explora a casa dos meus pais de forma mais independente.

— Talvez ela goste mais de ambientes calmos — reflete o meu marido.

— Talvez... — suspiro. — Este vai ser um Natal tão triste, Duarte...

— Eu sei. — Faz uma breve pausa. — Mas vamos compensá-los.

— Nunca pensei ter de renunciar presentes aos miúdos. Eles não estão de castigo. Pelo contrário, têm sido... incríveis. Tão fortes...

O Duarte estende a mão e segura a minha. É no seu calor que me posso despedaçar, sumir aos poucos.

— As coisas vão mudar — sussurra-me, e, desta vez, é ele que não me deixa cair no desespero. — Vou ter a entrevista com o tal dono do café.

Olho para ele, esperançosa:

— Tu vais arrasar!

Ele assente. Sorri.

— Vamos dar a volta a isto. Em breve, vamos estar noutro sítio.

Abraço-o, como se os meus braços abarcassem todas as esperanças de que esta situação vai mudar. Tenho de confiar no Duarte. O nosso plano de vida ainda não morreu. Ainda vamos a tempo de mudar tudo.

De criar novas memórias. Memórias felizes.

Ajudo a minha mãe a preparar o almoço. Depois de termos recusado ir à missa de domingo, prevejo que me vá dar um sermão. No entanto, depois de eu descascar batatas e cortar cebolas para a sopa, vejo-a vestir o avental com linhas amarelas e brancas sobre o bonito fato azul de domingo, de saia, blusa e casaco.

— Já começaste? — Ela ergue a sobancelha. — Adiantaste-te, hoje!

— Já que não fui à missa, ao menos ajudo em casa.

— Acho muito *bém*.

Sorrio pela patetice da minha mãe, ao tentar-me dar conselhos como se eu fosse uma criança.

Na cozinha, em silêncio, andamos de bancada em bancada, à procura de utensílios, ligando o forno, numa dança bem coreografada. Faz--me lembrar do início, em que a minha mãe e eu chocávamos tanto na cozinha como nas conversas que trocávamos.

Aos poucos, vamos encontrando um equilíbrio. Aos poucos, vou emergindo à superfície para respirar.

Para respirar fundo.

— Para o Natal, acho que os meninos mereciam um corte de cabelo. — diz ela, concentrada num refogado na panela.

Pela casa, espraia-se o aroma de cebola frita em azeite, molho de tomate e cenoura para cozer o arroz. Uma delícia cortada pela sugestão irrefletida.

— Não temos dinheiro, mãe.

— Anda lá, pagamos nós!

Fito-a, pestanejando.

— Vocês já fazem muito por nós.

— E que mal tem dar uma ajudinha?

Inspiro, numa pausa curta.

— Nós cortamos-lhes o cabelo cá em casa.

— És orgulhosa, essa é que é essa! — murmura junto do meu ouvido. — Temos um cabeleireiro tão bom ali ao pé da praça, para que é que vais cortar tu?

A minha mãe não compreende. Mesmo depois de tantos dias em contacto com a neta, não compreende que a Constança é diferente, que não faz as coisas da mesma maneira que o Vicente.

— A Constança é mais sensível...

— Tens de confiar na filha que tens. Ela não se vai portar mal.

— Tem de se ter uma certa sensibilidade para se estar junto dela.

A minha mãe abana a cabeça.

— Proteges muito a miúda.

Abro a boca e franzo o sobrolho:

— O que sabe a mãe sobre criar uma filha como a Constança?

Ela olha-me de esguelha, ofendida. Pousa a faca que usava para cortar a carne e fita-me.

— Não podes protegê-la para sempre, Matilde. Ela pode ter mais dificuldades, pois pode, mas protegê-la vai torná-la numa menina dependente e incapaz. *Nã* queres isso para ela, pois não?

Inspiro fundo. Não gosto de como a minha mãe acerta sempre nos meus medos. Por outro lado, reconheço-lhe alguma verdade. Não posso proteger a Constança para sempre.

E isso aterroriza-me.

Já sei que não vou ganhar esta batalha com a minha mãe. Ela vai vencer-me por exaustão.

— Se a mãe quer mesmo levá-los ao cabeleireiro, vamos. Mas depois não se admire quando a Constança desatar aos gritos. Ela não gosta de estranhos.

— A cabeleireira é uma querida! Vais ver, vais adorá-la. Não é a mesma que lá estava quando cá moravas, é a irmã dela. Um doce!

Regressa ao seu refogado, a cortar a carne. Não lhe deteto vitória nos olhos,

mas verdade. Ela está certa do que diz.

O entusiasmo com que fala quer fazer-me acreditar que diz a verdade. E parte de mim quer que ela tenha razão. Porque quero. Caramba, sonho com o dia em que a Constança vai aceitar que o mundo sofre mudanças a toda a hora, e que pode haver alterações à sua rotina sem que isso signifique birras, frustração ou medo.

Será que esse dia vai chegar?

Capítulo 50

Mãe, é tão antigo! — exclama o Vicente, quando entramos no cabeleireiro.

Para o meu filho, a comparação deste cabeleireiro com o barbeiro a que costumava ir em Lisboa, mais modernizado, é evidente. Sendo meu filho, claro que repararia nestes detalhes.

Não deixo de concordar com a sua observação — este cabeleireiro parece ter parado no tempo, com quadros antiquados nas paredes forradas a papel de parede dos anos noventa, desgastado pelos vapores e químicos a que foi exposto, as cadeiras com rasgos, o chão de ladrilho lascado nos cantos e no centro.

— Pois é, filho — digo, em surdina. — Pois é.

— Olá! — A cabeleireira, morena, de franja, com o cabelo bem cortado pelos ombros e um secador na mão, cumprimenta a minha mãe como se fossem amigas de infância, apesar de a cabeleireira parecer ser pouco mais velha do que eu.

— Filomena! Como é que está, menina? — abraçam-se.

— Vai-se andando, que é o que se quer. Um dia de cada vez.

A minha mãe estende a mão para nós:

— Esta é a minha filha, Matilde, e estes são os netos, o Vicente e a Constança.

— Olá. — Abre um sorriso com um alinhamento perfeito na minha direção, e logo se entusiasma com os miúdos. — Olha-me estes miúdos tão giros! Catano, *sã* crescidos! E olhem-me estes caracóis lindos que eles têm!

Como pano de fundo, água a correr. Uma outra cabeleireira, que julgo ser a assistente, lava o cabelo de uma senhora na casa dos sessenta na calha.

A maneira como a Filomena trata dos miúdos, fazendo-os rirem-se quando lhes lava a cabeça — até à Constança —, aquece-me o coração. Faz-me lembrar a Teresa, a quem arrendava as salas de formação para dar os meus *workshops*.

— Vamos cortar os vossos cabelinhos? — pergunta, com entusiasmo, com as mãos sobre os joelhos, inclinada sobre o Vicente e a Constança.

Eles assentem, em simultâneo. Arregalo os olhos: até a Constança se sente à vontade com esta pessoa nova. Isso só pode ser bom.

Aproveitando que está tão próxima, digo à cabeleireira, num tom baixo:

— A Constança é um bocadinho mais sensível, dona Filomena.

— Eu sei. — Ela olha-me com ternura, e faz-me uma festa no braço. — Também tenho uma neta com autismo.

Fico sem palavras. Pela sua compreensão, sensibilidade, e por me recusar a acreditar que esta senhora — de aparência tão jovem — é avó.

Eu e a minha mãe sentamo-nos nas cadeiras junto à grande janela, à espera. Enquanto ela folheia revistas de mexericos, faço caretas ao Vicente, que me vê do espelho. Deita a língua de fora, torce o nariz e olha para a ponta do nariz, com os olhos patetas. Pisco-lhe o olho.

Quando chega a vez da Constança, a dona Filomena brinca com ela, fá-la rir-se às gargalhadas com cócegas e figuras de animais com as mãos. Dá-lhe um cão em miniatura, com que brinca, e mexe-se pouco. A cabeleireira anda à sua volta, corta pedaços de caracóis que caem ao chão, e a menina não se queixa. Nem ai, nem ui.

No final, comovo-me ao ver os meus filhos com os cabelos tão estimados.

— Tão bem que ficaram! Gostam de ter o cabelo cortadinho?

— Sim! — exclama o Vicente. — Não gostas, Constança?

Ela assente, alegre, e imita o tom do irmão numa vocalização, a familiar ecolalia.

— Estão tão bonitinhos! — sorri a minha mãe, e depois olha para mim, mexe-me no cabelo. — Tu também estás a precisar.

— Mãe...

— Anda lá, já estamos aqui!

— A mãe sabe que não posso pagar — sussurro.

Ela lança-me um olhar de aviso. *Já tivemos esta conversa*, diz-me ela com aquele olhar.

Cedo, e entrego-me às mãos angelicais da assistente, que me lava o cabelo com uma delicadeza singular. Permito-me fechar os olhos e ser mimada. Quando a dona Filomena me corta o cabelo, as madeixas de cabelo castanho, liso, caem no chão, levando o seu tempo. Ela faz conversa, animada. Reconheço-lhe o amor à profissão.

Sinto tanta empatia por ela.

No final, sinto-me mais leve. Abano a cabeça só para sentir a leveza do cabelo esticado, um pouco mais curto, mas que ainda me dá pelo meio das costas.

— Vês? — A minha mãe aproxima-se de mim e volta a mexer-me no cabelo. — Estás muito melhor agora!

Sorriso, envergonhada.

— Obrigada, mãe.

Estar-mos a partilhar este momento é único. É isso que dizemos uma à outra quando nos entreolhamos.

A dona Filomena faz as contas ao balcão, e a minha mãe estende-lhe o dinheiro.

— Obrigada, Benedita. É sempre um gosto vê-la por cá!

Os miúdos brincam a um canto da sala numa pequena mesinha com brinquedos. Quando se preparam para sair, fico para trás.

— Eu já vou — sinalizo à minha mãe e aos miúdos, e volto-me para a dona Filomena. — Obrigada. Você foi incrível com os miúdos.

— Oh! — Ela sorri. — As crianças só precisam de quem as divirta.

Sorrio.

— Ouça, dona Filomena, adorei o serviço. Você e a sua assistente fazem um trabalho espetacular, e acredito que isso seja o que os clientes mais adoram no seu cabeleireiro.

Ela encolhe os ombros, sem nunca largar o seu sorriso.

— Se não fosse para tratarmos *bêem* os clientes, nem valeria a pena estarmos aqui, *nã é?*

Assinto antes de continuar, com o coração a galopar-me no peito:

— Sei que faz isto há muitos anos, e que é uma profissional experiente. Mas o seu espaço não diz isso.

— O *mê* espaço?

Anuo e aponto todos os detalhes nos quais reparei à entrada. Ela segue o meu raciocínio, olhando para o salão.

— Eu percebo, menina, mas o que é que a gente há de fazer? Tudo se degrada com o tempo...

Ganho coragem e retiro da minha mala um cartão:

— Uma remodelação pode fazer uma grande diferença no seu cabeleireiro — digo, num tom calmo, e estendo-lhe o cartão. — Sou *designer* e decoradora de interiores, remodelo os interiores das casas e de todo o tipo de espaços. Posso ajudá-la com tudo, desde contactar fornecedores, fazer orçamentos até à finalização do espaço. Pode espreitar o meu *site*, onde tenho o meu portefólio de projetos nos quais trabalhei.

Ela aceita o cartão, de lábios entreabertos, os seus olhos azuis nutrem uma mistura de incerteza e entusiasmo.

— *Nã* sei o que dizer...

— Não precisa de dizer nada. — Sorrio. — Pense no assunto. Tem aí o meu número, pode contactar-me se estiver interessada.

Ela sorri, confiante:

— Combinado.

Despedimo-nos com dois beijinhos, e saio do cabeleireiro, o sininho na porta a tocar. Respiro um novo ar, a esperança a entrar-me nos pulmões. A minha mãe

até estranha de me ver tão feliz:

— Parece que esse corte de cabelo te fez bem.

— Nem imagina, mãe. Nem imagina!

O meu pai atiza as brasas na lareira, que crispam e estalam. A árvore de Natal — que eu e o Duarte montámos com os miúdos, já que os meus pais nunca a fazem — é uma lufada de alegria. A Constança não cessa de contemplar as luzes, que criam efeitos de cor a velocidades diferentes. Com os seus olhos grandes, boca entreaberta, fita-os. A sua felicidade com as pequenas coisas ensina-me a valorizar cada momento da vida.

— Um presente para o nosso Vicente — cantarola a minha mãe, estendendo-lhe uma caixa embrulhada com cuidado, com um laço de cetim.

— Uau! — exclama o meu filho. Quando ele o abre, todos o fitam, até a irmã. — Um carro telecomandado! Obrigado, avós!

Os meus pais riem-se ao abraçar o neto. A Constança choraminga porque não tem um presente.

— *Calmã*, menina! — diz a minha mãe, com o seu sotaque alentejano carregado. Aproxima-se da árvore e de lá retira outra caixa. Como fez ao Vicente, cantarola: — Um presente para a nossa Constança!

A minha filha segura na caixa quadrada, tão bem embrulhada quanto a do Vicente, e senta-se no chão, a vocalizar, curiosa com o conteúdo. Olhamo-la, em expectativa. Quando ela desembulha o presente, o que encontra não são legos, mas um cão de peluche.

Ela vocaliza, surpreendida. Olha o peluche nos olhos, enquanto o Vicente e o Duarte preparam o carro telecomandado. Depois, para nosso alento, abraça o cãozinho.

— Mãe... — agradeço-lhe, com lágrimas a picarem-me os olhos.

— Ah, não é nada.

— É. Muito mais do que imagina.

Ela olha para mim e esboça um meio sorriso.

— A menina gosta de cães. Como não tem nenhum cá...

Assinto, porque ela tem razão. Volto-me e vejo o meu pai a olhar-nos da lareira. Acena com a cabeça, ao ver que lhe sorrio, de lágrimas nos olhos.

— Está a ser um ano tão difícil... — confesso à minha mãe.

— Anda lá, filha, *nã* fiques triste. Estamos aqui todos, não estamos? A gente precisa é de ter saúde!

Assinto, limpando as lágrimas traiçoeiras do meu rosto. A Constança está tão feliz com o cão de peluche que anda com ele pela sala, e até dança com ele! O Vicente controla o carro telecomandado com a ajuda do Duarte, o zunido da sua circulação mais se assemelha a uma gargalhada muito aguda.

Não temos presentes para lhes dar, mas os meus pais não os deixaram ficar mal. Por isso, estou-lhes muito grata.

— Olha, mãe! — diz o Vicente, com o comando remoto na mão, a pilotar o carro, que anda à volta dos sofás, por cima do tapete, por baixo da mesa de centro. O seu rosto cintila, um sorriso tão bonito.

Este é o meu Vicente.

— Que giro, filho!

— Adoro! — Depois, vem abraçar-me e diz-me, baixinho. — Obrigado por estarmos aqui com os avós.

O que ele diz tem muito mais impacto do que imagina. Não nos culpou por não termos presentes para oferecer. Disse-me que gosta de estar aqui; que se sente seguro.

E uma criança precisa de segurança; de acreditar, ainda que por breves anos, que o mundo gira à sua volta, na sua vida. Abraço o meu filho. Talvez não estejamos a fazer tudo mal.

— Mãe?

— Sim, meu amor?

— Também pedi ao Pai Natal para tu e o pai serem felizes. Estás feliz?

A pergunta apanha-me na curva. Recordo a visita ao Pai Natal na Praça da Liberdade, o Vicente tímido perante o seu ídolo. Os seus pedidos ao Pai Natal ecoam nesta memória não muito distante. Olho o meu filho nos olhos. Não quero dizer tudo o que sinto, mas não quero mentir-lhe. Por isso, a resposta que lhe dou é a mais sincera:

— Meu amor, aqui, contigo, convosco, sou feliz. Estar a celebrar este momento com vocês é o melhor que posso pedir.

Capítulo 51

Já tens novidades lá do café? — pergunta o meu pai, à mesa.

Depois do Natal, passámos vários dias a comer os restos que a minha mãe, eu e o Duarte confeccionámos. Três dias depois, estamos a comer algo diferente.

O Duarte segura a minha mão, a sorrir.

— Fui contratado — anuncia.

O senhor Álvaro assente, no seu registo severo, que não recompensa os outros com qualquer vitória.

— Ao menos, já não deixas a tua família passar fome.

— Nunca deixei. Mas fico feliz por poder ajudar aquele café. Confesso que não é o tipo de trabalho que alguma vez tenha pensado fazer. Mas é necessário. E é digno. E acho até que me pode fazer bem. É simples, mas gosto de ouvir as pessoas, servi-las, conversar, estar um bocadinho na vida dos outros. — Assente, e escapa-lhe um sorriso breve, como se recordasse alguns dos clientes. — Ajudo, aqui e ali. Pensei que, com os meus estudos, não me ia adaptar e, olhe, acabei por achar piada ao trabalho. Sempre me imaginei a trabalhar na área do meu curso, mas, se calhar, nesta fase, o melhor é mesmo fazer algo diferente.

— Bem, seja como for, vê lá é o que fazes! Aquilo teve cinco maus donos, não sabiam patavina! Não sejas um desses também.

O Duarte assente, guardando para ele que sabe todos os erros que os antigos donos cometeram. Explicou-mos, e, como fez para o meu curso *online*, desenhou um plano para recuperar um negócio perto da falência — mesmo que, por agora, apenas vá servir cafés.

Admiro-o tanto!

— Ele é a pessoa mais competente que conheço — elogio, com os olhos a brilhar. — Vai salvar aquele café.

— Tens um trabalho, pai?

A Constança imita o tom do Vicente, o entusiasmo palpável.

— Chiu! — alerta o meu pai — Meninos! As crianças não falam à mesa.

O Vicente deixa descair os ombros, desiludido. Mesmo já tendo aqui regressado há duas semanas, ainda temos esta regra estúpida. Já falei com o meu pai sobre isto, e ele insiste que essa deve ser a regra, já que lhes damos tanta atenção durante o dia. É irredutível.

— Bem, o importante é que arranjaste trabalho — sublinha a minha mãe ao fim de algum tempo a observar a conversa de fora. — A ver se não o perdes, agora! Quando é que comesças?

— Já comecei, ontem.

— Antes do Ano Novo? — Ela ergue as sobrancelhas e dirige-se ao marido, num tom desdenhoso. — Devem estar à rasca!

O meu telemóvel toca, e a música do toque interrompe toda a conversa.

— Não vais atender o telefone à mesa, menina! — refila o meu pai.

Mas ignoro-o.

— É a cabeleireira.

— A Filomena? — estranha a minha mãe. — Mas o que é que ela querará a esta hora? Cortar o cabelo do teu pai, queres ver? — desdenha, com um risinho.

— Com licença. — Levanto-me, com o coração ansioso sob o peito.

Encaminho-me para o meu quarto, ouvindo os meus pais resmungarem pela minha saída.

— Estou? Dona Filomena?

«Matilde? Olá, querida, como está? Olhe, queria falar consigo sobre a proposta que me fez...»

Sinto-me contagiada pelo seu entusiasmo. A minha mãe tinha razão: a dona Filomena é mesmo incrível.

— Sim? Que bom!

«Estive a pensar no que me disse, e agora, sempre que olho para o salão, só vejo defeitos!»

Ela ri-se, e eu sigo-lhe o exemplo. Sento-me na ponta da cama.

— Você é uma excelente profissional. Tenho a certeza de que o seu espaço já refletiu isso. Só precisa de uma remodelação.

«Sim, e era sobre isso que queria falar... Estive a pensar nisto desde que você cá veio, e passei o Natal a cozinhar e a imaginar coisas, veja lá! Agora, sou sonhadora.»

Dou por mim a sentir-me leve, esperançosa. A dona Filomena fala com uma boa-disposição que eleva o espírito de quem com ela conversa.

— É muito bom ser sonhadora!

«Você estava mesmo a falar a sério? Em relação à remodelação?»

— Claro que sim. Posso ajudá-la com todas as etapas do processo.

Já trabalhei como *designer* e decoradora de interiores de casas e de pequenos

negócios como o seu. Não seria a primeira vez que estaria a remodelar um salão de cabeleireiro.

Inspiro fundo, na expectativa. Fecho os olhos e alimento-me do entusiasmo desta mulher inspiradora. Cruzo os dedos, faço figas para que ela considere a minha proposta.

«Certo, não duvido! Acha que poderia passar por aqui amanhã à hora do almoço, para conversarmos?»

Abro os olhos, o ar que se liberta dos meus pulmões, discreto, mas num alívio esperançoso.

— Lá estarei! Obrigada, dona Filomena.

«Obrigada eu! Falamos amanhã, querida.»

Desligamos a chamada, e eu fico a olhar para o telemóvel como uma adolescente que recebe um convite exclusivo para uma festa. Rio-me, rio-me às gargalhadas.

Após um momento para me recompor, regresso à sala e sento-me de novo à mesa com a minha família.

— Então? — pergunta o meu pai.

Sinto água subir-me aos olhos, enquanto sorrio. Solto uma gargalhada breve, e o Vicente olha-me, curioso.

— Parece que o Duarte não é o único a ter novidades. Acabei de receber uma oportunidade de trabalho.

A Filomena é o tipo de cliente que adoro — sabe o que quer, depois de extensa reflexão.

Após uma noite sentada à mesa da sala, preparei uma apresentação, que lhe mostro neste momento. Desde as opções de chão — do pavimento cerâmico ao de mármore —, à iluminação natural e artificial, tipos de decoração e mobiliário.

— Uau. — diz ela. — Adoro estes tons de dourado. E adoro aquele chão brilhante, acho que ficaria tão bem! Assim, até é difícil escolher!

— Concentre-se na impressão que quer passar aos seus clientes quando eles entrarem no salão — digo, com o entusiasmo a libertar-se do meu peito. — Imagine que esta é a sua casa: que tipo de espaço quer mostrar-lhes?

A reunião estende-se por uma hora, e chego ao final com uma ideia concreta do projeto a apresentar-lhe.

— Ai, querida, nem imagina como me senti nesta última hora... Parecia que estava a *jorrar* ideias que já andavam comigo desde miúda!

Ver este brilho nos olhos das pessoas desperta-me esperança. Ela continua:

— Confesso-lhe que estou um bocadinho nervosa com esta questão do investimento e tudo, mas já andava a pensar numa remodelação muito antes de me falar disto. Andava a adiar, porque não nunca pensei que fosse a altura

certa...

— Eu percebo.

— Mas você caiu do céu, é um anjo!

— Você é que é um anjo, Filomena. Garanto-lhe que não volto a cortar o cabelo dos miúdos em casa. Agora, só os confio a si!

— Gosto muito dos seus meninos. — Sorri, e depois inclina-se para mim: — Quando a gente tem gosto pelo que faz, trabalhamos com mais vontade! É ou não é?

Nas suas palavras, regresso ao porquê de ser *designer* de interiores. Respiro os espaços, deles retiro emoções. Sinto-os. Tornar os ambientes em que vivemos e trabalhamos mais confortáveis é a minha missão desde que conheci esta profissão.

— É o que eu sinto, dona Filomena!

Regresso a casa, depois da reunião, cheia de ideias. Sento-me à mesa da sala a trabalhar, enquanto os miúdos brincam. É só um projeto, mas é também um recomeço. Às vezes, na vida, o que importa é apenas isso: recomeçar. A minha mãe dorme a sesta e o meu pai foi para o café jogar às cartas com os amigos, o descanso depois de anos de dedicação a gerir empresas. Pela casa, reina um sossego preenchido pelas risadas da Constança e do Vicente.

Recorrendo a todas as informações que anotei no meu bloco de notas, preparo um plano para a decoração do espaço, os materiais necessários, e procuro fornecedores.

As horas rolam sem eu dar por elas. Quando o Duarte chega a casa do seu novo trabalho, beija-me. Na pressão dos seus lábios contra os meus, denoto-lhe o ânimo.

— Este é o projeto do cabeleireiro?

— É. Duarte, estou tão entusiasmada!

De pé, inclina a sua cabeça contra a minha.

— As coisas estão a melhorar — declara, no seu tom calmo, carinhoso. — Conseguiste um novo projeto, eu fui contratado... Muito em breve, vamos conseguir sair daqui.

Assinto.

— Sim, vamos sair daqui. Mas temos de ser pacientes. Não podemos sair já de Reguengos de Monsaraz, mas podemos ir continuando a procurar casas para arrendar por aqui. Por uns meses.

Por uns meses, repito para mim mesma. Inspiro fundo.

— E vamos voltar ao que éramos. — Beija-me. — Prometo.

Agarro-me a essa promessa com todas as minhas forças. Olho para o Vicente e para a Constança. Quero devolver-lhes as vidas que deixaram para trás. Podemos recomeçar. Ainda vamos a tempo de criar as memórias que sempre sonhei para nós.

Pela janela, vejo as garças sobrevoarem o monte dos meus pais, no seu voo majestoso. As asas alongam-se numa elegância tranquila, o voo não é apressado.

Temos tanto a aprender com os ritmos da Natureza.

Capítulo 52

No último dia de dezembro, o Sol aparta-se da timidez das nuvens, e levo o Vicente e a Constança a brincar lá para fora. Cubro-os de protetor solar. O sol de Reguengos de Monsaraz não é o mesmo de Lisboa — este apanha-nos desprevenidos. Queima-nos.

Com uma mão sobre os olhos, para me proteger desta luz faiscante, vejo-os correrem pelos campos de ervas secas até aos sobreiros. Sigo-os a passo lento. Estranho como sempre senti que, aqui, o tempo não se apressava; pelo contrário, as horas passavam mais devagar.

O mesmo não acontecia em Lisboa: o tempo fugia-nos das mãos, líquido, e nada do que fizéssemos o abrandava.

Recordo as palavras do Duarte e agarro-me a elas com todo o fôlego: *E vamos voltar ao que éramos*. Inspiro estas palavras, vivo-as, porque é nelas que me apoio quando só quero pegar nos miúdos, no Duarte e nas nossas coisas e partir para uma vida nova.

Sinto falta de termos o nosso espaço, só nós os quatro. Aqui, os meus pais controlam a nossa vida — onde vamos, porquê, para quê — e fazem comentários em relação ao modo como educamos as crianças. Mal posso esperar para nos mudarmos para uma casa nova, aqui, em Évora ou nas redondezas. Voltar a Lisboa já não me parece o sonho que sempre tive. Tem-me deixado de forma lenta e dolorosa, mas, curiosamente, segura e decidida.

— Puxa, homem, estás com a tensão nos píncaros! — Da parte de fora da casa, pela janela entreaberta, ouço a minha mãe gritar ao meu pai.

— Ah, isso *nã* é nada!

— Andaste a beber três cafés outra vez? — escarnece a minha mãe. — Não podes andar a fazer isso, já sabes que te sobe a tensão!

— Deixa lá isso!

Uma cadeira a arrastar. Resmungos que não compreendo.

— Vamos comprar o bolo-rei ou não? — lança o meu pai, saturado da conversa.

— Está bem, anda lá. Matilde, já voltamos!

Corremos pelo monte dos meus pais. A Constança corre depressa, afasta-se até a vermos em ponto pequenino.

— Espera por nós, Constancinha!

Gargalhadas atiradas para o ar, corridas desenfreadas pela natureza, a alegria num ano que vai ser um ponto de viragem para nós.

E, lá em cima, de novo, as garças a voar.

Daqui a uns dias, em janeiro, a escola vai recomeçar, e quero aproveitar o meu tempo com o Vicente. Depois, virá o peso da rotina, os trabalhos de casa, o tempo que não parece chegar para tudo.

Mas a memória de que a Constança vai começar a escola no próximo ano lança-me um lastro de arrepios.

Onde vamos matriculá-la?

Onde estaremos, sequer?

Antes, sonhava poder matriculá-la numa escola em Lisboa, onde a aceitassem por quem ela é.

Olho para a minha filha e vejo que ela não se importa com nada disso — sorri como se o amanhã não existisse e isso não fosse relevante. Toca nas ervas secas, sente-lhes a textura e anda à roda como se purpurina caísse em seu redor.

Ao fim de muitas corridas espontâneas, vejo o rosto do Vicente afogado e a Constança a respirar fundo.

— Querem ir para dentro descansar um bocadinho?

Eles abanam a cabeça, recusando. Preferem continuar a brincar na imensidão do monte.

— Mas, mãe, podes arranjar uma tesoura para recortarmos aqueles bonecos em cartolina? — pergunta-me o Vicente.

— Está bem.

Volto para dentro para beber água. Aqui, a garganta seca-se-nos a toda a hora.

Encontro a casa vazia, as gargalhadas da Constança e do Vicente ecoam lá fora. Ainda a recuperar o fôlego, procuro nas gavetas da cozinha. Não encontro. Sei que no nosso quarto não temos nenhuma — a minha desapareceu nestas mudanças todas —, nem nas casas de banho, pelo que hesito antes de invadir o quarto dos meus pais. Nunca lá entrei. Não fui autorizada. Sempre foi um mistério que acalentei na minha mente. O que será que lá guardam de tão secreto?

O que quer que seja pode ser a resposta para me tratarem como tratam.

Ao entrar no quarto do senhor Álvaro e da dona Benedita, sinto o cheiro a ervas secas. Procuro-as, não vão elas ter invadido o quarto, mas não as encontro.

É pelas frestas da janela que entra o a fragrância densa da terra árida. Respiro fundo antes de remexer nos armários — encontro os vestidos de cerimónia da minha mãe engomados, enfiados em proteções de plástico, alinhados do mais escuro para o mais claro. Os fatos do meu pai destoam das camisas informais, desabotoadas nas zonas do pescoço e do peito, que costuma usar. Passo os dedos pelos fatos e vestidos, como se neles encontrasse a resposta para a rispidez dos seres que me criaram.

Ganho coragem e remexo nas gavetas das mesinhas de cabeceira. A princípio, não olho para o seu conteúdo, apenas tateio em busca de uma tesoura, mas a curiosidade é maior do que eu, e acabo por estranhar sentir tantos objetos. A gaveta do meu pai tem um livro, lâminas de barbear, papéis do banco, documentos das empresas onde trabalharam e das pensões e uma fotografia da minha mãe. Arqueio uma sobrancelha. Não devia a fotografia estar emoldurada e exposta?

Fecho a gaveta, e abro a da minha mãe, do lado da janela, oposta à porta. Por entre papéis, fotografias minhas, uma pequena Bíblia e dois vernizes, lá encontro uma tesoura, escondida por entre papéis.

— Cá estás tu! — murmuro, enquanto a retiro.

Mas, ao fazê-lo, a fotografia de uma criança desliza por debaixo. FRANZO o sobrolho e seguro na fotografia, a criança ao colo dos meus pais. Será uma prima?

Tudo o que sei é que esta não sou eu — quando eu era pequena, tinha os cabelos castanhos, e esta menina, que deve ter um anito na fotografia, é loura, o cabelo encaracolado luminoso sob o sol tórrido de Reguengos de Monsaraz. Como fundo, o monte dos meus pais.

Não me recordo de os meus pais mencionarem outra criança na família. Uma prima, quem sabe. Somos uma família pequena, os primos afastados vivem longe, ou no estrangeiro. Fomos sempre nós os três.

Desvio o olhar para a gaveta da minha mãe, de onde espreita, do fundo, uma certidão. Retiro-a e desdobro-a.

Deixo o queixo descair ao ler um nome que nunca ouvi: Clara Ramalho Soares. Uma certidão de óbito.

A criança morreu.

Corro o documento à procura de mais informações: segundo as datas de nascimento e óbito a criança, a Clara, morreu com três anos de idade.

Sinto o meu estômago às voltas só de imaginar tamanha tragédia.

Ela tinha três anos e, no ano em que morreu, eu já era nascida. Tinha um ano.

E é filha de... Benedita Vaz Ramalho e Álvaro Mendes Soares.

Os meus pais.

A Clara era minha irmã.

Não acredito no que acabei de descobrir.

— Mãe? — chama-me o Vicente da sala, mas não respondo. Não consigo.

Eu tinha uma irmã. A menina da fotografia morreu.

O Duarte chega a casa, com o rosto a resplandecer de alegria. Encontra-me sentada no sofá da sala, apática. Como eco num túnel, ouço o Vicente dirigir-se ao pai e dizer-lhe:

— A mãe não está bem. Ficou triste com alguma coisa, e não nos diz o que é.

Não compreendo. Não compreendo porque haveriam de me esconder algo tão importante. Não me lembro da Clara, desses primeiros tempos de vida.

— Está tudo bem? — pergunta-me o Duarte, num tom calmo, baixo, e agacha-se a meu lado.

— Como é que eles puderam esconder-me isto, Duarte? — murmuro.

— Quem escondeu o quê?

— Os meus pais. A verdade.

— Qual verdade?

Estendo-lhe a certidão de óbito e a fotografia que encontrei, de cores expressivas, nostálgicas.

Os miúdos olham para nós com os olhos em bico. Sinto a curiosidade do Vicente a fulminar-me. Sente-se injustiçado por eu ter partilhado *isto* com o pai e não com ele. Só espero que ele compreenda que não posso falar disto com um miúdo de sete anos.

— Mas isto é...?

— Sim.

Ficamos em silêncio, nas meias palavras. Na dúvida. Sinto o meu marido pousar a mão na minha.

— Vais falar com os teus pais?

— Tenho de descobrir o que aconteceu... — olho para ele com os olhos lacrimejantes. — Como é que nunca soube disto...?

— Nós também escondemos coisas dos miúdos — sussurra, e, pelo seu olhar, decifro o que ele quer dizer.

Também não contámos ao Vicente e à Constança que perdemos um bebé. Um bebé que poderia estar nesta sala, agora, connosco.

Percorro a sala com o olhar, como se me caísse a ficha agora. O que faria eu no lugar dos meus pais?

Quando o meu pai abre a porta e entra dentro de casa, com a minha mãe atrás, cruzo os braços. Parte de mim quer criar uma barreira à verdade. Quero que me digam que isto é uma brincadeira, uma partida de carnaval ou de dia das bruxas.

— Avô! Avó! — O Vicente corre até aos avós

— Então, criança rabina! — brinca o avô Álvaro.

— Até fico mais alegre de ver os garotos assim! — diz a minha mãe, e olha para mim, a sorrir, mas embate na minha expressão apreensiva.

A Constança aproxima-se de mim e estica os bracinhos. Vocaliza, para chamar a minha atenção, e até tenta olhar para mim. Mas, neste momento, sinto-me tão vazia que não sei se a consigo reconfortar.

Quando ela começa a choramingar, pego nela ao colo e abraço-a. Dou-lhe um beijo no cocuruto, e ela encosta a cabecinha, envolta nos seus caracóis lindos, ao meu ombro.

— Como é que anda lá o café? — pergunta o meu pai ao Duarte.

— Bem. Eu e o dono damo-nos bem, e, aos poucos, vamos fazendo mudanças para o manter de pé.

O meu pai assente, como que não convencido.

— Vê lá se não arrancas a alma àquele café. Pode ter sido mal gerido, mas as gentes gostam dele como está.

— Eu sei, senhor Álvaro.

— Avó, podes ajudar-me? Andei à procura de uma coisa, mas não encontrei.

— Andaste à cata da rolha?

— O que é que isso quer dizer?

— Andaste à procura de alguma coisa?

— Sim, de uma tesoura, mas a mãe não encontrou.

Eu e a minha mãe trocamos um olhar. Com uma sensação cortante na garganta, aproximo-me dos meus pais, com a Constança no colo e os documentos na outra mão. Faço-lhes sinal para nos afastarmos do Duarte e do Vicente.

— Ai! — queixa-se a minha mãe. — Para que é que andas com esse mistério todo?

Quando nos aproximamos da cozinha, volto-me para eles:

— Esta noite, temos de conversar. — Olho-os, severa. — Quando os miúdos forem dormir.

Eles trocam um olhar preocupado. Franzem o sobrolho, mas não me questionam.

Está na hora de serem honestos comigo.

Capítulo 53

Com um trejeito na boca, o meu pai senta-se. A minha mãe olha-me, desconfiada, o brilho desaparece-lhe dos olhos. A luz que recai sobre a mesa, a única que nos ilumina na sala, é enigmática, como se estivéssemos numa sala de interrogatório.

E é para isso que me estou a preparar.

— Sabes que não gostamos de surpresas, Matilde — impacienta-se a minha mãe. — Do que queres falar, afinal?

— Desembucha! — reclama o meu pai.

Olho-os, estupefacta, com uma mistura de emoções a ruminar na minha mente. Costuma-se dizer «tal mãe, tal filho», mas, nesta circunstância, adequa-se um «tal marido, tal mulher».

Não digo nada. Estendo a certidão de óbito e a fotografia dos meus pais com a outra menina ao colo sobre a mesa. À luz da lâmpada amarela, adquirem um ar muito mais assustador. Como se estivéssemos a analisar um crime.

A minha mãe leva a mão ao peito, e solta um gemido de dor. O meu pai levanta-se, desvia o olhar da mesa.

— Andaste a mexer nas nossas coisas? — questiona ele.

— Isso importa? — Tento parecer corajosa, mas remexo as mãos debaixo da mesa, para libertar a tensão dos meus músculos.

Os meus pais remetem-se a um silêncio prolongado — nunca os vi fazer isto. E só pode significar uma coisa: que eles sabem que tenho razão. Então, isto é verdade... eu tive mesmo uma irmã. As lágrimas sobem-me aos olhos, e detesto sentir-me tão vulnerável à frente deles, mas não resisto.

— Porque é que nunca me contaram...?

— Já foi há tantos anos, filha... — vejo a minha mãe pegar, com a mão

trémula, na fotografia.

O meu pai olha para a fotografia também, derrotado, embora procure demonstrar a sua habitual firmeza. Na escuridão, longe da lâmpada sobre a mesa, sente-se mais confortável para expressar o que sente.

— Clara. — A sua voz é um fio. — Era uma garota com garra.

A minha mãe assente, funga. Nunca a vi tão perturbada como agora.

É o que a perda de um filho faz.

— O que é que lhe aconteceu? — pergunto.

— Não. — A minha mãe faz um gesto com a mão. — Não quero falar disso.

— Mas...

— Ouviste a tua mãe, Matilde. — A voz do meu pai, trémula, ferida, surpreende-me.

— Falem-me da Clara — peço. — Não me lembro dela.

— Eras muito pequena — começa a minha mãe, a voz embargada pelo choro. — É melhor não te lembrares. Assim, não sofres tanto.

— Mãe, eu tive uma irmã e vocês nunca mo disseram.

— Para que queres saber agora? A Clarinha já não está cá. — A última palavra sai-lhe envolta em choro.

— Não insistas, Matilde — adverte o meu pai.

— Diga-me, pai: o que é que lhe aconteceu?

Ele suspira.

— Um dia, contamos-te a história. Mas não hoje. É noite de fim de ano, não vamos terminar o ano com conversas tristes.

Baixo a cabeça. Não vamos falar sobre isto, nem hoje nem nunca. As respirações pesadas e os choros que aqui vejo são, talvez, os primeiros que presencio em toda a minha vida. Os olhos do meu pai brilham, mas as lágrimas não lhe caem. Nunca vi os meus pais demonstrarem tamanha vulnerabilidade.

De lá de fora, chega o fogo-de-artifício, pouco antes da meia-noite. Há sempre quem se entusiasme antes do tempo.

Ficamos em silêncio, a absorver a dor que aquela fotografia emana, como se fosse radioativa.

— Se tivesses perdido uma filha, também terias dificuldade em falar sobre isso — profere a minha mãe.

E perdi. É o que quero dizer, mas não o digo. Ainda não estou pronta para reabrir essa fenda, essa dor que nunca cessa e que tanto me atemoriza.

Olho para a fotografia, para a minha mãe, que chora, e, a custo, estendo a mão para a pousar sobre a dela. Penso que ela me vai rejeitar, mas aperta-me a mão, à procura de consolo. Neste toque, sinto o tremor, os espasmos, a dor da minha mãe.

Os soluços, que se assemelham a ganidos baixos, preenchem o vazio do silêncio, enquanto o meu pai caminha pela sala, de mãos nos bolsos. Também ele perturbado.

Entro na bolha deles. Na dor que sentem. De repente, a Clara ganha vida, é como se saltasse da fotografia. A Clarinha. A criança adorável que os meus pais perderam.

Como teria sido a vida se ela ainda estivesse aqui?

— Sonhei com ela, esta noite — confesso, num murmúrio.

— Com a tua irmã?

Deitados na cama estreita, eu e o Duarte despertamos para a primeira manhã do novo ano.

— Sim. Sinto que ainda preciso de saber tanto sobre ela, e acho que, nos sonhos, tento preencher esse vazio.

— Estás à procura de respostas.

Reflico por instantes, e assinto. O tom ténue, caloroso, do Duarte é das únicas coisas que me mantém ancorada à terra. Reabro os olhos e aprecio este silêncio. Pela janela, entram pequenos raios de sol. Sol de Ano Novo.

— É estranho não ter aqui os miúdos.

Ele solta um riso abafado.

— Acho que eles já estavam fartos de nós.

Rio-me.

Assinto, querendo abraçá-los neste momento.

— Feliz Ano Novo — sussurra o Duarte junto ao meu pescoço, que depois beija.

— Nem comemorámos.

— «Valores mais altos se alevantam.»

— Descobrir a verdade sobre a minha irmã é um valor mais alto? — brinco.

— Podes crer.

Abraço o meu marido, volto a fechar os olhos e concentro-me nesta quietude que criámos.

— Feliz Ano Novo. — Afago-lhe o cabelo, os meus dedos percorrem os seus caracóis suaves. Encho-me de esperança para dizer as palavras que quero catapultar da garganta: — A um recomeço. Este ano, vamos dar a volta.

Capítulo 54

Hesito em deixar a Constança com os meus pais — o episódio em que o meu pai lhe bateu ainda me visita. Pelo menos, o Duarte leva o Vicente à escola, a caminho do trabalho.

— Anda lá, vai trabalhar! — suplica a minha mãe. — *Nã* te atrases!

Tão depressa quanto a noite de fim de ano passou, voltámos às rotinas. Demos ontem início à remodelação do salão da dona Filomena. Confesso que sair para trabalhar de manhã me dá um sentido de propósito que há muito buscava. Até vesti uma camisa branca, calças pretas e um *blazer* hoje!

— A Constança...

— Sim, já sei, vai fazer filas com aquelas pecinhas. Pensas que não a conheço?

Um sorriso brota dos seus lábios, e os meus seguem-lhe o gesto.

— Obrigada. — Dou-lhe dois beijinhos no rosto. — Vou tentar não demorar.

— Descansa, que a gente entretém-se.

Vejo-as às duas, na sala, a minha mãe a sentar-se no sofá e a brincar com a Constança, que está no tapete a dispor as suas peças. Não lhe ouço vocalizações ansiosas. Pelo contrário. Vocaliza baixinho, distraída com os seus bonecos e legos. O cão de peluche que os avós lhe ofereceram marca presença, a olhar para o que ela faz.

Sente-se segura.

Respiro fundo e saio de casa. Aperto o casaco, porque janeiro promete ser um mês mais frio do que o dos outros anos. Caminho em direção ao salão munida dos desenhos, planos e catálogos de materiais.

As horas passam a correr no salão. Depois de me reunir com a dona Filomena, fazemos levantamentos dos fornecedores, estimativas de investimentos

e de duração da obra.

Os meus olhos não deixam escapar um único detalhe. Caminho pelo salão, mostro como quero dispor as coisas, e a dona Filomena sorri, olhando para os nossos planos.

No meio de todo este alvoroço, torna-se mais fácil não pensar na irmã que perdi.

— Conta outra história, mãe! — pede o Vicente. — Já ouvimos a história do Bambi trezentas e cinquenta e sete mil vezes.

— Sabes que a mana gosta desta história...

— Sim, mas ela também gosta do *Aladino*!

Os dias correm numa estranha fluidez. Viver com os meus pais torna-se mais fácil, talvez porque não passo tanto tempo em casa. Continuamos a procurar casas e apartamentos para arrendar, mas todos longe daqui. A compra de montes e imóveis é a norma nesta terra; tudo o resto fica longe demais. No entanto, não desistimos.

É só por uns meses, mentalizo-me.

À noite, eu e o Duarte entramos na nossa dança habitual dos banhos, do jantar dos miúdos e das histórias antes de dormir.

A Constança olha para o livro nas minhas mãos, aguardando a história. Entro num rodopio de indecisão, porque, como sempre, não quero que o Vicente sinta que favorecemos a Constança. Ele tem sido muito paciente e, durante a semana, tem ouvido a história do *Bambi* sem se queixar.

— Constancinha, vamos ler a história do *Aladino* hoje?

Ela vocaliza, incomodada com a mudança súbita. Decido agir rápido e começar a ler:

— Esta é a história do *Aladino* e da lâmpada mágica.

A Constança não parece contente. No entanto, continuo a ler, enquanto ela abraça o cãozinho de peluche. Entoo as vozes das personagens, procuro ser a melhor narradora de histórias deste mundo.

E não resulta.

— Cala-te, Constança! — irrita-se o irmão. — Não consigo ouvir a história!

— Vicente!

— Não é justo. É sempre tudo à maneira da Constança!

— Sabes que a mana não gosta quando as rotinas mudam...

— Mas não pode ser só ela a decidir, mãe!

Só queria ter uma noite sossegada. Hoje, mais do que nunca.

— *Okay*, vamos fazer o seguinte — olho para os irmãos —, vou acabar de ler a história do *Aladino*, e depois conto a história do *Bambi* para a Constança. Combinado?

Ela resmungava, e o Vicente revirava os olhos. Um pensamento incômodo perpassava-me a mente: se, um dia, eu e o Duarte morrermos, o Vicente olhará pela Constança?

A morte leva-me de volta à Clara. Enquanto leio as histórias aos meus filhos, decido que tenho de falar com os meus pais.

Depois de muito batalhar, o Vicente adormece. E não preciso de chegar ao fim da história do Bambi para a Constança se entregar ao sono. Beijo-os na testa, cada um na sua caminha, e desejo nunca perdê-los como os meus pais perderam a sua filha.

— Já estão a dormir? — O meu pai levanta-se da poltrona na sala.

— Já. Jantados, banhos tomados e histórias contadas.

Ele deixa escapar um riso abafado.

— Como fazíamos contigo, quando eras garota.

Assinto, e fico a fitá-lo tanto tempo que ele percebe as palavras que não digo. Suspira.

— Matilde...

— Pai, conte-me o que aconteceu.

— Mas para quê?

— O pai sabe porquê.

A minha mãe chega à sala, depois de terminar de lavar a louça do jantar. Vem ainda com o pano na mão, e esfrega as mãos nele.

— Mas o que é que se passa?

O meu pai faz um gesto evasivo com a mão.

— É a tua filha, que está a ser chata!

A minha mãe volta-se para mim com um ar inquiridor. Sem rodeios, deixo o meu pedido saltar:

— Quero saber o que aconteceu à Clara.

Ela fecha os olhos e solta um suspiro profundo.

— Matilde, desenterrar os mortos nunca é boa ideia.

As lágrimas afloram-se-me aos olhos ao lembrar-me do bebé que não tive.

— Às vezes, temos de os desenterrar para vivermos em paz.

Os meus pais cedem por exaustão — ou talvez porque estejam preparados para falar do que aconteceu trinta e seis anos depois.

Sentamo-nos na sala. A minha mãe aconchega dois toros de lenha nas chamas, lançando gestos e crepitaras inconfundíveis. Depois, senta-se num dos sofás individuais, e não a meu lado, que estou no sofá de três lugares. Com o meu pai na sua poltrona e a minha mãe do outro lado, sinto-me a flutuar entre dois rochedos, numa ponte suspensa prestes a ruir.

Reúno coragem para lançar a primeira pergunta:

— Porque não me contaram?

Silêncio. Sinto que não querem fazer isto. Eu também preferia não ter uma irmã morta. Mas alguém tem de fazer as perguntas.

— Eras tão pequena, Matilde... — diz a minha mãe. — Achas que uma criança quer saber que a irmã já não existe?

— Mas, quando eu já era adulta...

— Para quê? — lança o meu pai, num tom magoado, zangado. Remexe-se na poltrona enquanto mil pensamentos não proferidos, a julgar pelo desconforto, lhe atravessam a mente.

— O que aconteceu à Clara? A certidão de óbito não esclarece o motivo...

— Lembras-te da quinta do senhor Pimentel? — começa a minha mãe.

Pestanejo, procurando-a nas minhas memórias de infância.

— Não...

A minha mãe ajusta o avental para disfarçar as mãos trémulas.

— Fomos almoçar lá, um dia. Já lá tínhamos ido muitas vezes, antes de nasceres. A Clara era pequenita, corria por todo o lado. Gostava mais de lá estar do que aqui.

Vários cenários me passam pela cabeça — uma queda das escadas, um ataque de javali, um tiro accidental de caçadeira na zona de caça. O meu pai bebe um longo trago do uísque. A minha mãe engole em seco enquanto dobra e desdobra o pano em cima do colo. Continua:

— Nesse dia, o senhor Pimentel andava a fazer regas no terreno. Era um verão muito quente e tínhamos de racionar a água. A Clarita andava por lá a correr e...

— Mas há necessidade de falarmos disto?! — O meu pai olha-me, de cenho franzido, os olhos que escurecem debaixo das sobrancelhas fartas.

— Pai, eu sei que é difícil — digo, num tom calmo. — Mas, por favor, deixe a mãe falar.

A minha mãe tem os olhos dominados pelas lágrimas.

— O senhor Pimentel andava a tirar água do poço, e a Clarita via-o fazer isso com tanto entusiasmo que quis experimentar. Não deixámos, claro, e levámo-la para casa — funga. — Ela começou a correr pela casa, zangada por a termos contrariado. Tu eras bebé, não te lembras.

Respira fundo, e juro que vejo a sua garganta a tremer. O meu pai bebe outro gole, com os pés a bater, rítmicos, no chão, as pernas a tremer.

— O que nós não sabíamos era que a mulher do senhor Pimentel tinha deixado uma das portas de vidro abertas, para ver se entrava ar. A mulher também parece que era tonta, a achar que, no Alentejo, o calor se resolve com portas e janelas abertas — rosna.

— Foi estúpida — concorda o meu pai.

— A culpa não foi dela, Álvaro.

— Ai não? Se não fosse por ela, a miúda ainda cá estava hoje!

Denoto-lhe choro na voz. A minha mãe reúne coragem para continuar na forma de um inspirar profundo:

— A Clarita esgueirou-se pela porta, sem darmos por ela, e quando nos apercebemos do silêncio já ela ia longe, para junto do poço. Eu e o teu pai corremos que nem loucos, a chamá-la, a chamá-la...

— Ela pensava que era um jogo — A voz derrotada do meu pai esfuma-se; olha o vazio.

— Eu ia com o coração nas mãos. Ela ainda se virou para trás, a rir-se. Gritámos-lhe para parar, mas qual quê? Ela não nos escutava...

Sinto o coração a afundar-se no meu peito.

— Chegámos tarde — conclui o meu pai. — Nem a ouvimos chorar.

— Foi tudo tão rápido... — um soluço rebenta do peito da minha mãe. Levanto-me e abraço-a. Ficamos de pé. Meu Deus. Meu Deus. Contra o meu pescoço, a minha mãe murmura palavras que me atiram para o fundo: — Quando os bombeiros chegaram, já não havia nada a fazer. Ela... ela partiu o pescocinho ao cair.

Falta-me o ar. Sinto uma tontura invadir-me, impiedosa, dói-me o corpo como se a minha mãe transferisse a sua dor para mim. Ouvimos o meu pai levantar-se e a abandonar a sala.

Como se pudesse abandonar a dor.

A dor de um pai e de uma mãe que perderam um filho nunca cessa, não importa quanto tempo passe.

— Eu não fazia ideia, mãe... — murmuro, com lágrimas silenciosas a descerem-me pelas faces. — Lamento. Lamento tanto.

Ela deixa-se ficar encostada ao meu ombro, a fungar. Nunca estive tão próxima da minha mãe. Não nesta simbiose de dor.

— Só rezo para que nenhuma mãe tenha de passar por isto — murmura. — É uma dor tão tamanha que nem lhe conhecemos o rosto.

Fecho os olhos e inspiro fundo. O meu peito pesa como se respirasse chumbo.

— Eu também já perdi um filho.... — deixo escapar.

A minha mãe desfaz o abraço com gentileza, segura-me os ombros e olha-me nos olhos, a boca entreaberta. Olhamo-nos em lágrimas, e, nesse segundo, vejo empatia. O cintilar profundo, compassivo, da dor partilhada.

Abraça-me de uma rajada. Com força. Como se não me quisesse perder.

— Minha filha... — murmura, num tom de voz trémulo.

E ali ficamos, mudas, unidas por uma dor que desconhecíamos que a outra sentia, e que nos é tão dolorosamente familiar.

Capítulo 55

No dia seguinte, olho para os meus pais e vejo-lhes marcas da noite anterior. Dor revivida. O meu pai fala menos. Não nos pergunta como corre o dia. Deita-se cedo, à mesma hora dos miúdos.

— Pai?

— Vou dormir. — E inspira uma grande golfada de ar. — Falamos amanhã.

Vejo-o dirigir-se para o seu quarto. Contenho a palavra dentro de mim até o ver a atravessar a ombreira da porta do seu espaço seguro:

— Obrigada.

Ele estaca e volta-se para trás devagar, com o sobrolho franzido. Sorve grandes golfadas de ar — será do cansaço emocional? Da intensidade da dor de relembrar a filha que perdeu?

Assente, com os olhos brilhantes de lágrimas que não caem. E assim nos despedimos, sem dizer *boa-noite*.

A minha mãe, por outro lado, inventa tarefas para se manter ocupada. A sala tem de ser reorganizada; toda a louça dentro dos armários precisa de ser lavada, porque está cheia de pó, de tão adormecida. De repente, as casas de banho precisam de ter os azulejos lavados com água quente.

— Mãe?

— Diz, filha. — O seu tom doce como mel surpreende-me. Continua a lavar os azulejos. — Queres alguma coisa? Um chazinho? Eu posso fazer.

— Não é preciso.

Passa agora das onze da noite, a minha mãe já devia estar deitada há uma hora. No entanto, vejo-a agachada, a limpar os azulejos da casa de banho.

— Mãe... — Agacho-me e toco-lhe no braço. Faço-o descer lentamente até ao balde fumegante. Ela deixa cair o pano lá dentro. — Sei que nada do que lhe

disser a vai fazer sentir-se melhor.

Ela olha para o lado, os olhos pontuados de lágrimas, que ela limpa com as costas da mão.

— A Clarinha... — começa.

— Foi um acidente.

Funga, olhando para as suas unhas desgastadas. Vem-me à mente que gerir tantas pessoas no seu negócio de produção de azeite a distraía da monstruosidade daquele dia fatídico. A minha mãe encontrou conforto nas oliveiras, que tanta riqueza lhe podiam dar, mas que não substituíam o amor pela filha perdida.

— A morte de um filho nunca se esquece.

Sento-me no chão, encostada aos azulejos acabados de lavar e já secos, o odor a um químico que não conheço paira no ar. A minha mãe senta-se a meu lado, a suspirar.

— Nunca se esquece — murmuro.

— Andamos uma vida inteira a sonhar com um bebé, e ele morre-nos num acidente sem jeito. — Prime os lábios um contra o outro, segura o choro. — Quis Deus que assim fosse.

— Que se lixe Deus, mãe! Que raio de Deus permitiria que uma mãe sofresse desta maneira?

— O mesmo Deus que todos os dias nos dá graças por estarmos vivos.

— Tretas.

— Matilde, tu podes ter perdido a tua fé, mas o teu pai e eu encontrámos consolo nela quando perdemos a Clarinha. — Faz uma pausa, olhando-me nos olhos. — Tu ficaste. Tu viveste.

Um arrepio alastra-se pelo meu corpo. A responsabilidade enorme de compensar pela morte de uma filha que carreguei nos meus ombros sem saber. Em *flashes* rápidos, passam todos os momentos em que, estúpida, arrisquei a minha vida.

Como se sentiriam os meus pais se também eu tivesse morrido?

Seguro na mão da minha mãe.

— Eu estou aqui.

Ela sorri e anui.

— Não suportaria ter-te perdido também.

É como se a minha mãe tivesse lido o meu pensamento.

— Sabe o que senti no momento em que perdi o meu bebé?

— Hum?

— Que estava a ser castigada por Deus. Que não era uma boa mãe, e que por isso não merecia ter outro filho.

— Deus não castiga os bons, Matilde.

Deixo-me absorver as palavras da minha mãe enquanto solto um suspiro carregado de dor, difícil de expelir.

— Eu queria tanto aquele bebé...

— Ainda vais a tempo. — Dá-me palmadinhas carinhosas, leves, na mão. — És nova, filha.

Inspiro fundo. Sem que a consiga controlar, uma nota de esperança lança uma lufada de ar fresco sobre o meu coração. Aperto a mão da minha mãe com mais força, com o peso das lágrimas a picar-me os olhos.

— Gostava que tivéssemos tido mais momentos assim.

Ela olha para mim com os olhos cansados, sorridentes, e repete:

— Ainda vamos a tempo.

As peças já chegaram. Mesmo no início de fevereiro. Alguns itens que a dona Filomena procurava não estavam disponíveis, pelo que tivemos de aguardar. Agora, o chão que a dona Filomena queria brilha, faz-me até arder os olhos. Mas, ao encontrar os dela, vejo um sonho concretizado. É uma mulher que se emociona depressa e que se ri com vontade.

— Essas almofadas são adoráveis — diz, encantada.

A dona Filomena inclina-se sobre mim, que faço a gestão dos materiais e orçamentos numa mesa improvisada com tábuas de madeira a um canto do espaço.

— Está curiosa com o resultado final? — Sorrio, desviando o olhar das minhas notas para ver a expectativa no seu olhar.

— Pois, claro que estou! Acha que as pessoas vão gostar?

— Dona Filomena, vai ter o salão mais bonito de todo o Alentejo. Não tenha dúvidas disso!

O chão novo brilha ao fim de poucas horas. As caixas encostadas a um canto, à espera de serem desempacotadas, amontoam-se junto às paredes que ontem foram pintadas de fresco. O salão ainda cheira a tinta, pelo que abrimos as janelas para arejar o espaço.

As horas correm, e, quando chego a casa, sou surpreendida pelo meu pai, sentado no sofá, mão pousada sobre o ombro da minha mãe e inclinado sobre ela para a beijar na face.

— Minha Benita — diz ele, num tom carinhoso.

Uma demonstração de afeto como não testemunhava há anos, e que me faz sorrir.

Ao verem que me aproximo, afastam-se. Sobre o tapete da sala, a Constança brinca com a avó. O meu pai observa-as. Acho que ainda não aprendeu a lidar com a neta não verbal.

O Vicente corre até aos avós para os abraçar. Acabou de chegar da escola, foi o pai buscá-lo. Abraço o meu marido. Com a correria do dia a dia, não temos estado tanto tempo juntos. Saímos lá para fora, enquanto não é hora de preparar o jantar, para o crepúsculo.

Caminhamos pela vasta propriedade dos meus pais. Mesmo com o passar do tempo, este monte continua a parecer infinito.

— Como correu o teu dia hoje? — pergunto.

— Foi bom. O café já ganhou clientes novos, e o dono anda impressionado com isso. E sim, servir cafés não é a coisa mais interessante do mundo, mas sempre me mantenho ocupado e conheço as pessoas daqui. É simples. E, por agora, basta-me o simples.

— Se há pessoa que gosta de se manter ocupada, és tu.

Ele solta um riso abafado.

— É melhor do que os dias em que estava fechado em casa sem fazer nada. Nunca me senti tão inútil. — Faz uma pequena pausa. — E o teu, como foi?

Inspiro fundo.

— Estou a voltar a sentir-me *eu*, Duarte — admito. Ele afaga-me as costas enquanto andamos. — É estranho, sentir-me realizada num lugar onde nunca fui feliz.

— Todos merecemos um recomeço, não achas?

Pondero as suas palavras. Será este um recomeço?

— Acho que tive a minha primeira conversa a sério com a minha mãe em anos.

— Sobre a tua irmã?

— Sim. Conteí-lhe do nosso bebé.

— Contaste-lhe...? — noto hesitação na sua voz.

— Sim. A minha mãe ouviu-me. — Paramos de andar. — Acho que os percebo melhor agora. O porquê de me protegerem demasiado, de não quererem que eu sáísse daqui...

Olhamo-nos. Sabemos a resposta. O Duarte verbaliza-a:

— Tinham medo de te perder.

Assinto, em silêncio.

— Faz tanto sentido agora ...

Abraço-o e aconchego o meu rosto junto do pescoço dele, da sua pele que é casa:

— E estamos cada vez mais perto de voltar ao nosso plano.

— Quase. Falta pouco para voltarmos a ser só nós.

Capítulo 56

Depois de um longo janeiro, o final de fevereiro chega como um trovão. Tão rápido e inesperado que, quando dou por mim, sinto-me tão habituada à rotina que esqueço o que passámos nos últimos onze meses.

O salão de cabeleireiro de sonho da dona Filomena — que eu ajudei a idealizar — reluz nos nossos olhos.

— Não acredito. — A dona Filomena percorre o espaço, que ajudei a limpar no dia anterior para lhe fazermos esta surpresa. — Mas já está terminado?

— Está, pois! — sorrio, com o coração a saltar de alegria.

Ela abana a cabeça, de lágrimas nos olhos. Leva as mãos com as unhas perfeitas, pintadas, ao rosto, e esfrega-o para se certificar de que o que vê é real.

Depois, aproxima-se de mim e pousa as mesmas mãos, suaves como algodão, sobre as minhas faces.

— A Matilde tornou o meu sonho realidade. E não tenho como lhe expressar o quão grata me sinto neste momento.

As emoções da dona Filomena são contagiantes. Uma lágrima escapa-me do olho.

— Só ajudei a materializar o seu sonho. É tudo seu.

A campainha da porta soa. Ainda ninguém se lembrou de removê-la, apesar de estar nos planos. Eu e a dona Filomena franzimos o sobrolho na direção da entrada. Será o primeiro cliente?

A figura do meu pai, com a camisa abotoada mais do que costuma estar, surge a espreitar pela porta.

— Podem entrar os fregueses?

— Pai?

Atrás dele, vem a minha mãe. Pestanejo. Não esperava vê-los cá.

Entram — é a própria dona Filomena que vai recebê-los com um sorriso.

— Venham cá, senhor Álvaro e dona Benedita.

Vejo-os entrarem e contemplarem o espaço. Onde, antes, havia paredes com um papel de parede esbranquiçado e velho, agora veem nelas a tinta azul-petróleo, acinzentada, e as luzes indiretas que pendem do teto em diferentes alturas e não ofuscam os olhos. As cadeiras novas trazem o conforto que as anteriores, com os estofos rasgados, jamais proporcionariam. Diante delas, os espelhos circulares e com luz embutida permitem às pessoas admirar os detalhes e o brilho dos cortes e pintura de cabelos. E, se antes o chão parecia perder-se de sujidade com rapidez, agora reluz, escuro, com as luzes indiretas, destacando a hera inglesa que a dona Filomena quis que envolvesse as paredes e os espelhos. Com um ar moderno, promete ser um cabeleireiro onde as senhoras e as crianças vão passar muito do seu tempo.

De repente, sinto-me a criança de seis anos que procurava os olhos do pai no recital de música da escola.

— Foste tu que fizeste isto? — pergunta-me, a tentar controlar a respiração pesada.

Assinto, à espera da sua reação. Mas a dona Filomena adianta-se:

— Já viu, senhor Álvaro? Tem aqui uma filha talentosa! O que este salão era e o que é agora!

O meu pai contempla o espaço, percorre-o de mãos atrás das costas. Analisa cada detalhe de rosto sério. Sigo cada movimento seu, temendo ter-me esquecido de algum pormenor importante. O meu pai pode ser muita coisa, mas é, sobretudo, atento. Na vida e nos negócios que geriu. Foi ele quem me ensinou a ter muita atenção às pequenas coisas.

E, mesmo assim, posso ter falhado sem saber.

— Não está bonito? — pergunta a dona Filomena à minha mãe.

Ela olha em volta, assentindo devagar. Endereça-me um sorriso:

— Está bonito, pois! Moderno!

— Foi a minha Matilde que a ajudou a renovar o salão todo? — pergunta o meu pai.

— Foi, pois! Tratou-me de tudo, até das burocracias. Quase nem tive de mexer uma palha.

O meu pai olha-me, e depois desvia o olhar para as paredes, para as cadeiras e espelhos novos, para o equipamento que brilha de tão novo que é.

— Muito bem, muito bem.

Muito bem.

Respiro de alívio. A presença dos meus pais no meu espaço de trabalho não me incomoda; pelo contrário. É bom eles verem o que eu faço na prática. A minha mãe conhecia o salão antes. Sabe que nem parece ter entrado no mesmo espaço. Vejo o meu pai pôr o braço em redor dos ombros da minha mãe, e ela a segurar-lhe a mão, mais um gesto carinhoso raro.

Podia desconfiar desta sua visita. Sei que, no passado, era isso que sentiria — o sabor amargo da desconfiança. Mas, depois da experiência traumática que nos uniu, é como se os fios entre nós se desprendessem e pudéssemos comunicar de novo. Como uma família.

E não me podia sentir mais orgulhosa deste projeto.

Respiro de alívio e deixo o meu peito encher-se do sentimento que procurava recuperar — a felicidade no meu trabalho. A autorrealização.

Afinal, nem tudo está perdido.

Na sala da casa dos meus pais, reina um estranho silêncio confortável, e aproveito para me sentar no sofá a ler um livro de agradecimentos aos meus pais, feito pelas pessoas que trabalharam para eles ao longo dos anos. Na verdade, é um álbum de recortes com os momentos mais importantes da sua carreira e uma homenagem ao seu trabalho, oferecido no último dia antes de se reformarem.

É curioso como colecionaram tantas conquistas na sua carreira — prémios, menções honrosas, artigos de jornais, agradecimentos de figuras importantes. Posso, agora com alguma distância dos tempos em que os meus pais conseguiram estes feitos, admirar tudo o que fizeram. Em fotografias antigas, vestidos a rigor, os meus pais apertam as mãos a outros comerciantes e a donos de superfícies comerciais, selando uma parceria valiosa para ambos. Posam junto das dezenas, talvez centenas de trabalhadores que se dedicaram a produzir o azeite de qualidade que sempre prometeram. E, no seu sorriso, vejo o quão realizados se sentem. Por baixo das fotografias, as datas e o registo dos eventos, bem como assinaturas dos trabalhadores e mensagens de gratidão bonitas.

O meu coração enche-se de empatia e admiração por eles. Estas sensações tão leves, tão positivas, contrastam com a ansiedade que tenho sentido até agora. Foram onze meses de ansiedade pulsante. De incerteza. De um esgotamento emocional.

Pela primeira vez, depois de tudo por que passámos, sinto-me calma. Segura. Confiante de que as coisas vão melhorar. Respiro fundo depois de terminar a remodelação do salão da dona Filomena. Lá em cima, no nosso quarto, o Duarte e o Vicente jogam um jogo, enquanto a Constança brinca no seu quatinho.

Corre a noite, os grilos cantam um pouco por todo o monte. De lá de cima, ressoam as gargalhadas do Duarte e do Vicente. Sorrio. A leveza que é sentir-me segura nesta casa!

Só desejava que tivesse sido sempre assim.

Uns passinhos apressados na minha direção despertam-me da tranquilidade. A Constança puxa-me a camisa, com vocalizações ansiosas. Urgentes.

— O que foi, meu amor? O que se passa?

Ela vocaliza e, desta vez, abre mais a boca. A minha atenção concentra-se

nela. Tenta articular alguma coisa. De sobrolho franzido, olha na minha direção. Nos meus olhos.

— M... — verbaliza, em esforço, fechando os lábios. Arregalo os olhos. — Ma... Ma... Mamã!

— Constancinha... — Largo o álbum de recortes no sofá e ajoelho-me à sua frente, com os olhos brilhantes de surpresa. De uma surpresa tão desejada. — Sou eu, meu amor. Ma-mã.

Abraço-a. Meu Deus, há quanto tempo queria ouvi-la falar! Mas ela afasta-se do abraço e puxa-me pela mão.

A Constança corre à minha frente, a puxar-me pela mão, como se o que quisesse mostrar-me não pudesse esperar.

— Mas o que se passa, meu amor?

Ela leva-me até ao quarto dos meus pais e olha para mim com os seus olhos grandes, verdes. Abre a porta com força.

Na escuridão, ouço-o: um grito contido do meu pai.

— Pai? — pergunto, e logo o meu coração escapa um compasso.

Acendo a luz do quarto. Sentado na cama, o meu pai, de pijama de flanela, debruça-se sobre si mesmo, a mão sobre o peito, a respiração instável. Os olhos cerrados, o cenho franzido, a dor que se agiganta.

Ele não responde. Sinto o pânico embrulhar-me em fervura.

— Ajuda! — grito para fora do quarto. — Mas onde é que está a mãe? — pergunto, enquanto retiro o telemóvel do bolso e ligo para o 112, as mãos trémulas, o olhar irrequieto enquanto pouso a mão sobre o ombro do meu pai.

Não sei onde vou buscar forças para ser tão racional neste momento. O INEM informa-me que existe uma ambulância por perto, que virá ao nosso auxílio. Apesar da turbulência, esta informação tranquiliza-me, porque o hospital fica longe daqui.

Sigo as instruções que o técnico me dá ao telefone. Estendo o meu pai no chão e faço massagem cardíaca.

— A ajuda está a vir, pai — digo, numa voz trémula. — Pai, o que sente?

A minha voz descontrola-se. A minha mãe chega ao quarto, estava na casa de banho e não deve ter ouvido.

— Mas o que é que aconteceu? — A voz da minha mãe explode em ansiedade ao ver o meu pai naquele estado. — Ai, homem! Álvaro! Chamem uma ambulância!

— Já chamei — informo, continuando a seguir os passos que o técnico do INEM aconselha, com o telemóvel em alta voz.

Ouvimos passos apressados nas escadas. O Duarte entra também no quarto, o olhar apreensivo.

— O que é que aconteceu?

— Avô? — pergunta o Vicente.

— Oh, caramba, homem! — A minha mãe segura-lhe no rosto, com as

lágrimas a caírem pelo seu. — Aguenta-te, que a ajuda já vem, está bem?

O meu pai não responde. Não tem forças. Dói-lhe o coração. Mas mantenho-me firme na massagem cardíaca. Tento não sucumbir ao pânico de o ver assim.

— Vou abrir os portões para a ambulância entrar — informa-nos o Duarte.
— Anda, Vicente. Constança.

Assinto enquanto ele leva os miúdos dali para fora, para não assistirem a este cenário agonizante.

— Tu andavas com a tensão tão alta, homem! — chora a minha mãe. — Eu não te disse para teres mais cuidado?

— Mãe, não vale a pena — digo, no tom mais ténue que consigo.

O meu pai exala.

— Ah... Ah, meu Deus — expele, com a voz num fio agudo, martelada pelas dores no coração.

Espreito pela janela para ver se a ambulância vem. Ao longe, na escuridão, distingo as luzes azuis, as sirenes, e apresso-me a dizer:

— Já estão a chegar, pai. Vêm aí os médicos.

Ele solta mais um grito contigo, os suores a tomarem conta da sua face. Os olhos que se reviram com a dor.

Por entre o choro da minha mãe, o meu coração inquieto e os gritos murmurados do meu pai, ouvimos a ambulância entrar pelo caminho de acesso do monte dos meus pais. Os paramédicos entram, vestidos com uniformes amarelo fluorescentes, e acodem o meu pai.

Pedem-nos para sairmos do quarto. A custo, eu e a minha mãe acedemos, eu com os braços tensos da massagem cardíaca. Ela anda de um lado para o outro, a aflição a tomar-lhe conta dos nervos.

Nenhuma de nós consegue dizer uma palavra de consolo à outra. Sinto uma tontura ao lembrar-me de que, momentos antes, entregava-me a um momento de calma. De repente, sinto-me ridícula. A calma antes da tempestade.

O Duarte e os miúdos vêm ter connosco. Olho para a Constança, e então apercebo-me: foi ela que me avisou de que o avô estava a ter um ataque cardíaco. Ela percebeu primeiro que todos nós.

Quando os paramédicos transportam o meu pai na maca, a minha mãe dispara na direção deles. Quer saber informações.

— Vamos levar o senhor Álvaro para o hospital. — informa um dos paramédicos.

E, nesse momento, a calma que antes sentia é inundada pela ansiedade que tão familiar me é. Por instinto, meto os miúdos no carro. O Duarte acompanha-me, não questiona o que estou a fazer. Conduz ele. E, enquanto seguimos atrás da ambulância, a minha mãe lá dentro, para acompanhar o meu pai, sinto o mundo minguar um pouco.

O que vai acontecer a seguir?

Capítulo 57

A sala de espera de um hospital é dos sítios mais horríveis onde se estar. Uma espera de quatro horas transforma-se em quinze — a incerteza remói-nos de tal forma que agiganta a percepção do tempo. Viemos para um hospital em Évora.

A meu lado, a minha mãe não para de dobrar e desdobrar o lenço de pano que traz sempre consigo. Afago-lhe as costas, mas isso só a faz chorar.

Não há palavras de consolo para a incerteza. Quando ela ataca, de pouco serve dizer que tudo ficará bem. Porque, no fundo, não sabemos se ficará.

— Mãe, tenho sono — reclama o Vicente, com os braços sobre o meu colo e deslizando para o chão.

Passa da uma da manhã, segundo o relógio preto e branco na parede.

— Eu sei, meu amor...

— Talvez eu devesse ir para casa com eles — sugere o Duarte. — Eu vou estar por perto, não te preocupes.

Assinto, embora a sua companhia seja um bálsamo no meio do caos.

— Claro, é o melhor. Este não é um bom sítio para se estar com os miúdos.

— Ligas-me se houver novidades? — pergunta-me, e eu anuo. — Vimos para cá assim que nos ligares.

Abraço-os aos três com carinho, já com saudades deles. Restamos eu e a minha mãe numa sala cheia de ecos e pessoas que, como nós, aguardam um destino.

Mais uma hora nesta sala arrepiante. Espreitamos para o corredor, para ver se algum médico sai de lá. Só queremos notícias.

Certezas.

— Quer comer alguma coisa, mãe?

— Não...

Suspiro. Com o estômago revolvido em ácido, também é difícil pensar em comida. Ainda assim, dirijo-me à máquina de venda automática. Andar faz-me bem, embora sinta o martelar do meu coração debaixo da pele. Retiro o telemóvel do bolso. Sinto-me desamparada. É como se tivesse de carregar a minha própria dor e a da minha mãe. Como se tivesse de ser forte por ambas.

Quando, neste momento, nem consigo levantar o braço.

Sento-me de novo, sentindo as pernas a fraquejarem. Na ponta de um banco, visualizo o número de telemóvel. O dedo, trémulo, desliza até ao botão tátil para ligar. Respiro fundo enquanto ouço o primeiro toque, e o segundo. Ao terceiro, sinto-me ridícula e desligo.

Acabo por comprar dois pacotes de batatas fritas, um para mim e outro para a minha mãe. Não é o mais saudável, mas, embora não o admita, a minha mãe adora batatas fritas.

Depois de inserir as moedas na máquina, o toque do meu telemóvel assusta-me. Olho para o visor, e vejo o nome da pessoa a quem liguei a devolver-me a chamada. Retiro os pacotes de batatas fritas e afasto-me para um canto silencioso.

— Não pensei que estivesse acordada a esta hora.

«Está tudo bem?»

Suspiro

— Não.

«Queres contar-me o que se passou?»

A voz da Tânia, com quem pensei nunca mais falar — depois da sua teimosia em viver uma vida de violência —, é uma âncora da qual sentia falta. Sinto-me a flutuar sobre espinhos de rosas. À espera de cair.

— Estás sozinha?

«Sim. Estás num hospital?»

Conto-lhe o episódio do meu pai. Ando de um lado para o outro, enquanto outras pessoas, à distância, assistem ao espetáculo de agonia que sou neste momento.

«Matilde, sei que não deve estar a ser fácil para ti... Mas já têm novidades?»

— Não.

«Eu vou ter contigo.»

— Não precisas — digo. — Só precisava de falar contigo. De saber se estavas bem. Já me ajudaste só com este bocadinho.

«Tens a certeza?»

— Sim — suspiro. — Fico contente por saber que estás bem.

«Estou. E estou aqui para ti. Como sempre.»

As lágrimas sobem-me aos olhos enquanto assinto. Ela não me vê, mas isso não importa. Ouvi-la de novo, à sua voz, lembra-me da Tânia que sempre conheci. E essa memória conforta-me.

Só temos atualizações no dia seguinte. Deixam-nos ver o meu pai ao final do dia e por um tempo demasiado breve. Ligo ao Duarte, para nos visitar. Eu e a minha mãe entramos, a medo. Nunca sabemos o que vamos encontrar ao entrar num quarto de hospital onde um familiar nosso repousa.

O meu pai adormecido mete-me mais medo do que quando grita e a sua voz faz estremecer a casa. Sinto o coração galopar ao ver a minha mãe chorar sobre o seu peito, o meu pai entubado.

O médico explica-nos que o meu pai teve um enfarte do miocárdio, e que procederam a um cateterismo para reabilitar as artérias coronárias. Receber estas informações — e de que terá de continuar internado para observação — dói. Como vou consolar a minha mãe durante este tempo?

— Pai? — acerco-me dele. — Estamos aqui. Eu e a mãe.

— Ah... — geme, de olhos cerrados.

— Como se sente, pai?

Respira durante longos segundos, por vezes franze o sobrolho, do esforço, e encolhe os ombros — um gesto tão subtil que só o reconheço por comparação à sua quietude.

Abre os olhos, devagar; volta a fechá-los e abri-los. Conversa com a minha mãe, e deixo-os falar e olhar-se com a ternura que vem da saudade e, sobretudo, de um medo incomensurável de perderem o outro.

— Matilde? — chama-me, depois de falar com a minha mãe.

— Sim, pai. — Seguro-lhe a mão, agora frágil. Recordo-me do álbum de recortes, de como, nas fotografias, ele apertava as mãos de outras pessoas com tanto vigor. Agora, a mão frouxa, num corpo que parece esvaír-se aos poucos, desperta-me nós na garganta. Vem-me à memória quando me pegava na mão pequena, era eu criança, nos nossos passeios por Monsaraz, dentro das muralhas. — Estou aqui.

A custo, pede-me para inclinar a cama para a frente. A minha mãe observa-nos de fora. Quando o faço, ele respira fundo, pigarreia e olha-me nos olhos:

— Eu sei que nunca fui dessas pessoas que... mostra o que sente. — Faz uma pausa para respirar. — Mas tenho orgulho em ti, filha.

Di-lo assim, sem rodeios. Pestanejo, surpreendida pela sua franqueza.

— Pai... — As malditas lágrimas insistem em picar-me os olhos.

— É verdade! — Tosse a seguir. — Caramba, gostei do que fizeste lá no salão. Ficou *bém*.

Sorrio, abarcando este elogio no abraço do meu coração.

— Obrigada. Fico contente que... tenha gostado. — Hesito pelos nós na garganta.

— Eu sabia lá o que fazias! — Tenta rir-se, mas acaba a tossir. — Maldita tosse, que nunca mais desaparece! — Para e respira fundo duas vezes antes de continuar: — Essas profissões com nomes esquisitos... a gente, aqui na terra, não

conhece, filha. Sabes disso, não sabes?

Anuo.

— Não faz mal, pai. Isso não importa.

— Importa, sim! — Olha-me nos olhos e abana a cabeça, desiludido consigo mesmo. — Fui estúpido. Toda a minha vida. Não soube fazer melhor.

Pede-me um copo com água. Adiciono o espessante e dou-lha à boca. Uma inversão de papéis que me traz à memória um momento em que o meu pai me pegava ao colo e me contava uma história da sua própria infância, à noite. É incrível como, por mágoa, podemos bloquear memórias tão bonitas.

— O pai fez o que pôde.

— Não foi suficiente. Mas, sabes como é, a gente era educada dessa maneira, não ia ser agora que ia mudar.

Seguro a mão do meu pai e aperto-a. Pelo canto do olho, vejo o Duarte acenar à porta, e eu faço-lhe sinal para entrar. A minha mãe troca com ele para olhar pelos miúdos na sala de espera.

— E o teu marido... — diz, e o Duarte olha para o meu pai — ele é bom rapaz. Um homem às direitas. Eu e a tua mãe pensávamos que ias ficar com o Gustavo, mas ele é de má raça. Deviam atirá-lo de uma ravina, te digo!

Arqueamos as sobranceiras, eu e o meu marido.

— Pois é, pai. O Gustavo é de má raça.

— Então, não é?! Mas o teu Duarte não é. Faz pela vida e pela família. Bem vi o trabalho que ele está a fazer no café. As pessoas da terra falam dele como se fosse um santo!

— Dou o meu melhor, senhor Álvaro. — O Duarte aproxima-se, respeitoso. — Há boa gente na sua terra.

— Aquilo que vos aconteceu foi um azar — continua o meu pai. — Nós também já passámos dificuldades em novos, bem sabemos o que isso é. Estas putas destas crises destroem as vidas das pessoas. Anda o mundo mal por causa da ganância!

Mais uma pausa para recuperar o ar.

— Pai, não se esforce.

— Não — respira fundo. — Tenho de dizer estas coisas. Anda uma pessoa a escondê-las uma vida toda e, depois, tem ataques do coração.

Embora o seu enfarte do miocárdio se tenha devido à tensão alta, pergunto-me que mais terá o meu pai acumulado. Se sentiu a pressão de esconder o que sentia todos estes anos.

— Vocês têm uns bons miúdos. — Olha para mim e para o Duarte. — O Vicente é um garoto feliz, e gosta aqui da terra. Mas a vossa Constança gosta ainda mais.

A informação apanha-nos de surpresa. De repente, todos os sons no quarto se resumem à voz do meu pai, que queremos ouvir.

— O que quer dizer com isso?

— Vocês já repararam como ela gosta da Natureza? Não é garota da cidade, isso vos posso garantir. Ela precisa de silêncio — explica, com as mãos, enfatizando o que diz. — Aqui, ela tem isso. Os grilos à noite, os passaritos durante o dia. A calma. Esta é uma terra tranquila.

— Onde as garças voam — cito uma canção que o meu pai me cantava em pequena, por si inventada.

— Onde as garças voam. — Ele sorri, abrindo essa memória que partilhamos.

O meu pai recupera o ar. Por instantes, regresso à minha infância, que tantas vezes suprimi por temer encontrar mais dor. Revejo o meu pai a cantar-me a canção no monte, ao sol, as garças a sobrevoarem-nos nos seus graciosos voos. Ria-me às gargalhadas quando ele me levantava no ar e rodava, como se pudéssemos parar o tempo. Momentos em que fomos felizes no verdadeiro sentido da palavra.

Depois, volto ao presente. Eu e o Duarte absorvemos aquela informação, tão verdadeira. Talvez só não tenhamos reparado como ele reparou.

O meu pai solta um riso abafado e continua:

— É uma menina linda. E eu sei que vos estou a dever isto, por isso peço-vos desculpa. Não devia ter batido na Constança. — Dirige-me o olhar. — Da mesma forma que devia ter sido um melhor pai para ti.

As lágrimas correm-me pela face. Nunca o meu pai reconheceu isto em mim. Em nós.

— Oh, pai...

— Tenho pena de não poder ver a menina crescer. E o Vicente.

— Não diga isso.

Ele abana a cabeça.

— Já sou velho, Matilde. Este episódio do coração já não é o primeiro. Mas, antes que me vá, quero dizer-vos que existe uma escola para meninos como a Constança. Com *altismo*, ou autismo, ou lá como se diz.

— Pai...

— Aponta lá — diz-me, e descreve essa escola, não muito longe da terra. Aponto o nome nas notas do telemóvel. — A miúda é feliz aqui. Não lhe tirem isso.

— Ainda a vai ver crescer.

Ele abana a cabeça, sorrindo para mim.

— Vocês têm futuro aqui na terra. — Aperta-me a mão. — Sei que não é tudo com que sonhaste e que querias fugir daqui a sete pés, mas a terra quer-te bem. E eu devia ter estado lá mais para ti.

— E esteve, pai. Eu é que...

— *Nã* peças desculpa. Fui eu. Eu e a tua mãe, que devíamos ter estado lá para ti. Mas vocês já fazem um melhor trabalho que nós. Escutem o que vos digo, que os velhos ainda têm sabedoria na cachola: vocês conseguem viver bem aqui. Há

*mun*tos terrenos à venda. A vida é mais barata aqui e vocês conseguem trabalhar pela Internet. Não precisam de Lisboa *pra* nada!

O meu pai não deixa de me surpreender. Com o rosto lavado em lágrimas, abraço-o. A custo, ele envolve os seus braços ao redor das minhas costas.

— Obrigada, pai.

— *Nã* me agradeças. Sejam felizes, que é o que a gente quer.

Capítulo 58

Abraço a minha mãe chorosa, procurando ser forte por ambas. A notícia chegamos de rajada, a meio da primeira noite de março, quando nos sentimos mais indefesas.

Sinto que me tiraram o chão — como se, no último ano, não o tivessem feito já — e não sei como reagir a esta notícia. Parte de mim sabia que isto poderia acontecer; a outra entregava-se a uma fé que se desvaneceu com a passagem do tempo. A morte do meu pai deixa-me desamparada. Sinto uma estranheza crescer em mim. Como se achasse que a sua morte nunca me afetaria desta maneira. Afinal, nunca fomos próximos. Divergíamos em pontos fundamentais. Enquanto pessoas. Enquanto seres humanos. Contudo, parecíamos ter chegado a um ponto das nossas vidas em que nos aceitávamos um ao outro como éramos.

Sobretudo depois de partilharmos a dor de perder um filho.

Não o ter aqui significa vazio. Uma ausência sonora, que mergulha ainda mais fundo na quietude do Alentejo. Um silêncio que pesa.

A manhã chega com sol. Apercebo-me de que adormecemos sentadas no sofá, eu e a minha mãe. Noutro sofá, o Duarte dorme. Nesta madrugada difícil, abraçou-nos, escutou o martelar da perda e da dor.

Esteve lá para nós.

Tenho de recordar tudo o que aconteceu. O estalar impiedoso da memória da noite anterior chega e deixa-me vazia. A minha mãe adormeceu triste, os seus lábios curvados para baixo.

Um leve bater na porta desperta-me. Com cuidado, levanto-me do sofá. Ainda é cedo, segundo o relógio da sala. Esfrego os olhos e abro a porta sem ver quem é.

Sou recebida por um abraço apertado. Não chego a tempo de ver quem o faz,

mas reconheço-lhe o perfume — Tânia. Sem introduções. Espontâneas, como sempre fomos.

— Vim assim que soube — sussurra-me.

Não digo nada. Se puxar a minha voz, temo arrancar soluços à garganta. Entrego-me àquele abraço porque, neste momento, preciso de certezas. A morte tem o dom de nos tirar o chão, de nos entregar a um estado constante de alerta, de testar a nossa resiliência. Se, num momento, temos a *garantia* de que quem mais estimamos está vivo, no outro sentimos que não podemos tomar nada por garantido.

— Oh, Matilde... — Ela afaga-me as costas, falando em surdina. Suspira. — Que merda. Nunca ninguém nos prepara para isto.

— Não esperava ver-te — digo, a voz trémula e seca da noite mal dormida. — Obrigada por vires.

— Como estão todos?

Encolho os ombros.

— Queres conversar? — convida.

Sáímos, a Tânia caminha ao mesmo passo lento que eu. Mede os passos do meu luto, acompanha-o. Quando chegamos ao seu jipe, deixo-me ir, embalada pela sua condução gentil. Ainda o Sol sobe, sem pressa, pelo horizonte, fazendo desvanecer a escuridão da noite, o nevoeiro que paira sobre o alcatrão, as ervas secas mergulhadas na humidade da neblina.

Conheço estes caminhos como a palma da minha mão. Mesmo sem o dizer, sei que me leva até ao castelo de Monsaraz. Nas nossas longínquas infâncias, pedalávamos até lá, o calor pregado às costas. Quando, do miradouro, mirávamos o Alqueva, esquecíamos todo o sacrifício que fora chegar até ali.

E agora que estacionamos o jipe no miradouro do castelo, o esplendor do Alentejo estende-se defronte de nós. Os terrenos infinitos, de um dourado expressivo, o Alqueva, a ponte. Não saímos do carro.

— Acho que não estava à espera — admito, e pigarreio, para aclarar a voz. — Sempre pensei que o meu pai ia durar mais tempo.

— Nunca esperamos a morte — concorda a minha amiga. — Naquele dia, quando ligaste, só não fui ter contigo porque a Maria Inês estava doente.

— Não precisavas de ir.

— Mas queria. — Desvia o olhar para mim. — Se havia momento em que queria ter-te dado apoio, foi nesse.

Solto um suspiro prolongado.

— Estiveste lá quando retornaste a chamada.

— Mas sinto que não foi suficiente. Matilde, sabes que estou aqui para ti. Nunca deixei de estar. Mesmo que as circunstâncias não tenham sido as melhores.

Sei a que se refere. Não consigo recordar esses momentos passados agora. Sinto o germinar de uma dor de cabeça. Ouço-lhe os ecos.

— Nunca esperei perder o meu pai. Muito menos agora, quando parecia que

o conhecia melhor. — A Tânia escuta-me. Não interrompe o meu raciocínio, pelo que continuo: — Sabes que ele reconheceu que errou? Enquanto pai? — Ela abana a cabeça em modo de negação, reconhecendo a informação nova. Encosto o cotovelo ao parapeito da janela e apoio a cabeça na mão. Da janela entreaberta, chega-nos o canto dos pássaros madrugadores. — Pediu-me desculpa. Reconheceu que devia ter feito as coisas de forma diferente. Sinto que nos reconciliámos, sabes? O meu pai deitou tudo cá para fora.

— Foi a forma de ele fazer as pazes contigo antes de morrer.

Inspiro devagar. De todas as coisas que se dizem no leito da morte, a mais difícil de testemunhar é o arrependimento na despedida. As lágrimas não saem. Secaram.

— Talvez...

A Tânia desvia o olhar e remexe na manga da sua camisola.

— Matilde — faz uma breve pausa —, sei que talvez não seja o momento certo, mas há mais um motivo para ter ido ter contigo hoje.

Levanto o olhar na sua direção. Ela sorri e deixa de sorrir. Depois, franze o sobrolho e solta um riso abafado. Uma mistura de emoções reflete-se no seu rosto jovem. Aguardo a sua resposta com o coração a bater de novo.

— Aconteceu uma coisa — continua. — Ou, melhor, várias. E tinhas razão.

— Em relação a quê?

— Ao Gustavo — inspira e expira. — Eu estava cega, Matilde. Aquele carinho foi sol de pouca dura. Voltou a bater-me. Desta vez, quase morri. — Abana a cabeça. — Em desespero, quando o Gustavo saiu de casa furioso, liguei ao primo dele, o Hélder, que veio com outras pessoas buscá-lo. Se tivesse demorado mais um minuto... — Faz uma pausa, contendo para si a morte certa. — Acabou. Pedi o divórcio. — Abro a boca num O. Daquela notícia já não estava à espera. — O Hélder e os colegas levaram-no para a Suíça esta manhã. De vez. Vai trabalhar para lá. É da maneira que está longe e me deixa e à Maria Inês em paz. É claro que, com alguém como ele, não sei se algum dia serei verdadeiramente livre. Tenho medo, e não acho que esse medo vá desaparecer. O que me surpreendeu foi ele ter-se ido embora sem se despedir da Maria Inês, como se ela não fosse importante. Como se não fosse filha dele. — Volta a abanar a cabeça. — Mas sinto que esta história ainda não acabou. Ele não é homem que mude.

Abraço-a. Neste momento, é o que consigo fazer. Ela enterra o rosto no meu ombro, tão cheia de incertezas como eu. É como se regressássemos atrás no tempo, àqueles momentos em que só nos tínhamos uma à outra. Esta notícia afasta-me, por brevíssimos segundos, do vazio da perda e deixa entrar uma leve aragem de alívio.

— A Constança falou? — pergunta-me o Duarte, sentado no tapete da sala, connosco.

— Falou, sim. — Sorrio para a minha filha, um sorriso triste. — Foi ela quem me veio chamar quando o meu pai...

O Duarte afaga-me as costas e traz-me para ele, para o seu abraço. Não esconde um sorriso e uma lágrima que lhe escapa.

Há pais de crianças com perturbação do espectro do autismo que nunca ouvirão os seus filhos dizer uma palavra. Durante muito tempo, acreditei que essa fosse a nossa realidade. É por isso que recordar aquele «mamã», proferido das profundezas das emoções minha filha, ainda me surpreende.

Ligamos para o Jardim, em Lisboa, para dar a novidade. A terapeuta da fala, radiante, indica-nos estratégias para reforçarmos a comunicação da nossa filha.

— A mana falou? — O Vicente vem ter connosco, de mão dada com a avó. Embora ela queira fazer o seu luto, isolar-se, não consegue afastar-se dos netos.

O meu filho senta-se no chão, junto de nós, e a minha mãe no sofá, a observar.

— Constança? — digo, e mostro-lhe um dos cartões PECS feitos por nós: o primeiro tem a minha fotografia e diz «mamã». — Ma-mã — digo, enquanto aponto para a fotografia.

Ela olha para o cartão, aponta para a fotografia e olha depois para mim. Nos olhos. Concentra-se de novo no cartão.

— M... ma...

— Ma-mã — incentivo-a.

— Ma... ma... mã. Mamã.

— Uaaaaau! — sorrio, de lágrimas nos olhos, a aplaudir.

Os aplausos enchem a sala de alegria, varrendo o peso do luto por instantes. O Vicente levanta-se do tapete, grita «uaaaau!» e salta. A Constança bate palmas, sorri, com as suas covinhas no rosto, e olha para toda a gente — temos presenciado o seu conforto ao fazê-lo com cada vez mais frequência. Os aplausos não a incomodam, e torna-se evidente que não tapa os ouvidos aqui em casa, por não se sentir sobre-estimulada, como fazia em Lisboa.

Abraço-a, um abraço terno de mãe orgulhosa. Ouvir a sua voz — não muito aguda, o timbre melodioso, tão clara — desperta em mim emoções que julgava não conhecer.

— Amo-te muito, minha Constancinha.

— Agora, diz papá, Constança! — incentivo-a o irmão.

Ao nos libertarmos do abraço, o Duarte mostra-lhe o cartão PECS personalizado.

— Pa-pá.

Ao tentar articular as novas palavras, mexendo a boca de várias maneiras, sentimos a dificuldade que tem ao pronunciá-las.

— P... p... — E mexe a cabeça, enérgica. — Pa... papa... papá!

Mais aplausos, mais sorrisos. Mais orgulho. Ela absorve toda a atenção, e aplaude. O Duarte abraça-a, comovido. Murmura palavras ao seu ouvido, de olhos fechados, e quando os reabre distinguimos as lágrimas nos seus olhos.

O Vicente entusiasma-se e também quer participar.

— Agora eu! Constança — olha-a nos olhos, e mostra-lhe o cartão PECS personalizado com a sua fotografia —, diz «mano». Ma-no.

A Constança ri-se:

— Ma... ma... man... mano. Mano!

— Uau! — O Vicente também abraça a irmã. Roda com ela ao colo, e a menina ri-se às gargalhadas.

Aplaudimos, uma vez mais.

O futuro, embora incerto, já não me assusta tanto. Não quando a minha filha me mostra que, de um momento para o outro, e com muito trabalho, as coisas podem mudar para melhor.

— E agora, quem falta? — pergunto, e aponto para a minha mãe. Estendo-lhe o cartão com a fotografia da avó.

— Achas que ela me reconhece? — pergunta a minha mãe.

— Claro que reconhece!

Ela assente.

— Constança — chama-a a minha mãe. — Avó.

— Tem de lhe mostrar o cartão e soletrar — explico.

A minha mãe pega no cartão PECS e aponta para a sua fotografia:

— Avó. A-vó — estende o cartão à Constança.

A menina olha para a fotografia e concentra-se. Depois, franze o sobrolho. Tentamos não intervir, para lhe dar espaço.

— A-vó — repete a minha mãe. A Constança levanta a cabeça e olha para os lábios da minha mãe, para ver como se pronuncia. — A-vó.

— A... — tenta a menina. — A... Av... Ava... Avá...

— Avó.

— Av... Avó!

Aplausos, e um orgulho que rebenta do peito. A minha mãe emociona-se e abraça a neta.

— É a avó, minha pequenina. A avó...

Capítulo 59

— Tenho saudades do avô — murmura o Vicente.

— Eu também — confesso, com um suspiro. — Passámos bons momentos com ele. Não foi?

O meu filho assente, e abraço-o. Divido as emoções entre a saudade e a estranheza dos anos em que vivi com o meu pai. Redimiui-se no leito da morte. Pediu desculpa. Parecia uma pessoa tão diferente!

Só gostava de ter conhecido melhor o seu lado sentimental.

Estar em casa torna-se insuportável demasiado depressa. A morte deixa um vazio — de estranheza face ao próprio lar.

O funeral, as burocracias e heranças tornam tudo mais difícil. Muitas vezes, ouço a minha mãe indagar:

— Que vou fazer agora?

E, porque não quero que ela se sinta mais desamparada do que já está, conforto-a:

— Estamos aqui nós, mãe.

Ao fim de uma semana, ficar em casa não é uma opção. Com a primavera a aproximar-se, sinto a necessidade de respirar. De celebrar a vida e o seu renascimento. A primavera deveria ser, acima de tudo, um renascer. Um recomeço.

Levo os miúdos, o Duarte e a minha mãe a passear, a dar as boas-vindas à primavera. O sol recebe-nos. Os miúdos divertem-se no parque junto do café onde o Duarte trabalha. A minha mãe senta-se num banco, envergando roupas escuras. Suspira. Ultimamente, é tudo o que faz. Decido fazer uma viagem no tempo:

— Lembra-se de quando eu trepava às árvores?

Ela abana a cabeça, sem sorrir.

— Eras uma macaca — diz ela. Sorrio, ao recordar esses tempos. — Se o teu pai não te agarrasse, já tinhas rachado essa cabecinha.

A menção do meu pai remete-nos ao silêncio. Observamos o Vicente e a Constança a brincarem, as gargalhadas que ressoam pelo parque em ondas de alegria.

— Ele faz falta, Matilde. *Munta* falta.

— Pois faz.

— Ele nem sempre foi um bom homem, mas tentava. Nunca nos faltou com nada. E sei que ele era casmurro. Oh, se era! Mas era bom marido. E bom pai. E foi homem da terra. Fez pelo negócio, pôs Reguengos de Monsaraz no mapa. Toda a gente o conhece, e toda a gente vai sentir a falta dele. Não viste as pessoas que foram ao funeral?

A minha mãe fala com severidade. Como se quisesse conter as lágrimas. Nunca foi pessoa de mostrar afetos em público. Dizia-me, em criança, que os pais não a tinham ensinado assim. Mas a morte de alguém próximo transforma-nos. Por isso, quando lhe estendo a mão e seguro a sua, ela não a repele. Aperta-ma, segurando as lágrimas que inundam os seus olhos.

— Estamos aqui, mãe.

Ela faz que sim com a cabeça, premindo os lábios um contra o outro. O Duarte empurra o baloiço da Constança e endereça-me um olhar compassivo, que retribuo.

Pelo canto do olho, algo prende a minha atenção. Desvio o olhar para a estrada. Um *Rolls-Royce* antigo, preto, com matrícula francesa, passeia pela estrada. Miro-o, atenta, com a respiração sustida. Engulo em seco.

— Aquele era um *Phantom* VI — exclama o Duarte, a voz mais aguda a denunciar o seu entusiasmo. — Deve ser dos anos sessenta. Quem é que tem um clássico daqueles?

A minha mãe, antes levada pela letargia, segue o clássico com os olhos, para e solta uma gargalhada contida:

— É da Maria Bessa Miranda. Parece que a senhora fina voltou.

Deixo o Vicente na escola e levo a Constança comigo até ao café no qual o Duarte trabalha. Todo envidraçado, convida à modernização da própria aldeia, beneficiando da vista do parque e do riacho.

Desde que vimos o *Rolls-Royce* da Maria Bessa Miranda que estremeço quando vou à rua. Tenho tanto medo que ela descubra que lá estivemos! Só se passaram seis meses desde que saímos da sua casa. Estranhará a ausência de teias, o espaço mais limpo e arejado do que o esperaria encontrar?

De cada vez que voltamos para casa, sinto-me sugada, de novo, para o luto do

meu pai. A minha mãe recusa-se a sair, quer mergulhar no seu próprio luto. Embora me preocupe vê-la assim, deixo-a ficar em casa e processar as suas emoções. Cozinho-lhe sopas e verifico se ela come. Mais uma inversão de papéis necessária. Mas, por agora, preciso de respirar.

Sentamo-nos na mesa do café. O Duarte vem fazer-nos companhia, durante um breve momento da sua pausa.

— Como te sentes?

Encolho os ombros.

— Nem sei...

— Estive a pensar, e acho que nos faria bem esporear — sugere. — Talvez ir passear a um sítio com praia.

A praia faz tanta falta.

— Acho que essa seria uma ótima ideia.

— Pra... praia — diz a Constança.

Olhamos para ela, a sorrir. Os nossos filhos são os únicos que nos despertam do torpor do luto.

— Praia, muito bem! — elogiamos.

— Queres ir à praia, Constancinha? — pergunto.

Ela assente com a cabeça, a sorrir, enquanto brinca com o seu pónei. Contemplamo-la, de coração cheio pela sua aquisição verbal. Por vezes, tudo isto parece um sonho.

O Duarte faz uma breve pausa, mexendo o sumo de laranja natural, a colher a tilintar no copo de vidro, antes de perguntar:

— Como é que estamos em termos do nosso plano?

Suspiro.

— Quero ainda encontrar a nossa casa, mas... não quero deixar a minha mãe sozinha.

— Vamos estar por perto.

— Não é a mesma coisa.

Ele anui.

— Podemos adiar por uns tempos, se te sentires mais confortável.

Abano a cabeça, os meus olhos sobre o colo.

— O nosso plano passa sempre por adiar. Não podemos continuar nesse ciclo, ou nunca vamos sair daqui.

— Então, vamos continuar a contactar as imobiliárias. Bem, tenho de voltar.

— Levanta-se e beija-me, segurando-me o rosto com as mãos suaves, quentes, e beija a Constança no topo da cabeça. — Fiquem por aqui, gosto da vossa companhia. — Pisca-nos o olho.

Contemplo o parque em nosso redor, a calma que inspira. Este pequeno oásis faz-me desacelerar e aproveitar as pequenas coisas da vida. Neste momento, não consigo pensar em trabalho, no curso pendente ou em conseguir novos clientes. Como pano de fundo, a máquina a tirar cafés e as chavenas a pousar sobre os

pires, uma sinfonia tranquila nesta manhã de março. Antes, foco-me em ajudar a Constança a verbalizar as palavras dos cartões PECS.

— Água — digo. — Água.

A Constança olha para mim e, depois, para a imagem no cartão.

— Ága... Águ... Água! Água.

Bate palminhas antes de mim, com um sorriso amoroso.

— Muito bem, Constancinha! Agora, quando quiseres pedir água, dizes «Quero água». Que-ro á-gua.

— Que... queo... quer... quero água!

— Linda! Muito bem, meu amor — aplaudo, e estendo-lhe o meu copo com água.

Uma presença excêntrica, de chapéu com renda, vestido bordô e sapatos sonantes sobre a calçada aproxima-se. Desvio o olhar para ela e vejo-a no seu esplendor: no auge dos seus setenta e cinco anos, de cigarrilha entre o indicador e o dedo médio, de pasta de couro noutra mão, e maquilhada como uma estrela de Hollywood, a Maria Bessa Miranda.

— Dona Maria... — digo, num tom trémulo, solene, e levanto-me com um sorriso nervoso.

— Querida! — diz ela, com o seu tom de voz rouco, gasto pelo tabaco. — Há quanto tempo?

Não sei o que dizer. Esta mulher sempre me surpreendeu. Faz todas as cabeças virarem-se para ela. O seu perfume de qualidade propaga-se por toda a parte em Reguengos de Monsaraz.

— Quer... sentar-se aqui connosco?

Ela sorri.

— Agradeço, querida. — Senta-se numa cadeira à mesa redonda e chama um empregado, que, neste caso, é o Duarte. Ele olha-a com curiosidade, e trocamos um olhar em que lhe digo: *Sim, é ela*. — Traga-me um café, por favor. Sem açúcar nem adoçante. — O sotaque afrancesado dá-lhe ainda mais elegância. Vira-se depois para mim. — É a sua menina?

— Sim. — Sorrio para a minha filha. — Chama-se Constança. Constança, diz olá à dona Maria.

Ela olha de relance para a Maria Bessa Miranda, e o seu olhar é cativado pelo chapéu de renda e penas, também bordô. Admira-o, boquiaberta.

— O... lá. — verbaliza.

— Ela começou há pouco tempo a falar.

— Tem uma voz encantadora.

Aceno em modo de agradecimento.

— Soube o que aconteceu ao seu pai. Sinto muito. Conversei com a sua mãe ainda há pouco. Uma mulher trabalhadora, sabe? — Olha- -me com os olhos semicerrados, com *eyeliner* fino. — Mas não podemos escapar ao que nos é inevitável, não é verdade?

A sua voz rouca hipnotiza-me e impõe-me respeito, ao mesmo tempo. Sinto que podia ouvir a Maria Bessa Miranda falar durante horas sobre o que quer que fosse. Contudo, a sua chegada não anunciada assusta-me. Receio o que vai dizer a seguir.

— Estamos a levar as coisas um dia de cada vez — admito.

O Duarte pousa a chávena de café num pires diante da Maria Bessa Miranda, e ela não desvia por um segundo o olhar do meu.

— Eu sei. Sobretudo depois do que vos aconteceu.

Os meus lábios entreabrem-se em espanto.

— A dona Maria sabe...?

Ela mostra um sorriso com os lábios perfeitamente pintados de vermelho.

— A menina Matilde, com certeza, tem conhecimento de que tudo nesta terra se sabe — diz, piscando-me o olho devagar. Como uma senhora. Anuo, engolindo em seco. — O que vos aconteceu foi terrível. — Solta um suspiro sonoro. — Ficar sem casa, ter de voltar para a terra onde cresceu... — inclina-se para a frente, para segredar: — Bem sabe que também quis fugir daqui. — E, depois, ri-se a bandeiras despregadas.

Rio-me, nervosa. Sinto o coração, antes tão quieto, a galopar. Não sei o que dizer. Não sei o que ela sabe. O que já lhe contaram. Meu Deus, esta senhora consegue calar quem ela quiser, e fazer falar o mais tímido dos homens.

— Por vezes, só queremos sair dos sítios onde não fomos felizes — continua. — Almejamos mais alto. E está tudo certo!

— Certo.

Ela gesticula com a mão, enquanto dá uma passa na cigarrilha, e diz:

— Quando ainda não somos adultas, não podemos ir para muito longe. Vamos para sítios desocupados. Casas, por vezes...

Sinto o meu rosto enrubescer. Remexo as mãos no colo. A Maria Bessa Miranda sorri, os cabelos brancos alinhados em ondas delicadas, bonitas. E, no entanto, nunca tanto me assustou.

— Oh, querida — continua, depois do meu silêncio amedrontado —, eu sei que a menina visitava o meu monte. Com a sua amiga.

— Hum... — digo, mas mais nada me sai. Não consigo esconder a vergonha, pelo que olho para o meu colo.

— Não é como se as meninas fossem *propriamente* discretas. — Pisca--me o olho.

Da sua pasta, retira um desenho antigo de uma pequena sala desenhada à mão, pintada com cores pastéis, os jarrões de vidro com plantas junto à janela. Descaio o queixo. A Constança admira o desenho, traçando com o dedo indicador os contornos dos jarrões.

Neste momento, gostava de me esconder num buraco. Não acredito que encontrou um desenho meu dos meus tempos de adolescência que, esquecida, terei lá deixado.

— Dona Maria...

— A menina Matilde tinha um futuro, e não era aqui. Mas nunca lho reconheceram. Muito menos os seus pais. Eu vi logo que não pertencia a esta terra.

Falham-me as palavras ao ser reconhecida por uma mulher que, segundo se sabe, tem uma mansão em França. Muito bem decorada, segundo se consta.

— Peço-lhe muita desculpa, dona Maria, não queríamos...

— Oh! — Ela faz um gesto evasivo, e ri-se, rouca. — Eu não me importava. Nunca me importei. Sempre cuidavam da casa quando eu não estava. Mesmo agora, recentemente.

Um peso no peito retira-me forças, e tusso pela pressão que sinto nos pulmões. Meu Deus, ela sabe. Sabe de tudo.

— O Alfredo contou-me. Trabalhou naquele monte durante muitos anos, sabe? É bom homem, vigia-me a casa de vez em quando, mesmo sabendo que não venho cá muitas vezes. Sabe que ele queria denunciar-vos à GNR? — Dá uma nova passa na cigarrilha, a sorrir para mim. Lembro-me do senhor Alfredo Macário, que nos ameaçou, e sinto as cordas de tensão no pescoço. Após uma pausa, expele o fumo e relata, com uma naturalidade invejável: — Mas eu disse-lhe para estar sossegado. Para você ter ido com a sua família para minha casa, devia estar no limite do desespero.

As lágrimas sobem-me aos olhos. A pressão no peito aumenta, e encolho-me. A Maria Bessa Miranda observa-me, mas eu já me perdi nos quase doze meses que nos trouxeram até aqui. Às decisões difíceis que tivemos de tomar.

— Peço tanta, tanta desculpa...

— Querida, não remoa nisso — aconselha-me, com um gesto da mão. — Não vale a pena. Vai envelhecer sem necessidade.

No meio da pressão do peito, escapa-se-me uma gargalhada, e limpo as lágrimas traiçoeiras que saltam dos olhos. Reúno ar e coragem para dizer:

— Tem todo o direito de estar furiosa comigo. E tem todo o direito em punir-me. Só lhe peço que deixe a minha família fora disto, eles não têm culpa.

Ela olha-me com curiosidade e solta uma gargalhada sonora, que atrai a atenção de todas as pessoas que passam.

— Acha mesmo que vim aqui ameaçá-la? — exala, a sorrir, e abana a cabeça. — Ouça, querida, o que já se fez não tem retorno. Mas era sobre essa questão que vinha aqui falar consigo. Sobre o monte.

Sinto um calafrio subir-me pela espinha. Assinto tão depressa que ela nota o meu nervosismo.

— A menina sabe que o monte tem estado ao abandono nos últimos três anos. Nesse tempo, não pude cá vir. — Faz uma pausa para beber um gole do seu café, com uma graciosidade admirável. — Problemas de saúde.

— Lamento.

— Não lamente, menina. — Ela sorri com os lábios. — Eles vão continuar a

vir. Mas eu não vou poder continuar a viajar por muito mais tempo. Os meus filhos perderam o interesse em Portugal, e os meus netos mal conhecem o país. Sou a única que ainda cá vem. Não faz sentido manter uma propriedade tão bonita ao abandono.

— Tem razão, é muito bonita.

— Estaria interessada nela?

— No monte?

— Sim. Estive lá há pouco, vi como cuidou dele. É o seu refúgio, querida.

Agora, resta saber se quer que continue a ser.

Pestanejo. Tomo noção de que esta é a realidade e não um sonho.

— Dona Maria, quer vender-nos o seu monte?

Ela dá uma longa passa na sua cigarrilha e expelle o fumo devagar. Como se tivesse todo o tempo do mundo.

— Se a menina quiser, é a si que lho vendo. A casa já tem uns anos, e é claro que o valor corresponderá a esse desgaste. — Pousa a sua mão sobre a outra na mesa, mirando a minha reação. — Se lá viveu umas semanas, além de todos os momentos da sua adolescência, acha que consegue lá viver a vida toda?

Capítulo 60

Quando a Maria Bessa Miranda estaciona o *Rolls-Royce* no caminho de acesso ao seu monte, estaciono o nosso *Passat* ao lado, a uma distância de segurança. Não quero, por acidente, tocar naquele veículo clássico, que, vim a descobrir, é de 1965.

Regressar a este espaço é viajar no tempo. Tantas coisas terríveis aconteceram desde a última vez que o visitei...

— A casa antiga? — O Vicente espreita-a pela janela.

— Sim, filho. Vamos ver a casa da dona Maria Bessa Miranda.

— É aquela senhora?

— É. Vais gostar dela.

Sáímos os quatro do carro, mesmo a tempo de ouvirmos um suspiro da dona Maria.

— Quando ainda cá vivíamos, tínhamos fileiras de girassóis, oliveiras e sobreiros com bom aspeto.

Imagino a propriedade nos seus tempos áureos — o verde, por contraste ao dourado que cerca a casa, o interior ainda a cheirar a tinta, as sombras magníficas no verão, perfeitas para um piquenique no jardim. O aroma a fruta fresca, por oposição ao calor ardente desta região.

— Continua a ser um monte belíssimo, dona Maria.

— Quando o tempo desgasta as coisas, querida, elas também perdem o encanto.

Caminhamos em direção à casa de dois pisos, as ervas secas a dançarem à nossa passagem nesta tarde fresca. De mãos dadas com o Duarte, revivemos os tempos que aqui passámos. Os miúdos caminham à nossa frente, mas sempre atrás da Maria Bessa Miranda, prestando-lhe uma espécie de reverência. Lá no

alto, voam as garças, e a memória do meu pai faz-me sorrir.

A dona do monte abre a porta principal, e eu sustenho a respiração por todas as vezes que a Tânia e eu trepámos até à varanda para abrir a janela de moldura de madeira. A culpa enrola-me como uma onda, e espero que ela não o mencione.

— A mesma de sempre — declara a Maria Bessa Miranda, ao entrar.

Entramos atrás de si. Ela acende a luz, e o Vicente não se coíbe de comentar:

— Já tem luz!

— Vicente — corrige-o o pai.

— Oh! — A Maria Bessa Miranda sorri. — Não se preocupe, querido. Sei muito mais do que imagina!

O Duarte olha para mim e, depois, para o chão. Nem tive tempo de lhe explicar que a Maria Bessa Miranda sabe. Ela sabe tudo. Como uma deusa onnipresente, onnisciente.

Dou por mim a olhar para as fotografias e para a pessoa diante de nós, reconhecendo-lhe os mesmos traços. Contudo, a Maria Bessa Miranda tem um carisma especial, ao vivo e a cores, distante das fotografias a sépia e a preto e branco. Sinto-me a sorrir, comovida, por ter a honra de conversar com uma pessoa que, no fundo, sempre admirei.

Navegamos pelas divisões. Pestanejamos os três — a Constança fixa-se nos detalhes das fotografias dos cães — ao vermos a senhora a abrir as torneiras e delas sair água em jatos inconstantes, cor de cobre, e acender as luzes das divisões, que parecem ganhar uma nova vida.

— Mãe — sussurra o Vicente, e eu baixo-me ao seu nível —, não sabia que a casa tinha água!

— E não tinha — sussurro. — Mas a dona Maria ligou tudo.

— Uau... — diz ele, às voltas, a admirar a casa com vida: a sala, a cozinha e os quartos iluminados.

— Há muito tempo que cá não vinha. Esta casa é tão pequena por comparação à que tenho em Paris — profere a Maria Bessa Miranda, passeando pelos corredores. Para junto de uma cómoda para admirar uma fotografia com o seu cão. — O meu farrusquito. Um verdadeiro cão de caça, sabem?

A Constança vocaliza ao olhar para o animal na fotografia.

— É o meu cão, querida.

— C... ca... câ... cão! — diz a menina.

— Muito bem! — aplaudimos, e a dona Maria junta-se a nós.

— Gosta muito de cães, não gosta, querida? — pergunta-lhe, e a Constança anui. Depois, com um gesto com a mão que abrange toda a extensão do monte, afirma: — Aqui, podia ter cinco ou seis. Há espaço para tantos!

Sorrimos.

— A Constança adora cães — diz o Duarte. — Nunca pudemos ter um.

— Aqui, podem ter quantos quiserem — incentiva a dona Maria. — É uma casa antiga, meus queridos. Precisa de arranjos, como é natural. Mas é uma casa

resistente e, sem esta mobília cá, podem renová-la por completo.

Renovar. Essa palavra desperta-me do medo. Da culpa. Dos resquícios de dor. Quantas vezes imaginei poder renovar esta mesma casa?

— Tem mesmo a certeza de que quer vender o seu monte, dona Maria? — pergunto.

— Ora, pois claro que quero! E, sabendo que vai para vós, melhor.

— Vamos ficar com a casa, mamã?

— Ainda estamos a decidir, meu amor — respondo.

A Constança saltita pela sala. Sai para o exterior, e vamos ver para onde se dirige. As suas fugas súbitas assustam-me. A Constança não tem consciência do perigo que corre. Mas quando a vemos a passear pelo monte, por entre as ervas secas, a dançar e a rir, comovemo-nos. A cada rodopio seu, as palavras do meu pai ecoam: *Vocês já repararam como ela gosta da Natureza? Ela precisa de silêncio. Os grilos à noite, os passaritos durante o dia. A calma.*

Quando regressa para junto de nós, toca na parede exterior da casa, a sorrir, e começa a mexer a boca:

— Ca... cas... casa. — E aponta com o dedinho indicador para o seu peito. — *Mia* casa.

Eu e o Duarte trocamos um olhar. Descobrimos a vontade da nossa filha pelas suas próprias palavras.

— *Minha* — corrige o Vicente. — Constança, é *minha* casa.

Agachamo-nos junto dos nossos filhos. Temo a resposta, mas pergunto:

— Gostavam de viver nesta casa?

— Siiiiim! — dizem. Em unísono. A primeira vez que falam em conjunto. Abraçamo-los, inspirando esta cumplicidade que criámos em família.

Esta memória que criámos.

— As crianças falaram, meus queridos — anuncia a Maria Bessa Miranda, o seu batom vermelho luzente a destacar os seus dentes alinhados na perfeição. — Que dizem os crescidos?

— Só precisamos de acertar uns detalhes primeiro, dona Maria — digo, o meu estômago a revolver-se num entusiasmo infantil. — Se nos permitir, damos-lhe a resposta amanhã.

— Cá vos aguardarei.

Inspiro fundo, assentindo. O meu sorriso não escapa a olho atento. Sinto uma espécie de chamamento deste lugar. Como se ele me quisesse ajudar a criar as memórias que ainda não criámos.

— É uma decisão grande — desabafo, enquanto conduzo pelas estradas desertas até os miúdos adormecerem.

— Acho que os miúdos já decidiram por nós.

Recordo a Constança e o Vicente, os seus sorrisos e convicção na voz. Muitas vezes, escolhemos ignorar as crianças por pensarmos que elas não sabem o que querem. Mas, já em criança, eu sabia do que gostava, o que me fazia sentir bem, e fui ignorada.

— E tu? — olho de relance para o meu marido. — O que achas?

— Acho que, depois da experiência com o arrendamento, devíamos focar-nos em comprar uma casa.

Suspiro.

— Tens razão. Mas achas que essa casa será esta?

— Porque não?

— A sério? Estás *okay* com isto? Pensei que querias voltar para Lisboa.

Ele leva a mão à sua testa e puxa os caracóis para trás.

— Acho que nada nos espera lá, Matilde. Mais trânsito, horas de ponta e nenhuma de descanso. Horas extra, ou não ganhamos o suficiente para pagarmos os preços insuportáveis da capital. Além disso...

— Sim?

— Tenho estado a pensar fazer trabalho de *freelancer*.

Abro a boca num O.

— Nunca me tinhas contado...

— É algo que me tinha passado pela cabeça desde que a Constança nasceu. Mas, sei lá, tive medo.

Compreendo o meu marido, porque também trabalho por conta própria. Passo o último ano em revista. As mudanças que nos trouxeram até aqui, o abrandamento do ritmo de vida. De como podíamos ter passado fome, em Lisboa, e aqui, ainda que em circunstâncias complexas, tivemos sempre abrigo.

— Posso ser sincera?

— Força.

Inspiro para ganhar coragem e dizer o que tenho evitado dizer até então:

— Sempre quis morar naquele monte. Desde pequena. Sempre achei uma injustiça a casa estar abandonada. E, agora que a minha mãe ficou sozinha, gostava de ficar por perto. Não sei, parece que tudo nos levou até aqui, Duarte. — Assimilo a informação. — Agora, os miúdos também gostam daqui da terra. Posso trabalhar *online* aqui também. Acho que nunca disse isto, mas não precisamos da capital para sermos felizes.

Respiro fundo, quase sem ar. Tenho receio da reação do Duarte. No entanto, ele pousa a mão na minha perna e endereça-me um sorriso.

— Acho que sabemos a resposta.

— Achas que sim?

— Acabámos de descobrir que a escola que o teu pai referiu existe mesmo. Viste como a Constança adorou a quinta pedagógica? Onde é que ela vai ter isso, mais esta tranquilidade, em Lisboa?

— Ela adorou. — Sorrio, orgulhosa. A minha filha a apontar para os animais,

e depois para as plantas da horta. Nunca a vi sorrir por tanto tempo como hoje.
— Estás a pensar no mesmo que eu?

Ele pisca-me o olho. Sabemos o que este investimento envolve, e que não vai ser fácil. No entanto, a dona Maria Bessa Miranda está a vender-nos o monte por um valor substancialmente mais acessível do que venderia a uma pessoa externa. Claro que teremos de pagar de forma faseada, e com ajuda. Mas talvez ainda vamos a tempo de criar as memórias que ainda não criámos. Talvez o destino nos tenha trocado as voltas para chegarmos até aqui.

Capítulo 61

Agora, vocês vão voltar lá para a cidade, *nã* é? — pergunta a minha mãe, ao ver-nos empacotar as roupinhas dos miúdos em caixas. O seu tom choroso mexe comigo.

Ver a mulher mais forte e segura de si que conheço tão fragilizada como agora faz-me sentir pena dela. Pena. Jamais senti pena dos meus pais. E, agora que sou uma pessoa diferente da que era, não consigo deixar de sentir empatia por ela.

Largo as roupas dentro da caixa e volto-me na sua direção.

— Mãe — aproximo-me com um sorriso, e pouso-lhe as mãos nos ombros. Ela é um pouco mais baixa do que eu, pelo que olha para cima, para os meus olhos —, nós íamos esperar para lhe contar, mas... vamos ficar aqui. Na terra.

— Aqui, em Reguengos de Monsaraz? — Os seus olhos iluminam-se.

— Sim. E vamos precisar da sua ajuda para comprar um monte muito especial. Vamos ter de continuar a pagá-lo durante uns anos, a si e à dona Maria Bessa Miranda, mas precisamos de um investimento inicial. Ajuda-nos?

Os olhos da minha mãe brilham.

— Claro, então, pois! Oh, filha, é mesmo verdade? — Ela não contém as lágrimas, tal é a emoção. Depois, estende as mãos para cima, para o céu. — Oh, graças ao Senhor!

Ver a felicidade nos olhos da minha mãe, depois de semanas de um luto insistente e pesado, enche-me o coração como uma lufada de ar fresco. Vai ajudar-nos a pagar uma quantia substancial do valor que a Maria Bessa Miranda nos pediu com a ajuda da herança do meu pai e de poupanças que tinham do negócio de produção de azeite, que ainda hoje continua ativo e a dar lucros consideráveis. Da nossa parte, pagaremos uma renda mensal à dona Maria para concluir a compra do monte que com tanto carinho nos vendeu. Sou grata àquela

mulher, de quem me tornei fã para sempre e a quem quase presto vassalagem.

— É mesmo verdade.

— Ai, minha filha — puxa-me para perto de si, para que lhe veja nos olhos, onde, antes, apenas encontrava um vazio, a emoção —, nem imaginas o quanto me custava ter os netos longe. Ter-te longe.

— Vamos ficar por cá, mãe. Agora, estaremos sempre por perto.

A minha mãe ajuda-nos a levar as coisas para o carro.

— E agora que estava habituada a ter-vos por aqui... — diz, ao pousar um saco de roupas do Vicente no porta-bagagens.

Seguro nas mãos dela, e o olhar que me dirige é apologético. Como se me fizesse mudar de ideias.

— Mãe, estamos aqui perto. Não estamos em Lisboa.

Ela ri e abana a cabeça. Abraça-me.

— É bom quando a gente tem a família por perto.

Aperto a minha mãe para junto de mim. Quantas vezes quis fazer isto e não pude, com medo de que ela me rejeitasse?

Levou tantos anos a conseguir aproximar-me da minha mãe desta maneira... Gostava tanto que tivesse sido sempre assim.

Dar uma nova vida ao monte da Maria Bessa Miranda é criar a casa dos meus sonhos. O Duarte, a Constança e o Vicente ajudam-me a converter os desenhos e os planos para a casa e o terreno no monte que idealizei no meu imaginário. Janelas mais amplas, mais luz natural. Plantas nas paredes, fora do alcance das crianças, e que deixam o espaço respirar. Pinturas de fresco, os contornos das portas azuis, como manda a tradição alentejana.

Fazemos um plano para trocar os móveis antigos da cozinha. Criamos um alpendre simpático com camas de rede, para tardes de leitura e descanso.

Ao fim de várias horas e dias de remodelações, eu e o Duarte sentamo-nos no alpendre, a admirar a extensão de terreno que, agora, nos pertence. O Sol brilha em todo o seu esplendor sobre um campo extenso, repleto de ervas douradas a balouçar ao ritmo suave da brisa. As garças atravessam o céu, numa dança lenta, mostrando-nos a importância de abrandar. De parar, escutar, refletir. Fecho os olhos, absorvendo este momento. Jamais julguei sentar-me aqui sem o medo de ser descoberta.

— E agora? — pergunta-me o Duarte, segurando uma pequena garrafa de vidro de *Coca-Cola* fresca na mão.

Reabro os olhos e apercebo-me de que, ao fazê-lo, sorrio.

— Agora... levamos um dia de cada vez.

— Ainda agora nos mudámos para esta casa e já estás a adotar a forma alentejana de pensar?

Rimos, e deixamos a nossa alegria ecoar pela propriedade. Não há vizinhos a quem justificar o barulho, nem pessoas que nos possam incomodar. Sinto-me agradecida por não estarmos tão perto do centro. Por podermos desfrutar da nossa privacidade. Em Lisboa, não tínhamos nada disto.

— Eu já era de cá — defendo-me, e rio-me. — Mas gostava de começar de novo.

— Como podemos começar de novo? — O seu tom revela uma curiosidade profunda.

— Podemos esquecer o último ano?

Ele solta um riso abafado.

— Acho que aprendemos mais no último ano do que em qualquer outro momento da nossa vida.

— Perdemos tanto, Duarte... — A minha voz estremece. — Tanto do que tínhamos construído.

— Mas ganhámos a voz da Constança — lembra ele. — Isso é uma vitória bem-vinda, não é?

Sorrio, segurando as lágrimas.

— É o que me faz sentir mais grata por estarmos aqui, neste momento.

— Podemos sempre começar de novo — diz ele, segurando-me a mão e olhando-me com o seu olhar doce. — Podemos voltar atrás e recuperar um sonho que perdemos.

— Referes-te a...

Ele sorri.

— Acho que os miúdos vão gostar de ter um irmãozinho.

No meu peito, resplandece a esperança. Um sonho antigo, que gostava tanto de concretizar, rasga-se no instante em que a memória daquela noite me assalta. O sangue no chão, a dor, o não saber o que aconteceu no momento a seguir...

— Achas que vamos conseguir? Da última vez...

— Desta vez, vai ser diferente — assegura-me, no seu tom ténue. — Vamos levar as coisas com mais calma.

Quero sentir a mesma esperança que o Duarte. Fecho os olhos e volto ao momento em que falámos disto pela primeira vez. Conduzia a *pão de forma*, acabada de comprar na Costa da Caparica. Sentia-me no topo do mundo. Como se tivéssemos todas as possibilidades diante de nós.

Decido, neste momento, que quero voltar a sentir-me assim. Visua-lizo esse dia em que voltarei a sentir-me como se o mundo tivesse aberto todas as possibilidades para realizarmos os nossos sonhos.

— C... cá... cá-cão.

Somos surpreendidos pela Constança, que se dirige até nós e puxa a camisola do pai.

— Viste um cão? — pergunta-lhe.

Ela faz que sim com a cabeça, expressiva. Trocamos um olhar e decidimos ir

espreitar. A Constança segue à nossa frente, entusiasmada. Solta gritinhos e salta enquanto anda. Aproxima-se de um cão rafeiro castanho e branco, de porte médio, que se assusta com a nossa presença. Recua, com o rabo entre as pernas, o olhar magoado.

— Olá, cachorrinho — chamo, e ajoelho-me para que ele venha para junto de nós.

Não se mexe. Por outro lado, a Constança acerca-se e o cão deixa dar-lhe festas. Abana a cauda e olha, de boca aberta e língua de fora, para a nossa filha. Não deixo de sorrir. Eu sempre quis ter um cão, e fazia amizades com os patudos que encontrava aqui pela terra. Cães de ninguém e de toda a gente.

— Ele não lhe faz mal... — sussurra o Duarte. — É como se soubesse.

— Os cães são muito inteligentes.

— Ca...ca... ca-cão!

A Constança adora o cachorrinho. É a primeira vez que se empolga desta maneira com uma criatura viva não-humana. Em tempos, li sobre a hipoterapia e o efeito que tem nas crianças com perturbação do espectro do autismo. Contudo, parece que a minha filha prefere cães a cavalos.

Quando ela anda, o cão segue-a.

— Parece que a Constança fez um novo amigo. — sorrio.

— Mais um para a família? — brinca o meu marido.

— Parece que sim. O Vicente vai delirar.

Nos intervalos do trabalho de remodelação na casa, o Duarte ajuda-me a criar os materiais de divulgação para o meu curso *online* de Decoração de Interiores. Deixei este projeto em suspenso depois de tudo o que nos aconteceu. Mas, neste momento, quero voltar ao trabalho *online*. Aqui, também é possível trabalhar por conta própria, a partir de casa.

Sou a cliente-teste para o negócio de *freelancer* do Duarte, e entusiasmamo-nos com este projeto.

— Se queres mesmo aquela piscina, tens de vender centenas de unidades do teu curso — brinca.

— Então, vamos trabalhar para isso!

Com o trabalho do Duarte e o rendimento que obtive da remodelação do salão, a herança do meu pai e a ajuda da minha mãe, mais o retorno que virá das minhas formações *online* e de ocasionais clientes particulares — mesmo que estejam em Lisboa e tenha de lá ir uma vez ou outra —, a vida torna-se mais fácil. Além de a vida em Reguengos de Monsaraz ser consideravelmente mais barata do que na capital, a minha mãe decide ajudar-nos com alguns custos. Disse que o meu pai o teria feito também.

Numa das nossas pausas de trabalho, percorro *sites* que gosto de ver,

enquanto os miúdos brincam na sala com o *Vagabundo*. Sim, esse foi o nome que o Vicente e a Constança escolheram para o cão, inspirados n'*A Dama e o Vagabundo*.

— Duarte — chamo, pestanejando, com um tom alerta na voz.

— Hum?

— Não acredito. É ela. Aqui. — Mostro-lhe o *site* de venda de veículos em segunda mão. — A nossa *pão de forma*.

Ele vira o portátil na sua direção e percorre o carrossel de fotografias.

— E está outra vez à venda?

— Parece que sim... E pedem o mesmo valor pelo qual a vendemos.

O Duarte suspira. Sabe o quanto a *pão de forma* significa para mim, pelo que escolhe as palavras com cuidado e sabedoria:

— Eu sei que é tentador, Matilde. E não estou a dizer que é impossível. Temos apenas de analisar as nossas finanças. É um investimento elevado e acabámos de investir numa casa. E... agora, temos um cão.

Com esta última afirmação, não contendo uma gargalhada.

— Tens razão. — Abano a cabeça, rindo-me da minha infantilidade. Temos de ser mais conscientes.

Mas logo a seguir reservo-me ao silêncio. O Duarte levanta-se porque vê a Constança tentar trepar a bancada para alcançar o pote das bolachas.

E eu fico aqui, a acalentar as memórias que ainda podemos criar.

Capítulo 62

Podíamos ter perdido tudo e desfeito a família que com tanto amor construímos. Mas, agora que contemplo este monte alentejano, ao qual nos dedicámos nos longos meses da primavera e do verão, respiro a brisa leve de setembro e orgulho-me dele.

Comprámo-lo em março. Remodelámo-lo ao longo de seis meses. Vendemos o carro e adquirimos um de manutenção mais barata. Cortámos muitos custos que, em Lisboa, seriam impossíveis cortar.

E a ausência desses custos, aliados ao crescimento contínuo do meu negócio, do sucesso do café onde o Duarte trabalha, e que gere quando o dono se ausenta, e ao seu próprio negócio, trouxe-nos novas possibilidades.

Podíamos ter perdido tudo e desistido. Mas, como dizia aquela bondosa senhora que me ofereceu as bolachas *Milka: Mesmo em tempos de grande dificuldade, as mães seguram famílias inteiras.*

— Quem a viu e quem a vê... — A minha amiga Tânia admira o interior arejado da casa, os tons frescos da pintura, as janelas mais amplas e a mobília confortável, de tons claros. — Garanto-te, amiga, nunca a esperei ver sem pó e teias de aranha.

— Bem melhor assim, não é?

— Aquele buraco gigante vai ser uma piscina? — pergunta, ao espreitar por uma janela.

— Podes crer que vai!

— Uau. — Ela abana a cabeça, surpreendida. — És uma visionária, miúda.

O entusiasmo na sua voz recorda-me da Tânia que conheci. Nunca deixou de ser ela. Depois de se divorciar do Gustavo e de este se ter mudado para a Suíça, sinto-a muito mais leve. Mais ela.

Encolho os ombros.

— Só queria dar-lhe uma nova vida. E, para ser sincera, não é como se esta remodelação não me tivesse passado pela cabeça antes.

Rimos.

— Acho que desde que tínhamos quinze anos que andavas a pensar nisto.

— És capaz de ter razão.

— Mãe, olha aqui! — diz o Vicente e, quando voltamos a atenção para ele, vemo-lo a ensinar o *Vagabundo*: — Senta.

O cachorro, de frente para o Vicente, obedece, olhando o meu filho com uns olhos curiosos. Quando se levanta de novo, a Maria Inês avança com um comando:

— Dá a patinha. — E o cão acede ao comando, com a patita, castanha e branca na ponta, sobre a mão da filha da Tânia.

— Agora eu! — intervém a Constança. Ao longo dos últimos meses, temos estimulado a sua comunicação verbal. Já constrói frases simples. Pequenos progressos que nos enchem de esperança. — Deita!

O *Vagabundo* obedece mais depressa à Constança do que a outras pessoas. É como se a reconhecesse como a sua mestre. Ela estende-lhe um biscoito para cães e solta risinhos quando ele lhe lambe a mão.

Os nossos domingos são animados. Convidamos a minha mãe, a Tânia e a Maria Inês para almoçar. A Constança já se habituou a todas estas pessoas, e assume estes domingos como parte dessa rotina. Como quando a Olívia brincava com ela.

Olívia, quantas saudades deixa...

Respiro fundo, procurando não me concentrar no que não podemos recuperar. Procuro a minha mãe pela casa, e encontro-a na cozinha.

— Mãe, não precisa de lavar a louça! Temos uma máquina para isso.

— Assim, mantenho-me entretida.

— Deixe lá isso. — Pouse os últimos pratos que lavou no escorredor. — Ande para ali connosco.

A custo, a minha mãe deixa o seu posto. Contempla o espaço em redor antes de sairmos para o jardim — para a extensão de terreno agora verde, os girassóis voltados na direção do Sol, as oliveiras e os sobreiros a crescerem ao seu ritmo, espaçados.

— O teu pai ia gostar tanto de ver este monte nas tuas mãos. — Abana a cabeça e limpa as lágrimas a um lenço de pano.

Pouse o meu braço nos ombros da minha mãe e encosto a minha cabeça à sua.

— Ainda fomos a tempo de mudar tudo — digo, e o que fica por dizer ressoa entre nós, verdadeiro.

— Fico feliz por vos ter cá — profere, no seu tom choroso, mas sorri no fim.

Abraço a minha mãe. Tem sido mais fácil, para ela, mostrar o que sente.

Gosto de pensar que a partilha da nossa dor — da morte da Clara e do filho que perdi — nos abriu a esta nova forma de nos conhecermos. Tanta coisa mudou no último ano!

Já no exterior, ao som do canto das andorinhas, lanço a pergunta:

— Então, e o que acha dela?

— É bonita, pois. O teu pai quis comprar uma, em tempos.

Pestanejo.

— A sério?

— Estas carrinhas foram um sucesso na altura. Toda a gente queria uma.

Sorrio. Toco na chapa branca e azul da *Volkswagen pão de forma* que, após uns meses, recuperámos. Tivemos de ser pacientes, é certo, e tivemos muita sorte por o vendedor não a ter vendido logo e termos negociado o preço. Mantive sempre o foco da minha faturação em conseguir recuperá-la. Esta carrinha simboliza muito mais do que um veículo de recreação — é um projeto de família. Um projeto onde iremos construir futuras memórias felizes.

Aos poucos, apaixono-me de novo pela minha terra e a crio memórias inesquecíveis nela.

Não podemos curar o passado, mas podemos remendar o que está por criar. Vamos sempre a tempo de criar novas memórias. De tornar o presente naquilo que quisermos. Com foco, persistência e dedicação, acredito que construiremos um presente e um futuro brilhantes.

— Avó, anda jogar à bola! — convida o Vicente.

— Eu? Jogar à bola? *Nã* tenho idade para isso!

— Por favor...

— Ah, está bem! Mas fico a guarda-redes.

Vejo o Vicente, a Tânia e a Maria Inês tentarem marcar golos, que a avó Benedita defende. Rio-me. Para quem sentia que não tinha idade para isto, mexe-se muito bem.

Gaios-azuis sobrevoam o nosso terreno e pousam nos ramos do antigo sobreiro que cá vive há anos. Na companhia do *Vagabundo*, a Constança vai admirá-los, aos pássaros com penas azuis hipnotizantes.

O Duarte junta-se a mim e contempla a nossa obra-prima.

— Feliz por a ter de volta? — pergunta, referindo-se à *pão de forma*.

Sorrio junto do pescoço dele.

— Feliz por estarmos a recomeçar. Já viste como tudo nos conduziu aqui?

Ele afaga-me o ombro, segurando-me perto de si. Inalo o seu perfume amadeirado.

— Acho que estávamos a precisar de uma lição — admite. — Das grandes.

Anuo, reconhecendo verdade naquelas palavras.

— Aqui, parece que as coisas fluem com maior naturalidade. Não sei explicar. A Constança vai começar a escola daqui a uma semana e já não estou tão assustada. — Inclino-me para o olhar nos olhos. — Não achas isto estranho?

Ele inspira o ar quente da tarde.

— Estranho é não termos encontrado este cantinho mais cedo. A Constança é feliz aqui, e roubámos-lhe isto durante demasiado tempo. E ao Vicente. Ele tem mais espaço aqui para ser criativo. Mas vamos poder corrigir isso agora com ela — diz, massajando a minha barriga de quatro meses.

Um novo bebé na família. Uma menina. Ainda não decidimos que nome lhe vamos dar. Queremos apenas que seja feliz, como todos somos agora. Que conheça todas as memórias felizes que vamos criar com ela.

Que se apaixone pela liberdade de poder correr pelos campos. Que se junte aos irmãos nas suas aventuras e explorações. Que tenha uma infância melhor do que a minha, e que aprenda a amar cada canto deste lugar, como eu o amo agora.

E que conheça a lendária Maria Bessa Miranda e a sua inspiradora história de vida, com quem mantenho contacto, e que vou escrevendo em notas soltas.

Este é um círculo que se completa. Aos poucos, vamos recuperando a nossa vida antiga. Apenas num lugar diferente.

Um bando de garças desenha uma pintura no azul do céu, as suas asas esplendorosas formam arcos de luz.

Podíamos ter perdido tudo, sim. Mas não nos perdemos a nós. Os recomeços são possíveis. Por vezes, não são os recomeços que imaginamos, nem onde os imaginamos. Mas são aqueles de que precisamos. Este é o nosso.

Um recomeço num lugar longínquo e esquecido.

Para criarmos as memórias que ficaram por criar.

Onde as garças voam.

Agradecimentos

Pergunto-me, muitas vezes, como é que de uma cena, de uma linha de diálogo ou de uma personagem nasce uma história. Este processo continua a fascinar-me. O *Onde as Garças Voam* surge de uma conversa entre um casal que se vê obrigado a regressar à casa de infância de um deles. Essa cena existe, aliás, neste livro. A partir daí, floresce uma história cuja complexidade ainda hoje me surpreende. Contudo, apesar de ter partido da minha imaginação, este livro não teria sido possível sem o apoio de todas as pessoas maravilhosas a quem fiz inúmeras perguntas (e desculpem se me excedi, mas a minha curiosidade é infinita)!

Um profundo agradecimento à Joana Fernandes Leal, *designer* de interiores na Menta Design Interiores, por tornar possível descrever a profissão tão bonita da Matilde, que procurei retratar com o maior realismo possível. Graças ao teu trabalho, Joana, e a todas as questões às quais respondeste, até eu fiquei curiosa em relação ao *design* de interiores!

Aos meus leitores-beta — ao meu pai, Celso, à Inês, à Luísa, à Anita, ao Camilo e à Isabel — pelo seu *feedback* incrível sobre todas as temáticas da história, que me permitiram tornar a experiência desta família mais realista. Sou-vos grata por toda a vossa curiosidade e investimento nestas personagens, bem como pelo vosso carinho. Adoro-vos, e sou muito feliz por vos ter na minha vida! Os meus livros tornam-se sempre melhores com o vosso contributo.

Ao Gonçalo, pelo seu apoio incondicional e por me mostrar o que o amor significa todos os dias. E pelas longas conversas sobre as histórias que germinam na minha mente. Obrigada por embarcares comigo nas minhas aventuras e loucuras! Somos a melhor equipa que conheço.

À minha mãe, de quem sinto muita falta, pela sua bondade, altruísmo e empatia, e por me ter ensinado a ver o lado do outro e a compreendê-lo. Sei que

sou uma melhor pessoa por tudo o que me ensinaste, mãe. Obrigada.

Aos meus avós maternos, Cândida e José, e à minha avó paterna, Emília, por serem uma inspiração constante e fonte de sabedoria e carinho. Adoro-vos!

À Dr.^a Inês Gonçalves, da APPDA-Lisboa (Associação Portuguesa para as Perturbações do Desenvolvimento e Autismo), pelo esclarecimento gentil da evolução das crianças com PEA não verbais e das terapias mais indicadas para o seu bom desenvolvimento.

E também à equipa da APPDA-Setúbal, por todas as oportunidades que me deu para conhecer e acompanhar crianças e adolescentes com perturbações do espectro do autismo absolutamente fantásticos, com quem tanto aprendi.

E ao meu irmão, Rafael, que tanto me ensinou, desde que nasceu, sobre as PEA e me mostrou que consegue tudo a que se propõe, pela sua dedicação incansável. Admiro-te muito!

À médica, Dr.^a Iris Bravo — e também autora, de quem sou colega na Cultura Editora —, por me esclarecer questões relacionadas com a saúde feminina. Grata!

À APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima), pela simpatia, disponibilidade e esclarecimento das minhas questões relativas à violência doméstica e aos comportamentos de agressores e vítimas, bem como procedimentos legais.

À Belmira, por me esclarecer várias questões bancárias e financeiras, e pelo seu apoio no meu percurso enquanto escritora. Obrigada!

À colega literária, amiga e médica pediatra Dr.^a Rita Jesus, pelo esclarecimento de questões médicas das crianças e de adultos e respetivos tratamentos, explicadas de forma simples, profissional e delicada. Grata!

Ao meu editor, Miguel Cardoso Pereira, por todo o incentivo que me dá e por tornar os meus livros melhores com as suas propostas, ideias e *feedback* rigoroso. Sou-te muito grata! Tenho muita sorte por poder trabalhar com um editor tão amigável, honesto e profissional como tu.

À Cultura Editora e à sua equipa inigualável, em particular ao João Gonçalves, à Ana Gaspar Pinto e ao António Fonseca Tavares, que tanto me acarinham e me ajudam a trilhar a minha carreira de escritora. Sou-vos grata pelo vosso trabalho, carinho e inovação, e pelas nossas conversas divertidas no escritório. Obrigada por acreditarem e apostarem em mim!

À Rafaela e ao Flávio, pelo nosso *brainstorming* na pastelaria *A Brasileira*, em Lisboa, sobre *easter eggs* nos livros, e por todo o vosso apoio e carinho ao longo do meu percurso.

A todas as pessoas amáveis com quem conversei em Reguengos de Monsaraz, desde trabalhadores da área do Turismo e restauração a auxiliares de ação educativa e responsáveis nas escolas, pelos seus esclarecimentos numa pesquisa que procurou retratar o município como ele é, com as suas pessoas e paisagens inesquecíveis. Grata!

Obrigada a todos os *influencers* literários, *bookstagrammers*, *booktubers*, *booktokers* e *book bloggers* por me apoiarem e aos meus livros. Sou--vos grata por todas as mensagens e *reviews* carinhosas, e pelo vosso entusiasmo no apoio ao trabalho dos autores portugueses. Obrigada, do fundo do meu coração.

À Helena Soares e à Sara Costa, pela capa belíssima que compuseram para o *Onde as Garças Voam*. Grata por lhe darem a capa que ele merece!

E aos leitores, que leem as minhas histórias com emoção e me enviam mensagens bonitas com as suas opiniões. Grata por lerem os meus livros!

Contents

1. Capítulo 1
2. Capítulo 2
3. Capítulo 3
4. Capítulo 4
5. Capítulo 5
6. Capítulo 6
7. Capítulo 7
8. Capítulo 8
9. Capítulo 9
10. Capítulo 10
11. Capítulo 11
12. Capítulo 12
13. Capítulo 13
14. Capítulo 14
15. Capítulo 15
16. Capítulo 16
17. Capítulo 17
18. Capítulo 18
19. Capítulo 19
20. Capítulo 20
21. Capítulo 21
22. Capítulo 22
23. Capítulo 23
24. Capítulo 24
25. Capítulo 25
26. Capítulo 26
27. Capítulo 27
28. Capítulo 28
29. Capítulo 29
30. Capítulo 30
31. Capítulo 31
32. Capítulo 32
33. Capítulo 33
34. Capítulo 34
35. Capítulo 35
36. Capítulo 36
37. Capítulo 37
38. Capítulo 38
39. Capítulo 39
40. Capítulo 40

41. [Capítulo 41](#)
42. [Capítulo 42](#)
43. [Capítulo 43](#)
44. [Capítulo 44](#)
45. [Capítulo 45](#)
46. [Capítulo 46](#)
47. [Capítulo 47](#)
48. [Capítulo 48](#)
49. [Capítulo 49](#)
50. [Capítulo 50](#)
51. [Capítulo 51](#)
52. [Capítulo 52](#)
53. [Capítulo 53](#)
54. [Capítulo 54](#)
55. [Capítulo 55](#)
56. [Capítulo 56](#)
57. [Capítulo 57](#)
58. [Capítulo 58](#)
59. [Capítulo 59](#)
60. [Capítulo 60](#)
61. [Capítulo 61](#)
62. [Capítulo 62](#)
63. [Agradecimientos](#)

Landmarks

1. [Cover](#)